



**“Um dos livros
mais aguardados
do ano.”**

The New York Times
CNN · Today · E! News
Library Journal · Bustle
Real Simple · Parade

“Irresistível.”
The New York Times

**“Um acontecimento
raro.”**
The Guardian

LIÇÕES



QUÍMICA

BONNIE GARMUS



Ficha Técnica

Título: Lições de Química
Título original: Lessons In Chemistry
Autor: Bonnie Garmus
Edição: Carmen Serrano
Tradução: Elsa T. S. Vieira
Revisão: Catarina Sacramento
Design da capa: Beci Kelly/TW.
Fotografia da capa: Colin Thomas.
Fotografia da autora: © Serena Bolton
ISBN: 9789892354415

Edições ASA II, S.A.
uma editora do grupo Leya
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
Tel. (+351) 21 427 22 00
Fax. (+351) 21 427 22 01

© 2022, Bonnie Garmus
© 2022, Edições ASA II, S.A.

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor.

Este livro segue o Novo Acordo Ortográfico de 1990.

www.leya.pt

Índice

[Capa](#)

[Ficha Técnica](#)

[CAPÍTULO 1 - Novembro de 1961](#)

[CAPÍTULO 2 - Pine](#)

[CAPÍTULO 3 - Instituto de Investigação Hastings](#)

[CAPÍTULO 4 - Introdução à Química](#)

[CAPÍTULO 5 - Valores familiares](#)

[CAPÍTULO 6 - No refeitório do Instituto Hastings](#)

[CAPÍTULO 7 - Seis e Meia](#)

[CAPÍTULO 8 - Ir mais além](#)

[CAPÍTULO 9 - O rancor](#)

[CAPÍTULO 10 - A trela](#)

[CAPÍTULO 11 - Cortes orçamentais](#)

[CAPÍTULO 12 - O presente de despedida de Calvin](#)

[CAPÍTULO 13 - Idiotas](#)

[CAPÍTULO 14 - Dor](#)

[CAPÍTULO 15 - Conselhos indesejados](#)

[CAPÍTULO 16 - Parto](#)

[CAPÍTULO 17 - Harriet Sloane](#)

[CAPÍTULO 18 - Oficialmente Mad](#)

[CAPÍTULO 19 - Dezembro de 1956](#)

[CAPÍTULO 20 - História de vida](#)

[CAPÍTULO 21 - E. Z.](#)

[CAPÍTULO 22 - O presente](#)

[CAPÍTULO 23 - Estúdios KCTV](#)

[CAPÍTULO 24 - O período de depressão da tarde](#)

[CAPÍTULO 25 - As simples Marias](#)

[CAPÍTULO 26 - O funeral](#)

[CAPÍTULO 27 - Tudo sobre mim](#)

[CAPÍTULO 28 - Santos](#)

[CAPÍTULO 29 - Ligações](#)

[CAPÍTULO 30 - 99 por cento](#)

[CAPÍTULO 31 - O postal de melhoras](#)

[CAPÍTULO 32 - Médio-mal passado](#)

[CAPÍTULO 33 - Fé](#)

[CAPÍTULO 34 - Todos os Santos](#)

[CAPÍTULO 35 - O cheiro do fracasso](#)

[CAPÍTULO 36 - Vida e morte](#)

[CAPÍTULO 37 - Esgotada](#)

[CAPÍTULO 38 - Brownies](#)

[CAPÍTULO 39 - Caros senhores](#)

[CAPÍTULO 40 - Normal](#)

[CAPÍTULO 41 - Recomprometer](#)

[CAPÍTULO 42 - Departamento de Pessoal](#)

[CAPÍTULO 43 - Nado-morto](#)

[CAPÍTULO 44 - A bolota](#)

[CAPÍTULO 45 - Jantar às Seis](#)

[AGRADECIMENTOS](#)

Bonnie Garmus

LIÇÕES DE QUÍMICA

Tradução
Elsa T. S. Vieira

Para a minha mãe, Mary Swallow Garmus

CAPÍTULO 1

Novembro de 1961

Em 1961, quando as mulheres usavam vestidos camiseiro e eram membros de clubes de jardinagem e transportavam montes de crianças em carros sem cintos de segurança sem pensar duas vezes; antes de alguém imaginar que haveria sequer um movimento «anos sessenta», muito menos que os participantes do mesmo passariam os sessenta anos seguintes a narrá-lo; no tempo em que as grandes guerras tinham ficado para trás e as guerras secretas estavam apenas a começar e as pessoas tinham pensamentos frescos e acreditavam que tudo era possível, a mãe de Madeline Zott, aos trinta anos de idade, levantava-se todos os dias antes da alvorada e só tinha a certeza de uma coisa: a sua vida acabara.

Apesar dessa certeza, dirigiu-se ao laboratório para preparar o almoço da filha.

Combustível para aprender, escreveu Elizabeth Zott num pedaço de papel que colocou dentro da lancheira da menina. Depois fez uma pausa, com o lápis no ar, como se estivesse a reconsiderar. *Participa nos jogos ao intervalo, mas não deixes os rapazes ganhar automaticamente*, escreveu noutro papel. Depois fez nova pausa, a tamborilar com o lápis na mesa. *Não é imaginação tua*, escreveu num terceiro papel. *A maioria das pessoas é mesmo horrível*. Colocou estes últimos dois por cima.

A maioria das crianças pequenas não sabe ler, e as que sabem leem apenas palavras como «bola» e «gato». Mas Madeline sabia ler desde os três anos e agora, com cinco, já lera praticamente toda a obra de Dickens.

Madeline era uma *dessas* crianças – as que são capazes de trautear um concerto de Bach, mas não sabem atar os atacadores; que conseguem explicar a rotação da Terra, mas se atrapalham com o Jogo do Galo. E o problema era esse. Porque, embora os prodígios musicais sejam sempre enaltecidos, as crianças que começam a ler cedo não o são, porque quem

começa a ler cedo é simplesmente bom numa coisa que os outros acabarão por saber fazer igualmente bem mais cedo ou mais tarde. Portanto, ser o primeiro não é especial – é apenas irritante.

Madeline compreendia isto. Assim, fazia questão, todas as manhãs – depois de a mãe sair e enquanto a vizinha que tomava conta dela, Harriet, andava atarefada com outras coisas – de tirar os bilhetinhos da lancheira, lê-los e arrumá-los ao pé dos outros, numa caixa de sapatos guardada ao fundo do roupeiro. Depois de chegar à escola, fingia ser como todas as outras crianças: basicamente analfabeta. Para Madeline, integrar-se era mais importante do que tudo o resto. E a prova era irrefutável: a mãe nunca se conseguira integrar, e estava à vista o que lhe acontecera.

*

Era ali, na cidadezinha de Commons, no sul da Califórnia, onde o tempo era quase sempre quente mas não demasiado quente, e o céu quase sempre azul mas não demasiado azul, e o ar era limpo só porque o ar era assim naquele tempo, que Madeline ficava deitada na cama, de olhos fechados, e esperava. Sabia que em breve sentiria um beijo suave na testa, mãos a aconchegarem-lhe ao de leve as mantas nos ombros, uma voz ao ouvido a murmurar-lhe «Aproveita o dia». Minutos depois ouvia o motor do carro, os pneus do *Plymouth* sobre o cascalho a recuar no caminho de acesso, o som da alavanca das mudanças a passar de marcha-atrás para primeira. E depois a sua mãe permanentemente deprimida dirigia-se ao estúdio de televisão, onde punha o avental e entrava no cenário preparado.

O programa chamava-se *Jantar às Seis* e Elizabeth Zott era a sua estrela incontestável.

CAPÍTULO 2

Pine

Elizabeth Zott, que em tempos trabalhara como química de investigação, era uma mulher de pele impecável, com o porte inconfundível de alguém que não era normal e nunca seria.

Tal como acontece com a maioria das estrelas, ela fora descoberta por acaso. Contudo, no caso de Elizabeth, não a tinham visto num café, nem fora avistada por acaso num banco de jardim, ou apresentada por sorte à pessoa certa. Na verdade, o que levara à sua descoberta fora um roubo – mais especificamente, um roubo de comida.

A história era simples: uma criança chamada Amanda Pine, que gostava de comida de uma forma que alguns terapeutas considerariam significativa, andava a roubar o almoço de Madeline. E isto acontecia porque o almoço de Madeline não era normal. Enquanto todas as outras crianças mastigavam as suas sanduíches de geleia e manteiga de amendoim, Madeline abria a lancheira e encontrava uma grossa fatia de lasanha que sobrara do jantar, com acompanhamento de curgete salteada em manteiga, um exótico kiwi partido em quartos, cinco tomates-cereja redondos como pérolas, uma embalagem minúscula de sal Morton, duas bolachas de pepitas de chocolate ainda mornas e uma garrafa-termo, com padrão de xadrez vermelho, cheia de leite gelado.

Este conteúdo era o motivo para que toda a gente quisesse o almoço de Madeline, incluindo a própria Madeline. Contudo, Madeline oferecera-o a Amanda porque a amizade requer sacrifícios, mas também porque Amanda era a única em toda a escola que não fazia pouco de Madeline por ser a criança diferente que ela já sabia ser.

Só quando Elizabeth reparou que as roupas de Madeline começavam a ficar dependuradas no corpo magro da filha, como cortinas de má qualidade, é que perguntou a si própria o que se passaria. Segundo os seus

cálculos, o consumo calórico diário de Madeline era exatamente o necessário para um desenvolvimento ideal, o que significava que a perda de peso era cientificamente inconcebível. Talvez um pico de crescimento súbito? Não. Levara o crescimento em conta nos seus cálculos. Um distúrbio alimentar precoce? Pouco provável. Madeline comia como um cavalo ao jantar. Leucemia? Decididamente não. Elizabeth não era alarmista – não se tratava do tipo de pessoa que perdia o sono a imaginar que a filha era vítima de uma doença incurável. Como cientista, procurava sempre uma explicação razoável, e assim que viu Amanda Pine, com os pequenos lábios ainda manchados de molho de tomate vermelho, percebeu que a encontrara.

*

– Mr. Pine – disse Elizabeth, depois de entrar pelo estúdio de televisão local e passar intempestivamente pela secretária, numa tarde de quarta-feira –, há três dias que estou a tentar falar consigo e nem uma vez teve a cortesia de retribuir os meus telefonemas. Chamo-me Elizabeth Zott. Sou a mãe da Madeline Zott... as nossas filhas frequentam ambas a escola primária de Woody... e estou aqui para lhe dizer que a sua filha está a oferecer amizade à minha sob falsos pretextos. – E, como ele parecia confuso, acrescentou: – A sua filha anda a comer o almoço da minha.

– O... o almoço? – balbuciou Walter Pine, enquanto admirava a mulher magnífica que tinha à frente, com a bata de laboratório branca como uma aura de pura luz sagrada, à exceção de um detalhe: as iniciais «E. Z.» estampadas a vermelho por cima do bolso.

– A sua filha, Amanda – insistiu Elizabeth –, come o almoço da minha filha. Ao que parece, isto dura há meses.

Walter só conseguia olhar para ela. Alta e magra, com cabelo cor de torradas queimadas, preso atrás por um lápis, ali estava ela, de mãos nas ancas, lábios ousadamente vermelhos, pele luminosa, nariz direito. Baixou os olhos para ele como um socorrista no campo de batalha a avaliar se valia ou não a pena tentar salvá-lo.

– E o facto de fingir ser amiga da Madeline só para ficar com o almoço dela – continuou – é absolutamente repreensível.

– Quem... quem é que disse que era? – gaguejou Walter.

– Elizabeth Zott! – exclamou ela com impaciência. – A mãe da Madeline Zott!

Walter acenou com a cabeça enquanto tentava compreender. Estava familiarizado com dramas, ou não fosse ele produtor de longa data da programação da tarde. Mas isto? Continuou a olhar. Ela era assombrosa. Walter estava literalmente *assombrado* por ela. Teria vindo fazer alguma audição?

– Desculpe – disse, por fim –, mas já temos as enfermeiras todas.

– Perdão? – retorquiu ela.

Seguiu-se uma longa pausa.

– Amanda Pine – repetiu Elizabeth.

Ele pestanejou.

– A minha filha? Oh! – exclamou, subitamente nervoso. – O que se passa com ela? A senhora é médica? É da escola? – Levantou-se de um salto.

– Valha-me Deus, não – disse Elizabeth. – Sou química. Vim do Hastings até aqui, na minha hora de almoço, porque o senhor não retribuiu nenhum dos meus telefonemas. – E, ao ver que ele continuava com ar perplexo, clarificou: – Instituto de Investigação de Hastings? «Onde inovamos com a nossa pesquisa inovadora»? – Suspirou ao debitar o *slogan* imbecil. – A questão é que faço um grande esforço para preparar um almoço nutritivo para a Madeline... imagino que seja algo que também procura fazer pela sua filha. – Ao ver que ele continuava a fitá-la com expressão vazia, acrescentou: – Porque se preocupa com o desenvolvimento cognitivo e físico da Amanda. Porque sabe que esse desenvolvimento depende de ter acesso ao equilíbrio correto de vitaminas e minerais.

– O que se passa é que a Mrs. Pine...

– Sim, eu sei. Desaparecida em combate. Tentei contactá-la, mas fui informada de que ela vive em Nova Iorque.

– Estamos divorciados.

– Lamento muito saber disso, mas o divórcio não tem nada a ver com o almoço.

– Talvez possa parecer que não, mas...

– Um homem *pode* fazer o almoço, Mr. Pine. Não é biologicamente impossível.

– Com certeza – concordou ele, atrapalhado com a cadeira que estava a puxar. – Por favor, Mrs. Zott, sente-se, por favor.

– Deixei uma coisa no ciclotrão – disse ela em tom exasperado, com um olhar rápido para o relógio. – Estamos entendidos, ou não?

– Ciclo...

– Acelerador de partículas subatômicas.

Elizabeth olhou para as paredes. Estavam cobertas de *posters* emoldurados a anunciar telenovelas melodramáticas e concursos de nomes imaginativos.

– Os meus trabalhos – disse Walter, de súbito embaraçado pela falta de refinamento dos mesmos. – Talvez já tenha assistido a algum?

Ela olhou de novo para ele.

– Mr. Pine – disse, em tom mais conciliador –, lamento não ter tempo nem recursos para fazer o almoço para a sua filha. Ambos sabemos que a comida é o catalisador que nos abre o cérebro, que une as famílias e que determina o nosso futuro. No entanto... – Não terminou a frase, semicerrando os olhos ao ver o cartaz de uma telenovela que mostrava uma enfermeira a prestar cuidados muito invulgares a um paciente. – Quem é que tem tempo para ensinar uma nação inteira a fazer comida como deve ser? Eu gostava muito de ter, mas não tenho. O senhor tem?

Quando Elizabeth se virou para sair, Pine, que não queria que ela se fosse embora nem compreendia totalmente o que estava prestes a acontecer, apressou-se a dizer:

– Espere, por favor, pare... *por favor*. O que... o que é que estava a dizer? Sobre ensinar uma nação inteira a fazer comida... *como deve ser*?

Jantar às Seis estreou quatro semanas depois. E embora Elizabeth não estivesse muito empolgada com a ideia – ela era, afinal de contas, uma investigadora química – aceitou o trabalho pelos motivos habituais: ganhava mais dinheiro e tinha uma filha para sustentar.

*

Desde o primeiro dia em que Elizabeth pôs o avental e entrou no cenário, ficou bem óbvio: ela tinha «algo», sendo que «algo» era uma certa qualidade difícil de definir que fazia com que as pessoas a quisessem ver na televisão. Mas era também uma pessoa de substância – uma mulher tão franca, tão pragmática, que ninguém sabia bem o que pensar dela. Enquanto outros programas de culinária tinham à frente das câmaras *chefs* joviais que iam bebericando alegremente o xerez da comida, Elizabeth Zott era séria. Nunca sorria. Nunca dizia piadas. E os seus pratos eram tão honestos e terra a terra como ela.

Em seis meses, o programa de Elizabeth era um sucesso. Num ano, tornou-se uma instituição. E, ao fim de dois anos, provara o seu poder de unir não só pais e filhos, mas os cidadãos ao seu país. Não é exagero dizer que quando Elizabeth Zott acabava de cozinhar, uma nação inteira se sentava a comer.

Até o vice-presidente Lyndon Johnson assistia ao programa.

– Quer saber o que eu *acho*? – disse uma vez, para se livrar de um repórter insistente. – Acho que devia escrever *menos* e ver *mais* televisão. Comece pelo *Jantar às Seis*... aquela Zott sabe o que faz!

E sabia. Ninguém apanharia Elizabeth Zott a explicar como fazer minissanduíches de pepino ou *soufflés* delicados. As suas receitas eram substanciais: guisados, estufados, coisas feitas em grandes tachos metálicos. Realçava a utilização dos quatro grupos alimentares. Acreditava em doses generosas. E insistia que todos os pratos dignos desse nome se faziam em menos de uma hora. Terminava todos os programas com a frase que era a sua imagem de marca:

– Meninos, ponham a mesa. A vossa mãe precisa de um momento para si.

Mas depois um repórter conhecido escreveu um artigo intitulado «Porque Comemos Tudo o que Ela Serve» e, de passagem, referiu-se a ela como «Lizzie Deliciosa», uma alcunha que, por ser simultaneamente adequada e aliterativa, se agarrou a ela tão depressa como se agarrara ao papel onde fora impressa. A partir desse dia, havia desconhecidos a chamarem-lhe Deliciosa, mas a filha, Madeline, chamava-lhe Mãe, e, embora fosse apenas uma criança, Madeline já conseguia perceber que a alcunha era depreciativa para os talentos da mãe. Ela era química, não era uma cozinheira de televisão. E Elizabeth, constrangida em frente da sua única filha, tinha vergonha.

Às vezes, deitada na cama à noite, Elizabeth perguntava a si própria como é que a sua vida chegara a este ponto. Mas a incerteza nunca era demorada, porque ela já sabia a resposta.

O seu nome era Calvin Evans.

CAPÍTULO 3

Instituto de Investigação Hastings

DEZ ANOS ANTES, JANEIRO DE 1952

Calvin Evans também trabalhava no Instituto de Investigação Hastings, mas, ao contrário de Elizabeth, que trabalhava num espaço sobrepovoado, ele tinha um grande laboratório só para si.

Com base no seu currículo, talvez até o merecesse. Aos dezanove anos já tinha contribuído com alguma investigação crítica que ajudara o famoso químico britânico Frederick Sanger a conquistar o Prémio Nobel; com vinte e dois, descobriu uma maneira mais rápida de sintetizar proteínas simples; aos vinte e quatro, a sua descoberta sobre a reatividade do dibenzo-selenofeno colocou-o na capa da revista *Chemistry Today*. Além disso, era autor de dezasseis artigos científicos, fora convidado para dez conferências internacionais e Harvard oferecera-lhe uma bolsa. Duas vezes. Que ele recusara. Duas vezes. Em parte porque Harvard rejeitara a sua candidatura como caloiro anos antes, e em parte porque... bem, na verdade, não havia outra razão. Calvin era um homem brilhante, mas se tinha um defeito era a sua capacidade de guardar rancor.

Além desta capacidade, era conhecido também pela sua impaciência. Tal como tantas pessoas brilhantes, Calvin não conseguia compreender como é que mais ninguém *percebia*. Era também um introvertido, o que na realidade não é um defeito mas se manifesta muitas vezes como altivez. E o pior de tudo: era um remador.

Como qualquer pessoa que não pratique remo poderá atestar, os remadores não são nada divertidos. Isto porque a única coisa de que querem falar é de remo. Juntem dois ou mais praticantes de remo numa sala, e a conversa passa de temas normais, como o trabalho ou o tempo, para histórias longas e desinteressantes sobre barcos, bolhas, remos, punhos,

ergómetros, técnicas, exercícios, tomada de água, saída de água, recuperação, médias, assentos, remadas, carrinhos, arranques, cadência, *sprints* e se a água estava mesmo «*flat*» ou não. Daí, avança regra geral para o que correu mal na última saída, o que poderá correr mal na próxima saída e de quem foi e/ou será a culpa. A dada altura, os remadores estendem as mãos e comparam calos. E, se os restantes tiverem mesmo azar, a isto podem seguir-se vários minutos de reverência quase religiosa enquanto um deles relata a saída perfeita em que tudo pareceu fácil.

*

Além da química, o remo era a única coisa pela qual Calvin sentia verdadeira paixão. Na verdade, foi por causa do remo que se candidatou inicialmente a Harvard: remar na equipa de Harvard era, em 1945, remar para os melhores. Ou, na verdade, para os *segundos* melhores. A Universidade de Washington era *a* melhor, mas a Universidade de Washington ficava em Seattle e Seattle tinha fama de ser uma cidade chuvosa. Calvin detestava chuva. Assim, alargou os seus horizontes de busca – até à outra Cambridge, a que fica em Inglaterra, derrubando assim um dos maiores mitos sobre cientistas: que são bons a fazer pesquisas.

No primeiro dia em que Calvin remou no Cam, choveu. No segundo dia, choveu. No terceiro dia: a mesma coisa.

– Mas está *sempre* a chover assim? – queixou-se Calvin enquanto ele e os colegas erguiam o pesado barco de madeira, o punham sobre os ombros e desciam até à doca.

– Oh, nunca – tranquilizaram-no os outros. – Geralmente Cambridge tem um clima muito agradável.

E depois olharam uns para os outros como se quisessem confirmar aquilo de que há muito desconfiavam: os americanos eram idiotas.

*

Infelizmente, Calvin também era um idiota no que dizia respeito a namoros – um grande problema, uma vez que ele queria muito apaixonar-se. Durante os seis anos solitários que passou em Cambridge, só conseguiu convidar cinco mulheres para sair com ele. Dessas cinco, apenas uma acedeu a um segundo encontro, e só porque pensou que ele fosse outra pessoa quando lhe atendeu o telefone. O seu principal problema era a

inexperiência. Calvin era como um cão que, depois de anos de tentativas, apanha um esquilo e depois não tem a mais pequena ideia do que há de fazer com ele.

– Olá... uh... – disse numa das ocasiões, com o coração aos saltos, as mãos húmidas, a mente subitamente vazia, quando a rapariga abriu a porta.
– Debbie?

– É *Deirdre* – suspirou ela, com aquela que seria a primeira de muitas olhadelas furtivas para o relógio.

Ao jantar, a conversa passou pela composição molecular dos ácidos aromáticos (Calvin) e os filmes em exibição (Deirdre), a síntese de proteínas não-reativas (Calvin) e se ele gostava ou não de dançar (Deirdre), até chegar a «vejam bem as horas, já são oito e meia e tenho remo de manhã, por isso vou levá-la a casa» (Calvin).

Não é preciso dizer que havia muito pouco sexo depois destes encontros. Na verdade, nenhum.

*

– Não acredito que estás com problemas – diziam-lhe os colegas de Cambridge. – As raparigas *adoram* remadores. – O que não era verdade. – E, apesar de seres americano, não és feio de todo. – O que também não era verdade.

Parte do problema era a postura de Calvin. Tinha mais de um metro e noventa e três de altura, era desengonçado e esguio, mas tombava para a direita – provavelmente em resultado de remar sempre para esse lado. Mas o maior problema era a cara. Calvin tinha um ar abandonado, como uma criança que teve de crescer sozinha, com olhos cinzentos grandes, cabelo aloirado revolto e lábios arroxeados, quase sempre inchados devido à mania de os morder. Era aquele tipo de rosto que se poderia considerar olvidável, uma composição de traços abaixo da média que em nada indicava o sentimento e a inteligência que se escondiam por detrás, à exceção de uma característica essencial – os dentes – que eram direitos e brancos e que redimiam todo o rosto quando ele sorria. Felizmente, em especial depois de se apaixonar por Elizabeth Zott, Calvin estava sempre a sorrir.

*

Conheceram-se – ou melhor, trocaram palavras pela primeira vez – numa terça-feira de manhã, no Instituto de Investigação Hastings, o soalheiro laboratório de investigação privado no sul da Califórnia onde Calvin, depois de se formar em Cambridge com um doutoramento em tempo recorde e quarenta e três ofertas de emprego para analisar, aceitou uma posição em parte por causa da reputação da instituição, mas principalmente por uma questão de precipitação. Não chovia muito em Commons. Elizabeth, por seu lado, aceitara a oferta do Instituto Hastings porque não tivera mais nenhuma.

Quando parou em frente do laboratório de Calvin Evans, reparou em vários avisos:

*não entrar
experiência em curso
proibida a entrada
interdito*

Depois abriu a porta.

– Olá! – exclamou, para se fazer ouvir sobre o som de Frank Sinatra proveniente de uma aparelhagem que, de forma incongruente, se encontrava no meio da divisão. – Preciso de falar com a pessoa responsável.

Calvin, surpreendido por ouvir uma voz, espreitou de trás de uma grande centrífugadora.

– *Desculpe, menina* – respondeu, irritado, com um grande par de óculos a proteger-lhe os olhos do que fervilhava à sua direita, o que quer que fosse –, mas esta área é interdita. Não viu os avisos?

– Vi – gritou Elizabeth em resposta, ignorando o tom de voz dele. Cruzou o laboratório e desligou a música. – Pronto. Agora já conseguimos ouvir-nos um ao outro.

Calvin mordeu o lábio e apontou para ela.

– Não pode estar aqui – disse. – Os *avisos*.

– Sim, bom, fui informada de que o seu laboratório tem um excedente de provetas e estamos com falta delas lá em baixo. Está tudo aqui explicado – disse, estendendo-lhe um papel. – Foi autorizado pelo gestor de inventário.

– Ninguém me disse nada – respondeu Calvin, examinando o papel. – E desculpe, mas não. Preciso de todas as provetas que tenho. Se calhar é melhor eu falar com um dos químicos lá de baixo. Diga ao seu chefe que me ligue. – Virou-se de novo para o trabalho e tornou a ligar a aparelhagem.

Elizabeth não se mexeu.

– Quer falar com um dos químicos? E não COMIGO? – gritou por cima da voz de Frank.

– *Sim* – respondeu ele. Depois o seu tom suavizou-se um pouco. – Oiça, eu sei que a culpa não é sua, mas não deviam mandar uma secretária cá acima para fazer o trabalho deles. Sei que isto pode ser difícil de compreender, mas estou a meio de uma coisa importante. Por favor, diga ao seu chefe que me ligue.

Elizabeth semicerrou os olhos. Não gostava de pessoas que tiravam conclusões precipitadas com base em pistas visuais que, na opinião dela, estavam mais do que desatualizadas, e também não gostava de homens que achavam que, mesmo que ela fosse uma secretária, ser secretária implicava ser incapaz de compreender quaisquer palavras para além de «Quero isto datilografado em triplicado.»

– Que coincidência – gritou. Dirigiu-se a uma prateleira e pegou numa grande caixa de provetas. – Eu também estou ocupada.

E saiu sem dizer mais nada.

*

Trabalhavam mais de três mil pessoas no Instituto de Investigação Hastings, por isso Calvin demorou mais de uma semana a localizá-la – e, quando finalmente a encontrou, ela parecia não se lembrar dele.

– Sim? – disse, virando-se para ver quem entrara no seu laboratório, com os grandes óculos de proteção a aumentarem-lhe os olhos, luvas de borracha a cobrirem-lhe as mãos e antebraços.

– Olá – disse ele. – Sou eu.

– Eu? – perguntou ela. – Pode ser mais específico? – pediu, e virou-se de novo para o trabalho.

– Eu – disse Calvin. – Cinco andares mais acima? Tirou-me as provetas?

– Se calhar é melhor deixar-se ficar atrás daquela cortina – disse ela, e inclinou a cabeça para a esquerda. – Tivemos aqui um pequeno acidente a semana passada.

– Foi difícil encontrá-la.

– Importa-se? – disse ela. – Hoje sou *eu* que estou a meio de uma coisa importante.

Ele esperou pacientemente enquanto ela terminava as suas medições, fazia anotações no livro, reexaminava os resultados dos testes da véspera e ia à casa de banho.

– Ainda aqui está? – perguntou Elizabeth quando voltou. – Não tem trabalho para fazer?

– Muito.

– Não lhe vou devolver as provetas.

– Então sempre se lembra de mim.

– Sim. Mas não com grande afeto.

– Vim pedir desculpa.

– Não é preciso.

– E se almoçássemos?

– Não.

– Jantar?

– Não.

– Café?

– Oiça – disse Elizabeth, com as luvas apoiadas nas ancas –, tenho de lhe dizer que está a começar a irritar-me.

Calvin afastou o olhar, embaraçado.

– Peço desculpa, a sério – disse. – Vou andando.

*

– Aquele era o Calvin *Evans*? – perguntou um técnico enquanto via Calvin abrir caminho entre quinze cientistas que trabalhavam praticamente encostados uns aos outros num espaço com um quarto do tamanho do laboratório privado de Calvin. – O que é que ele veio fazer cá abaixo?

– Uma pequena questão relacionada com a propriedade de provetas – disse Elizabeth.

– Provetas? – Hesitou. – Espere. – Pegou numa das provetas novas. – Aquela caixa grande de provetas que disse ter encontrado a semana passada. Eram *dele*?

– Nunca disse que tinha encontrado as provetas. Disse que as tinha *arranjado*.

– Eram do Calvin Evans? Endoideceu? – disse ele.
– Tecnicamente, não.
– Ele disse-lhe que podia trazer as provetas?
– Tecnicamente, não. Mas eu tinha um impresso.
– Que impresso? Sabe que essas coisas têm de passar por mim. Sabe que requisitar material é trabalho meu.

– Eu compreendo. Mas estava à espera há mais de três meses. Pedi-lhe quatro vezes, preenchi cinco requisições, falei com o doutor Donatti. Para ser franca, não sabia o que mais havia de fazer. A minha pesquisa depende destes materiais. *São só provetas.*

O técnico de laboratório fechou os olhos.

– Oiça – disse, reabrindo-os lentamente como que para dramatizar a estupidez dela. – Estou aqui há muito mais tempo do que você e tenho conhecimento de algumas coisas. Sabe por que razão o Calvin Evans é famoso, não sabe? Além da química?

– Sim. Por ter excesso de equipamento.

– Não – disse ele. – É famoso por guardar rancor. Rancor!

– A sério? – perguntou ela, interessada.

*

Elizabeth Zott também guardava rancor. Simplesmente o seu ressentimento era quase todo reservado para uma sociedade patriarcal assente na ideia de que as mulheres eram menos. Menos capazes. Menos inteligentes. Menos criativas. Uma sociedade que acreditava que os homens saíam para trabalhar e faziam coisas importantes – descobriam planetas, desenvolviam produtos, criavam leis – e as mulheres ficavam em casa a criar os filhos. Ela não queria ter filhos – sabia isso sobre si própria –, mas sabia que havia muitas mulheres que *queriam* ter filhos e *também* uma carreira. E que mal tinha isso? Nenhum. Era exatamente o que os homens podiam ter.

Lera há pouco tempo um artigo sobre um país qualquer onde ambos os pais trabalhavam e participavam na educação dos filhos. Qual seria, mesmo? Suécia? Não se lembrava. Mas a conclusão é que funcionava muito bem. A produtividade era mais elevada; as famílias eram mais unidas. Conseguia imaginar-se a viver numa sociedade assim. Um lugar onde não fosse automaticamente tratada como uma secretária, um lugar onde, quando

apresentasse as suas conclusões numa reunião, não tivesse de estar preparada para que os homens falassem sempre por cima dela ou, pior ainda, assumissem o crédito pelo seu trabalho. Elizabeth abanou a cabeça. No que dizia respeito à igualdade, o ano de 1952 era uma grande desilusão.

– Tem de lhe ir pedir desculpa – estava o técnico a insistir. – Quando lhe for devolver o raio das provetas, implore o perdão dele. Pôs o nosso laboratório todo em risco e deixou-me ficar mal visto.

– Não se preocupe – disse Elizabeth. – São só provetas.

Porém, na manhã seguinte as provetas tinham desaparecido, substituídas pelos olhares fulminantes de alguns dos seus colegas que estavam agora convencidos de que ela fizera deles alvo da lendária capacidade de guardar rancor de Calvin Evans. Tentou falar com eles, mas todos a trataram com uma certa frieza e mais tarde, quando passou pela sala de convívio, ouviu os mesmos colegas a queixarem-se dela – que se levava tão a sério, que achava que era melhor do que eles, que recusara sair com todos, até com os que eram solteiros. E que só podia ter conseguido o mestrado em Química Orgânica da UCLA da maneira mais *dura* – e a palavra «dura» acompanhada por gestos obscenos e risinhos cruéis. Quem é que ela pensava que era, afinal?

– Alguém devia metê-la no seu lugar – disse um.

– Nem sequer é assim tão inteligente – insistiu outro.

– Puta de merda – declarou uma voz familiar. O seu chefe, Donatti.

Elizabeth, acostumada às primeiras palavras mas chocada com as últimas, encostou-se à parede, dominada por uma vaga de náusea. Era a segunda vez que lhe chamavam aquilo. A primeira vez – primeira e horrível – fora na UCLA.

*

Acontecera há quase dois anos. Ela era candidata ao mestrado e faltavam apenas dez dias para a formatura. Às nove da noite ainda estava no laboratório, convencida de que encontrara um problema no protocolo de testes. Enquanto tamborilava furiosamente no papel com o lápis número dois bem afiado, e avaliava o seu palpite, ouviu a porta abrir-se.

– Olá? – chamou. Não estava à espera de ninguém.

– Ainda aqui está – disse uma voz, sem qualquer indício de surpresa. O seu orientador.

– Oh, olá, doutor Meyers – disse ela, erguendo os olhos. – Sim, estou só a rever o protocolo de testes para amanhã. Acho que encontrei um problema.

Ele abriu um pouco mais a porta e entrou.

– Não lhe pedi para fazer isso – disse, com alguma irritação. – Já lhe disse que está tudo pronto.

– Eu sei – respondeu ela. – Mas queria dar mais uma vista de olhos.

Esta abordagem de «mais uma vista de olhos» não era algo que Elizabeth gostasse de fazer – mas era algo que sabia que *tinha* de fazer para manter a sua posição na equipa de investigação exclusivamente masculina de Meyers. Não que tivesse grande interesse pela pesquisa dele: era um projeto seguro, nada de pioneiro. Apesar de uma notável falta de criatividade, aliada a uma alarmante ausência de descobertas novas, Meyers era considerado um dos principais investigadores dos Estados Unidos na área do ADN.

Elizabeth não gostava de Meyers; ninguém gostava. Exceto, talvez, a UCLA, que o adorava porque ele publicava mais artigos do que qualquer outra pessoa da sua área. O segredo de Meyers? Não era ele quem escrevia os artigos – eram os seus alunos de mestrado. No entanto, ele assumia sempre o crédito total por cada palavra, por vezes alterando apenas o título e algumas expressões aqui e ali antes de o apresentar como se fosse um artigo totalmente diferente, e podia fazê-lo porque ninguém lê um artigo científico do princípio ao fim. Desta forma, o número dos seus artigos ia aumentando e, com eles, a sua reputação. E fora assim que Meyers se tornara um importante investigador na área do ADN: quantidade.

Além do seu talento para artigos supérfluos, Meyers era também famoso por ser um devasso. Não havia muitas mulheres nos departamentos científicos da UCLA, mas as poucas que havia – na sua maioria secretárias – eram sempre alvo das atenções indesejadas de Meyers. Geralmente despediam-se ao fim de seis meses, com a confiança abalada, os olhos inchados, justificando-se com razões pessoais. Mas Elizabeth não se foi embora – não podia, pois precisava do seu mestrado. Assim, foi tolerando as humilhações diárias – os toques, os comentários obscenos, as sugestões repugnantes – deixando sempre bem claro que não estava interessada. Até ao dia em que ele a chamou ao seu gabinete, com a desculpa de discutir a admissão dela no programa de doutoramento, e lhe enfiou a mão por baixo

da saia. Furiosa, Elizabeth puxou-lhe a mão à força e ameaçou apresentar queixa dele.

– Queixa a quem? – riu-se ele. Depois admoestou-a por «não ser divertida», deu-lhe uma palmada no rabo e mandou-a ir buscar o casaco dele ao armário do escritório, ciente de que, quando o abrisse, ela veria a porta coberta de fotografias de mulheres em *topless*, algumas de gatas, com o rosto inexpressivo e um sapato de homem pousado em triunfo nas suas costas.

*

– É aqui – disse ela ao doutor Meyers. – Passo noventa e um, na página duzentos e trinta e dois. A temperatura. Tenho quase a certeza de que é demasiado elevada, o que significa que a enzima será inativada, alterando os resultados.

O doutor Meyers olhou para ela da porta.

– Mostrou a mais alguém?

– Não – respondeu Elizabeth. – Acabei de dar por isso.

– Então não falou com o Phillip. – Phillip era o principal assistente de investigação de Meyers.

– Não. Ele já saiu. Mas talvez o consiga apanhar ainda...

– Não é preciso – interrompeu ele. – Está cá mais alguém?

– Que eu saiba, não.

– O protocolo está correto – declarou ele em tom cortante. – Você não é a especialista. Faz favor de não questionar a minha autoridade. E não fale no assunto a mais ninguém. Entendido?

– Estava apenas a tentar ajudar, doutor Meyers.

Ele fitou-a como se estivesse a considerar a veracidade da afirmação.

– E eu preciso da sua ajuda – disse. Depois virou-se para a porta e trancou-a.

O primeiro golpe foi uma bofetada de mão aberta que lhe virou a cabeça para a esquerda. Elizabeth soltou uma exclamação de choque e conseguiu endireitar-se, com a boca a sangrar, os olhos arregalados de incredulidade. Ele fez uma careta, como se estivesse insatisfeito com os resultados, e bateu-lhe de novo, desta vez fazendo-a cair do banco. Meyers era um homem grande – devia pesar uns 120 quilos – e a sua força derivava da densidade, não de estar em grande forma. Baixou-se para ela, agarrou-a

pelas ancas e levantou-a do chão como um guindaste a içar uma carga de madeira, voltando a depositá-la no banco como uma boneca de trapos. Depois virou-a e, afastando o banco com um pontapé, empurrou a cara e o peito dela contra o balcão de aço inoxidável.

– Está quieta, puta de merda – ordenou, enquanto ela se debatia, e enfiou-lhe os dedos gordos debaixo da saia.

Elizabeth susteve a respiração, com um sabor metálico na boca, enquanto ele a atacava, uma mão a puxar-lhe a saia para cima até à cintura, a outra a apertar-lhe a pele do interior das coxas. Com o rosto contra a mesa, ela mal conseguia respirar, quanto mais gritar. Debateu-se furiosamente, como um animal apanhado numa armadilha, mas a sua recusa em se submeter só o encolerizou mais.

– Não lutes – avisou-a, com o suor a pingar-lhe da barriga para a parte de trás das coxas dela. Porém, quando se mexeu, Elizabeth conseguiu libertar um braço. – Está *quieta* – exigiu ele, enraivecido, enquanto ela tentava virar-se, em estado de choque, com o tronco volumoso do seu atacante a achatar-lhe o corpo como se fosse uma panqueca. Num último esforço para lhe recordar quem é que mandava, ele agarrou-lhe no cabelo e puxou. Depois penetrou-a como um bêbedo cambaleante, com um gemido de satisfação que foi bruscamente interrompido por um grito de dor.

– Foda-se! – gritou Meyers, afastando-se dela. – Mas que merda... O que foi isto?

Empurrou-a para longe, confuso com a dor lancinante que se espalhava a partir do lado direito do seu corpo. Baixou os olhos para a barriga saliente para tentar perceber a sua origem, mas tudo o que viu foi uma pequena borracha cor-de-rosa a sair da região ilíaca, rodeada por uma poça de sangue.

O lápis número dois. Com a mão livre, Elizabeth encontrara-o, agarrara-o e espetara-o no flanco dele. E não apenas um pouco, mas o lápis todo. O bico bem aguçado, a madeira amarela macia, o anel de chapa dourada – dezassete centímetros de lápis contra dezassete centímetros de Meyers. E, ao fazê-lo, não só lhe perfurara o intestino grosso e o delgado, como trespassara também a sua própria carreira académica.

– Estuda *mesmo* aqui? – perguntou o agente da polícia do *campus* depois de a ambulância levar o doutor Meyers. – Preciso de ver a sua identificação.

Elizabeth, de roupas rasgadas, mãos a tremer, com uma grande nódoa negra a começar a aparecer na testa, olhou para ele, incrédula.

– É uma pergunta válida – insistiu o agente. – O que estaria uma mulher a fazer no laboratório a esta hora da noite?

– S-sou estudante de mestrado – gaguejou ela, agoniada. – De Química.

O agente suspirou como se não tivesse tempo para estes disparates e abriu um pequeno bloco de notas.

– Porque é que não me conta aquilo que *pensa* que aconteceu.

Elizabeth forneceu-lhe os detalhes, com a voz entorpecida pelo choque. Ele parecia estar a escrever tudo, mas quando se virou para dizer a outro polícia que estava «tudo sob controlo», ela viu que a página continuava em branco.

– Por favor. Eu... eu preciso de um médico.

Ele fechou o bloco.

– Então não vai fazer uma declaração de arrependimento? – Depois olhou para a saia dela como se o próprio tecido fosse um convite claro. – Afinal, apunhalou o homem. Será melhor para si se mostrar alguns remorsos.

Ela fitou-o com expressão confusa.

– Deve ter compreendido mal, agente. Ele a-atacou-me. Eu... eu só me defendi. Preciso de um médico.

O polícia suspirou de novo.

– Então não vai mesmo fazer uma declaração de arrependimento, é isso?
– repetiu, fechando a caneta com um clique.

Elizabeth olhou para ele com a boca entreaberta, o corpo a tremer. Baixou os olhos para a coxa, onde a mão de Meyers estava delineada numa marca arroxeadada. Conteve a vontade de vomitar.

Quando ergueu os olhos, ainda o viu a consultar o relógio de pulso. E esse pequeno movimento foi a gota de água. Estendeu a mão e arrancou-lhe o cartão de identificação dos dedos.

– Sim, agente – disse, em voz tensa. – Agora que penso nisso, há algo que lamento muito.

– Muito melhor – disse ele. – Assim já vamos a algum lado. – Abriu novamente a caneta. – Diga lá.

– Lápis – disse ela.

– Lápis – repetiu ele, tomando nota.

Elizabeth levantou a cabeça e olhou-o nos olhos, com um fio de sangue a escorrer-lhe da têmpora.

– Lamento que não houvesse outro lápis ao pé de mim.

*

O ataque, ou «evento infeliz», como lhe chamou o comité de admissões antes de rescindir formalmente a admissão de Elizabeth no programa de doutoramento, fora culpa dela. O doutor Meyers apanhara-a a tentar alterar o protocolo de um teste, de modo a afetar os resultados do mesmo – tinham as provas mesmo ali à sua frente – e, quando a confrontara, ela tentara seduzi-lo e oferecera-lhe sexo. Depois do fracasso dessa tentativa houve uma luta física e, quando Meyers deu por isso, tinha um lápis espetado na barriga. Era uma sorte estar vivo.

Quase ninguém acreditava nesta história. O doutor Meyers tinha uma reputação bem estabelecida. Mas era também uma pessoa importante e a UCLA não tinha a menor intenção de ficar sem alguém dessa estatura. Elizabeth estava fora. Concluía o mestrado. As nódoas negras haviam de sarar. Alguém lhe escreveria uma carta de recomendação. Adeus.

E foi assim que acabou no Instituto de Investigação Hastings. E agora aqui estava ela, à porta da sala de convívio no Instituto Hastings, encostada à parede, com o estômago às voltas.

*

Quando levantou a cabeça, viu o técnico de laboratório a olhar para ela.

– Está tudo bem, Zott? – perguntou ele. – Não a acho com boa cara.

Ela não respondeu.

– A culpa é minha, Zott – admitiu. – Não devia ter feito tanto alarido por causa das provetas. Quanto a eles – disse, inclinando a cabeça na direção da sala de convívio; era evidente que também ouvira a conversa –, estão só a armar-se em garantões. Ignore-os.

Mas ela não podia ignorá-los. Na verdade, no dia seguinte, o seu chefe, o doutor Donatti – o que lhe chamara «puta de merda» – transferiu-a para um novo projeto.

– Será muito mais fácil – disse-lhe. – Mais ao seu nível intelectual.

– Porquê, doutor Donatti? – perguntou ela. – Havia alguma coisa errada com o meu trabalho?

Ela fora a força motriz por trás do atual projeto de investigação de grupo e, em resultado, estavam prestes a publicar os resultados. Mas Donatti apontou para a porta. No dia seguinte, foi colocada num estudo insignificante sobre aminoácidos.

O técnico de laboratório, ao ver a sua insatisfação crescente, perguntou-lhe porque é que ela queria ser cientista, afinal.

– Não *quero* ser cientista – retorquiu ela. – Eu *sou* cientista! – E, na sua mente, não ia deixar que um gordo qualquer na UCLA, ou o chefe, ou meia dúzia de colegas mesquinhos, a impedissem de alcançar os seus objetivos. Já enfrentara situações difíceis antes. Era capaz de ultrapassar tudo o que aparecesse.

No entanto, o desgaste não abrandou. À medida que os meses passavam, a sua determinação foi posta à prova, uma e outra vez. A única coisa que lhe trazia algum alívio era o teatro, e mesmo isso, às vezes, era uma desilusão.

*

Era sábado à noite, cerca de duas semanas depois do incidente das provetas. Elizabeth tinha comprado bilhete para *Mikado*, uma opereta supostamente divertida. Embora estivesse há bastante tempo cheia de vontade de a ver, à medida que a história se desenrolou apercebeu-se de que não lhe achava graça nenhuma. As letras eram racistas, os atores eram brancos, e era mais do que evidente que a personagem feminina principal ia arcar com as culpas dos delitos de todos os outros. Só lhe fazia lembrar o seu trabalho. Decidiu poupar a si própria mais sofrimento e sair ao intervalo.

Por coincidência, Calvin Evans estava também no teatro nessa noite e, se tivesse conseguido prestar atenção ao palco, provavelmente partilharia a maior parte das opiniões de Elizabeth. No entanto, estava no primeiro encontro com uma secretária do Departamento de Biologia e sentia-se terrivelmente maldisposto. O encontro fora um erro: a secretária convidara-o para a opereta apenas porque julgava que a sua fama significava que ele era rico; e Calvin, em reação ao perfume intenso que ela usava, pestanejava várias vezes, o que ela interpretou como um «Sim, adorava.»

A má-disposição começara no primeiro ato, mas no final do segundo tornara-se praticamente insustentável.

– Desculpe – murmurou –, mas não me sinto bem. Tenho de sair daqui.

– Como assim? – disse ela, desconfiada. – Parece-me ótimo.

– Estou agoniado – respondeu ele.

– Bom, lamento muito, mas comprei este vestido especialmente para esta noite – disse ela –, e não tenciono sair daqui antes de o ter usado as quatro horas que planeei.

Calvin atirou algum dinheiro para o táxi na direção aproximada do rosto estupefacto da sua companheira e correu para o átrio, com uma mão sobre a barriga, enquanto se dirigia à casa de banho rapidamente mas com o cuidado de não sacudir demasiado o estômago à beira da explosão.

Noutra coincidência, Elizabeth chegara ao átrio ao mesmo tempo e, tal como Calvin, também ela se dirigia à casa de banho. Porém, quando viu a longa fila, deu meia-volta, aborrecida, e ao fazê-lo colidiu de frente com Calvin, que vomitou instantaneamente em cima dela.

– Oh, meu Deus – disse ele, entre arquejos. – Oh, valha-me Deus.

Elizabeth, depois de um instante de choque, recompôs-se e, ignorando o que ele lhe deixara no vestido, pousou-lhe a mão nas costas curvadas, num gesto de conforto.

– Este homem está doente – disse na direção da fila para a casa de banho, ainda sem se ter apercebido de quem era. – Alguém pode chamar um médico?

Mas ninguém o fez. Todos os espectadores do teatro que aguardavam para ir à casa de banho abandonaram de imediato a área, em fuga do cheiro nauseabundo e do som de vômitos violentos.

– Oh, meu Deus – repetiu Calvin uma e outra vez, agarrado à barriga –, *oh, meu Deus*.

– Eu vou buscar uma toalha de papel – disse Elizabeth amavelmente. – E chamar-lhe um táxi. – Só então é que olhou bem para a cara dele e disse: – Espere aí, eu não o conheço?

*

Vinte minutos depois, estava a ajudá-lo a entrar em casa.

– Penso que podemos excluir a dispersão aerossolizada de difenilaminoarsina – disse Elizabeth –, uma vez que mais ninguém foi

afetado.

– Guerra química? – gemeu ele, agarrado ao estômago. – Espero que sim.

– Provavelmente foi apenas qualquer coisa que comeu – disse ela. – Intoxicação alimentar.

– Oh – lamentou-se Calvin. – Estou tão envergonhado. Peço *tanta* desculpa. O seu vestido. Eu pago a limpeza.

– Não se preocupe – disse ela. – Foram só uns salpicos.

Ajudou-o a chegar ao sofá, onde ele se deixou cair, sem forças.

– Não me lembro sequer da última vez que vomitei. Muito menos em *público*.

– São coisas que acontecem.

– Eu estava num encontro – disse ele. – Imagine! Deixei-a lá sozinha.

– Não! – exclamou Elizabeth, e tentou lembrar-se da última vez que saíra com alguém.

Ficaram alguns minutos em silêncio e depois ele fechou os olhos. Elizabeth entendeu ser a sua deixa para sair.

– Peço desculpa, mais uma vez – murmurou ele, enquanto ela se dirigia à porta.

– Por favor, não há necessidade de pedir desculpa. Foi uma reação, uma incompatibilidade química. Somos cientistas. Compreendemos estas coisas.

– Não, não – disse ele debilmente, ansioso por esclarecer a sua intenção.

– Por ter partido do princípio de que era uma secretária, naquele dia... por lhe ter dito para pedir ao seu chefe que me ligasse – disse. – Peço muita desculpa.

Elizabeth não tinha resposta para isto.

– Nunca fomos formalmente apresentados – disse ele. – Eu sou o Calvin Evans.

– Elizabeth Zott – respondeu ela, enquanto pegava nas suas coisas.

– Bom, Elizabeth Zott – disse ele, com um sorriso fraco –, salvou-me a vida.

Mas era evidente que ela não tinha ouvido.

*

– A minha pesquisa sobre ADN centrava-se nos ácidos polifosfóricos como agentes de condensação – disse ela a Calvin enquanto bebiam um café no refeitório, na semana seguinte. – E estava a correr muito bem... até

agora. O mês passado fui transferida para outro projeto. Um estudo de aminoácidos.

– Mas porquê?

– O Donatti... trabalha para ele também, não é? Seja como for, ele decidiu que o meu trabalho era desnecessário.

– Mas a pesquisa sobre agentes de condensação é vital para uma melhor compreensão do ADN...

– Sim, eu sei, *eu sei* – concordou ela. – Era o que eu planeava estudar para o meu doutoramento. Embora o meu interesse seja a abiogénese.

– Abiogénese? A teoria de que a vida evoluiu a partir de formas simplistas e não vivas? Fascinante. Mas não é doutorada.

– Não.

– Mas a abiogénese é território de doutorados.

– Tenho o mestrado em Química pela UCLA.

– Ah, a academia – disse ele com um aceno compreensivo. – Fartou-se e quis seguir outro caminho.

– Não propriamente.

Seguiu-se um longo momento de silêncio constrangido.

– Oiça – recomeçou ela, respirando fundo. – A minha hipótese sobre ácidos polifosfóricos é esta.

Quando deu por isso, estava a falar com ele há mais de uma hora, e Calvin ia tirando apontamentos e acenando com a cabeça, interrompendo-a de vez em quando com perguntas complexas às quais ela respondia sem dificuldade.

– Estaria mais adiantada – disse Elizabeth –, mas, como lhe disse, fui «transferida». E, antes disso, obter os materiais básicos para continuar o meu trabalho era quase impossível.

Fora por isso, explicou, que se vira reduzida a roubar equipamento e materiais de outros laboratórios.

– Mas porque é que é tão difícil conseguir equipamento? – quis saber Calvin. – O Hastings não tem falta de dinheiro.

Elizabeth olhou para ele como se lhe tivesse perguntado por que raio havia crianças a passar fome na China quando tinham tantos arrozais.

– Discriminação sexual – respondeu, tirando o lápis número dois que trazia sempre atrás da orelha ou a prender o cabelo, e batendo com ele na

mesa para sublinhar as palavras. – E também política, favoritismo, desigualdade e injustiça de um modo geral.

Calvin mordeu o lábio.

– Mas principalmente discriminação sexual – concluiu ela.

– Mas como assim, discriminação sexual? – perguntou ele com ar inocente. – Porque não havíamos de querer mulheres na ciência? Isso não faz sentido. Precisamos de todos os cientistas que conseguirmos.

Elizabeth fitou-o, estupefacta. Tinha a impressão de que Calvin Evans era um homem inteligente, mas compreendeu agora que era uma daquelas pessoas que conseguem ser inteligentes apenas numa área limitada. Estudou-o mais atentamente, como se quisesse perceber o que teria de dizer para o fazer entender. Apanhou o cabelo com as duas mãos, enrolou-o e prendeu-o com o lápis.

– Quando estava em Cambridge – começou, em tom cauteloso, voltando a apoiar as mãos na mesa –, quantas mulheres cientistas conheceu?

– Nenhuma. Mas a minha faculdade era só para homens.

– Oh, estou a ver – disse ela. – Mas com certeza que as mulheres tinham oportunidades iguais noutra instituição, certo? Então quantas mulheres cientistas conhece? E não diga Madame Curie.

Ele retribuiu o olhar e pressentiu que estava à beira de se meter em sarilhos.

– O problema, Calvin – afirmou ela –, é que metade da população está a ser desperdiçada. O problema não é só eu não conseguir arranjar materiais para concluir o meu trabalho, é que as mulheres não conseguem obter a educação de que precisam para fazer aquilo que *deviam* poder fazer. E mesmo que frequentem a universidade, nunca será num lugar como Cambridge. O que significa que não terão acesso às mesmas oportunidades nem lhes será oferecido o mesmo respeito. Começarão por baixo, e é por baixo que ficarão. E nem me faça falar do salário. E tudo porque não frequentaram uma instituição de ensino que, para começar, nunca as admitiria.

– Está a dizer – respondeu ele lentamente – que existem mais mulheres que, na realidade, querem trabalhar na área da ciência.

Ela arregalou os olhos.

– *Claro que queremos.* Na ciência, na medicina, nos negócios, na música, na matemática. É só escolher uma área.

E depois fez uma pausa porque, na realidade, só conhecera meia dúzia de mulheres que queriam trabalhar em ciência ou em qualquer outra área, a bem da verdade. A maioria das mulheres que conhecera na universidade afirmava estar ali apenas para arranjar marido. Era desconcertante, como se todas tivessem bebido qualquer coisa que as deixara temporariamente loucas.

– Mas, em vez disso – continuou –, as mulheres estão em casa, a fazer bebés e a limpar tapetes. É uma escravatura legalizada. Mesmo as mulheres que querem ser donas de casa são muito mal compreendidas no seu trabalho. Os homens parecem pensar que a maior decisão que uma mãe de cinco filhos tem de fazer ao longo do dia é de que cor há de pintar as unhas.

Calvin imaginou cinco crianças e estremeceu.

– Em relação ao seu trabalho – disse, tentando redirecionar a batalha –, acho que posso resolver o assunto.

– Não preciso que resolva nada – disse ela. – Sou perfeitamente capaz de resolver os meus próprios problemas.

– Não é nada.

– Desculpe?

– Não pode resolvê-los porque não é assim que o mundo funciona. A vida não é justa.

Isto enfureceu-a – que *ele* estivesse a falar de injustiça com *ela*, quando não tinha qualquer conhecimento sobre o assunto. Abriu a boca, mas ele cortou-lhe a palavra.

– Oiça – disse –, a vida nunca foi justa e mesmo assim você continua a agir como se fosse... como se, depois de corrigir algumas injustiças, tudo o resto pudesse entrar nos eixos. Mas não é o que vai acontecer. Quer o meu conselho? – E, antes que ela pudesse dizer que não, acrescentou: – Não tente mudar o sistema. Dê-lhe a volta.

Elizabeth ficou sentada em silêncio, a pensar nas palavras dele. Faziam sentido, de forma irritante e terrivelmente injusta.

– Agora veja bem esta coincidência tão feliz: há um ano que ando a tentar repensar os ácidos polifosfóricos sem chegar a lado nenhum. A sua investigação pode alterar isso. Se eu disser ao Donatti que preciso de trabalhar com as suas descobertas, você estará de volta ao projeto amanhã mesmo. E ainda que eu não precisasse do seu trabalho... e preciso... estou

em dívida para consigo. Primeiro por lhe ter chamado secretária, e depois por lhe ter vomitado em cima.

Elizabeth continuou a fitá-lo em silêncio. Embora contra vontade, a ideia começava a agradar-lhe. Não queria: não gostava de pensar que era preciso dar a volta aos sistemas. Porque é que os sistemas não podiam ser justos em si mesmos? E não gostava, de forma alguma, de aceitar favores. Era algo que, na sua opinião, raiava a batota. No entanto, ela tinha os seus objetivos, e, raios, por que diabo havia de ficar sentada de braços cruzados? Ninguém chegava a lado nenhum se ficasse sentado de braços cruzados.

– Oiça – disse, em tom contundente, enquanto afastava uma madeixa de cabelo do rosto –, espero que não pense que estou a tirar conclusões precipitadas, mas já tive problemas no passado e quero deixar isto bem claro: não vou ter qualquer relação consigo. Isto é trabalho, nada mais. Não estou interessada em mais nada.

– Nem eu – insistiu ele. – Trabalho. Mais nada.

– Mais nada.

E depois pegaram nas chávenas e pires e afastaram-se em direções opostas, ambos a desejar desesperadamente que o outro não estivesse a ser sincero.

CAPÍTULO 4

Introdução à Química

Cerca de três semanas mais tarde, Calvin e Elizabeth estavam a sair para o parque de estacionamento e a discutir em tom acalorado.

– A sua ideia está completamente equivocada – disse ela. – Não leva em consideração a natureza fundamental da síntese proteica.

– Pelo contrário – disse ele, enquanto pensava que nunca ninguém lhe dissera que alguma das suas ideias estava equivocada e que, agora que isso acontecera, percebia que não lhe agradava muito –, não acredito que está a ignorar por completo a estrutura molec...

– Não estou a ignorar...

– Esquece-se dos dois elos covalentes...

– São *três* elos covalentes...

– Sim, mas apenas quando...

– Oiça – interrompeu ela em tom cortante quando pararam em frente do carro dela. – Isto é um problema.

– O que é um problema?

– *Você* – declarou ela com firmeza, apontando para ele com ambas as mãos. – *Você* é um problema.

– Por discordarmos?

– O problema não é esse.

– Bom, então *qual* é? – insistiu Calvin.

– É... – Elizabeth agitou a mão num gesto vago e olhou para a distância.

Calvin suspirou, pousou a mão no tejadilho do velho *Plymouth* azul de Elizabeth e esperou pela rejeição que sabia estar iminente.

Nas últimas semanas, ele e Elizabeth tinham-se encontrado seis vezes – duas para almoçar e quatro para tomar café – e todas essas ocasiões tinham sido, em simultâneo, o melhor e o pior momento do seu dia. O melhor porque ela era a mulher mais inteligente, perspicaz, intrigante – e, sim –

mais assustadoramente atraente que ele já conhecera. O pior porque ela parecia sempre cheia de pressa para se ir embora. E, quando ela o deixava, Calvin ficava desesperado e deprimido o resto do dia.

– As recentes descobertas sobre os bichos-da-seda – estava ela a dizer. – No último número do *Science Journal*. Era a isso que me referia quando falava na parte complicada.

Calvin acenou com a cabeça como se compreendesse, mas não compreendia, e não era só a questão dos bichos-da-seda. De cada vez que se encontravam, ele fazia tudo por tudo para provar que não tinha qualquer interesse nela para além do profissional. Nunca se oferecera para pagar os cafés, nunca lhe perguntara se queria ajuda com o tabuleiro do almoço, nem sequer abria a porta para ela passar – incluindo numa ocasião em que ela tinha os braços tão cheios de livros que nem lhe via a cabeça. E não desfalecera daquela vez em que ela colidira sem querer com ele junto ao lavatório e lhe sentira o cheiro do cabelo. Calvin nem sequer sabia que o cabelo de uma pessoa podia cheirar assim – como se tivesse sido lavado numa bacia de flores.

E o facto de ela não lhe dar qualquer reconhecimento por esta atitude «trabalho e nada mais» era enfurecedor.

– A parte sobre o bombicol – disse ela. – Nos bichos-da-seda.

– Claro – respondeu ele atrapalhado, a recordar como fora estúpido quando a conhecera. Chamara-lhe secretária. Correria com ela do laboratório. E depois? Vomitara-lhe em cima. Ela dizia que não tinha importância, mas alguma vez voltara a usar aquele vestido amarelo? Não. Era evidente para ele que, embora Elizabeth dissesse não lhe ter guardado rancor, estava a mentir. Sendo um campeão na área do rancor, ele sabia como as coisas funcionavam.

– É um mensageiro químico – disse ela. – Nas fêmeas de bicho-da-seda.

– Vermes – disse ele em tom sarcástico. – Fantástico.

Ela recuou um passo, surpreendida com a indiferença dele.

– Não está interessado – disse, e um rubor espalhou-se pelas suas orelhas.

– De todo.

Elizabeth susteve a respiração e remexeu na mala à procura das chaves do carro.

Que grande desilusão. Encontrara finalmente alguém com quem conseguia conversar – um homem que achava infinitamente inteligente, perspicaz, intrigante (e assustadoramente atraente quando sorria) – e ele não estava interessado nela. De todo. Tinham-se encontrado seis vezes nas últimas semanas e em todas essas ocasiões ela mantivera uma postura profissional e ele também – embora, no caso dele, quase ao ponto de ser mal-educado. Naquele dia em que ela nem conseguia ver a porta, com os braços cheios de livros? Calvin nem se dera ao trabalho de esboçar um gesto para a ajudar. E contudo, de cada vez que estavam juntos, ela sentia uma vontade quase irresistível de o beijar. O que era *extremamente* invulgar nela. E ao mesmo tempo, depois de cada encontro – aos quais ela punha fim o mais depressa que podia, com medo de o beijar *mesmo* – ficava desesperada e deprimida o resto do dia.

– Tenho de ir andando – disse.

– Trabalho, como sempre – retorquiu ele. Mas nenhum se mexeu, limitando-se a virar a cabeça em direções opostas como se estivessem à procura da pessoa com quem vinham encontrar-se no parque de estacionamento, apesar de serem quase sete horas de sexta-feira e haver apenas dois carros no lote do lado sul: o dele e o dela.

– Planos divertidos para o fim de semana? – arriscou ele por fim.

– Sim – mentiu ela.

– Bom fim de semana – retorquiu ele. Depois virou costas e afastou-se.

Ela ficou a olhar para ele por um instante, depois entrou no carro e fechou os olhos. Calvin não era estúpido. Lia o *Science Journal*. Devia saber o que ela estava a sugerir quando mencionara o bombicol, a feromona libertada pelas fêmeas do bicho-da-seda para atraírem os machos. *Vermes*, dissera ele, de forma quase cruel. Que estúpido. E que idiota fora ela – ao abordar de forma tão descarada o tema do amor num parque de estacionamento, apenas para ser rejeitada.

Não está interessado, dissera ela.

De todo, respondera ele.

Abriu os olhos e enfiou a chave na ignição. Provavelmente Calvin partira do princípio de que ela só queria mais equipamento de laboratório. Porque, na cabeça de um homem, que outro motivo teria uma mulher para mencionar o bombicol ao final de uma sexta-feira num parque de estacionamento vazio, com a brisa suave de oeste a soprar o aroma do seu

champô extremamente caro na direção das cavidades nasais dele, a menos que fizesse tudo parte de um plano para arranjar provetas? Não lhe ocorria mais nenhum motivo. A não ser o verdadeiro. Estava a apaixonar-se por ele.

Nesse momento, um barulho seco do seu lado esquerdo sobressaltou-a. Ergueu os olhos e viu Calvin a fazer-lhe sinal para abrir a janela.

– Não estou interessada no raio do seu equipamento de laboratório! – exclamou ela assim que baixou o vidro que os separava.

– E o problema não sou eu – retorquiu ele, inclinando-se para a fitar.

Elizabeth devolveu o olhar, furiosa. Como é que ele se *atrevia*?

Calvin fitou-a também. Como é que *ela* se atrevia?

E depois Elizabeth sentiu de novo aquele impulso que se apoderava sempre de si quando estava com ele, mas desta vez cedeu-lhe, pegou no rosto de Calvin com as duas mãos, puxou-o para o seu, e aquele primeiro beijo cimentou um elo permanente que nem a química conseguiria explicar.

CAPÍTULO 5

Valores familiares

Os colegas de laboratório partiam do princípio de que Elizabeth andava com Calvin Evans apenas por um motivo: a fama dele. Com Calvin do seu lado, ela era intocável. Mas a razão era muito mais simples. «Porque o amo», teria ela dito se alguém lhe perguntasse. Mas ninguém perguntou.

Era a mesma coisa para ele. Se alguém lhe tivesse perguntado, Calvin teria dito que Elizabeth Zott era a coisa mais preciosa do mundo para ele, e não por ser bonita, e não por ser inteligente, mas porque ela o amava e ele a amava com um certo tipo de plenitude, de convicção, de fé, que sublinhava o quão eram devotados um ao outro. Eram mais do que amigos, mais do que confidentes, mais do que aliados e mais do que amantes. Se as relações são um *puzzle*, a deles estava resolvida desde o primeiro momento – como se alguém sacudisse as peças da caixa e as visse cair todas na posição exata, encaixando umas nas outras, totalmente montadas, numa imagem que fazia perfeito sentido. Eram a inveja de todos os casais.

À noite, depois de fazerem amor, deitavam-se sempre na mesma posição, de costas, a perna dele sobre a dela, o braço dela em cima da coxa dele, Calvin com a cabeça inclinada para a de Elizabeth, e falavam: às vezes sobre os seus desafios, outras vezes sobre o futuro, quase sempre sobre o trabalho. Apesar da fadiga pós-coital, as suas conversas prolongavam-se muitas vezes até de madrugada, e sempre que falavam sobre qualquer descoberta ou fórmula, a dada altura um deles tinha de se levantar para tirar alguns apontamentos. Embora o facto de estarem juntos costumasse afetar de forma negativa o trabalho de alguns casais, com Elizabeth e Calvin dava-se o oposto. Estavam a trabalhar mesmo quando *não* estavam a trabalhar – alimentavam a criatividade e capacidade de invenção um do outro com novos pontos de vista – e, embora a comunidade científica viesse a ficar mais tarde deslumbrada com a produtividade deles, provavelmente teriam

ficado ainda mais deslumbrados se soubessem que a maior parte do trabalho fora produzido enquanto estavam ambos nus.

*

– Ainda estás acordada? – murmurou Calvin com hesitação uma noite, na cama. – Queria falar contigo sobre uma coisa. Tem a ver com o Dia de Ação de Graças.

– O que é?

– Bom, está a chegar e queria perguntar-te se vais a casa e, se fores, se não me queres convidar para ir também e... – fez uma pausa antes de se lançar de cabeça – ...conhecer a tua família.

– O *quê*? – murmurou Elizabeth. – A *casa*? Não. Não vou a casa. Pensei que podíamos festejar o Dia de Ação de Graças aqui. Juntos. A menos que... Bom. *Tu* estavas a pensar em ir a casa?

– De maneira nenhuma – disse ele.

*

Nos últimos meses, Calvin e Elizabeth tinham falado sobre quase tudo – livros, carreiras, crenças, aspirações, filmes, política, até alergias. Havia apenas uma exceção óbvia: família. Não fora intencional – pelo menos, ao princípio –, mas depois de meses sem que o assunto fosse abordado, começou a tornar-se evidente que podia bem nunca vir a ser.

Não queria dizer que não sentissem curiosidade em relação às raízes um do outro. Quem é que não quer mergulhar na parte funda da infância da outra pessoa e conhecer todos os suspeitos do costume – o progenitor severo, os irmãos competitivos, a tia maluca? Ninguém, e eles também não.

Assim, o tema da família era como uma sala num edifício histórico onde não se podia entrar. A porta estava vedada com uma corda mas aberta, e era possível espreitar e ficar com a vaga ideia de que Calvin crescera algures (Massachusetts?) e que Elizabeth tinha irmãos (ou irmãs?) – mas nunca houvera oportunidade de entrar e vasculhar no armário da casa de banho. Até que Calvin falou no Dia de Ação de Graças.

– Não acredito que vou perguntar isto – arriscou ele por fim, no silêncio pesado que se seguiu. – Mas acabo de perceber que nem sei de onde és.

– Oh – disse Elizabeth. – Bom... do Oregon, em geral. E tu?

– Iowa.

– A sério? – perguntou ela. – Pensava que eras de Boston.
– Não – respondeu ele rapidamente. – Irmãos? Irmãs?
– Um irmão – disse ela. – E tu?
– Não, nenhum – O tom dele era inexpressivo.
Ficou deitada em silêncio, ao ouvir o tom de voz dele.
– Sentias-te sozinho? – perguntou, por fim.
– Sim – respondeu ele, sem rodeios.
– Lamento muito – disse ela, e pegou-lhe na mão por baixo dos lençóis. –
Os teus pais não queriam ter mais filhos?
– Não sei bem – disse ele, em voz rouca. – Não é propriamente o tipo de
coisa que um filho pergunta aos pais, pois não? Mas acho que queriam. De
certeza.
– Mas então...
– Eles morreram quando eu tinha cinco anos. A minha mãe estava grávida
de oito meses.
– Oh, meu Deus. Tenho tanta pena, Calvin – disse Elizabeth, e sentou-se
na cama. – O que *aconteceu*?
– Um comboio – explicou ele em tom casual. – Foram colhidos.
– Oh, Calvin... não fazia ideia.
– Não faz mal – disse ele. – Foi há muito tempo. Mal me lembro deles.
– Mas...
– É a tua vez – interrompeu ele abruptamente.
– Não, espera, espera, Calvin, quem é que te *criou*?
– Fiquei com a minha tia. Mas depois ela também morreu.
– O quê? *Como*?
– Íamos no carro e ela teve um ataque cardíaco. O carro galgou o passeio
e bateu contra uma árvore.
– Meu Deus!
– É uma espécie de tradição de família. Morrer em acidentes.
– Não tem graça nenhuma.
– Não estava a tentar ser engraçado.
– Quantos anos tinhas? – insistiu Elizabeth.
– Seis.
Ela fechou os olhos com força.
– E depois foste colocado num... – Não terminou a frase.
– Num lar católico para rapazes.

– E?... – perguntou ela, ao mesmo tempo que se odiava a si própria por isso. – Como era?

Ele fez uma pausa, como se estivesse à procura de uma resposta honesta para uma pergunta tão obscenamente simples.

– Difícil – disse, por fim, em voz tão baixa que ela mal o ouviu.

A quatrocentos metros, um comboio apitou e Elizabeth encolheu-se. Quantas noites estivera Calvin ali deitado, a ouvir aquele apito e a pensar nos pais mortos, no irmão que não chegara a sê-lo, sem dizer uma palavra? A menos que nunca pensasse nisso – dissera mal se recordar deles. Mas de quem é que se *lembrava*? E *como* tinham sido essas pessoas? E quando dissera «difícil», o que queria exatamente dizer com isso? Elizabeth queria fazer-lhe estas perguntas, mas o tom dele – tão sombrio e grave e estranho – avisara-a para não insistir. Queria saber mais sobre o resto da sua vida. Como é que aprendera a remar no meio do Iowa, como é que conseguira chegar a Cambridge para se juntar à equipa de remo? E a universidade? Quem é que pagara tudo isso? E a sua formação anterior? Não lhe parecia que um lar para rapazes no Iowa oferecesse muitas oportunidades de aprendizagem. Uma coisa é ser brilhante, mas ser brilhante sem oportunidades – isso era outra história. Se Mozart tivesse nascido numa família pobre em Bombaim e não numa família culta em Salzburgo, teria composto a Sinfonia n.º 36 em Dó? Nem pensar nisso. Então como é que Calvin viera do nada e se tornara um dos cientistas mais respeitados do mundo?

– Oregon, dizias tu – disse ele, em tom inexpressivo, enquanto a puxava de novo para si.

– Sim – respondeu ela, agora angustiada com a perspetiva de contar a sua história.

– Costumas lá ir com frequência? – perguntou ele.

– Nunca.

– Mas *porquê*? – quase gritou Calvin, chocado por ela estar a desperdiçar uma família perfeitamente em bom estado. Pelo menos, que ainda estava viva.

– Motivos religiosos.

Calvin fez uma pausa, como se não tivesse percebido.

– O meu pai era um... uma espécie de especialista religioso – explicou ela.

– Um quê?

– Como um vendedor de Deus.

– Não estou a perceber...

– Pregava a desgraça e a perdição para fazer dinheiro. Sabes ao que me refiro – disse, com a voz carregada de embaraço –, aqueles tipos que juram que o fim está próximo mas eles têm uma solução... um batismo especial, por exemplo, ou um amuleto caro... que adiará o Dia do Julgamento por mais algum tempo.

– Há quem ganhe a vida a fazer isso?

Elizabeth olhou para ele.

– Oh, sim.

Calvin ficou calado mais algum tempo, a tentar imaginar.

– Seja como for – continuou ela –, por causa disso tínhamos de nos mudar com frequência. Não se pode continuar a dizer a toda a gente que o fim está próximo se o fim nunca chegar.

– E a tua mãe?

– Ela fazia os amuletos.

– Não, o que quero dizer é se ela também era muito religiosa?

Elizabeth hesitou.

– Só se considerarmos a ganância uma religião. Há muita concorrência nessa área, Calvin... é extremamente lucrativa. Mas o meu pai era particularmente talentoso, e o *Cadillac* novo que comprava todos os anos provava-o. Na verdade, penso que aquilo que o destacava em relação aos outros era o seu talento para combustão espontânea.

– Espera... O quê?

– É muito difícil ignorar alguém que grita «Dá-me um sinal!» e depois qualquer coisa começa a arder.

– Espera. Estás a dizer que...

– Calvin – interrompeu ela, recuperando o habitual tom científico –, sabias que os pistácios são naturalmente inflamáveis? Tem a ver com o elevado teor de gordura. Normalmente, os pistácios têm de ser armazenados em condições de humidade, temperatura e pressão bastante controladas, mas quando estas condições se alteram, as enzimas que se ligam à gordura no pistácio produzem ácidos gordos livres que se decompõem quando a semente recebe oxigénio e liberta dióxido de carbono. Resultado? Fogo. Dou ao meu pai crédito por duas coisas: era capaz de conjurar uma

combustão espontânea sempre que precisava de um conveniente sinal de Deus. – Abanou a cabeça. – Gastávamos muitos pistácios.

– E a outra? – perguntou ele, assombrado.

– Foi ele quem me fez interessar pela química. – Suspirou. – Devia estar-lhe grata por isso, suponho – disse, com azedume. – Mas não estou.

Calvin virou a cabeça para a esquerda e tentou disfarçar a desilusão. Nesse momento, apercebeu-se de como queria conhecer a família dela – o quanto sonhara poder sentar-se à volta de uma mesa no Dia de Ação de Graças, rodeado de pessoas que seriam finalmente dele, porque ele era dela.

– Onde está o teu irmão? – perguntou.

– Morto – disse ela em tom seco. – Suicídio.

– *Suicídio?* – Calvin sentiu o ar abandonar-lhe os pulmões. – *Como?*

– Enforcou-se.

– Mas... mas *porquê?*

– Porque o meu pai lhe disse que Deus o odiava.

– Mas... mas...

– Como já disse, o meu pai era muito convincente. Se o meu pai dizia que Deus queria alguma coisa, geralmente conseguia-a sempre. E quando digo Deus, refiro-me ao meu pai.

Calvin sentiu o estômago apertado.

– Tu e ele eram próximos?

Ela respirou fundo.

– Sim.

– Mas não compreendo – insistiu ele. – Porque é que o teu pai faria uma coisa dessas?

Olhou para o teto escuro. Não tinha muita experiência com família, mas sempre partira do princípio de que fazer parte de uma família era importante: um pré-requisito para a estabilidade, aquilo em que uma pessoa se apoiava para ultrapassar tempos difíceis. Nunca lhe ocorrera que uma família podia *causar* os tempos difíceis.

– O John... o meu irmão... era homossexual – disse Elizabeth.

– Oh! – exclamou ele, como se agora compreendesse. – Lamento muito.

Ela soergueu-se num cotovelo e olhou para ele na penumbra.

– O que é que queres dizer com *isso?* – inquiriu.

– Bem, mas... como é que sabias? Com certeza que ele não te disse que o era.

– Sou cientista, Calvin, lembras-te? Eu *sabia*. De qualquer maneira, não há nada de errado na homossexualidade; é perfeitamente normal... um facto básico da biologia humana. Não percebo como é que as pessoas não sabem disso. Já ninguém lê Margaret Mead? A questão é que eu sabia que o John era homossexual, e ele sabia que eu sabia. Falámos sobre o assunto. Não foi uma escolha; fazia simplesmente parte de quem ele era. E o melhor – disse, com expressão melancólica –, é que ele também sabia em relação a mim.

– Sabia que tu eras...

– Uma *cientista*! – interrompeu Elizabeth. – Ouve, percebo que talvez seja difícil para ti aceitares isto, tendo em conta as circunstâncias terríveis da tua vida, mas o facto de nascermos numa determinada família não significa necessariamente que seja lá o nosso lugar.

– Mas...

– Não. Tens de compreender uma coisa, Calvin. Pessoas como o meu pai pregam o amor, mas estão repletos de ódio. Qualquer pessoa que ameace as suas crenças limitadas, não é tolerada. O dia em que a minha mãe apanhou o meu irmão de mão dada com outro rapaz, acabou-se tudo. Depois de passar um ano a ouvir que era uma aberração e não merecia viver, ele pegou numa corda e foi para o telheiro.

Disse-o em voz demasiado aguda, como se estivesse a esforçar-se para não chorar. Calvin puxou-a para si e ela deixou-se envolver pelos braços dele.

– Quantos anos tinhas? – perguntou.

– Dez – disse ela. – O John tinha dezassete.

– Fala-me mais sobre o teu irmão – pediu. – Como é que ele era?

– Oh, sabes como é – murmurou Elizabeth. – Carinhoso. Protetor. Era o John que lia para mim todas as noites, que me tratava os joelhos esfolados, foi ele quem me ensinou a ler e a escrever. Mudávamos constantemente de casa e eu nunca tive jeito para fazer amigos, de qualquer maneira, mas tinha o John. Passávamos a maior parte do tempo na biblioteca. Tornou-se o nosso santuário... a única coisa com que podíamos contar, fosse em que terra fosse. Agora que penso nisso, até tem uma certa piada.

– Como assim?

– Porque santuário era o *negócio* dos meus pais.

Ele acenou com a cabeça.

– Uma coisa que aprendi, Calvin: as pessoas anseiam sempre por uma solução simples para problemas complicados. É muito mais fácil ter fé em algo que não conseguem ver, tocar, explicar, mudar, do que ter fé em algo que depende deles. – Suspirou. – Em si próprios, quero eu dizer – acrescentou, com um aperto no estômago.

Ficaram algum tempo em silêncio, ambos mergulhados na infelicidade do respetivo passado.

– Onde estão os teus pais agora?

– O meu pai está na prisão. Um dos seus sinais de Deus acabou por matar três pessoas. Quanto à minha mãe, divorciou-se dele, voltou a casar-se e mudou-se para o Brasil. Onde não há leis de extradição. Não sei se mencionei que os meus pais nunca pagaram impostos.

Calvin assobiou baixinho. Quando uma pessoa é criada com uma dieta constante de tristeza, é difícil imaginar que os outros podem ter tido doses ainda mais generosas.

– Então depois de o teu irmão... morrer... ficaste sozinha com os teus pais...

– Não – interrompeu Elizabeth. – Era só eu. Os meus pais chegavam a estar fora semanas seguidas, e sem o John tive de me tornar autossuficiente. E foi o que fiz. Aprendi a cozinhar, a fazer pequenos trabalhos em casa.

– E a escola?

– Já te disse... ia à biblioteca.

– Só isso?

Ela virou-se para ele.

– Só isso.

Ficaram ali deitados lado a lado, como árvores tombadas. A alguns quarteirões de distância, soou o sino de uma igreja.

– Quando eu era pequeno – disse Calvin baixinho –, costumava dizer a mim próprio que todos os dias eram novos. Que qualquer coisa podia acontecer.

Ela pegou-lhe outra vez na mão.

– E isso ajudava?

Os cantos da boca de Calvin viraram-se para baixo ao recordar o que o bispo no lar para rapazes lhe revelara sobre o pai.

– Acho que aquilo que quero dizer é que não devíamos ficar presos no passado.

Ela assentiu em silêncio, enquanto imaginava um menino órfão a tentar persuadir-se a si próprio de que o futuro seria melhor. Era preciso uma coragem especial para uma criança passar pelo pior possível e, apesar de todas as leis do Universo e de todas as evidências em contrário, decidir que o dia seguinte podia ser melhor.

– Todos os dias são novos – repetiu Calvin, como se ainda fosse essa criança. Mas a memória daquilo que ficara a saber sobre o pai ainda era demasiado para ele, e não continuou. – Estou cansado. Vamos ficar por aqui?

– Devíamos dormir – disse ela, mas não bocejou.

– Podemos falar sobre isto noutra altura – disse ele, deprimido.

– Talvez amanhã – mentiu ela.

CAPÍTULO 6

No refeitório do Instituto Hastings

Não há nada mais irritante do que assistir ao quinhão de sorte injusto de outra pessoa – e, para alguns dos seus colegas no Instituto de Investigação Hastings, Elizabeth e Calvin tinham um quinhão de sorte muito injusto. Ele, porque era brilhante; ela, porque era bonita. Quando se tornaram um casal, os seus quinhões injustos duplicaram automaticamente, agravando de forma exponencial a injustiça da situação.

E o pior, de acordo com estas pessoas, era que eles não tinham conquistado o seu quinhão de sorte – tinham simplesmente nascido assim, o que significava que este quinhão de sorte injusto não derivava de trabalho árduo, mas de mero acaso genético. E o facto de os dois terem decidido combinar os seus dons imerecidos numa relação afetuosa e provavelmente muito sexual, que os restantes tinham de ver todos os dias à hora de almoço, só agravava ainda mais as coisas.

*

– Aí vêm eles – disse um geólogo do sétimo piso. – Batman e Robin.

– Ouvi dizer que estão a viver juntos... sabias? – perguntou-lhe o colega de laboratório.

– *Toda a gente* sabe disso.

– Eu não sabia – disse em tom aborrecido um terceiro, chamado Eddie.

Os três geólogos viram Elizabeth e Calvin escolher uma mesa vazia no meio do refeitório, com o barulho dos tabuleiros e dos talheres a ecoar à volta deles como tiros de metralhadora. Enquanto o fedor do *strogonoff* da cantina ameaçava asfixiar o resto dos comensais, Calvin e Elizabeth pousaram algumas caixas *Tupperware* abertas em cima da mesa. Frango com parmesão. Batatas *au gratin*. Uma salada qualquer.

– Oh, estou a ver – disse um dos geólogos. – Parece que a comida do refeitório não é suficientemente boa para eles.

– Até o meu gato come melhor do que isto – disse o outro geólogo, afastando o tabuleiro.

– Olá, rapazes! – cantarolou Miss Frask, uma secretária do Departamento de Pessoal, de ancas generosas e disposição demasiado esfuziante. Frask pousou o tabuleiro e pigarreou enquanto esperava que Eddie, um técnico do laboratório de Geologia, lhe puxasse a cadeira. Frask namorava com Eddie há três meses e, embora gostasse de poder afirmar que estava tudo ótimo, a verdade é que não estava. Eddie era imaturo e tinha tendências abrutalhadas. Mastigava de boca aberta, ria-se de piadas sem graça nenhuma e dizia coisas como «*boa cumó milho*». Ainda assim, Eddie tinha uma coisa importante a seu favor: era solteiro.

– Ora, obrigada, Eddie – disse, quando ele se inclinou e puxou a cadeira para ela se sentar. – Que querido!

– Sente-se por sua conta e risco – avisou um dos geólogos, inclinando a cabeça na direção aproximada de Calvin e Elizabeth.

– Então porquê? – perguntou ela. – O que estamos a ver? – Virou-se na cadeira para seguir o olhar deles. – Por amor de Deus – disse, ao avistar o feliz casal. – *Outra vez?*

Os quatro assistiram em silêncio enquanto Elizabeth pegava num bloco de notas e o passava a Calvin. Este estudou a página e fez um comentário qualquer. Elizabeth abanou a cabeça e apontou para algo específico. Calvin assentiu com um aceno, inclinou a cabeça para o lado e começou a morder os lábios.

– Ele é *tão* feio – disse Frask, com uma careta. Mas como trabalhava no Departamento de Pessoal e não podia fazer comentários sobre a aparência física dos funcionários, acrescentou: – O que quero dizer é que o azul não lhe fica nada bem.

Um dos geólogos levou à boca uma garfada de *strogonoff* e pousou o garfo, com ar resignado.

– Ouviram a última? Parece que o Evans foi outra vez nomeado para o Nobel.

Toda a mesa suspirou em uníssonos.

– Bom, isso não quer dizer nada – comentou um dos geólogos. – Qualquer pessoa pode ser nomeada.

– Sim? Tu já foste nomeado alguma vez?

Continuaram a observar, como que hipnotizados, e minutos depois viram Elizabeth baixar-se e tirar da mala um embrulho de papel vegetal.

– O que acham que é? – perguntou um dos geólogos.

– Bolo – disse Eddie, em tom deslumbrado. – Ela também faz *bolos*.

Elizabeth ofereceu *brownies* a Calvin.

– Oh, por amor de Deus! – exclamou Frask, exasperada. – Como assim, «também»? Qualquer pessoa sabe fazer um bolo.

– Não a compreendo – disse um dos geólogos. – Já caçou o Evans. Porque é que ainda aqui está? – Fez uma pausa, como se estivesse a pesar todas as possibilidades. – A menos – continuou – que o Evans não *queira* casar-se com ela.

– Porquê comprar a vaca se pode ter o leite de graça? – sugeriu o outro geólogo.

– Eu cresci numa quinta – contribuiu Eddie. – As vacas dão muito trabalho.

Frask olhou para ele de lado. Apesar de tudo, irritava-a que ele continuasse a torcer o pescoço para admirar Zott, como um girassol à procura do sol.

– Eu sou especialista em comportamento humano – disse ela. – Cheguei a começar o doutoramento em Psicologia. – Olhou para os companheiros de mesa, na esperança de que lhe fizessem perguntas sobre as suas aspirações académicas, mas ninguém parecia minimamente interessado. – Seja como for, é por isso que posso afirmar com confiança: é *ela* que o está a usar a *ele*.

*

Do outro lado da sala, Elizabeth endireitou os papéis e levantou-se.

– Desculpa ter de sair já, Calvin, mas tenho uma reunião.

– Uma reunião? – repetiu Calvin, como se ela tivesse acabado de anunciar que ia assistir a uma execução. – Se trabalhasses no meu laboratório, nunca terias de ir a reuniões.

– Mas não trabalho no teu laboratório.

– Mas *podias* trabalhar.

Ela suspirou enquanto arrumava as *Tupperwares*. Claro que adoraria trabalhar no laboratório dele, mas não era possível. Elizabeth estava a

começar a sua carreira. Precisava de abrir caminho por mérito próprio. Calvin tinha de tentar compreender, dissera-lhe mais do que uma vez.

– Mas vivemos juntos. Este é o próximo passo lógico. – Sabia que, com Elizabeth, a lógica reinava soberana.

– Isso foi uma decisão económica – recordou-lhe ela. O que, à primeira vista, era verdade. Fora Calvin quem o sugerira, dizendo que já que passavam a maior parte do tempo livre juntos, fazia sentido, a nível financeiro, partilharem residência. No entanto, ainda estavam em 1952, e em 1952 uma mulher solteira não ia viver com um homem. Portanto, Calvin ficou um pouco surpreendido quando Elizabeth não hesitou.

– Eu pago metade das despesas – disse ela.

Tirou o lápis do cabelo e tamborilou com ele na mesa, à espera da resposta dele. Não queria dizer que pagaria literalmente metade. Pagar metade seria impossível. O salário dela era pouco acima do ridículo; pagar metade estava fora de questão. De qualquer maneira, a casa estava em nome dele – pelo que Calvin seria o único a receber os benefícios fiscais. Assim, metade não seria justo. Dar-lhe-ia um momento para fazer as contas. Metade era um disparate.

– Metade – repetiu ele, como se estivesse a considerar essa possibilidade.

Já sabia que ela não podia pagar metade. Nem sequer podia pagar um quarto. Isto porque o Hastings lhe pagava um salário miserável – cerca de metade do que ganhava um homem na posição dela – facto que ele descobrira na ficha de pessoal de Elizabeth, que consultara ilicitamente. De qualquer maneira, ele não tinha prestação de hipoteca. Acabara de pagar a sua pequena casa no ano anterior, com o dinheiro de um prémio de Química, e arrependera-se imediatamente de o fazer. Já ouviam a expressão «Não pôr os ovos todos no mesmo cesto»? Calvin fizera-o.

– Ou então – disse ela, em tom mais animado –, podemos fazer um acordo comercial. Sabes, como as nações.

– Um acordo?

– Em vez de renda, pago com serviços prestados.

Calvin ficou imóvel como uma estátua. Ouvira os mexericos relacionados com leite de graça.

– Faço o jantar – disse ela. – Quatro vezes por semana. – E, antes que ele conseguisse responder, corrigiu: – Muito bem. *Cinco*. Mas é a minha última

oferta. Sou boa cozinheira, Calvin. Cozinhar é ciência a sério. Na verdade, é química.

*

Assim, foram viver juntos e tudo corria bem. Mas a ideia de trabalhar no laboratório dele? Elizabeth recusava-se a pensar sequer nisso.

– Acabaste de ser nomeado para o Nobel, Calvin – recordou-lhe enquanto punha a tampa na *Tupperware* das batatas. – É a tua terceira nomeação em cinco anos. Quero ser julgada pelo meu próprio trabalho... não por trabalho que as pessoas pensarão que tu fizeste por mim.

– Quem te conhecer nunca pensará tal coisa.

Ela tirou o ar da *Tupperware* e olhou para ele.

– O problema é esse. Ninguém me conhece.

*

Toda a vida se sentira assim. Não era definida por aquilo que fazia, mas pelo que outros tinham feito. No passado fora filha de um incendiário, filha de uma adúltera, irmã de um homossexual enforcado ou aluna de um tarado bem conhecido. Agora era namorada de um químico famoso. Mas nunca era apenas Elizabeth Zott.

E nas raras ocasiões em que não era definida pelas ações dos outros, então era ignorada e posta de lado, considerada insignificante ou uma interesseira com base naquilo que mais detestava em si própria. A sua aparência. Na qual, por acaso, saía ao pai.

Era por causa dele que Elizabeth não sorria muito. Antes de se tornar evangelista, o pai quisera ser ator. Tinha o carisma e a dentição necessários para tal – em relação a esta última, com coroas profissionais. A única coisa que lhe faltava era talento. Assim, quando se tornou claro que a representação não era uma possibilidade, ele levava as suas competências para as tendas de ressurgimento religioso, onde o seu sorriso falso vendia o fim do mundo às pessoas. Fora por isso que, aos dez anos de idade, Elizabeth deixara de sorrir. A semelhança dissipou-se.

Só depois de encontrar Calvin Evans é que o seu sorriso reapareceu. A primeira vez foi naquela noite, no teatro, em que ele lhe vomitou para cima do vestido. Não o reconhecera ao princípio, mas quando percebeu quem ele era, apesar da situação, inclinou-se para lhe ver melhor a cara. Calvin

Evans! Era verdade que fora um pouco brusca para ele depois de ele ser brusco com ela – na questão das provetas –, mas existira entre eles uma atração imediata e irresistível.

*

– Ainda vais comer mais? – perguntou, apontando para uma caixa quase vazia.

– Não – disse ele. – Come tu. Precisas do combustível extra.

Na verdade, estava a pensar acabar com a caixa, mas de boa vontade dispensava essas calorias a mais se ela ficasse. Tal como Elizabeth, Calvin nunca tivera muito jeito com pessoas; na verdade, antes de descobrir o remo, nunca conseguira forjar qualquer tipo de ligação com terceiros. O sofrimento físico, como ele descobrira há muito tempo, une as pessoas de uma forma que a vida quotidiana não consegue unir. Ainda mantinha o contacto com os oito companheiros de equipa de Cambridge – até estivera com um deles o mês passado, quando fora assistir a uma conferência em Nova Iorque. O Número Quatro – ainda se tratavam uns aos outros pelo número do lugar no barco – era hoje neurologista.

*

– Tens o quê? – perguntara o Número Quatro, surpreendido. – Uma *namorada*? Ora, fico feliz por ti, Seis! – disse, e deu-lhe uma palmada nas costas. – Já não era sem tempo!

Calvin confirmou com um aceno entusiástico e explicou com todo o detalhe o trabalho de Elizabeth, e os seus hábitos, e o seu riso, e tudo o mais que adorava nela. Porém, em tom mais sério, explicou também que, embora ele e Elizabeth passassem todo o seu tempo livre juntos – viviam juntos, comiam juntos, iam para o trabalho juntos – mesmo assim, não parecia suficiente. Não era que não conseguisse funcionar sem ela, explicou ao Número Quatro, mas não via o *sentido* de funcionar sem ela.

– Não sei o que hei de chamar a isto – confidenciara-lhe depois de um exame completo. – Estou viciado nela? É algum tipo de dependência doentia? Será que tenho um tumor no cérebro?

– Valha-me Deus, Seis, chama-se felicidade – explicou o Número Quatro. – Quando é o casamento?

*

Mas o problema era esse. Elizabeth deixara bem claro que não tinha qualquer interesse em casamento.

– Não é que eu desaprove o casamento, Calvin – dissera-lhe mais do que uma vez –, embora desaprove todas as pessoas que nos desaprovam por não sermos casados. Tu não?

– Sim – concordou Calvin, enquanto pensava como adorava poder dizer-lhe esta palavra em frente ao altar. Mas quando ela o fitou, à espera de mais, acrescentou rapidamente: – Acho que temos muita sorte.

E depois ela sorriu-lhe de forma tão desarmante que algo dentro do cérebro dele fez curto-circuito. Assim que se separaram, dirigiu-se a uma joalharia local e inspecionou a oferta disponível até encontrar o maior diamantezinho que podia pagar. Agoniado de nervos, andou com caixinha do anel no bolso durante três meses, à espera do momento certo.

*

– Calvin? – disse Elizabeth, apanhando o resto das coisas da mesa do refeitório. – Estás a ouvir? Eu disse que vou a um casamento amanhã. Aliás, faço *parte* da cerimónia, acreditas? – Encolheu os ombros, nervosa. – Portanto, devíamos discutir o estudo dos ácidos esta noite, se puder ser.

– Quem é que se vai casar?

– A minha amiga Margaret... a secretária do Departamento de Física? É com ela que me vou encontrar daqui a quinze minutos. Para uma prova.

– Espera. Tens uma *amiga*?

Sempre pensara que Elizabeth só tinha colegas – outros cientistas que reconheciam a sua capacidade e sabotavam os seus resultados.

Elizabeth corou, embaraçada.

– Bom, sim – disse, atrapalhada. – A Margaret e eu cumprimentamo-nos nos corredores. Já falámos várias vezes quando vamos buscar café.

Calvin esforçou-se por fazer a expressão de alguém que acha que esta é uma descrição razoável de uma amizade.

– Foi uma coisa de última hora. Uma das damas de honor está doente e a Margaret diz que é importante que o número de damas de honor corresponda ao número de acompanhantes.

Contudo, assim que o disse, apercebeu-se do que Margaret realmente precisava: alguém que vestisse o 38 e não tivesse planos no fim de semana.

*

A verdade era que Elizabeth não tinha jeito para fazer amigas. Dizia a si própria que a culpa fora das mudanças constantes, de ter pais horríveis, de ter perdido o irmão. Mas sabia que outras pessoas tinham passado por dificuldades sem que isso se refletisse no mesmo problema. Quando muito, algumas dessas pessoas pareciam ser até *melhores* a fazer amigos – como se o espectro da mudança constante ou da tristeza profunda lhes tivesse revelado a importância de estabelecer ligações onde quer que estivessem, sempre que tal fosse possível. O que é que ela tinha de errado?

E depois havia a arte ilógica da amizade feminina em si mesma, a forma como parecia exigir uma capacidade de, ao mesmo tempo, guardar e revelar segredos com um sentido de oportunidade misterioso. Sempre que eles se mudavam para uma cidade nova, as raparigas na catequese, ao domingo, chamavam-na à parte e confidenciavam-lhe as suas paixonetas por certos rapazes. Ela ouvia estas confissões e prometia lealmente nunca as revelar. E não o fazia. Mas estava errada, porque afinal *devia* ter dito. O seu trabalho, como confidente, era violar essa confiança e contar ao Rapaz X que a Rapariga Y o achava giro, desencadeando assim uma reação em cadeia de interesse entre as duas partes.

– Porque é que não lhe disseste *tu*? – perguntava a estas potenciais amigas. – Ele está mesmo *ali*.

As outras raparigas recuavam, horrorizadas.

*

– Elizabeth – chamou Calvin. – Elizabeth? – Inclinou-se sobre a mesa e tocou-lhe na mão. Ela deu um salto. – Desculpa. Acho que te distraíste um bocadinho. Estava eu a dizer que adoro casamentos. Vou contigo.

Na verdade, detestava casamentos. Durante anos, vira-os apenas como ocasiões para o recordar de que ainda não tinha ninguém que o amasse. Mas agora tinha Elizabeth e amanhã ela estaria nas imediações de um altar e Calvin ponderou a hipótese de essa proximidade alterar a perceção que ela tinha do casamento. Era uma teoria que até tinha um nome científico: interferência associativa.

– Não – disse ela rapidamente. – Não tenho convite para acompanhante, e além do mais, quanto menos pessoas me virem com aquele vestido, melhor.

– Vá lá – insistiu ele. Estendeu o braço comprido sobre a mesa que os separava e puxou-a para baixo. – Com certeza que a Margaret não está à espera de que vás sozinha. Quanto ao vestido, não pode ser assim tão mau.

– Oh, é *mau* – disse ela, de novo no seu tom prático de certeza científica. – Os vestidos das damas de honor são especificamente concebidos para que as mulheres que os envergam pareçam pouco atraentes; assim, a noiva fica ainda mais bonita. É uma prática aceite, uma estratégia defensiva básica, com raízes biológicas. Vemos coisas deste género na natureza por todo o lado.

Calvin recordou os casamentos onde estivera presente e percebeu que ela podia muito bem ter razão: nem por uma vez tivera vontade de convidar uma das damas de honor para dançar. Seria possível que um vestido tivesse mesmo assim tanto poder? Olhou para Elizabeth, do outro lado da mesa, enquanto ela descrevia o vestido com gestos precisos: enchimento extra nas ancas, um franzido mal feito na cintura e no peito, um laço gigantesco sobre as nádegas. Calvin pensou nas pessoas que criavam estes vestidos; tal como fabricantes de bombas ou estrelas pornográficas, tinham de descrever sempre de forma muito vaga aquilo que faziam para ganhar a vida.

– Bom, és muito amável por ajudar a Margaret. Mas pensei que não gostavas de casamentos.

– Não, o que eu não gosto é do *casamento*. Já falámos sobre isso, Calvin; sabes qual é a minha posição. Mas estou feliz pela Margaret. Em geral.

– Em geral?

– Bem – disse Elizabeth –, ela não se cansa de dizer que a partir de sábado à noite será finalmente Mrs. Peter Dickman. Como se mudar de nome fosse a meta de uma corrida que começou quando ela tinha seis anos.

– Vai casar-se com o *Dickman*? – disse ele. – Da Biologia Celular? – Calvin não gostava de Dickman.

– Exato – confirmou ela. – Nunca compreendi por que razão as mulheres, quando se casam, têm de trocar de nome como quem troca de carro, e perdem não só o apelido como, por vezes, até o nome próprio... Mrs. *John* Adams! Mrs. *Abe* Lincoln!... como se as suas identidades anteriores fossem apenas uma coisa temporária, a reservar o espaço durante vinte anos até ao

dia em que se tornam pessoas verdadeiras. Mrs. Peter Dickman. É uma sentença de prisão perpétua.

Elizabeth Evans, por outro lado, pensou Calvin com os seus botões, *era perfeito*. Antes que conseguisse pensar duas vezes, procurou a caixinha azul no bolso e, sem hesitação, pousou-a na mesa em frente dela.

– Talvez isto possa ajudar a melhorar o vestido – disse, com o coração a bater descompassadamente.

*

– Caixa de anel – anunciou um dos geólogos. – Preparem-se, meninos; noivado a caminho.

Mas havia qualquer coisa no rosto de Elizabeth que não parecia prenunciar nada de bom.

*

Elizabeth olhou para a caixa e depois ergueu o rosto para Calvin, com os olhos arregalados numa expressão de terror.

– Sei qual é a tua posição em relação ao casamento – apressou-se Calvin a dizer. – Mas tenho pensado muito nisso e acho que nós os dois teríamos um casamento diferente do normal. Seria muito original. Divertido, até.

– Calvin...

– Existem também razões práticas para nos casarmos. Impostos mais baixos, por exemplo.

– Calvin...

– Pelo menos vê o anel – suplicou. – Ando com ele no bolso há meses. Por favor.

– Não posso – disse ela, e afastou o olhar. – Será ainda mais difícil dizer que não.

*

A mãe de Elizabeth sempre insistira que uma mulher se avaliava pela categoria do seu casamento.

– Eu *podia* ter-me casado com o Billy Graham – afirmava muitas vezes. – Não pensem que ele não estava interessado. Já agora, Elizabeth, quando ficares noiva, insiste no maior diamante possível. Assim, se o casamento não resultar, podes pô-lo no prego.

Na verdade, a mãe estava a falar por experiência própria. Quando os pais de Elizabeth meteram os papéis para o divórcio, soube-se que ela já tinha sido casada três vezes antes.

– Não vou casar-me – disse-lhe Elizabeth. – Vou ser cientista. As cientistas de sucesso não se casam.

– Não me digas? – riu-se a mãe. – Estou a ver. Então achas que vais ser casada com o trabalho, como as freiras que são casadas com Jesus? Na verdade, digam o que disserem das freiras, pelo menos têm a certeza de que o marido não ressona. – Beliscou o braço de Elizabeth. – Mulher nenhuma diz que não ao casamento, Elizabeth. Não serás tu a primeira.

*

Calvin arregalou os olhos.

– Vais dizer *não*?

– Sim.

– *Elizabeth!*

– Calvin – disse ela calmamente. Pegou-lhe nas mãos sobre a mesa, enquanto uma expressão desolada invadia o rosto dele. – Pensei que estávamos de acordo em relação a isto. Também és um cientista, sei que compreendes por que razão o casamento, para mim, está fora de questão.

Mas, a julgar pela expressão dele, Calvin estava longe de compreender tal coisa.

– Porque não posso correr o risco de as minhas contribuições científicas ficarem submersas sob o teu nome – esclareceu ela.

– Certo – disse ele. – Claro. Obviamente. Então é um conflito profissional.

– Mais um conflito social.

– Bom, isso é HORRÍVEL! – gritou ele, e as poucas pessoas que não os estavam ainda a observar viraram a sua atenção para o infeliz casal no meio do refeitório.

– *Calvin* – disse Elizabeth. – Já falámos sobre isto.

– Sim, eu sei. Não aprovas a mudança de nome. Mas alguma vez sugeri que queria que mudasses de nome? – protestou ele. – Não, na verdade, *espero* que mantenhas o teu nome. – O que não era completamente verdade. Partira do princípio de que ela ficaria com o apelido dele. Apesar disso, continuou: – Seja como for, a nossa felicidade futura não devia depender da

possibilidade de meia dúzia de pessoas equivocadas te tratarem por Mrs. Evans. Podemos sempre corrigir essas pessoas.

Parecia ser a altura errada para lhe dizer que já acrescentara o nome dela à escritura da sua pequena casa – Elizabeth Evans, fora esse o nome que dera ao funcionário do registo predial. Fez um apontamento mental para se lembrar de ligar para o registo assim que chegasse ao laboratório.

Elizabeth abanou a cabeça.

– A nossa felicidade futura não depende do facto de sermos casados ou não, Calvin... pelo menos, para mim. Sou-te completamente dedicada; o casamento não vai alterar nada. Quanto a quem pensa assim, não são só meia dúzia de pessoas: é a sociedade... em particular a sociedade da investigação científica. Tudo o que eu fizer surgirá subitamente em teu nome, como se tivesses sido tu a fazê-lo. Na verdade, a maior parte das pessoas partirá do *princípio* de que foste tu a fazê-lo apenas por seres um homem, mas especialmente por seres o Calvin Evans. Eu não quero ser outra Mileva Einstein ou Esther Lederberg, Calvin; recuso-me. E mesmo que déssemos todos os passos legais necessários para garantir que o meu nome não mudaria, ele mudaria na mesma. Toda a gente me trataria por Mrs. Calvin Evans; acabaria por me *tornar* a Mrs. Calvin Evans. Todos os postais de Natal, todos os extratos bancários, todos os avisos das autoridades tributárias seriam dirigidos a Mr. e Mrs. Calvin Evans. A Elizabeth Zott, tal como a conhecemos, deixaria de existir.

– E ser a Mrs. Calvin Evans, pelos vistos, é a pior coisa que te podia acontecer – disse ele, com o rosto transformado pela tristeza.

– Quero ser a Elizabeth Zott – reafirmou ela. – É importante para mim.

Ficaram sentados um minuto num silêncio constrangedor, com a detestável caixinha azul em cima da mesa, entre eles, como um mau árbitro num combate renhido. Contra a sua própria vontade, Elizabeth perguntou a si própria como seria o anel.

– Lamento muito, a sério – disse.

– Não faz mal – respondeu ele em tom seco.

Ela afastou o olhar.

*

– Vão separar-se! – sussurrou Eddie aos outros. – Esta relação já deu o que tinha a dar!

Merda, pensou Frask. A Zott está outra vez disponível.

*

Mas Calvin não estava disposto a desistir. Trinta segundos depois, totalmente indiferente às dezenas de pares de olhos postos em cima deles, disse, em voz mais alta do que pretendia:

– Por amor de *Deus*, Elizabeth. É só um *nome*. Não tem importância nenhuma. Tu és *tu*... isso é que interessa.

– Quem me dera que fosse verdade.

– Mas é verdade – insistiu ele. – O que significa um nome? Nada!

Ela ergueu os olhos, subitamente esperançosa.

– Nada? Bom, nesse caso, porque não mudas tu de nome?

– Para qual?

– Para o meu. Para Zott.

Ele fitou-a, estupefacto, e revirou os olhos.

– Muito engraçado – disse.

– E porque não? – indagou ela, em tom cortante.

– Sabes muito bem porquê. Os homens não fazem isso. E além do mais há o meu trabalho, a minha reputação. Sou... – hesitou.

– O quê?

– Sou... sou...

– Diz o que estás a pensar.

– Muito bem. Sou *famoso*, Elizabeth. Não posso simplesmente *mudar* de nome.

– Oh! – exclamou ela. – Mas se não fosses famoso, não fazia mal mudares o teu apelido para o meu. É isso que queres dizer?

– Ouve – disse ele, e pegou na caixinha azul. – Eu compreendo. Mas não fui eu que inventei esta tradição; as coisas são como são. Quando as mulheres se casam, ficam com o nome do marido, e noventa e nove vírgula nove por cento delas não se importam de o fazer.

– Imagino que tens um estudo para justificar essa afirmação – disse ela.

– O quê?

– Que noventa e nove vírgula nove por cento das mulheres não se importam de mudar de nome.

– Quer dizer, não. Mas nunca ouvi ninguém queixar-se.

– E o motivo pelo qual não podes mudar de nome é porque és famoso. Embora noventa e nove vírgula nove por cento dos homens que não são famosos fiquem sempre com o seu nome quando se casam.

– Mais uma vez – disse ele, enfiando a caixinha no bolso com tanta força que este se descoseu num canto. – Não fui eu que criei a tradição. E tal como já disse, apoio... *apoiava* completamente a tua decisão de não mudar de nome.

– Apoiavas?

– Já não quero casar-me contigo.

Elizabeth encostou-se para trás.

*

– Xeque-mate – disse um dos geólogos. – A caixa voltou para o bolso!

*

Calvin estava furioso. O dia não estava a ser fácil. Ainda essa manhã recebera mais uma data de cartas de burlões, na sua maioria pessoas que afirmavam ser familiares há muito perdidos. Não era invulgar; desde que adquirira uma certa fama, os artistas da fraude contactavam-no *en masse*. Um «tio-avô» queria que Calvin investisse no seu projeto de alquimia; uma «mãe triste» afirmava ser a sua mãe biológica e queria dar-lhe dinheiro a *ele*; um suposto primo precisava de ajuda financeira. Havia ainda duas cartas de mulheres que afirmavam ter dado à luz o filho dele e lhe vinham agora dizer que tinha de o sustentar. Isto apesar de ele nunca ter ido para a cama com outra mulher a não ser Elizabeth Zott. Nunca teria fim?

– Elizabeth – implorou, passando os dedos pelo cabelo. – Por favor, compreende. Quero que sejamos uma família... uma família a *sério*. É importante para mim, talvez por ter perdido a minha família... não sei. O que sei é que desde que te conheci, sempre senti que devíamos ser três. Tu, eu e um... um...

Elizabeth arregalou os olhos, horrorizada.

– Calvin – interrompeu, em tom de alarme –, pensei que estávamos de acordo também em relação a isso.

– Bom, nunca discutimos realmente o assunto.

– Claro que sim – reafirmou ela. – *Decididamente* falámos sobre isso.

– Só uma vez – disse ele –, e não foi bem uma conversa, na verdade.

– Não sei como podes dizer uma coisa dessas – insistiu ela, em pânico. – Não tenho dúvidas de que concordámos em não ter filhos. Não acredito que estás a falar nisto. O que é que te aconteceu?

– Sim, mas pensei que poderíamos...

– Eu fui muito clara...

– Eu sei – disse ele –, mas pensei que...

– Não podes simplesmente mudar de ideias numa questão destas.

– Por amor de Deus, Elizabeth – disse ele, irritado. – Se me deixasses acabar de falar...

– Está bem! – exclamou ela. – Acaba!

Calvin olhou para ela, frustrado.

– Estava só a pensar que podíamos arranjar um cão.

– Um cão? – repetiu Elizabeth, aliviada. – Um cão!

*

– Raios – comentou Frask baixinho quando Calvin se inclinou para beijar Elizabeth. Todo o refeitório fez eco do mesmo sentimento. De todas as direções, talheres caíram nos tabuleiros com um baque resignado, cadeiras arrastaram-se para trás em frustração derrotada, guardanapos foram amachucados em bolinhas sujas. Era o som tóxico de uma inveja profunda, aquela que nunca resulta num final feliz.

CAPÍTULO 7

Seis e Meia

Muitas pessoas procuram um criador quando querem arranjar um cão, e outras vão ao canil, mas às vezes, em especial quando é mesmo o destino a trabalhar, o cão certo encontra o seu dono.

Era sábado, cerca de um mês mais tarde, e Elizabeth fora à charcutaria local comprar qualquer coisa para o jantar. Ao sair da loja, carregada com um grande salame e um saco de compras, um cão rafeiro e malcheiroso, escondido nas sombras de um beco, viu-a passar. Embora não se mexesse há cinco horas, o cão olhou para ela, levantou-se e seguiu-a.

Calvin estava à janela, por acaso, e viu Elizabeth aproximar-se de casa com um cão a segui-la a uma distância respeitosa de cinco passos. Enquanto olhava para ela, um arrepio estranho percorreu-o.

– Elizabeth Zott – disse baixinho –, ainda vais mudar o mundo.

E assim que o disse soube que era verdade. Ela ia fazer algo tão revolucionário, tão necessário, que o seu nome – apesar de uma legião interminável de opositores – seria imortalizado. E como que para o provar, hoje tinha o seu primeiro seguidor.

– Quem é o teu amigo? – gritou-lhe da janela, afastando esse sentimento bizarro.

– Seis e meia – respondeu ela depois de olhar para o relógio de pulso.

*

Seis e Meia estava mesmo a precisar de um banho. Alto, cinzento, magro e coberto de um pelo eriçado que fazia com que parecesse ter sobrevivido por pouco a uma eletrocussão, ficou muito quieto enquanto o lavavam, de olhos postos em Elizabeth.

– Se calhar devíamos tentar encontrar o dono dele – disse Elizabeth em tom relutante. – Com certeza haverá alguém muito preocupado.

– Este cão não tem dono – asseverou Calvin, e tinha razão. Posteriores telefonemas para o canil e anúncios nos perdidos e achados do jornal não deram em nada. Porém, mesmo que tivesse, *Seis e Meia* já deixara bem clara a sua intenção: ficar.

Na verdade, «fica» foi a primeira palavra que aprendeu, apesar de em poucas semanas já ter aprendido pelo menos mais cinco. Foi o que mais surpreendeu Elizabeth – a capacidade de aprendizagem de *Seis e Meia*.

– Achas que ele é diferente? – perguntou a Calvin, mais do que uma vez.
– Parece que apanha as coisas tão depressa.

– Está agradecido – disse Calvin. – Quer agradar-nos.

Mas Elizabeth tinha razão: *Seis e Meia* fora treinado para apanhar as coisas depressa.

Mais precisamente, bombas.

*

Antes de ir parar àquele beco, treinara para ser um cão detetor de explosivos em Camp Pendleton, a base local dos fuzileiros. Infelizmente, fracassara de forma miserável. Não só nunca parecia conseguir farejar a bomba a tempo, como tinha também de lidar com os elogios de que eram cobertos os pastores-alemães que acertavam sempre. Acabou por ser dispensado – de forma desonrosa – pelo treinador irritado, que o levou para a autoestrada e o abandonou no meio do nada. Duas semanas depois, foi parar àquele beco. Duas semanas e cinco horas depois, estava a ser esfregado com champô por Elizabeth, que lhe chamou *Seis e Meia*.

*

– Tens a certeza de que o podemos levar para o Hastings? – perguntou Elizabeth quando Calvin enfiou o cão no carro na segunda-feira de manhã.

– Claro, porque não?

– Porque nunca vi outro cão por lá. Além disso, os laboratórios não são assim tão seguros.

– Ficamos com ele debaixo de olho – disse Calvin. – Não é saudável um cão ficar sozinho o dia inteiro. Os animais precisam de estímulo.

*

Desta vez, era Calvin quem tinha razão. *Seis e Meia* adorava Camp Pendleton, em parte porque nunca estava sozinho, mas principalmente porque lhe dava algo que nunca tivera antes: um objetivo. Só havia um problema.

Um cão detetor de explosivos tem duas opções: encontrar a bomba a tempo de permitir que esta seja desarmada (a opção preferível), ou atirar-se para cima da bomba, fazendo o derradeiro sacrifício para salvar a unidade (não é a opção preferível, embora implicasse uma condecoração póstuma). No treino, as bombas eram sempre falsas, pelo que quando um cão se atirava para cima delas o pior que acontecia era um *bum* sonoro seguido por uma explosão de tinta vermelha.

O problema era o barulho; *Seis e Meia* morria de medo do estrondo da explosão. Assim, todos os dias, quando o treinador ordenava «Busca», ele arrancava imediatamente para leste, apesar de o nariz já o ter informado de que a bomba estava cinquenta metros a oeste, e começava a farejar entre as pedras enquanto esperava que um dos outros cães mais corajosos encontrasse o raio da coisa e recebesse o seu biscoito de recompensa. A menos que se demorasse demasiado ou fosse pouco delicado e a bomba explodisse; nesse caso, o cão recebia apenas um banho.

*

– Não pode ter um cão aqui, doutor Evans – explicou Miss Frask a Calvin. – Recebemos algumas queixas.

– Ninguém se queixou a mim – disse Calvin, com um encolher de ombros, apesar de saber que ninguém se atreveria.

Frask desistiu imediatamente.

*

Em poucas semanas, *Seis e Meia* já fizera um inventário completo das instalações do Instituto Hastings, memorizando cada piso, cada sala e cada saída, como um bombeiro a preparar-se para uma catástrofe. E, no que dizia respeito a Elizabeth Zott, estava em alerta máximo. Ela já sofrera no passado – o cão sentia-o – e estava determinado a não permitir que ela voltasse a sofrer.

Era a mesma coisa para Elizabeth. Sentia que *Seis e Meia* sofrera mais do que a negligência típica de um cão abandonado à beira da estrada, e

também ela sentia necessidade de o proteger. Na verdade, foi ela quem insistiu para que o deixassem dormir no chão ao lado da cama deles, apesar de Calvin ter sugerido que o cão talvez ficasse melhor na cozinha. Mas Elizabeth venceu e ele ficou, totalmente satisfeito, exceto nas ocasiões em que Calvin e Elizabeth se entrelaçavam numa complicação de membros, com os movimentos desastrados intercalados por sons de arfar. Os animais também faziam aquilo, mas com muito mais eficiência. Os humanos, reparou *Seis e Meia*, tinham tendência para complicar.

*

Se estas ocasiões tinham lugar de manhã cedo, Elizabeth levantava-se a seguir para fazer o pequeno-almoço. Embora tivessem combinado ao princípio que ela faria o jantar cinco vezes por semana em troca da renda, entretanto Elizabeth acrescentara ao acordo também o pequeno-almoço, e depois o almoço. Para ela, cozinhar não era um dever feminino preordenado. Tal como dissera a Calvin, cozinhar era química. Porque cozinhar é *mesmo* química.

@200 °C/35 min = perda de um H_2O por mol. sucrose; total 4 em 55 min = $C_{24}H_{36}O_{18}$ escreveu ela num bloco de notas.

– Então foi por isso que a massa dos biscoitos não ficou boa. – Tamborilou com o lápis na bancada da cozinha. – Ainda tinha demasiadas moléculas de água.

– Como vai isso? – perguntou Calvin da sala.

– Quase perdi um átomo no processo de isomerização – respondeu ela. – Acho que vou fazer outra coisa qualquer. Estás a ver o Jack?

Referia-se a Jack LaLanne, o famoso guru de *fitness* da televisão, um autodidata entusiasta da saúde que encorajava as pessoas a cuidarem melhor do seu corpo. Na realidade, nem precisava de perguntar – conseguia ouvir Jack a gritar «Para cima, para baixo, para cima, para baixo», como um ioiô humano.

– Estou – respondeu Calvin, ofegante, enquanto Jack exigia mais dez. – Não vens?

– Estou a desnaturalizar proteína – gritou ela.

– E agora, correr no mesmo sítio! – incentivou Jack.

Apesar das instruções de Jack, correr no mesmo sítio era a única coisa que Calvin não fazia. Em vez disso, fez mais alguns abdominais, enquanto Jack corria no mesmo sítio, calçado com algo que se parecia muito com sapatilhas de *ballet*. Calvin não compreendia a lógica de correr dentro de casa com sapatilhas de *ballet*; em vez disso, preferia correr lá fora, com ténis normais. Isto fazia dele um dos primeiros praticantes de *jogging*, não por ir correr de manhã cedo, mas porque começou a fazer *jogging* muito antes de essa prática se popularizar, muito antes de se chamar sequer *jogging*. Infelizmente, como as outras pessoas não estavam familiarizadas com este conceito do *jogging*, a esquadra da polícia recebia telefonemas constantes com queixas sobre um homem mal vestido a correr pelo bairro e a soprar por entre os lábios arroxeados. Uma vez que Calvin corria sempre nos mesmos quatro ou cinco trajetos, a polícia depressa se habituou aos telefonemas.

– Não é um criminoso – diziam. – É só o Calvin. Ele não gosta de correr no mesmo sítio com sapatilhas de *ballet*.

– Elizabeth? – chamou ele de novo. – Onde está o *Seis e Meia*? Está aqui o *Happy*.

Happy era o cão de Jack LaLanne. Às vezes aparecia no programa, outras vezes não, mas quando ele aparecia, *Seis e Meia* saía sempre da sala. Elizabeth tinha a sensação de que havia algo no pastor-alemão que deixava *Seis e Meia* descontente.

– Está aqui comigo – respondeu.

Com um ovo na mão, virou-se para o cão.

– Vou dar-te um conselho, *Seis e Meia*: nunca partas os ovos na borda da tigela... isso aumenta a probabilidade de ficarem fragmentos de casca. O melhor é bater no ovo com uma faca fina e afiada, num golpe seco, como quem estala um chicote. Vês? – disse, enquanto o conteúdo do ovo deslizava para a tigela.

Seis e Meia assistiu sem pestanejar.

– Agora vou desfazer as ligações internas dos ovos de modo a alongar a cadeia de aminoácidos – disse-lhe ela enquanto batia os ovos –, o que permitirá aos átomos assim libertados ligarem-se a outros átomos livres. Depois vou reconstituir a mistura numa substância mais solta, que colocarei numa superfície de liga de ferro e carbono, onde a sujeitarei a uma

temperatura precisa, agitando continuamente o preparado até alcançar um estado de quase coagulação.

– O LaLanne é um animal – anunciou Calvin, entrando na cozinha, com a *t-shirt* húmida.

– Concordo – disse Elizabeth, tirando a frigideira do lume e dividindo os ovos por dois pratos. – Porque os humanos *são* animais. Tecnicamente. Embora, por vezes, me pareça que os animais que consideramos animais são muito mais avançados do que os animais que somos mas que não consideramos ser. – Olhou para *Seis e Meia* em busca de confirmação, mas nem mesmo ele conseguia descodificar aquela frase.

– Bom, o Jack deu-me uma ideia – disse Calvin, sentando-se numa cadeira – e acho que vais adorar. Vou ensinar-te a remar.

– Passa-me o cloreto de sódio.

– Vais adorar. Podemos remar um par de remo de ponta, talvez até um duplo de pares. Ver o Sol nascer sobre a água.

– Não estou muito interessada.

– Podemos começar amanhã.

Calvin ainda remava três vezes por semana, mas apenas em *skiff* singular. Não era invulgar, no caso de praticantes de elite: depois de remar num barco tripulado por companheiros que pareciam conhecer-se uns aos outros a nível celular, por vezes era difícil formar equipa com outras pessoas. Elizabeth sabia como ele tinha saudades do seu barco de Cambridge. De qualquer modo, ela não tinha interesse nenhum pelo remo.

– Não quero. Além disso, tu vais remar às quatro e meia da madrugada.

– Às cinco – corrigiu ele, como se isso fosse muitíssimo mais razoável. – Saio é de casa às quatro e meia.

– Não.

– Porquê?

– *Não*.

– Mas porquê?

– Porque é a hora a que estou a dormir.

– Isso é fácil de resolver. Podemos ir para a cama mais cedo.

– Não.

– Primeiro vou apresentar-te à máquina de remo... nós chamamos-lhe o ergómetro. Há alguns na casa dos barcos, mas vou construir um para uso doméstico. Depois avançamos para o barco... um leve, sem timoneiro. Em

abril já estaremos a deslizar pela baía, a ver o Sol nascer, com as nossas remadas em perfeita sintonia.

Porém, mesmo enquanto o dizia, Calvin sabia que esta última parte seria impossível. Primeiro, ninguém aprendia a remar num mês. A maior parte das pessoas, mesmo com um instrutor especializado, não consegue remar como deve ser no espaço de um ano, às vezes três anos, ou mesmo nunca, em muitos casos. Quanto à parte de deslizar – isso não existe. Para chegar ao ponto em que remar pode assemelhar-se a deslizar, a pessoa terá de estar ao nível olímpico e a expressão no seu rosto, enquanto desliza a toda a velocidade pela pista demarcada, não é de calma e satisfação, mas sim de agonia controlada. Por vezes, acompanhada de um ar determinado – que indica, regra geral, que assim que a pessoa terminar esta prova tenciona encontrar um desporto novo. Ainda assim, depois de ter plantado a ideia, Calvin adorou-a. Remar em par com Elizabeth. Que glorioso!

– Não.

– Mas *porquê*?

– Porque não. As mulheres não remam. – Assim que o disse, arrependeu-se.

– Elizabeth Zott – disse ele, surpreendido. – Por acaso estás a dizer que as mulheres *não conseguem* remar?

E assim o assunto ficou resolvido.

*

Na manhã seguinte saíram de casa ainda de noite, Calvin com a sua velha *t-shirt* e calças de fato de treino, Elizabeth com aquilo que conseguiu encontrar com um ar vagamente desportista. Quando chegaram à casa dos barcos do clube de remo, *Seis e Meia* e Elizabeth olharam pela janela do carro e viram algumas pessoas na doca molhada a fazer ginástica.

– Não deviam estar a fazer aquilo no interior? – perguntou ela. – Ainda é de noite.

– Numa manhã destas?

Estava nevoeiro.

– Pensei que não gostavas de chuva.

– Isto não é chuva.

Pela quadragésima vez, pelo menos, Elizabeth deu por si com dúvidas em relação a este plano.

*

– Vamos começar devagar – disse Calvin, conduzindo Elizabeth e *Seis e Meia* até à casa dos barcos, um edifício cavernoso que cheirava a bafio e a suor. Ao passarem por filas de barcos de madeira compridos, empilhados quase até ao teto como pauzinhos, Calvin acenou com a cabeça a um tipo de ar desalinhado que bocejou e retribuiu o aceno; era demasiado cedo para conversas. Parou quando encontrou aquilo que procurava – uma máquina de remo, o ergómetro – encaixado a um canto. Puxou-o para fora e posicionou-o no meio do espaço entre as pilhas de barcos.

– Primeiro que tudo – disse –, técnica. – Sentou-se e começou a puxar, com a respiração a transformar-se rapidamente numa série de sopros tortuosos que não pareciam fáceis nem divertidos. – O truque é ter sempre os punhos direitos – bufou –, os joelhos para baixo, os músculos abdominais tensos, o... – As palavras seguintes perderam-se na respiração acelerada e ao fim de alguns minutos parecia ter-se esquecido de que Elizabeth estava ali.

*

Com *Seis e Meia* ao seu lado, Elizabeth afastou-se silenciosamente e foi explorar a casa dos barcos. Parou em frente de um suporte que continha uma floresta de remos tão impossivelmente altos que mais parecia que havia gigantes a praticar remo nestas instalações. Ao lado, estava uma vitrina com troféus, com a primeira luz matinal a revelar o tesouro de taças de prata e antigos uniformes de remo, cada uma destas coisas um testemunho àqueles que se tinham revelado mais rápidos ou mais eficientes ou mais indómitos, ou possivelmente as três coisas. Pessoas corajosas, segundo Calvin, que tinham demonstrado a concentração necessária para chegar à meta em primeiro lugar.

*

Ao lado dos uniformes havia fotografias de homens jovens e bem constituídos, com remos gigantescos, mas também de uma outra pessoa: um homenzinho do tamanho de um jóquei, tão sério quanto pequeno, com a boca fixa numa linha grave e determinada. O timoneiro, dissera-lhe Calvin, aquele que dizia aos remadores o que fazer e quando: acelerar o ritmo, virar,

atacar outro barco, ir mais depressa. Ela gostava do facto de ser uma pessoa tão pequena a manobrar as rédeas de oito cavalos selvagens: a sua voz a comandá-los; as suas mãos a manobrá-los; os seus encorajamentos a alimentá-los.

Virou-se e viu os outros remadores começarem a entrar, todos eles cumprimentando Calvin com ar reverente enquanto este continuava a remar na máquina barulhenta, alguns sem conseguirem disfarçar um trejeito de inveja quando ele acelerou o ritmo das remadas com uma fluidez tão óbvia que até Elizabeth reconheceu tratar-se de um sinal de capacidade atlética natural.

– Quando é que vai remar connosco, Evans? – disse um deles, com uma palmada no ombro de Calvin. – Dávamos bom uso a essa energia toda! – Mas se Calvin ouviu ou sentiu alguma coisa, não reagiu. Manteve os olhos fixos à sua frente, o corpo direito.

Então, pensou Elizabeth, também aqui ele era uma lenda. Era evidente, não só pela deferência dos outros quando se dirigiam a ele, mas pela forma obsequiosa como tentavam movimentar-se à volta dele e da sua posição ridícula – Calvin pusera a máquina de remo mesmo no meio da casa dos barcos. O timoneiro, claramente aborrecido, avaliou a situação.

– Mãos no barco! – gritou aos seus oito remadores, que se colocaram rapidamente em posição de um dos lados do barco, preparados para o levantar. – Para fora – ordenou. – Aos dois, ao ombro.

Mas era evidente que não podiam ir a lado nenhum com Calvin no meio do chão.

– Calvin – murmurou Elizabeth em tom urgente, aproximando-se por trás dele. – Estás no caminho. Tens de sair daí. – Mas ele continuou a remar.

– Céus – disse o timoneiro, com um sopro exasperado. – *Este* tipo! – Olhou de relance para Elizabeth e fez-lhe um sinal seco para sair do caminho, antes de se agachar mesmo atrás da orelha esquerda de Calvin.

– Muito bem, Cal – disse em voz ribombante –, toca a manter a distância, seu filho da mãe. Faltam quinhentos e ainda não acabou. Oxford está a aproximar-se a estibordo e a começar a morder.

Elizabeth olhou para ele, estupefacta.

– *Desculpe*, mas... – começou.

– Sei que podes dar mais do que isto, Evans – rosnou ele, cortando-lhe a palavra. – Preciso que dê tudo, sei que és uma máquina; vou contar até

dois e pedir vinte em força; quando chegar ao *dois*, à *minha* voz, vais enterrar estes filhos da mãe de Oxford; vais fazer com que estes rapazes desejem estar mortos; vais matá-los, Evans, força agora, meu irmão, estamos a trinta e dois a caminho dos *quarenta*, à minha voz: e um, e dois, vamos a isso, VINTE EM FORÇA, MEU CABRÃO! – gritou. – AGORA MESMO!

Elizabeth não sabia o que era mais chocante: a linguagem do pequeno timoneiro ou a intensidade com que Calvin reagira a essa linguagem. Instantes depois de ouvir as palavras «filhos da mãe», o rosto de Calvin assumiu uma expressão tresloucada que normalmente só se vê em filmes de *zombies* de baixo orçamento. Remou cada vez mais depressa, a bufar tão alto que parecia um comboio descontrolado, e mesmo assim o homenzinho não estava satisfeito; continuou a gritar com Calvin, a exigir mais e a obter mais, enquanto contava as remadas como um cronómetro furioso: Vinte! Quinze! Dez! Cinco! E depois a contagem decrescente chegou ao fim e restavam apenas duas palavras simples com as quais Elizabeth não podia estar mais de acordo:

– Já chega – disse o timoneiro. E Calvin deixou-se cair pesadamente para a frente como se tivesse levado um tiro nas costas.

– Calvin! – gritou Elizabeth, correndo para ele. – Meu Deus!

– Ele está bem – disse o timoneiro. – Não estás, Cal? Agora tira a merda da máquina da merda do caminho.

E Calvin acenou afirmativamente, enquanto tentava respirar.

– Claro... Sam – arfou, entre golfadas de ar –, e... obrigado... Mas... primeiro... quero... que... conheças... a... Eliz... Eliz... Elizabeth Zott. A... minha... nova... parceira... de... remo.

Elizabeth sentiu imediatamente todos os olhares em cima dela.

– Vai remar com o Evans? – disse um dos remadores, de olhos esbugalhados. – O que é que ela fez? Ganhou a medalha de ouro nos Jogos Olímpicos?

– O quê?

– Remou nalguma equipa feminina, foi? – perguntou-lhe o timoneiro, agora interessado.

– Bom, não. Na verdade, nunca... – E depois calou-se subitamente. – Há equipas *femininas*?

– Ela está a aprender – explicou Calvin, agora com a respiração mais calma. – Mas tem aquilo que é preciso. – Respirou fundo, saiu da máquina e

começou a afastá-la do caminho. – No verão vamos estar a dominar-vos a todos nesta baía.

Elizabeth não sabia bem o que ele queria dizer. Dominar-vos? Não podia estar a pensar em competir mesmo, pois não? Então não era só para ver o Sol nascer?

– Bem – disse ela calmamente, virando-se para o timoneiro enquanto Calvin se afastava para se ir limpar. – Não sei se esta será mesmo a minha...

– É – interrompeu o timoneiro antes que ela conseguisse terminar. – O Evans nunca convidaria ninguém para entrar para o mesmo barco que ele se não tivesse a certeza de que essa pessoa se aguentaria. – E depois fechou um olho e inclinou a cabeça. – Sim, acho que também estou a ver.

– O quê? – perguntou ela, surpreendida. Mas o homem já lhe virara costas e estava a dar ordens para levarem o barco até à doca.

– Pé para cima – ouviu-o gritar – e para baixo.

E momentos depois o barco desapareceu no nevoeiro denso, os rostos dos homens curiosamente empolgados, apesar das primeiras gotas grossas de chuva gelada a avisar do desconforto que os esperava.

CAPÍTULO 8

Ir mais além

No primeiro dia que saíram com o barco, ela e Calvin viraram-no e caíram à água. No segundo dia, viraram-no outra vez. No terceiro, água com eles.

– O que é que eu estou a fazer mal? – perguntou ela sem fôlego, a bater os dentes, enquanto empurravam a embarcação fina e comprida na direção da doca. Esquecera-se de contar a Calvin um pequeno facto sobre si própria. Não sabia nadar.

– Tudo – suspirou ele.

*

– Como já mencionei – disse ele dez minutos depois, apontando para a máquina de remo e indicando que, apesar das roupas molhadas, ela devia sentar-se –, remar requer uma técnica perfeita.

Enquanto Elizabeth ajustava os apoios dos pés, Calvin explicou-lhe que os remadores costumavam usar o ergómetro quando a água estava demasiado agitada, ou quando tinham de ser cronometrados, ou quando o treinador estava muito chateado. E quando o treino era bem feito, em especial durante um teste de *fitness*, havia vómitos. Depois mencionou que treinar no ergómetro conseguia fazer com que o pior dia na água parecesse maravilhoso.

No entanto, era exatamente isso que continuavam a ter: maus dias na água. Na manhã seguinte estavam de novo dentro de água, molhados até aos ossos. E tudo porque Calvin continuava a omitir uma verdade muito simples: o remo de ponta a dois é o barco mais difícil. É como tentar aprender a pilotar num avião B-52. Mas que outra opção havia? Calvin sabia que os homens não a deixariam remar com eles num barco maior, para oito, por exemplo; além de ser mulher, a sua inexperiência significava que

arruinaria a saída. Pior ainda, possivelmente perderia o controlo do remo e partiria algumas costelas. Calvin ainda não lhe falara nessa possibilidade. Por razões óbvias.

Endireitaram o barco e voltaram a entrar.

– O problema é que não és paciente no carrinho para trás. Tens de abrandar, Elizabeth.

– Estou a ir devagar.

– Não, estás a precipitar-te. É um dos piores erros que um remador pode cometer. De cada vez que aceleras no carrinho, sabes o que acontece? Deus mata um gatinho bebé.

– Oh, por amor de Deus, Calvin.

– E a tua tomada de água é demasiado lenta. O objetivo é sermos rápidos, lembras-te?

– Bom, não há dúvida de que *isso* esclareceu tudo – ripostou ela da popa.

– Ir mais devagar para ir mais depressa.

Ele deu-lhe uma palmada no ombro, como se ela tivesse finalmente percebido.

– Exatamente!

A tremer, Elizabeth apertou o remo. Que desporto estúpido. Nos trinta minutos seguintes, tentou seguir as ordens contraditórias de Calvin. *Levanta as mãos; não, baixa-as! Inclina-te para fora; céus, tanto também não! Por amor de Deus, pareces corcunda, estás a levantar de mais o remo, estás a ir muito depressa, estás atrasada, estás antes de tempo!* Até que o próprio barco pareceu faltar-se de tudo aquilo e os atirou para dentro de água.

– Talvez isto seja má ideia – disse Calvin enquanto regressavam à casa dos barcos, com a pesada embarcação a vincar-lhes os ombros ensopados.

– Qual é o meu principal problema? – disse ela, preparando-se para o pior, enquanto colocavam o barco no suporte. Calvin sempre insistira que a prática do remo exigia o mais elevado nível de trabalho de equipa; isso, por si só, era um problema, já que, segundo o seu chefe, ela não sabia trabalhar em equipa. – Podes dizer-me. Não me poupes.

– Física – disse Calvin.

– Física – repetiu ela, aliviada. – Graças a Deus.

– Já percebi – disse ela, enquanto folheava um manual de Física, nesse dia no trabalho. – Remar é uma simples questão de energia cinética *versus* a resistência e o centro de massa do barco. – Tomou nota de algumas fórmulas. – E ainda gravidade – acrescentou –, flutuabilidade, proporção, velocidade, equilíbrio, transmissão, comprimento do remo, tipo de pá... – Quanto mais lia, mais escrevia, e as subtilezas da prática do remo foram-se revelando lentamente em algoritmos complicados. – Oh, por amor de Deus – disse por fim, recostando-se na cadeira. – Remar não é *assim* tão difícil.

– Céus! – exclamou Calvin dois dias depois, enquanto o barco onde se encontravam cortava suavemente a água. – Quem és tu?

Elizabeth não respondeu, continuando a debitar mentalmente as fórmulas. Quando passaram por um barco de oito parado, todos os tripulantes se viraram para os ver passar.

– Estão a ver aquilo? – gritou o timoneiro furioso. – Viram como ela consegue obter comprimento *sem* ir longe de mais?

*

E contudo, cerca de um mês depois, foi exatamente disso que o chefe de Elizabeth, o doutor Donatti, a acusou.

– Está a ir longe de mais, Miss Zott – disse ele, enquanto parava para lhe apertar o ombro. – A abiogénese é mais um tema para doutorados universitários, um daqueles tópicos tão chatos que não interessam a ninguém. E não me leve a mal, mas está para além do seu alcance intelectual.

– E como espera exatamente que eu entenda esse comentário? – Sacudiu a mão dele do ombro.

– O que lhe aconteceu? – perguntou ele, ignorando o seu tom, e pegou-lhe nos dedos envoltos em ligaduras. – Se está com dificuldades em manejar o equipamento, sabe que pode pedir a um dos rapazes para a ajudar.

– Estou a aprender remo – disse ela, puxando a mão com brusquidão. Apesar das melhorias recentes, as últimas saídas tinham sido um fracasso total.

– Remo, hã? – disse Donatti, e revirou os olhos. *Evans*.

Donatti também praticara remo, e ainda por cima em Harvard, onde tivera o terrível infortúnio de competir apenas uma vez contra Evans e a sua preciosa equipa de Cambridge, e logo na merda da Regata Henley. A culpa

da sua derrota catastrófica (por sete comprimentos de barco), testemunhada apenas por meia dúzia de pessoas que tinham conseguido ver a prova sobre um mar de chapéus impossivelmente grandes, foi atribuída a um peixe com batatas fritas que tinham comido na véspera, e não às toneladas de cerveja com que o tinham empurrado.

Por outras palavras, ainda estavam todos bêbedos no momento da partida.

Depois da prova, o treinador dissera-lhes para irem dar os parabéns aos meninos finos da equipa de Cambridge. Só então Donatti se apercebera de que um dos rapazes de Cambridge era americano – e um americano que guardava um ressentimento qualquer contra Harvard. Enquanto apertava a mão a Evans, Donatti lá conseguiu dizer-lhe:

– Boa prova.

Contudo, em vez de responder da mesma maneira, Evans disse:

– *Por amor de Deus, mas você está bêbedo?*

Donatti antipatizou imediatamente com ele, uma antipatia que triplicou quando descobriu que Evans não só estava a estudar Química, como ele, mas que era o *tal* Evans – o *Calvin* Evans – o tipo que já deixara uma marca importante no mundo da química.

Seria portanto de admirar que, anos mais tarde, quando Evans aceitou a oferta terrivelmente insultuosa do Instituto Hastings, apresentada pelo próprio Donatti, este não tivesse ficado muito empolgado? Primeiro, Evans não se lembrava dele – uma indelicadeza. Segundo, Evans parecia ter conservado a boa forma – uma irritação. Terceiro, Evans disse à revista *Chemistry Today* que aceitara o lugar, não por causa da reputação notável da instituição, mas porque *gostava da merda do tempo na área*. A sério – o homem era um imbecil. Havia, porém, pelo menos um conforto. Ele, Donatti, era diretor do Departamento de Química, e não apenas porque o pai jogava golfe com o diretor-geral, ou por ser afilhado do mesmo, e muito menos por se ter casado com a filha do dito diretor-geral. Em suma, o grande Evans tinha de lhe prestar contas a *ele*.

Para não deixar dúvidas sobre a ordem hierárquica, agendou uma reunião com o fanfarrão do Evans e chegou, propositadamente, vinte minutos atrasado. Infelizmente, entrou numa sala de reuniões vazia, porque Evans nem sequer apareceu.

– Desculpe, Dino, mas não gosto nada de reuniões – informara-o Evans mais tarde.

– O meu nome é *Donatti*.

*

E agora? Elizabeth Zott. Donatti não gostava de Zott. Era insistente, inteligente, cheia de opiniões. Pior ainda, tinha um gosto terrível em homens. Contudo, ao contrário de muitos outros, ele não a achava atraente. Olhou para a moldura de prata com a fotografia da sua família: três rapazes de orelhas grandes ladeados por si próprio e pela mulher, Edith, com o seu nariz adunco. Ele e Edith eram uma equipa, como um casal devia ser uma equipa – não por partilharem passatempos como *remo*, por amor de Deus – mas de formas que eram consideradas social e fisicamente apropriadas pelos respetivos sexos. Ele era o ganha-pão da família; ela produzia bebés. Uma união normal, produtiva, aprovada pelo Senhor. Se ele dormia com outras mulheres? Que pergunta. Claro que sim, como todos os outros.

– ...a minha hipótese subjacente... – estava Zott a dizer.

Hipótese subjacente uma ova. Esta era a outra coisa que detestava em relação a Zott: ela era incansável. Resistente. Não sabia quando devia desistir. Agora que pensava nisso, eram atributos essenciais num remador. Donatti não praticava remo há anos. Haveria mesmo uma equipa feminina na cidade? Com certeza que ela não podia estar a remar *com* Evans. Um remador de elite como Evans nunca se dignaria a entrar num barco com uma novata, mesmo que andassem a dormir juntos. Evans provavelmente inscrevera-a nalguma equipa de principiantes e Zott, para provar que era capaz – *como de costume* – alinhara no plano. Estremeceu ao pensar num bando de aprendizes, com os remos a baterem na água como espátulas descontroladas.

– ...estou determinada a levar isto até ao fim, doutor Donatti... – assegurou Zott.

Sim, sim, ali estava. As mulheres como ela usavam sempre a palavra «determinada». Pois bem, ele também estava determinado. Ainda na noite passada lhe ocorrera uma nova maneira para lidar com Zott. Ia roubá-la a Evans. Não podia haver maneira melhor de o pôr no seu lugar. Depois, assim que tivesse tornado o romance Evans-Zott um cenário de catástrofe sem sobreviventes, dava-lhe com os pés e regressava à sua dona de casa novamente grávida e aos filhos impossivelmente estridentes, e tudo estaria bem no mundo.

O seu plano era simples: primeiro, atacar a autoestima de Zott. Era muito fácil quebrar uma mulher.

– Tal como já disse – repetiu Donatti, e levantou-se, com a barriga encolhida, enquanto a enxotava na direção da porta –, a Elizabeth não é inteligente o suficiente para isso.

*

Elizabeth percorreu o corredor com passos furiosos, os saltos dos sapatos a baterem nos mosaicos num *staccato* perigoso. Tentou respirar fundo para se acalmar, mas o ar saiu novamente a uma velocidade de vendaval. Estacou abruptamente, deu um murro na parede e fez uma pausa para rever as suas opções.

Voltar a defender o seu trabalho.

Despedir-se.

Pegar fogo ao edifício.

Não queria admiti-lo, mas as palavras dele eram como combustível na pira crescente das suas inseguranças. Não tinha a mesma educação formal que os outros, nem a mesma experiência. Não só lhe faltavam as credenciais dos seus pares, como lhe faltavam também os artigos publicados, o apoio, as bases financeiras e os prémios. E contudo, sabia – *sabia* – que estava à beira de algo importante. Algumas pessoas nascem para determinada coisa; e ela era uma dessas pessoas. Pressionou a testa com a palma da mão, como se isso a impedisse de explodir.

– Miss Zott? Desculpe. Miss Zott?

Parecia ser uma voz incorpórea.

– Miss Zott!

Apareceu então uma cabeça a espreitar na esquina do corredor, um homem de cabelo ralo com um monte de papéis nas mãos. Era o doutor Boryweitz, um colega de laboratório que procurava muitas vezes a ajuda dela, como a maioria deles fazia, quando ninguém estava a ver.

– Queria pedir-lhe se pode dar uma olhadela a isto – disse ele em voz baixa, enquanto a chamava para o lado com um gesto e a fitava com a testa franzida numa expressão ansiosa. – São os resultados dos meus testes mais recentes. – Enfiou-lhe uma folha de papel na mão. – Eu diria que é um progresso relevante, não acha? – Tinha as mãos a tremer. – Algo novo?

A expressão dele era a habitual – assustada, como se tivesse acabado de ver um fantasma. Era um mistério para a maioria dos colegas como é que Boryweitz alguma vez conseguira o doutoramento em Química, quanto mais um emprego no Instituto Hastings. Na verdade, ele costumava parecer tão estupefacto como os restantes.

– Acha que o seu rapaz poderá estar interessado nisto? – perguntou Boryweitz. – Talvez pudesse mostrar-lhe. Ia agora ter com ele? Ao laboratório? Se calhar posso ir consigo. – Estendeu a mão e agarrou-lhe no antebraço como se fosse uma boia salva-vidas, algo a que podia segurar-se até chegar o grande barco de salvamento, sob a forma de Calvin Evans.

Elizabeth tirou-lhe cuidadosamente os papéis da mão. Apesar da insegurança dele, gostava de Boryweitz. Era sempre educado e profissional. E tinham algo em comum: estavam ambos no sítio errado, na altura errada, embora por motivos completamente diferentes.

– O problema, doutor Boryweitz – disse, tentando pôr de lado os seus próprios problemas enquanto estudava o trabalho dele –, é que isto é uma macromolécula com unidades repetidas unidas por grupos amida.

– Certo, certo.

– Por outras palavras, é uma poliamida.

– Uma poli... – Uma expressão desolada invadiu-lhe o rosto. Até ele sabia que as poliamidas existiam desde sempre. – Talvez esteja enganada – disse. – Veja lá melhor.

– Não é uma má descoberta – disse ela em tom amável. – Só que já foi provado.

Ele abanou a cabeça, derrotado.

– Então não devo mostrar isto ao Donatti?

– O que fez foi, basicamente, redescobrir o *nylon*.

– Não me diga – disse ele, baixando os olhos para os resultados. – Raios.

Inclinou a cabeça. Seguiu-se um silêncio constrangido. Ele olhou para o relógio, como se a resposta pudesse estar aí.

– O que é que lhe aconteceu? – perguntou por fim, apontando para as ligaduras nos dedos dela.

– Oh, ando a praticar remo. A tentar.

– E tem algum talento para isso?

– Não.

– Então porque continua a tentar?

- Não sei bem.
- Ele abanou a cabeça.
- Nem imagina como a compreendo.

*

– Como está a correr o teu projeto? – perguntou Calvin a Elizabeth algumas semanas mais tarde, quando se sentaram para almoçar. Deu uma dentada na sanduíche de peru e mastigou vigorosamente para não lhe dar a entender que já sabia. Toda a gente sabia.

- Bem – disse ela.
- Sem problemas?
- Nenhum. – Bebeu um gole de água.
- Sabes que se precisares da minha ajuda...
- Não preciso da tua ajuda.

Calvin suspirou, frustrado. Não deixava de ser uma forma de ingenuidade, pensou, o facto de ela continuar a acreditar que tudo o que era preciso para avançar na vida era garra. Sim, a garra era importante, mas também era preciso sorte, e, se a sorte não estivesse disponível, era preciso ajuda. *Toda a gente* precisava de ajuda. Porém, talvez por nunca lhe ter sido oferecida, ela recusava-se a acreditar em tal coisa. Quantas vezes afirmara Elizabeth que, se desse o seu melhor, o seu melhor venceria? Calvin já lhes perdera a conta. E isto apesar de evidências significativas do contrário. Principalmente ali no Hastings.

Enquanto acabava de almoçar – Elizabeth mal tocara na comida – prometeu a si próprio não interferir. Era muito importante respeitar os desejos dela. Elizabeth queria lidar com isto sozinha. E ele *não* ia interferir.

*

– Qual é o seu problema, Donatti? – rugiu, cerca de dez minutos depois, ao irromper pelo gabinete do seu superior. – Tem a ver com as origens da vida? Está a ser pressionado pela comunidade religiosa? A abiogénese é só mais uma prova de que, na verdade, não existe Deus: está com medo de que isto não seja bem recebido no Kansas? É por isso que vai cancelar o projeto da Zott? E tem a ousadia de se intitular cientista!

– Cal – disse Donatti, com as mãos cruzadas atrás da cabeça. – Por mais que eu adore as nossas conversas, neste momento estou ocupado.

– Porque a única outra explicação viável – acusou Calvin, enfiando as mãos nos bolsos das calças de caqui – é que você não *compreende* o trabalho dela.

Donatti revirou os olhos e soltou uma exclamação impaciente. Por que raio eram as pessoas brilhantes tão burras? Se Evans tivesse alguma inteligência, estaria a acusá-lo de tentar roubar-lhe a bonita namorada.

– Na verdade, Cal – disse Donatti, enquanto apagava o cigarro –, estava a tentar dar um empurrãozinho à carreira dela. A dar-lhe oportunidade de trabalhar comigo num projeto muito importante. Para a ajudar a crescer noutras áreas.

Ali estava, pensou Donatti. Crescer noutras áreas – não podia ser mais óbvio, pois não? Mas Calvin começou a discutir os resultados mais recentes dos testes dela, como se ainda estivessem a falar de trabalho. O tipo era mesmo cego.

– Todas as semanas recebo ofertas – ameaçou Calvin. – O Hastings não é o único sítio onde posso conduzir a minha pesquisa!

Outra vez isto. Quantas vezes já o ouvira Donatti? Sim, Evans era um tipo importante no mundo da investigação, e sim, grande parte do financiamento do instituto derivava da sua mera presença. Mas isso só acontecia porque os dadores acreditavam, equivocadamente, que o nome de Evans atrairia outros talentos. O que não acontecera. De qualquer maneira, não queria que Evans saísse; só queria que Evans fracassasse – queria deixá-lo tão tresloucado por perder a mulher amada que se autodestruiria, arruinando a sua reputação e quaisquer oportunidades de pesquisa daí em diante. Nessa altura, podia sair.

– Como já disse – respondeu Donatti em tom ponderado –, estava apenas a tentar dar à Miss Zott uma oportunidade de crescimento pessoal... a tentar ajudar a carreira dela.

– Ela consegue cuidar da sua carreira sozinha.

Donatti riu-se.

– A sério? E, no entanto, aqui está você.

*

O que Donatti não disse a Calvin foi que, recentemente, surgira um grande obstáculo ao seu plano de se ver livre de Evans através de Zott. Um dador com uma fortuna incalculável.

O homem aparecera, do nada, há dois dias, com um cheque em branco e uma insistência em financiar – imagine-se – a abiogénese. Donatti contrapusera amavelmente. E que tal o metabolismo dos lípidos?, sugerira. Ou a divisão celular? Mas o homem insistira: abiogénese ou nada. Assim, Donatti não tivera alternativa a não ser voltar a colocar Zott na sua ridícula missão a Marte.

A verdade é que não estava a conseguir grandes avanços com ela, de qualquer maneira. Zott recusava-se terminantemente a ceder às suas garantias repetidas de que «não tem inteligência para isso». Por mais vezes que ele o dissesse, ela não reagira da maneira esperada nem por uma vez. Onde estava a fraca autoestima? Onde estavam as lágrimas? Ou ela estava a argumentar de forma profissional em defesa do seu enfadonho projeto de abiogénese, ou estava a dizer-lhe «Se volta a pôr-me as mãos em cima, garanto-lhe que se arrependerá.» Não percebia o que Evans via nesta mulher. Podia ficar com ela. Donatti teria de arranjar outra forma de o pôr no seu lugar.

*

– Calvin – disse Elizabeth, quando entrou apressadamente no laboratório dele, nessa tarde. – Tenho notícias fabulosas. Andei a esconder-te uma coisa, e peço desculpa, mas foi só porque não queria que te envolvesse. O Donatti cancelou o meu projeto há algumas semanas e tenho estado a lutar para o recuperar. E hoje essa luta deu frutos. Ele voltou atrás na sua decisão... disse que tinha revisto o meu trabalho e que era demasiado importante para não ser desenvolvido.

Calvin abriu um sorriso radiante e tentou arvorar uma expressão apropriada de surpresa – afinal, saíra do gabinete de Donatti há menos de uma hora.

– O quê? A sério? – disse, e deu-lhe uma palmada nas costas. – Ele tentou cancelar a abiogénese? Bom, só pode ter sido um engano desde o princípio.

– Desculpa não te ter dito nada. Queria lidar com o assunto por mim própria, e ainda bem que o fiz. Sinto que é um verdadeiro voto de confiança no meu trabalho... em mim.

– Sem dúvida.

Observou-o mais atentamente e recuou um passo.

– Consegui *mesmo* isto por mim própria. Tu não tiveste *nada* a ver com o assunto.

– É a primeira vez que oiço falar em tal coisa.

– *Nunca* falaste com o Donatti – insistiu ela. – *Nunca* te envolveste.

– Juro – mentiu Calvin.

Depois de ela sair, apertou as mãos uma na outra num ataque silencioso de júbilo e ligou a aparelhagem, baixando a agulha sobre «Sunny Side of the Street». Pela segunda vez, salvara a pessoa que mais amava, e a melhor parte era que ela não sabia.

Puxou um banco, abriu um bloco de notas e começou a escrever. Desde os sete anos que escrevia diários, nos quais anotava os factos e receios da sua vida por entre linhas de equações químicas. Ainda hoje o seu laboratório estava repleto destes blocos quase ilegíveis. Era um dos motivos pelos quais toda a gente partia do princípio de que ele estava a produzir muito trabalho. Volume.

*

Elizabeth já comentara várias vezes a sua caligrafia.

– Não consigo ler a tua letra. O que diz aqui? – Apontou para uma teoria relacionada com ARN que ele andava a explorar há meses.

– Uma hipótese sobre adaptação enzimática – respondeu ele.

– E isto? – Elizabeth apontou mais para baixo, para algo que ele escrevera sobre ela.

– Mais do mesmo – respondeu Calvin, pondo o bloco de notas para o lado.

Não que escrevesse alguma coisa má sobre Elizabeth – pelo contrário. Na verdade, só não queria correr o risco de ela descobrir que estava obcecado com a ideia da sua morte.

*

Calvin decidira há muito tempo que a sua pessoa dava azar, e tinha provas sólidas: todos aqueles que amara tinham morrido, e sempre em acidentes inesperados. A única maneira de pôr fim a esta padrão mortífero era acabar com o amor. E fizera-o. Mas depois conhecera Elizabeth e, sem intenção, numa atitude do mais estúpida e egoísta que podia haver, apaixonara-se por ela. E agora Elizabeth estava na linha de fogo do azar que ele trazia.

Enquanto químico, sabia que a sua fixação em azar não era nada científica; não passava de superstição. Mas que fosse. A vida não era uma hipótese que podia testar e voltar a testar sem consequências – algo acabava sempre por correr mal. Assim, estava constantemente atento a tudo o que pudesse representar um perigo para Elizabeth, e esta manhã esse perigo era o remo.

Tinham caído de novo à água – por culpa dele – e pela primeira vez ficaram os dois do mesmo lado do barco e ele fez uma descoberta aterrorizadora: ela não sabia nadar. Pela forma como chapinhava à cão, com ar assustado, nunca tivera uma aula de natação em toda a sua vida.

Foi por isso que, enquanto Elizabeth estava na casa de banho da casa dos barcos, ele e *Seis e Meia* abordaram o capitão da equipa masculina, o doutor Mason. Começara a estação do mau tempo; se ele e Elizabeth queriam continuar a remar – e ela queria continuar, na verdade – o melhor era fazê-lo num grupo de oito. Era mais seguro. Além disso, se um barco de oito se virasse – o que era pouco provável – haveria muito mais pessoas para a salvar. De qualquer maneira, há mais de três anos que Mason andava a tentar recrutar-lo; valia a pena tentar.

– O que acha? – perguntou a Mason. – Mas teria de arranjar lugar para ambos.

– Uma *mulher* num oito masculino? – disse o doutor Mason, ajeitando o boné sobre o cabelo à escovinha. Fora fuzileiro e odiara. Mas mantivera o corte de cabelo.

– Ela é boa – assegurou Calvin. – Muito forte.

Mason acenou com a cabeça. Hoje em dia, era obstetra. Sabia bem como as mulheres podiam ser fortes. Mesmo assim, uma mulher? Como é que isso funcionaria?

– Adivinha – disse Calvin a Elizabeth um minuto depois. – A equipa masculina quer que rememos os dois no oito deles hoje.

– A sério? – O objetivo dela sempre fora juntar-se a uma equipa de oito. Os barcos de oito raramente se viravam. Nunca dissera a Calvin que não sabia nadar. Porque havia de o preocupar?

– O capitão da equipa veio falar comigo agora mesmo. Viu-te remar – disse. – E reconhece talento quando o vê.

Lá em baixo, *Seis e Meia* suspirou. *Mentiras, mentiras e mais mentiras.*

– Quando começamos?

– Agora.

– *Agora?* – Sentiu uma pontada de pânico. Embora quisesse remar num grupo de oito, sabia também que o oito requeria um nível de sincronização que ela ainda não dominara. Quando um barco tem sucesso, é porque as pessoas que o tripulam conseguiram pôr de lado as suas diferenças mesquinhas e discrepâncias físicas e remar como um só. Harmonia perfeita – era esse o objetivo. Uma vez, ouvira Calvin dizer a alguém na casa dos barcos que o seu treinador em Cambridge insistia para que até pestanejassem ao mesmo tempo. Para surpresa de Elizabeth, o outro homem acenara em concordância.

– Nós tínhamos de limar as unhas dos pés todos do mesmo tamanho. Fazia toda a diferença.

– Tu vais ficar no lugar número dois – disse-lhe Calvin.

– Ótimo – respondeu ela, e rezou para que ele não tivesse reparado em como lhe tremiam as mãos.

– O timoneiro vai gritar as ordens; não te preocupes. Basta olhares para o remo da pessoa à tua frente. E, faças o que fizeres, não olhes para fora do barco.

– Espera. Como é que posso olhar para o remo da pessoa à minha frente se não posso olhar para fora do barco?

– Não o faças – insistiu ele. – Descoordena o grupo todo.

– Mas...

– E relaxa.

– Eu...

– Mãos no barco! – gritou o timoneiro.

– Não te preocupes – tranquilizou-a Calvin. – Vai correr tudo bem.

*

Elizabeth lera uma vez que noventa e oito por cento das coisas com que as pessoas se preocupam nunca chegam a acontecer. Mas, pensou nesse momento, e os dois por cento que acontecem? E quem é que chegou a esse valor? Dois por cento parecia estranhamente baixo. Acreditaria mais depressa em dez por cento – ou mesmo vinte. Na sua vida, provavelmente esse número estava mais perto dos cinquenta. Não queria preocupar-se com esta saída, mas estava preocupada. Havia cinquenta por cento de probabilidades de ela estragar tudo.

Enquanto levavam o barco até à doca, na escuridão matinal, o homem à frente dela olhou para trás por cima do ombro, como se quisesse ver por que raio o tipo que costumava remar no lugar número dois parecia hoje mais pequeno.

– Elizabeth Zott – disse ela.

– Nada de conversas! – gritou o timoneiro.

– Quem? – perguntou o homem em tom desconfiado.

– Vou remar no Número Dois hoje.

– Pouco barulho aí atrás! – gritou o timoneiro.

– O Número Dois? – murmurou o homem, incrédulo. – *Você* vai remar no Número Dois?

– Há algum *problema*? – sussurrou Elizabeth em resposta.

*

– Foste fantástica! – gritou Calvin duas horas mais tarde, com uma palmada tão excitada no volante do carro que *Seis e Meia* temeu que houvesse um acidente antes de conseguirem chegar a casa. – Toda a gente achou!

– Toda a gente quem? – perguntou Elizabeth. – A mim ninguém me disse nada.

– Oh, sabes como é, só falam com uma pessoa quando estão chateados. O que interessa é que estamos no alinhamento para quarta-feira.

Sorriu, triunfante. Salvara-a outra vez – primeiro no trabalho, agora isto.

Talvez fosse esta a maneira de quebrar um enguiço – precauções secretas mas sensatas.

Elizabeth olhou para a janela. Seria possível que o desporto do remo fosse mesmo assim tão igualitário? Ou era apenas o medo habitual dos suspeitos do costume? Os remadores, tal como os cientistas, temiam os lendários rancores de Calvin.

Enquanto percorriam a estrada costeira no caminho para casa, com o sol a iluminar uma dúzia de surfistas, com as suas pranchas compridas apontadas para terra, as cabeças viradas para trás, a tentar apanhar umas ondas antes de irem trabalhar, ocorreu subitamente a Elizabeth que ainda não vira esse suposto rancor em ação.

– Calvin – disse, virando-se para ele –, porque é que toda a gente diz que tu guardas rancores?

– O quê? – disse ele, sem conseguir conter um sorriso. Precauções secretas e sensatas. A solução para os problemas da vida!

– Sabes ao que me refiro – respondeu ela. – Corre um rumor no trabalho... as pessoas dizem que, se discordarem de ti, tu lhes arruinarás a vida.

– Oh, isso! – exclamou ele alegremente. – Rumores. Mexericos. Inveja. Há pessoas de quem não gosto, com certeza, mas achas que faria um grande esforço para lhes dar cabo da vida? Claro que não.

– Certo – disse ela. – Mesmo assim, estou curiosa. Há alguém na tua vida a quem nunca perdoarás?

– Não me ocorre ninguém – admitiu ele, bem-disposto. – E tu? Alguém que planeies odiar para o resto da vida?

Virou a cabeça. Elizabeth ainda tinha o rosto corado do exercício, o cabelo húmido dos salpicos do oceano, uma expressão séria. Levantou os dedos, como se estivesse a contar em silêncio.

CAPÍTULO 9

O rancor

Quando Calvin afirmava não odiar ninguém e não guardar rancores, dizia-o da mesma forma que algumas pessoas dizem que se esqueceram de comer. O que significa que estava a mentir. Por mais que tentasse fingir que deixara o passado para trás, ele estava sempre ali, a morder-lhe o coração. Muitas pessoas o tinham injustiçado, mas só havia um homem a quem não conseguia perdoar. Apenas um homem que jurara odiar até ao seu último suspiro.

*

Vira-o pela primeira vez quando tinha dez anos. Uma limusina comprida estacionara em frente aos portões do lar para rapazes e dela saíra um homem. Era alto, elegante, bem vestido, num fato feito à medida, com botões de punho de prata, coisas que não condiziam de modo algum com a paisagem do Iowa. Calvin e os outros rapazes correram para a cerca. Uma estrela de cinema, pensaram. Talvez um jogador de baseball profissional.

Estavam habituados a este tipo de coisas. Uma ou duas vezes por ano apareciam no lar pessoas famosas, com alguns repórteres atrás, para tirar fotografias com os rapazes. De vez em quando, estas visitas resultavam em uma ou duas luvas de baseball novas ou fotografias autografadas. Mas este homem trazia apenas uma pasta na mão. Os rapazes viraram costas.

Porém, cerca de um mês depois desta visita, começaram a chegar coisas: manuais de ciências, jogos de matemática, conjuntos de química. E, ao contrário das luvas de baseball e das fotografias autografadas, havia suficientes para todos.

– O Senhor proverá – disse o padre, distribuindo os livros de Biologia novos. – O que significa que os bem-aventurados têm de ficar caladinhos e

sossegados. Vocês aí atrás, pouco barulho, não estou a brincar! – Bateu com a régua numa secretária e todos os rapazes deram um salto.

– Desculpe, senhor padre – disse Calvin, ao folhear o seu livro –, mas o meu não está completo. Faltam aqui algumas páginas.

– Não *faltam*, Calvin – disse o padre. – Foram retiradas.

– Porquê?

– Porque estavam erradas. Agora abram os livros na página cento e dezanove. Vamos começar por...

– Mas falta a parte da evolução – insistiu Calvin.

– Já chega, Calvin.

– Mas...

A régua atingiu-o com força nos nós dos dedos.

*

– Calvin – disse o bispo em tom aborrecido. – O que se passa contigo? É a quarta vez que te mandam ao meu gabinete esta semana. E isto sem contar com as queixas do bibliotecário sobre as tuas mentiras.

– Qual bibliotecário? – perguntou Calvin, espantado. Com certeza que o bispo não se referia ao padre bêbedo que costumava estar escondido na pequena despensa onde guardavam a patética coleção de livros do orfanato.

– O padre Amos diz que tu afirmas já ter lido tudo o que temos nas prateleiras. Mentir é pecado, mas mentiras e bazófias? Não há nada pior.

– Mas eu *já* li...

– Silêncio! – gritou agigantando-se sobre o rapaz. – Há pessoas que já nascem más – continuou. – Fruto de pais que também não eram bons. Mas no teu caso, não sei onde foste buscar esse carácter.

– Como assim?

– Quero dizer – explicou, inclinando-se para a frente – que desconfio que nasceste bom, mas entretanto te estragaste. Apodreceste – disse –, devido a uma série de más escolhas. Já ouviste dizer que a beleza vem de dentro?

– Sim.

– Bom, tu por dentro és tão feio como por fora.

Calvin tocou nos nós dos dedos inchados e tentou não chorar.

– Porque não podes dar graças por aquilo que tens? – censurou o bispo. – Metade das páginas no livro de Biologia é melhor do que nenhuma, não é? Céus, eu sabia que isto ia ser um problema. – Levantou-se e começou a

percorrer o gabinete. – Livros de ciências, conjuntos de química. O que somos obrigados a aceitar só para ter dinheiro nos cofres. – Virou-se para Calvin, zangado. – Até isso é culpa tua – disse. – Não estaríamos nesta posição se não fosse o teu pai e...

Calvin levantou a cabeça.

– Bom, deixa lá. – O bispo voltou para trás da secretária e começou a remexer nos papéis.

– Não pode falar do meu pai – disse Calvin, com o calor a subir-lhe ao rosto. – Nem sequer o conheceu!

– Posso falar de quem eu quiser, Evans – ripostou o bispo de testa franzida. – De qualquer maneira, não estou a falar do teu pai que morreu no acidente de comboio. Refiro-me – disse – ao teu *verdadeiro* pai; o idiota que nos impingiu estes livros de ciências todos. Apareceu aqui há coisa de um mês, numa grande limusina, à procura de um rapaz de dez anos cujos pais adotivos tinham sido colhidos por um comboio e cuja tia foi contra uma árvore com o carro, um rapaz que «talvez seja», disse ele, «bastante alto?» Fui direito ao armário e tirei logo o teu processo. Pensei que ele tivesse vindo buscar-te, como uma mala esquecida numa estação de comboio... acontece muitas vezes com as adoções. Mas quando lhe mostrei a tua fotografia, ele perdeu o interesse.

Calvin arregalou os olhos. Fora adotado? Não era possível. Os seus pais continuavam a ser os seus pais, mortos ou não. Lutou contra as lágrimas e lembrou-se de como era feliz, com a mão enfiada na segurança da mão grande do pai, a cabeça encostada ao peito quente da mãe. O bispo estava *errado*. Estava a *mentir*. Os rapazes estavam sempre a ouvir histórias sobre como e porquê tinham ido parar a Todos os Santos: a mãe morta no parto, o pai que não conseguia lidar com a situação; ou eles que eram crianças problemáticas; ou já havia muitas bocas para alimentar em casa. Esta era apenas mais uma dessas histórias.

– Para que saibas – disse o bispo, como se estivesse a escolher a explicação de uma lista –, a tua mãe verdadeira morreu no parto e o teu pai verdadeiro não conseguiu lidar com a situação.

– *Não acredito!*

– Estou a ver – disse o bispo secamente, e tirou duas folhas de papel do processo de Calvin: um certificado de adoção e a certidão de óbito de uma mulher. – O nosso cientista precisa de provas.

Calvin olhou para os documentos com a visão turvada pelas lágrimas. Não conseguiu ler uma única palavra.

– Muito bem – disse o bispo, unindo as mãos. – Imagino que isto seja um choque, Calvin, mas vê as coisas pelo lado positivo. Na verdade, *tens* um pai e ele *está* a olhar por ti... ou pela tua educação, pelo menos. É muito mais do que os outros rapazes podem dizer. Tenta não ser egoísta. Tiveste sorte. Primeiro, uns bons pais adotivos, e agora um pai rico. Pensa no presente dele... – hesitou – ...como uma recordação. Um tributo à tua mãe. Uma homenagem.

– Mas se ele fosse o meu verdadeiro pai – disse Calvin, ainda incrédulo –, levar-me-ia daqui. Havia de querer que eu estivesse com ele.

O bispo baixou o rosto para ele, com expressão surpreendida.

– O quê? Não. Já te disse: a tua mãe morreu no parto e o teu pai não conseguiu lidar com a situação. Não, ambos concordámos... em especial depois de ele ler o teu processo... que ficarias melhor aqui. Um rapaz como tu precisa de um ambiente moral, muita disciplina. Há muitos pais ricos que mandam os filhos para colégios internos. O Lar de Todos os Santos não é assim tão diferente. – Fungou, ao sentir no ar os odores desagradáveis vindos da cozinha. – No entanto, insistiu para que alargássemos a nossa oferta educativa. Algo que achei muito presunçoso da sua parte – acrescentou, enquanto tirava um pelo de gato da manga. – Dizer-nos a nós... profissionais da educação... como havemos de educar.

Levantou-se e virou costas a Calvin para olhar pela janela, para o telhado abaulado do lado ocidental do edifício.

– A boa notícia é que ele nos deixou uma maquia considerável... não só para ti, mas também para os outros rapazes. Muito generoso. Quer dizer, seria generoso se não estivesse tudo destinado a ciência e desporto. Meu Deus, estes tipos ricos acham sempre que sabem mais do que os outros.

– Ele... ele é cientista?

– Ouviste-me *dizer* que ele é cientista? – perguntou o bispo. – Ouve, ele esteve aqui, fez perguntas, foi-se embora. Pelo menos deixou um cheque. É muito mais do que a maioria dos pais miseráveis faz.

– Mas quando é que vai voltar? – perguntou Calvin em tom suplicante. Tudo o que mais queria era escapar daquele lar, mesmo que fosse com um homem que não conhecia.

– Teremos de esperar para ver – disse o bispo, e virou-se de novo para a janela. – Ele não disse.

*

Calvin regressou lentamente à sala de aula, a pensar no homem que era seu pai e em maneiras de o fazer voltar. Ele *tinha* de voltar. Mas as únicas coisas que continuaram a aparecer foram mais livros de Ciências.

Ainda assim, Calvin era uma criança e, como é normal nas crianças, agarrou-se à esperança muito depois de essa esperança ter excedido o prazo de validade. Releu todos os livros que este pai recém-descoberto mandara – devorou-os como se fossem amor, abastecendo o coração destroçado de teorias e algoritmos, determinado a descobrir a química partilhada por ele e pelo pai, o elo de ligação inquebrável que os unia para toda a vida. Mas aquilo que percebeu, através dos seus estudos autodidatas, foi que a complexidade da química ia muito além da hereditariedade e que dava voltas e reviravoltas por vezes cruéis. E assim teve de aprender a viver com o conhecimento de que não só este outro pai o abandonara – sem sequer o *conhecer* – mas de que essa mesma química dera origem a um rancor que ele não conseguia esconder nem esquecer.

CAPÍTULO 10

A trela

Elizabeth nunca tinha tido um animal de estimação, e não estava certa de ter um animal de estimação nesse momento. Sabia que *Seis e Meia* não era humano, mas o cão parecia possuir uma humanidade que ultrapassava em muito aquela que encontrava na maioria das pessoas.

Foi por isso que não lhe comprou uma trela – parecia-lhe errado. Insultuoso, até. Ele raramente se afastava muito dela, nunca atravessava a rua sem olhar, não corria atrás dos gatos. Na verdade, a única vez que lhe fugiu foi no 4 de Julho, quando um foguete rebentou mesmo à frente dele. Depois de horas de busca e preocupação, ela e Calvin finalmente encontraram-no encolhido atrás de uns caixotes do lixo, num beco, a tremer de vergonha.

Contudo, quando a cidade aprovou a primeira lei sobre trelas, Elizabeth foi obrigada a reconsiderar, embora por motivos mais complexos. À medida que se sentia mais presa ao cão, mais força ganhava a ideia de prender o cão a ela.

Assim, comprou uma trela e pendurou-a no cabide do vestíbulo e esperou que Calvin reparasse. Contudo, ao fim de uma semana, ele ainda não dera por ela.

– Comprei uma trela para o *Seis e Meia* – anunciou Elizabeth por fim.

– Porquê? – quis saber Calvin.

– É a lei – explicou ela.

– Que lei?

Ela falou-lhe sobre a nova lei e ele riu-se.

– Oh... Isso não se aplica a nós. É para pessoas que não têm cães como o *Seis e Meia*.

– Não, é para toda a gente. É uma lei nova. Acho que desta vez não vão admitir exceções.

Ele sorriu.

– Não te preocupes. O *Seis e Meia* e eu passamos pela esquadra quase todos os dias. A polícia conhece-nos.

– Mas isso vai mudar – insistiu ela. – Provavelmente porque houve um grande aumento no número de mortes de animais. Há muito mais cães e gatos a serem atropelados. – Não sabia se era mesmo verdade, mas parecia bem possível. – Seja como for, ontem quando fui com o *Seis e Meia* à rua, pus-lhe a trela. Ele gostou.

– Não consigo correr com uma trela – disse Calvin, erguendo os olhos. – Detesto sentir-me preso. Além do mais, ele nunca sai de junto de mim.

– Pode acontecer alguma coisa.

– Como por exemplo?

– Ele pode correr para a estrada. Pode ser atropelado. Lembras-te do que aconteceu com o foguete? Não é contigo que estou preocupada – disse. – É com ele.

Calvin sorriu discretamente. Era um lado de Elizabeth que nunca tinha visto: um instinto maternal.

– Por falar nisso – disse ele –, estão a prever relâmpagos para estes dias. O doutor Mason ligou... o remo foi cancelado o resto da semana.

– Oh, que pena – disse ela, tentando não parecer aliviada. Já saíra quatro vezes com o oito masculino e de cada vez ficara mais exausta do que estava disposta a admitir. – Ele disse mais alguma coisa? – Não queria dar a entender que estava à procura de elogios, mas estava. O doutor Mason parecia ser um homem decente; falava sempre com ela de igual para igual. Calvin mencionara que ele era obstetra.

– Disse que estávamos no alinhamento para a próxima semana – respondeu Calvin. – E que gostaria que pensássemos em participar numa regata na primavera.

– Queres dizer uma corrida?

– Vais adorar. É muito divertido.

Na verdade, Calvin tinha quase a certeza de que ela não gostaria muito. As regatas eram stressantes. O medo de perder já era mau, mas depois havia também o facto de a corrida em si mesma ser fisicamente penosa, e de saber que assim que soava a palavra «Atenção!» os remadores arriscariam um ataque cardíaco, costelas partidas, doação de pulmões – o que fosse preciso – só para ganhar aquela medalha de lata no final. Chegar em segundo? Por

favor. Não era de admirar que chamassem primeiro derrotado ao segundo lugar.

– Parece interessante – mentiu ela.

– É mesmo – mentiu ele.

*

– O remo foi cancelado, lembra-te? – disse Calvin dois dias depois, surpreendido ao ouvir Elizabeth a vestir-se às escuras. Olhou para o despertador. – São quatro da manhã. Volta para a cama.

– Não consigo dormir – disse ela. – Acho que vou mais cedo para o trabalho.

– Não – implorou ele. – Fica comigo. – Afastou as mantas e fez-lhe sinal para se deitar ao seu lado.

– Vou pôr aquela travessa de batatas no forno no mínimo – disse, enquanto se calçava. – Podes comê-las ao pequeno-almoço.

– Ouve, se vais, eu também vou – disse ele, com um bocejo. – Dá-me só mais uns minutos.

– Não, não – disse ela. – Dorme.

Acordou uma hora mais tarde, sozinho.

– Elizabeth? – chamou.

Dirigiu-se à cozinha, descalço, e encontrou um par de pegas de forno em cima da bancada. *Espero que as batatas estejam boas*, escrevera ela. *Até já, beijinhos*.

*

– Vamos correr até ao trabalho esta manhã – disse Calvin a *Seis e Meia*. Na verdade, não lhe apetecia correr, mas assim podiam voltar todos para casa no mesmo carro. Não era por estar preocupado em poupar gasolina, mas sim porque não suportava a ideia de Elizabeth conduzir para casa sozinha. Havia árvores pelo caminho. E comboios.

Sabia que ela odiaria saber quanto ele se preocupava e afligia, portanto nunca lhe disse nada. Mas como podia não se afligir com o bem-estar da pessoa que amava mais do que ninguém, mais do que parecia sequer possível? Além disso, ela também se afligia com ele – preocupava-se com a sua alimentação, estava sempre a sugerir-lhe que corresse dentro de casa com Jack, até comprara uma trela, imagine-se.

Pelo canto do olho viu algumas contas e fez uma nota mental para arquivar a correspondência mais recente. Recebera mais uma carta da mulher que afirmava ser sua mãe – *Disseram-me que tinhas morrido*, era o que ela escrevia sempre. Recebera outra de um analfabeto que insistia que Calvin lhe roubara todas as suas ideias, e mais uma de um irmão há muito perdido que queria dinheiro. Estranhamente, nunca ninguém lhe escrevera a fazer-se passar por seu pai. Talvez porque o pai ainda estava vivo, algures, a fingir que nunca tivera um filho.

Desde que deixara o lar para rapazes, além do bispo, a única pessoa a quem admitira o ressentimento que guardava ao pai fora – curiosamente – um amigo por correspondência. Era um homem que nunca conhecera pessoalmente mas com quem conseguira forjar uma forte amizade. Talvez porque, como na confissão, ambos achavam mais fácil falar com alguém que não conseguiam ver. Porém, quando o assunto dos pais veio à baila – depois de cerca de um ano de correspondência franca e regular – tudo mudou. Calvin deu a entender que preferia que o pai estivesse morto e o seu correspondente, aparentemente chocado, reagira de um modo inesperado. Deixara de lhe escrever.

Calvin partiu do princípio de que ultrapassara algum limite – o outro homem era religioso e ele não; talvez desejar a morte ao pai não fosse algo que as pessoas admitissem em círculos eclesiásticos. Fosse por que motivo fosse, a correspondência cessou. Calvin ficou deprimido durante meses.

Foi por isso que decidiu não falar nesse assunto com Elizabeth. Temia que ela reagisse como o seu ex-amigo reagira e o deixasse, ou então que se apercebesse subitamente daquilo que o bispo descrevera uma vez como o defeito crítico de Calvin: um carácter que não atraía amor. Calvin Evans, feio por dentro e por fora. E, na verdade, ela *recusara* o seu pedido de casamento.

E se lhe contasse agora, Elizabeth podia perguntar porque não dissera nada antes. O que era perigoso, porque podia fazê-la questionar que *mais* é que ele lhe escondera.

Não, havia coisas que era melhor ficarem por dizer. Além disso, ela também guardara para si os seus problemas no trabalho. Um segredo ou outro, numa relação como a deles, era normal.

Enfiou as suas velhas calças de fato de treino e ao remexer na gaveta das peúgas, partilhada por ambos, sentiu o aroma do perfume dela e ficou mais

animado. Nunca almejava ao automelhoramento – nem sequer conseguira ler o livro de Dale Carnegie sobre fazer amigos e influenciar pessoas porque, ao fim de dez páginas, percebeu que não lhe interessava o que outros pensavam. Mas isso fora antes de Elizabeth – antes de perceber que fazê-la feliz o deixava feliz. Esta, pensou, enquanto pegava nos ténis, devia ser a definição de amor. Querer *mesmo* mudar por outra pessoa.

Quando se baixou para atar os atacadores, sentiu algo novo encher-lhe o peito. Seria gratidão? Ele, Calvin Evans, o órfão feio e nunca antes amado, conseguira, de alguma forma, encontrar esta mulher, este cão, este trabalho, esta equipa de remo, este trajeto de corrida, Jack. Era mais do que alguma vez esperara, muito mais do que alguma vez merecera.

Olhou para o relógio: 5h18. Elizabeth estava sentada num banco no laboratório, com as centrifugadoras a trabalhar. Calvin assobiou para chamar *Seis e Meia*, que se juntou a ele ao pé da porta. Eram cerca de oito quilómetros até ao trabalho e, a correrem juntos, podiam lá estar em quarenta e dois minutos. Mas quando abriu porta, *Seis e Meia* hesitou. Estava escuro e choviscava.

– Então, rapaz? – disse Calvin. – O que foi?

Depois lembrou-se. Voltou para trás, pegou na trela, baixou-se e prendeu-a à coleira de *Seis e Meia*. Seguramente preso ao cão pela primeira vez, Calvin virou-se e trancou a porta atrás de si.

Trinta e sete minutos depois, estava morto.

CAPÍTULO 11

Cortes orçamentais

— **A**nda, rapaz – disse Calvin a *Seis e Meia* –, vamos lá acelerar.

Seis e Meia colocou-se no seu lugar, cinco passos à frente de Calvin, de onde olhava para trás de vez em quando para se certificar de que ele ainda lá estava. Quando viraram à direita, passaram por um quiosque. «ORÇAMENTO MUNICIPAL BATE NO FUNDO», gritava uma manchete. «POLÍCIA E BOMBEIROS EM RISCO».

Calvin puxou um pouco a trela, indicando a *Seis e Meia* que virasse à esquerda, para um bairro mais antigo de casas grandes e relvados amplos.

– Um dia havemos de viver aqui – garantiu-lhe Calvin ao passarem. – Talvez depois de eu ganhar o Nobel. – *Seis e Meia* sabia que ele ganharia o Nobel porque Elizabeth lho garantira.

Fizeram outra curva e Calvin quase escorregou numa zona de musgo antes de se equilibrar.

– Esta foi por pouco – murmurou entre dentes, enquanto se aproximavam da esquadra da polícia. *Seis e Meia* olhou para os carros-patrolha, alinhados como soldados à espera da inspeção.

*

Porém, os carros não tinham sido alvo de inspeção porque o departamento da polícia sofrera mais um corte orçamental – o terceiro em quatro anos. Os três cortes tinham sido feitos ao abrigo da iniciativa Fazer Mais Com Menos!, o *slogan* inventado por algum funcionário público no departamento de Relações Públicas municipal. O que realmente significava, desta vez, era que havia empregos em perigo. Alguns salários já tinham sofrido cortes. Os aumentos estavam congelados. A seguir viriam os despedimentos.

Assim, os agentes fizeram o que podiam para não chegar a esse ponto: pegaram na mais recente iniciativa Fazer Mais Com Menos! e encaixaram-na onde conseguiram: lá fora, no parque de estacionamento, nos carros-patrolha. Os veículos pretos e brancos que aguentassem com os cortes desta vez. Não haveria mais revisões, mudanças de óleo, afinação de travões, pneus novos, trocas de lâmpadas, enfim, nada.

*

Seis e Meia não gostava do parque de estacionamento da polícia, especialmente da maneira como os polícias tiravam os carros, em marcha-atrás, de forma tão descuidada e apressada. Nem sequer gostava dos polícias simpáticos que às vezes lhes acenavam quando se cruzavam com ele e Calvin, o passo lento e pesado dos agentes em nítido contraste com o vigor de Calvin. Na opinião de *Seis e Meia* eles pareciam deprimidos, desanimados pelos salários baixos, enfastiados pela rotina, saturados das intermináveis emergências insignificantes que nunca os obrigavam a recorrer ao treino de salvamento de vidas aprendido na academia.

À medida que ele e Calvin se aproximavam, *Seis e Meia* farejou o ar. Ainda estava escuro. O Sol nasceria dentro de uns dez...

BAM!

No meio da escuridão soou um barulho horrível. Parecia um foguete a rebentar – sonoro, seco, violento. *Seis e Meia* deu um salto, assustado – *O que foi isto?* Tentou correr, mas foi travado pela trela que o prendia a Calvin. Calvin reagiu também – *Isto são tiros?* – e tentou correr precisamente na direção oposta. **BAM, BAM, BAM!** As explosões gaguejaram como uma metralhadora. Em resposta, Calvin levantou o pé e precipitou-se para a frente, puxando *Seis e Meia* para este lado, enquanto *Seis e Meia*, de olhos arregalados, levantava as patas da frente e puxava como quem diz *Não, para este lado!* E a trela, esticada como o arame de um equilibrista, não deixava margem de manobra. Calvin pôs o pé numa mancha de óleo de motor e escorregou para a frente como um patinador desastrado. O pavimento veio ao seu encontro a toda a velocidade, como um velho amigo que mal podia esperar para o cumprimentar.

Enquanto um fio vermelho criava um halo escuro em torno da cabeça de Calvin, *Seis e Meia* virou-se para o ir ajudar, mas algo se precipitou sobre

eles – uma viatura tão grande que mais parecia um barco, com tamanha violência que partiu a trela e projetou o cão para um dos lados.

O animal conseguiu levantar a cabeça mesmo a tempo de ver as rodas do carro-patrolha passarem sobre o corpo de Calvin.

*

– Céus, o que foi *isto*? – disse o agente ao seu parceiro. Estavam acostumados aos estrondos constantes do escape do carro, mas aquilo fora outra coisa. Saltaram do carro e depararam-se, estupefactos, com um homem alto caído no chão, com os olhos cinzentos muito abertos, a ferida na cabeça a ensopar rapidamente de sangue o passeio. O homem pestanejou duas vezes e olhou para o polícia debruçado sobre ele.

– Oh, meu Deus, fomos nós que o atropelámos? Oh, meu Deus... Consegue ouvir-me? Senhor? Jimmy, chama uma ambulância.

Calvin ficou ali deitado, com o crânio fraturado, o braço partido em dois pela força do carro-patrolha. À volta do pulso tinha ainda os restos da trela.

– *Seis e Meia*? – murmurou.

– O quê? O que é que ele disse, Jimmy? Oh, meu Deus.

– *Seis e Meia*? – murmurou Calvin de novo.

– Não, senhor – disse o polícia, agachando-se ao lado dele. – São quase seis, mas ainda faltam uns minutos. Na verdade, são cinco e cinquenta. Faltam dez para as seis. Vamos tirá-lo daqui... vamos tratar de si, não se preocupe, não há motivo de preocupação.

Atrás dele, os polícias começaram a sair da esquadra. À distância, uma ambulância assinalava com a sua sirene a intenção de chegar em breve.

– Oh, mas que pena – disse um deles, enquanto o ar abandonava os pulmões de Calvin. – Não é aquele tipo de quem estão sempre a queixar-se ao telefone? O tipo que corre?

A três metros dali, *Seis e Meia*, com uma espádua deslocada, a outra metade da trela pendurada do pescoço torcido, assistiu a tudo. Queria mais do que qualquer outra coisa aproximar-se de Calvin, tocar-lhe com o focinho no rosto, lamber-lhe as feridas, impedir que as coisas fossem ainda mais longe do que já tinham ido. Mas sabia. Mesmo a três metros de distância, sabia. Os olhos de Calvin fecharam-se. O seu peito parou de se mover.

Viu Calvin a ser colocado na ambulância, com um lençol a tapar-lhe o corpo, a mão direita caída ao lado da maca, a trela partida ainda bem enrolada ao pulso. *Seis e Meia* virou a cabeça, agoniado de dor. De cabeça baixa, deu meia-volta e foi dar a má notícia a Elizabeth.

CAPÍTULO 12

O presente de despedida de Calvin

Quando Elizabeth tinha oito anos, o seu irmão, John, desafiou-a a saltar de uma falésia e ela saltou. Em baixo, havia uma pedreira de águas-marinhas cheia de água, que ela atingiu como um míssil. Os dedos dos pés tocaram no fundo e ela empurrou para vir ao de cima. Quando rompeu a superfície, ficou surpreendida ao ver o irmão. Ele saltara logo atrás dela. *Que é que te passou pela cabeça, Elizabeth?*, gritou, com voz angustiada, enquanto a puxava para a margem. *Eu estava a brincar! Podias ter morrido!*

Agora, sentada de costas muito direitas no banco do laboratório, ouvia um polícia a falar sobre alguém que morrera, e outra pessoa qualquer a insistir para ela aceitar um lenço, e outro ainda a dizer qualquer coisa sobre o veterinário, mas Elizabeth só conseguia pensar naquele momento, tantos anos antes, quando os seus pés tocaram no fundo, na lama macia e sedosa que a convidava a ficar. Sabendo o que sabia agora, só lhe ocorreu uma coisa: *Devia ter ficado lá em baixo.*

*

A culpa era dela. Era o que estava a tentar explicar ao polícia. A trela. Fora ela quem a comprara. Mas, por mais que o repetisse, ele não parecia estar a perceber e, por causa disso, Elizabeth pensou que havia uma pequena probabilidade de ter imaginado tudo. Calvin não estava morto. Estava a remar. Estava de viagem. Estava cinco pisos mais acima, a escrever no seu bloco de notas.

Alguém a mandou para casa.

Nos dias seguintes, ela e *Seis e Meia* ficaram deitados na cama desfeita, sem conseguir conciliar o sono, sem conseguir sequer pensar em comida, de olhos postos no teto, à espera de que ele entrasse em casa. A única coisa

que os incomodava era o telefone a tocar. Do outro lado, era sempre a mesma voz lamurienta – um agente funerário, imagine-se – a insistir em que «era preciso tomar *decisões!*» Era preciso um fato para o caixão de alguém.

– Que caixão? – disse ela. – Quem fala?

Depois de demasiados telefonemas destes, *Seis e Meia*, aparentemente esgotado pela confusão dela, empurrou-a na direção do roupeiro e abriu a porta com a pata. E foi então que ela viu as camisas dele a baloiçar como cadáveres há muito mortos no cadafalso. E foi então que percebeu: Calvin partira.

*

Tal como depois do suicídio do irmão e do ataque por parte de Meyers, Elizabeth não conseguiu chorar. Havia um exército de lágrimas por trás dos seus olhos, mas recusavam-se a levantar acampamento. Era como se tivesse ficado sem ar: por mais que respirasse fundo, não conseguia encher os pulmões. Quando era pequena, lembrava-se de ter ouvido um homem pernetar a dizer à bibliotecária que estava alguém a ferver água entre as estantes. Era perigoso, explicara ele; era melhor ela ir fazer alguma coisa. A bibliotecária tentara persuadi-lo de que não estava ninguém a ferver água – a biblioteca era apenas uma sala e ela conseguia ver toda a gente – mas ele insistiu e gritou com ela, e por causa disso tiveram de vir dois homens retirá-lo. Um deles explicou que o pobre homem sofria de traumas de guerra. Provavelmente nunca recuperaria.

O problema era que, agora, Elizabeth também ouvia a água a ferver.

*

Para que o telefone parasse de tocar, teve de arranjar um fato. Calvin não tinha nenhum fato, por isso reuniu aquilo que achava que ele teria preferido usar: as suas roupas de remo. Depois levou o pequeno embrulho até à agência funerária e entregou-o ao homem responsável.

– Aqui tem – disse.

O homem, muito experiente na arte de lidar com os enlutados, aceitou com expressão solene e um aceno cortês. Contudo, assim que ela saiu, entregou as roupas ao assistente e disse:

– O morto na sala quatro deve ser um quarenta e seis extra comprido.

O assistente pegou no embrulho e atirou-o para dentro de um armário, onde se juntou a uma pequena montanha de outras roupas inapropriadas que os familiares, no meio do desgosto, tinham trazido ao longo dos anos. O assistente dirigiu-se a um grande roupeiro, pegou num fato 46 extra comprido, sacudiu as calças, soprou uns grãos de poeira dos ombros e dirigiu-se à sala quatro.

Antes que Elizabeth se tivesse afastado dez quarteirões, ele já tinha conseguido introduzir o corpo rígido de Calvin dentro do fato, empurrando as mãos que a tinham acariciado pelas mangas escuras; enfiando as pernas que se tinham enrolado ao corpo dela através de cilindros de tecido de lã. Depois abotoou a camisa, afivelou o cinto, ajeitou a gravata e atou os atacadores, sem deixar de sacudir a poeira que fazia de tal forma parte da morte, de uma ponta à outra do fato. Recuou para admirar o seu trabalho e ajeitou melhor a lapela. Pegou num pente; depois pensou melhor. Fechou a porta e percorreu o corredor para ir buscar a lancheira com o almoço, parando apenas para dar instruções a uma mulher sentada atrás de uma grande máquina calculadora num pequeno gabinete.

Elizabeth ainda não percorrera doze quarteirões quando o fato sujo foi adicionado à sua conta.

*

O funeral foi concorrido. Alguns remadores, um repórter, talvez cinquenta empregados do Instituto Hastings, alguns dos quais, apesar das cabeças curvadas, não estavam no funeral de Calvin por respeito ou tristeza, mas sim por regozijo. *Tlim tlão*, festejaram silenciosamente. *O rei morreu*.

*

Vários dos cientistas presentes repararam em Zott, à distância, com o cão ao seu lado. Mais uma vez, o raio do cão não tinha trela – apesar da nova lei da cidade, e em ignorância dos avisos que rodeavam todo o cemitério a proibir desde logo a entrada a cães. Era o costume. Mesmo na morte, Zott e Evans agiam como se as regras não se aplicassem a eles.

À distância, Elizabeth protegeu os olhos para estudar a multidão. Um casal bem vestido, com ar curioso, assistia à cerimónia junto de uma campa próxima, como se fosse um acidente na autoestrada. Pousou a mão nas ligaduras de *Seis e Meia* e pensou no que havia de fazer. A verdade é que

tinha medo de se aproximar do caixão porque sabia que tentaria abri-lo à força e entrar lá para dentro e enterrar-se com ele, e isso implicava ter de lidar com as pessoas que a tentariam impedir quando ela não queria ser impedida.

Seis e Meia pressentia o seu desejo de morte e, por causa disso, estivera a semana inteira em vigília de suicídio. O único problema era que ele também queria morrer. Pior ainda, desconfiava que ela estaria na mesma posição – que, apesar dos seus próprios desejos, sentia obrigação de o manter a *ele* vivo. Isto da devoção era uma chatice.

Nesse momento alguém disse atrás deles:

– Bom, pelo menos está um dia bonito para o funeral. – Como se o mau tempo pudesse ter arruinado uma ocasião tão festiva. *Seis e Meia* levantou a cabeça e viu um homem magro, de maxilar forte, com um bloco de notas na mão.

– Peço desculpa por estar a incomodar – disse o homem a Elizabeth. – Mas vi-a aqui sentada sozinha e pensei que talvez pudesse ajudar-me. Estou a escrever um artigo sobre o Evans, não sei se posso fazer-lhe algumas perguntas... Quer dizer, sei que era um cientista famoso, mas é tudo o que sei. Pode dizer-me como é que o conhecia? Talvez relatar algum episódio? Conhecia-o há muito tempo?

– Não – disse ela, e afastou o olhar.

– Não...?

– Não, não o conhecia há muito tempo. Decididamente, não o conheci tempo suficiente.

– Oh, certo – disse ele, com um aceno. – Compreendo. É por isso que está aqui, afastada... não era uma amiga chegada, mas quis ainda assim vir prestar a sua homenagem. Entendido. Era seu vizinho? Talvez possa indicar-me quem são os pais dele. Ou irmãos? Primos? Gostava muito de ter alguns antecedentes. Ouvi falar muito sobre ele; há quem diga que era um imbecil. Tem algum comentário a fazer? Sei que ele não era casado, mas tinha namorada? – E quando ela continuou a fitar a distância, acrescentou, em voz mais baixa: – Já agora, não sei se viu os avisos, mas não são permitidos cães no cemitério. Em circunstância alguma. Parece que são muito rigorosos em relação a isso. A menos que precise do cão, que seja um cão-guia, por ser... enfim...

– Sou.

O repórter recuou um passo.

– Oh, não me diga? – perguntou em tom constrangido. – Então é... Peço imensa desculpa. É que não parece nada...

– Sou – repetiu ela.

– E é permanente?

– Sim.

– Que pena. – E perguntou, curioso: – Doença?

– Trela.

Ele recuou mais um passo.

– Bom, é uma pena – repetiu, agitando a mão em frente da cara de Elizabeth para ver se ela reagia. E, na verdade, nada.

Ao fundo, apareceu um padre.

– Parece que a festa vai começar – disse, transmitindo-lhe aquilo que via.

– As pessoas estão a sentar-se, o sacerdote abriu a Bíblia e... – olhou para trás para ver se estava a aproximar-se mais alguém vindo do parque de estacionamento. – E nada de família. Onde é que está a família? Não há uma única alminha na fila da frente. Talvez ele fosse mesmo um imbecil. – Olhou para ela à espera de resposta e, surpreendido, viu Elizabeth levantar-se. – Minha senhora, não precisa de ir lá para baixo, as pessoas compreendem a sua situação. – Ela ignorou-o e apalpou o banco à procura da mala. – Bom, se realmente quer aproximar-se mais, deixe-me ajudá-la. – Pegou-lhe no cotovelo mas, mal lhe tocou, *Seis e Meia* rosnou. – Credo – disse. – Estava só a tentar ajudar.

– Ele *não era* um imbecil – disse Elizabeth, por entre dentes cerrados.

– Oh – respondeu o repórter, embaraçado. – Claro que não. Peço desculpa. Estava apenas a repetir o que ouvi dizer. Sabe como é... mexericos. Desculpe. Mas pensei que me tinha dito que não o conhecia muito bem.

– Não foi isso que eu disse.

– Acho que foi...

– O que eu disse foi que não o conheci *tempo suficiente* – corrigiu ela com voz trémula.

– Foi o que eu disse – respondeu ele em tom conciliador, tentando pegar-lhe de novo no cotovelo. – Não o conheceu muito tempo.

– Não me toque. – Libertou o cotovelo e, com *Seis e Meia* ao seu lado, atravessou o relvado irregular, evitando habilmente anjos de pedra e flores

murchas, como só alguém com visão perfeita conseguiria fazer e, resignada à solidão da fila da frente, escolheu uma cadeira mesmo defronte da caixa preta comprida.

*

O que se seguiu foi o refrão habitual: os olhares tristes, a pá suja de terra, os versículos entediantes, as orações ridículas. Mas quando os primeiros torrões de terra caíram sobre o caixão, Elizabeth interrompeu a homenagem final do padre e anunciou:

– Preciso de caminhar.

E depois virou costas e, com *Seis e Meia* ao seu lado, afastou-se.

Era uma caminhada longa até casa. Quase dez quilómetros, de saltos altos, vestida de preto, apenas os dois sozinhos. E curioso: tanto o trajeto, que os levava através de zonas boas e más, como o contraste, uma mulher pálida e um cão ferido contra o pano de fundo conflituoso de uma primavera precoce. Por todo o lado onde passavam, mesmo nos bairros mais tristes, havia flores a espreitar por entre as fendas nos passeios e em canteiros, flores gritantes e vistosas a chamar a atenção, os seus aromas a misturarem-se na esperança de criar perfumes complexos. E ali estavam Elizabeth e *Seis e Meia*, por entre tudo isso, as únicas coisas ali mortas em vida.

O carro funerário seguiu-a durante o primeiro quilómetro e meio, mais ou menos, o condutor a suplicar-lhe que entrasse, a informá-la de que não aguentaria mais de quinze minutos com aqueles saltos, a recordar-lhe que já tinha pagado a viagem, a pedir desculpa por não poder levar o cão no carro funerário, mas com certeza outra pessoa qualquer o levaria. Mas Elizabeth foi tão surda às suas súplicas como fora cega à curiosidade do repórter, e por fim ele e todas as outras pessoas desistiram e Elizabeth e *Seis e Meia* fizeram a única coisa que fazia sentido: continuaram a andar.

*

No dia seguinte, incapazes de estar em casa e sem outro sítio para onde ir, regressaram ao trabalho.

Isto era um problema para os colegas. Já tinham esgotado o seu repertório de frases feitas. *Lamento muito. Se precisar de alguma coisa. Que tragédia.*

Tenho a certeza de que ele não sofreu. Estou aqui se puder ajudar. Ele está nas mãos de Deus. Assim, começaram a evitá-la.

– Tire o tempo que for preciso – dissera-lhe Donatti no funeral, pousando-lhe a mão no ombro enquanto ao mesmo tempo, com alguma surpresa, reparava que o preto não lhe ficava nada bem. – Se precisar de alguma coisa...

Mas quando a viu sentada no seu banco no laboratório, de olhar perdido, evitou-a também. Mais tarde, depois de perceber que todos os que diziam «eu estou aqui» só estariam ali enquanto ela lá não estivesse, Elizabeth seguiu o conselho de Donatti e saiu.

O único sítio que lhe restava era o laboratório de Calvin.

– É possível que isto me mate – murmurou a *Seis e Meia*, parada em frente da porta de Calvin. O cão encostou a cabeça à coxa dela, implorando-lhe para não avançar mais, mas ela abriu a porta e entraram ambos. O cheiro a fluido de limpeza atingiu-os como uma locomotiva.

Os humanos eram estranhos, pensou *Seis e Meia*; estavam constantemente a lutar com a poeira no seu mundo acima da superfície, mas depois de mortos enterravam-se voluntariamente nela. No funeral, mal quisera acreditar na quantidade de terra necessária para cobrir o caixão de Calvin, e quando viu o tamanho da pá ainda pensou em oferecer a ajuda das suas patas de trás para encher o buraco. E agora a poeira e a sujidade eram de novo o problema, mas em sentido oposto. Todos os vestígios de Calvin tinham sido limpos. Viu Elizabeth parar no meio da sala, com o choque estampado no rosto.

Os blocos de notas dele tinham desaparecido. Estavam arrumados em caixotes e bem guardados, enquanto a administração do Hastings aguardava, com nervosismo, para ver se surgiria algum familiar que os quisesse reclamar. Escusado será dizer que ela, que conhecia e compreendia a pesquisa de Calvin melhor do que ninguém, e cuja familiaridade com ele ultrapassava em muito a noção de «familiar», não se qualificava para tal.

Só restava uma coisa; uma caixa onde tinham colocado os artigos pessoais de Calvin: uma fotografia dela, alguns discos de Frank Sinatra, meia dúzia de rebuçados para a garganta, uma bola de ténis, guloseimas para cão e, mesmo no fundo, a lancheira dele – que, apercebeu-se Elizabeth de coração pesado, provavelmente ainda continha a sanduíche que ela lhe preparara nove dias antes.

Contudo, quando a abriu, o seu coração quase parou. Lá dentro estava uma pequena caixa azul. E, dentro desta, o maior diamantezinho que ela alguma vez vira.

*

Nesse momento, Miss Frask enfiou a cabeça na sala.

– Ah, está aqui, Miss Zott – disse, com os óculos olho-de-gato enfeitados com brilhantes pendurados à volta do pescoço numa corrente, como o nó de uma forca. – Sou a Miss Frask... do Departamento de Pessoal? – Fez uma pausa. – Não queria incomodá-la – disse, abrindo um pouco mais a porta – mas... – Depois reparou que Elizabeth estava a remexer na caixa. – Oh, Miss Zott, não pode fazer isso. Essas coisas eram os artigos pessoais do doutor Evans, e embora eu tenha conhecimento e reconheça a... bom, a relação invulgar que tinha com ele, temos de... por lei... esperar mais algum tempo a ver se aparece alguém... um irmão, um sobrinho, alguém do mesmo *sangue*... que venha reclamar essas coisas. Com certeza que compreende. Não é nada contra si ou as suas... bom, as suas inclinações pessoais. Não estou a fazer qualquer crítica moral. Mas sem um documento qualquer que diga que ele pretendia de facto deixar-lhe os seus bens, infelizmente temos de seguir a letra da lei. Já tomámos medidas para garantir a segurança do trabalho dele. Está bem guardado. – Nesse momento interrompeu-se e olhou melhor para Elizabeth. – Sente-se bem, Miss Zott? Parece prestes a desmaiar.

E quando Elizabeth tombou ligeiramente para a frente, Miss Frask empurrou a porta e entrou.

*

Frask antipatizava fortemente com Elizabeth Zott desde aquele dia no refeitório em que Eddie olhara para a outra mulher como nunca olhara para ela.

– Hoje vim no elevador com a Miss Zott durante quatro pisos – dissera Eddie um dia, deslumbrado.

– Tiveram uma conversa agradável? – perguntou Frask, com os maxilares apertados. – Descobriste qual é a sua cor preferida?

– Não – disse ele. – Mas para a próxima vez hei de perguntar-lhe. Céus, ela é mesmo qualquer coisa.

Daí em diante, pelo menos duas vezes por semana Frask era obrigada a ouvir exatamente de que forma Elizabeth Zott era qualquer coisa. Eddie estava constantemente a falar sobre ela – Zott isto e Zott aquilo. Na verdade, o mesmo podia dizer-se de toda a gente. Zott, Zott, Zott. Frask estava tão *farta* de Zott.

*

– Com certeza não preciso de lhe dizer – disse Frask nesse momento, pousando a mão rechonchuda nas costas de Zott –, que é demasiado cedo para voltar ao trabalho... principalmente para estar aqui – disse, indicando com um aceno de cabeça a sala onde em tempos Calvin trabalhara. – Não é bom para si. Ainda está em estado de choque e precisa de descansar. – Esfregou-lhe as costas num gesto de conforto desajeitado. – Eu *sei* o que as pessoas andam por aí a dizer – continuou, dando a entender o seu papel privilegiado no que dizia respeito aos mexericos no Instituto Hastings – e sei que você *sabe* o que as pessoas andam a dizer – continuou, bastante confiante de que Elizabeth, na verdade, não sabia –, mas na minha opinião, se o doutor Evans estava ou não estava a beber o leite de graça isso não significa que a sua morte prematura lhe custe menos por isso. Aliás, na minha opinião, o leite é *seu* e se quer desperdiçá-lo está no seu direito.

Pronto, pensou, satisfeita. *Agora* Zott sabia o que as pessoas andavam a dizer.

Elizabeth ergueu os olhos para Frask, estupefacta. Talvez, pensou, fosse preciso ter uma habilidade específica para saber dizer exatamente a coisa errada no pior momento possível. Talvez fosse um dos requisitos para trabalhar no Departamento de Pessoal – uma certa lentidão de raciocínio que conferia a alguém esta capacidade de insultar uma pessoa enlutada.

– Andava à sua procura por várias razões – estava Frask a dizer. – A primeira era o assunto do cão do doutor Evans – disse, apontando para *Seis e Meia*, que devolveu o olhar. – Infelizmente, ele não pode continuar aqui. Espero que compreenda. O Instituto de Investigação Hastings venerava o doutor Evans, e por causa disso fechava os olhos a algumas das suas excentricidades. Mas agora que o doutor Evans nos deixou, infelizmente o cão tem de nos deixar também. Segundo sei, o cão era dele, de qualquer maneira. – Olhou para Elizabeth à espera de confirmação.

– Não, é o *nosso* cão – conseguiu ela dizer. – É o *meu* cão.

– Estou a ver – disse ela. – Ainda assim, daqui para a frente, terá de ficar em casa.

Ao canto, *Seis e Meia* levantou a cabeça.

– Não consigo estar aqui sem ele – disse Elizabeth. – Não consigo.

Frask pestanejou como se a sala estivesse demasiado iluminada e depois, do nada, pegou num bloco e escreveu qualquer coisa.

– Claro – disse, sem erguer os olhos. – Eu também gosto de cães – afirmou, embora não gostasse –, mas, como lhe disse, dávamos algum desconto ao doutor Evans. Ele era muito importante para nós. Mas a dada altura – disse, pousando uma mão no ombro de Elizabeth e esfregando novamente –, terá de perceber que o colo dele se acabou.

A expressão de Elizabeth alterou-se.

– O colo?

Frask ergueu os olhos do bloco e tentou arvorar uma expressão profissional.

– Penso que ambas sabemos o que quero dizer.

– Ele nunca me levou ao colo.

– Nem eu disse tal coisa – retorquiu Frask, fingindo-se surpreendida. Depois baixou a voz como se lhe fosse confidenciar um segredo. – Posso dizer-lhe uma coisa? – Respirou fundo. – Haverá outros homens, Miss Zott. Talvez não sejam tão famosos ou influentes como o doutor Evans, mas haverá mais homens. Eu estudei psicologia... percebo destas coisas. Escolheu o Evans, ele era famoso, era solteiro, talvez pudesse ajudá-la na sua carreira, quem a pode censurar por isso? Mas correu mal. E agora ele morreu e você está triste... *claro que está triste*. Mas veja as coisas pelo lado positivo: está novamente livre. E há muitos homens simpáticos, homens *atraentes*. Com certeza que um deles lhe colocará um anel no dedo.

Fez uma pausa e lembrou-se de como Evans era feio, antes de imaginar a bonita Zott novamente no mercado, rodeada de homens a fervilhar em volta dela como bolhas de sabão numa banheira.

– E quando o encontrar – disse –, talvez um advogado – especificou –, pode parar com este disparate da ciência e ir para casa e ter uma data de bebés.

– Não é isso que eu quero.

Frask endireitou-se.

– Vejam só, a nossa pequena rebelde – disse em tom azedo. Odiava Zott, odiava-a mesmo. – Só mais uma coisa – continuou, tamborilando com a caneta no bloco –, em relação à sua licença por luto. O Instituto Hastings atribuiu-lhe mais três dias adicionais. São cinco dias, no total. Inédito, para a morte de alguém que nem sequer é da sua família... muito, muito generoso, Miss Zott... e, mais uma vez, demonstra como o doutor Evans era importante para nós. É por isso que quero garantir-lhe que pode e deve ir para casa e ficar em casa. Com o cão. Tem a minha permissão.

Elizabeth não sabia se a culpa era da crueldade das palavras de Frask, ou da sensação estranha do pequeno anel frio que fechara na mão mesmo antes de Frask entrar, mas antes que conseguisse controlar-se, virou-se e vomitou no lavatório.

– É normal – disse Frask, correndo através da sala para ir buscar toalhas de papel. – Ainda está em estado de choque. – Porém, quando encostou o papel molhado à testa de Elizabeth, ajeitou os óculos e observou-a melhor. – Oh... – suspirou, com ar crítico, e endireitou as costas. – Oh, estou a perceber.

– O quê? – murmurou Elizabeth.

– Ora, por favor – disse Frask em tom desaprovador. – O que esperava?

E depois abanou a cabeça com ar severo, para que Zott percebesse que *ela* sabia. Mas quando Zott não mostrou ter percebido que ela sabia, Frask perguntou a si própria se haveria alguma hipótese remota de Zott, na verdade, não saber. Alguns cientistas são assim. Veem a ciência em tudo, menos quando a ciência lhes cai em cima.

– Ah, quase me esquecia – disse Frask, tirando um jornal de baixo do braço. – Queria mostrar-lhe isto. É uma boa fotografia, não lhe parece? – E ali estava, o artigo do repórter que estivera no funeral. «O Enterro do Brilhantismo», dizia o cabeçalho, seguido de um artigo que insinuava que a personalidade difícil de Evans talvez o tivesse impedido de alcançar o seu potencial científico. E para o provar, à direita estava uma fotografia de Elizabeth com *Seis e Meia*, em frente do caixão, com a legenda «Na verdade, o amor *não* é cego», acompanhada de um parágrafo breve onde o repórter explicava que até a namorada de Evans afirmava mal o ter conhecido.

– Que coisa horrível de se escrever – murmurou Elizabeth, com a mão sobre o estômago.

– Não vai vomitar outra vez, pois não? – repreendeu Frask enquanto lhe estendia mais toalhas de papel. – Sei que a sua área é a química, Miss Zott, mas *com certeza* que estava à espera disto. Presumo que estudou biologia.

Elizabeth ergueu o rosto pálido, de olhos vazios, e por uma fração de segundo Frask quase teve pena desta mulher e do seu cão feio e da sua má-disposição e de todos os problemas que a esperavam. Apesar da sua inteligência e beleza e da forma incrivelmente ordinária como se dava com os homens, Zott não era melhor do que as restantes.

– À espera de quê? – disse Elizabeth. – O que quer dizer?

– *Biologia!* – rosnou Frask, tocando com a caneta na barriga de Elizabeth.

– Zott, por amor de Deus! Somos mulheres! Sabe muito bem que o Evans lhe deixou *alguma coisa!*

E Elizabeth compreendeu, arregalou os olhos e vomitou de novo.

CAPÍTULO 13

Idiotas

A administração do Instituto de Investigação Hastings tinha um grande problema. Com o cientista mais famoso da instituição morto, e um artigo de jornal a insinuar que a sua personalidade complicada o impedira de alcançar alguma coisa digna de nota, os benfeitores do Instituto – o exército, a marinha, várias companhias farmacêuticas, alguns investidores privados e meia dúzia de fundações – já estavam a começar a fazer barulho no sentido de «reexaminar os projetos em curso» e «repensar futuras subvenções». É assim que se processam as coisas com a investigação – está sempre à mercê daqueles que a pagam.

Era por isso que a administração do Instituto Hastings estava determinada a liquidar sem misericórdia estes rumores ridículos. Evans *estava* a fazer progressos importantes, não estava? Tinha o gabinete cheio de blocos de notas e estranhas equações escritas numa caligrafia indecifrável e intercaladas por pontos de exclamação e sublinhadas em traços grossos, como os que seriam feitos por quem estava à beira de uma descoberta. Na verdade, ele ia apresentar um artigo sobre o seu progresso em Genebra, dentro de apenas um mês. Ou tê-lo-ia feito, se não tivesse sido atropelado por um carro da polícia por causa da mania de andar a correr ao ar livre em vez de se exercitar num ginásio interior, de sapatilhas de *ballet*, como toda a gente.

Cientistas. Tinham *sempre* de ser diferentes.

O que era também parte do problema. Na sua maioria, os cientistas do Hastings não eram diferentes – pelo menos, tão diferentes como seria desejável. Eram normais, medianos, na melhor das hipóteses ligeiramente acima da média. Não eram estúpidos, mas também não eram génios. Eram o tipo de pessoas que compõem o grosso da força laboral em qualquer companhia – pessoas normais, a fazer trabalho normal, e que de vez em

quando eram promovidas a cargos de gestão com resultados pouco inspiradores. Pessoas que não iam mudar o mundo, mas que também não o fariam explodir por acidente.

Não, a administração dependia dos inovadores e, com a morte de Evans, restava-lhes um grupo muito reduzido de pessoas verdadeiramente talentosas. Nem todos ocupavam posições tão elevadas como Calvin; na verdade, alguns provavelmente nem sabiam que eram considerados verdadeiros inovadores. Mas a administração do Instituto Hastings sabia que era deles que provinham quase todas as grandes ideias e progressos dignos de nota.

O único verdadeiro problema destas pessoas, além de um ou outro desafio na área da higiene, era que pareciam sempre aceitar o fracasso como um resultado positivo. «Não falhei», repetiam constantemente, citando Edison, «simplesmente descobri dez mil maneiras que não funcionam». O que pode ser aceitável de se dizer em ciência, mas é decididamente a coisa errada a dizer a uma sala cheia de investidores à procura de um tratamento imediato, dispendioso e *crónico* para o cancro. Deus os livre de se descobrir uma cura propriamente dita. É muito mais difícil ganhar dinheiro com pessoas que já não têm problema nenhum. Por esse motivo, o Hastings fazia os possíveis por não deixar estes cientistas chegarem perto da imprensa, a menos que fosse a imprensa científica, caso em que não havia problema porque ninguém lia essas publicações. Mas agora? Evans, depois de morto, estava na página onze do *LA Times*, e quem é que aparecia mesmo ao lado do caixão? Zott e o maldito cão.

Esse era o terceiro problema da administração. Zott.

Elizabeth Zott era uma das inovadoras. Sem qualquer reconhecimento da parte da administração, claro está, embora ela agisse como se tivesse plena consciência disso. Não passava uma semana sem que alguém se queixasse dela por alguma coisa – a maneira como dava voz às suas opiniões, ou insistia em assinar os seus próprios artigos, ou se recusava a fazer café; a lista era interminável. E contudo, os seus progressos – ou seriam os progressos de Calvin? – eram inegáveis.

O projeto dela, a abiogénese, só fora aprovado porque um investidor rico caíra do céu e insistira em financiar, imagine-se, a abiogénese. Quais eram as *probabilidades* de tal coisa? Embora fosse exatamente o tipo de coisa estranha que os multimilionários faziam: financiar projetos inúteis e

fantasiosos. O indivíduo rico dissera ter lido um artigo de E. Zott – uma coisa qualquer antiga, do tempo da UCLA – que o deixara fascinado com as possibilidades de expansão. Desde então que andava a tentar localizar esse tal Zott.

– Zott? Mas o doutor Zott trabalha aqui! – tinha-lhe dito o administrador antes de pensar duas vezes.

O milionário parecera genuinamente surpreendido.

– Só estarei um dia na cidade, mas gostava muito de conhecer o doutor Zott – disse.

E o administrador engoliu em seco. *Conhecer Zott?*, pensou. E descobrir que *ele* era uma *ela*? Bem podiam dizer adeus ao cheque.

– Infelizmente, não será possível – disse. – O doutor Zott está na Europa. Numa conferência.

– Que pena – respondeu o homem rico. – Talvez para a próxima.

E informou-o de que só viria ver o progresso do projeto daí a alguns anos. Porque compreendia que a ciência era lenta. Porque sabia que requeria tempo e distância e paciência.

Tempo. Distância. Paciência. Mas este homem *existia* mesmo?

– Muito sensato – disseram-lhe, tentando controlar a vontade de dar piruetas no ar. – Obrigado pela sua confiança.

E antes que ele estivesse novamente instalado na limusina, já tinham desbastado o grosso da sua generosidade para financiar áreas de investigação mais prometedoras. Até tinham atribuído uma parte a Evans.

Só que... Evans. Depois de terem com tamanha liberalidade reinvestido na sua investigação sobre «ninguém faz ideia exatamente do que ele está a fazer», irrompera-lhes pelo gabinete adentro a ameaçar partir e levar consigo todos os seus brinquedos e nomeações para o Nobel, a menos que arranjassem maneira de financiar o trabalho da sua bonita namorada. Tinham-lhe implorado que fosse razoável; queria mesmo que eles financiassem a abiogénese? Por favor. Mas ele não cedera um milímetro, chegara mesmo a afirmar que as ideias dela podiam até ser melhores do que as dele. Na altura, tinham pensado tratar-se apenas dos disparates de um homem que ganhara a lotaria sexual. Mas agora?

As teorias dela, ao contrário das teorias de todos os citadores – «não sou *mesmo* um fracasso» – de Edison, pareciam, pelo menos segundo Evans, estar acertadíssimas. Darwin há muito propusera que a vida derivara de uma

bactéria unicelular, que se diversificara então até encher um planeta de pessoas, plantas e animais complexos. E Zott? Era como um cão de caça, no rasto da origem dessa primeira *célula*. Por outras palavras, estava a trabalhar para resolver um dos maiores mistérios químicos de todos os tempos, e, se as suas descobertas continuassem a este ritmo, não havia dúvidas de que o faria mesmo. Pelo menos, segundo *Evans*. O único problema era que provavelmente demoraria noventa anos. E estava fora de questão que a instituição pudesse financiar uma investigação de noventa anos. O investidor rico com certeza morreria muito antes. Na verdade, todos eles morreriam antes disso.

E havia ainda outro pequeno pormenor. A administração acabara de saber que Zott estava grávida. *Solteira* e grávida.

O dia não podia piorar.

Obviamente que tinha de ser despedida, quanto a isso não havia dúvidas. Havia padrões mínimos no Instituto de Investigação Hastings.

Mas se fosse despedida, onde é que isso os deixaria quanto à inovação? Deixá-los-ia apenas com meia dúzia de pessoas a fazer progressos quase invisíveis, a bem da verdade. E esse tipo de progressos não inspirava grandes subvenções e investimentos.

Felizmente, Zott trabalhava com outros três. A administração do Instituto Hastings mandara chamá-los de imediato; precisavam de uma garantia de que a suposta pesquisa crítica de Zott poderia prosseguir, melhor ou pior, sem ela – tudo o que fosse necessário para dar a aparência de que o dinheiro que a dita pesquisa nunca chegara a receber estava a ser bem aproveitado. Porém, assim que os três doutorados entraram na sala, a administração do Hastings percebeu de imediato que tinha sérios problemas. Dois deles admitiram, com relutância, que Zott era o motor principal da pesquisa, essencial para qualquer progresso. O terceiro – um homem chamado Boryweitz – optou por um caminho diferente. Afirmou que fora *ele* quem fizera tudo. Mas quando não conseguiu apoiar nenhuma das suas afirmações com uma explicação científica decente, ficou claro que estavam na presença de um idiota científico. O Instituto Hastings tinha abundância deles. Não era nenhuma surpresa. Os idiotas conseguem sempre infiltrar-se em todas as companhias. Costumam sair-se bem nas entrevistas.

O químico que tinha sentado agora à sua frente? Nem sequer saberia soletrar abiogénese.

E depois Miss Frask do Departamento de Pessoal – a primeira a dar o alarme sobre a situação de Zott – usara os seus limitados talentos para espalhar o rumor sobre a gravidez de Zott, garantindo assim que, ainda antes do meio-dia, toda a gente no Instituto estava a par do estado complicado de Zott. Isto deixara a administração muito assustada. Este efeito de fogo em palha seca significava que era apenas uma questão de tempo até a notícia chegar aos ouvidos dos grandes investidores do Instituto, e os investidores – como era do conhecimento geral – detestavam escândalos. Além do mais, havia o problema do fã rico de Zott. O multimilionário que lhes passara praticamente um cheque em branco em nome da abiogénese – o que afirmava ter lido o antigo trabalho de *Mr. Zott*. Como se sentiria ao descobrir que, não só Zott era uma mulher, como era ainda por cima uma mulher grávida e solteira? Céus. Já estava a imaginar aquela grande limusina a dar a volta à porta, o motorista à espera de motor ligado, enquanto o homem entrava e exigia a devolução do seu dinheiro.

– Estava a financiar uma ordinária profissional? – gritaria, provavelmente.

Problemas. Tinham de fazer qualquer coisa em relação a Zott o mais depressa possível.

*

– Receio que nos tenha colocado numa posição muito, muito complicada, Miss Zott – repreendeu o doutor Donatti uma semana depois, enquanto empurrava sobre a mesa, na direção dela, uma carta de demissão.

– Está a *despedir-me*? – perguntou Elizabeth, confusa.

– Gostava de tratar do assunto de forma o mais civilizada possível.

– Porque estou a ser despedida? Qual é a justificação?

– Penso que sabe.

– Esclareça-me – pediu ela, inclinada para a frente, as mãos unidas com força, o lápis número dois atrás da orelha esquerda, a reluzir sob a luz. Não sabia onde estava a ir buscar esta calma, mas sabia que tinha de a manter.

Ele olhou de relance para Miss Frask, que estava ocupada a tirar apontamentos.

– Está à espera de uma criança – disse Donatti. – Por favor, não tente negar.

– Sim, estou grávida. Isso é correto.

– Isso é correto? – repetiu ele, engasgado. – Isso é *correto*?

– Mais uma vez, sim, correto. Estou grávida. O que é que isso tem a ver com o meu trabalho?

– Por favor!

– Não é nada contagioso – disse ela, descruzando os dedos. – Não tenho cólera. Não vou pegar a minha gravidez a ninguém.

– É preciso ter muito descaramento – disse Donatti. – Sabe muito bem que as mulheres não continuam a trabalhar quando engravidam. Mas você... além de estar à espera de bebé, é solteira. Uma vergonha.

– A gravidez é um estado normal. Não é vergonha nenhuma. É assim que surgem todos os seres humanos.

– Como se *atreve*? – insurgiu-se ele, com o tom de voz a subir. – Uma mulher a dizer-me a *mim* o que é a gravidez. Quem pensa que é?

Ela pareceu surpreendida com a pergunta.

– Uma mulher – respondeu.

– Miss Zott – interveio a Miss Frask –, o nosso código de conduta não admite este tipo de coisas, como sabe muito bem. Tem de assinar este documento e arrumar as suas coisas. Existem padrões nesta instituição.

Mas Elizabeth não pestanejou.

– Estou confusa – disse. – Estão a despedir-me por estar grávida e ser solteira. E o homem?

– Qual homem? Está a falar do Evans? – inquiriu Donatti.

– Qualquer homem. Quando uma mulher solteira engravida, o homem que a engravidou também é despedido?

– O quê? O que está para aí a dizer?

– Teria despedido o Calvin, por exemplo?

– Claro que não!

– Assim sendo, tecnicamente, não tem qualquer fundamento para me despedir.

Donatti parecia confuso. *O quê?*

– Claro que tenho – gaguejou. – Claro que tenho! Você é a mulher! Foi você quem engravidou!

– Geralmente, é assim que funciona. Mas como imagino que saiba, para haver gravidez é indispensável o espermatozoide de um homem.

– Miss Zott, estou a avisá-la. *Atenção à linguagem.*

– Está, portanto, a dizer que se um homem solteiro engravidar uma mulher solteira, ele não sofre qualquer consequência. A sua vida continua como até então.

– Isto *não* é culpa nossa – interrompeu Frask. – Você estava a tentar prender o doutor Evans para o forçar a casar-se consigo. Isso é óbvio.

– O que eu sei – disse ela, afastando um fio de cabelo da testa – é que o Calvin e eu não queríamos ter filhos. Sei também que tomámos todas as precauções para garantir isso mesmo. Esta gravidez é uma falha de contraceção, não de moralidade. Além do mais, é um assunto que em nada vos diz respeito.

– Mas você fez com que nos dissesse respeito! – gritou Donatti, de repente. – E caso não saiba, há uma forma garantida de *não* engravidar, e começa por «A»! Temos regras, Miss Zott. Regras!

– Não, em relação a este assunto não têm – respondeu Elizabeth calmamente. – Eu li o manual de conduta dos funcionários de uma ponta a outra.

– É uma regra implícita!

– E, como tal, impossível de impor de forma legal.

Donatti lançou-lhe um olhar furioso.

– O doutor Evans estaria muito, muito envergonhado de si.

– Não – respondeu Elizabeth simplesmente, em tom calmo e desolado. – Não estaria.

A sala silenciou-se. Era a forma como ela insistia em discordar – sem qualquer embaraço, sem melodrama – como se tencionasse ter a última palavra, como se soubesse que acabaria por levar a melhor. Era *exatamente* deste tipo de atitude que os colegas se queixavam. E a forma como ela dava a entender que a sua relação com Calvin se encontrava nalgum nível mais elevado – como se tivesse sido forjada de um material indissolúvel que sobrevivia a tudo, até à morte. Muito irritante.

Enquanto esperava que eles caíssem em si, Elizabeth pousou as mãos na mesa. Perder um ente querido tem o efeito de revelar uma verdade muito simples: que o tempo, como as pessoas afirmam muitas vezes, embora nunca ajam como tal, era de facto precioso. Ela tinha trabalho a fazer; o trabalho era tudo o que lhe restava. E no entanto aqui estava, sentada com estes automeados guardiões da moral, juizes arrogantes desprovidos de bom senso, um dos quais parecia não perceber bem o processo da conceção

e outra que o apoiava porque, tal como muitas mulheres, partia do princípio de que rebaixar alguém do seu próprio sexo a faria subir na consideração dos seus superiores do sexo masculino, de alguma forma. Pior ainda, estas conversas ilógicas estavam a ter lugar num edifício dedicado à ciência.

– É tudo? – perguntou, levantando-se.

Donatti empalideceu. Era a gota de água. Zott tinha de desaparecer imediatamente e levar consigo o seu bebé bastardo, a sua investigação inovadora e a sua relação romântica capaz de enfrentar a própria morte. Quanto ao investidor rico, lidariam com ele mais tarde.

– Assine – exigiu, enquanto Frask atirava uma caneta a Elizabeth. – Queremo-la fora do edifício antes do meio-dia. Será paga até sexta-feira. Não pode falar com ninguém sobre os motivos para o despedimento.

– O seguro de saúde expira também na sexta-feira – acrescentou Frask, tocando com a unha na pasta sempre presente. – *Tiquetaque*.

– Espero que isto a ensine a assumir a responsabilidade pelo seu comportamento vergonhoso – acrescentou Donatti, estendendo a mão para receber a carta de demissão assinada. – E pare de culpar os outros. Como o Evans, quando nos forçou a financiar o seu trabalho – continuou. – Depois de comparecer perante a administração de Hastings e ameaçar sair se não o fizéssemos.

Elizabeth parecia ter sido esbofeteada.

– O Calvin fez o quê?

– Sabe muito bem – disse Donatti, abrindo a porta.

– Tem até ao meio-dia – repetiu Frask, colocando a pasta debaixo do braço.

– E não conte com referências nossas – acrescentou ele, saindo para o corredor.

– Levada ao colinho – murmurou Frask.

CAPÍTULO 14

Dor

Aquilo que *Seis e Meia* mais detestava nas visitas ao cemitério era ter de passar pelo sítio onde Calvin morrera. Uma vez, ouvira alguém dizer que era importante não esquecermos os nossos fracassos, mas não percebia porquê. Os fracassos, pela sua própria natureza, costumavam ser inesquecíveis.

Enquanto se aproximava do cemitério, procurou o inimigo, o guarda. Quando não viu ninguém, passou por baixo do portão das traseiras e esgueirou-se entre as campas, surripando um ramo de narcisos frescos de uma lápide para os colocar aqui:

Calvin Evans

1927-1955

Químico brilhante, remador, amigo, amante.

Os teus dias são numerados.

A lápide devia dizer «Os teus dias são numerados. Usa-os para abrir as janelas da alma e deixar entrar o sol.» Era uma citação de Marco Aurélio. Mas a lápide era pequena e o gravador que fizera a inscrição usara letras demasiado grandes na primeira parte e ficara sem espaço.

Seis e Meia olhou para as palavras. Sabia que eram palavras porque Elizabeth estava a tentar ensinar-lhe palavras. Não ordens. Palavras.

– Quantas palavras nos diz a ciência que os cães conseguem aprender? – perguntara ela a Calvin uma noite.

– Cerca de cinquenta – disse Calvin, sem erguer os olhos do livro.

– Cinquenta? – disse ela, franzindo os lábios. – Bom, isso está errado.

– Talvez sejam cem – disse ele, ainda absorto no livro.

– Cem? – repetira ela igualmente incrédula. – Como pode ser? Ele já sabe cem palavras.

Calvin ergueu os olhos.

– Desculpa?

– Estava aqui a pensar – continuou ela. – Será possível ensinar linguagem humana a um cão? Refiro-me à linguagem completa. Inglês, por exemplo.

– Não.

– Porquê?

– Bem – disse Calvin, e percebeu que esta podia muito bem ser uma daquelas coisas que Elizabeth se recusava a aceitar; havia muitas. – Porque a comunicação interespécies é limitada pelo tamanho do cérebro. – Fechou o livro. – Como sabes que ele conhece cem palavras?

– Conhece cento e três – corrigiu ela, consultando o seu bloco de notas. – Estou a apontá-las.

– E foste tu que lhe ensinaste essas palavras?

– Estou a usar a técnica de aprendizagem recetiva... identificação de objetos. Tal como uma criança, ele é automaticamente mais recetivo a memorizar objetos nos quais está interessado.

– E está interessado em...

– Comida. – Levantou-se da mesa e começou a reunir livros. – Mas tenho a certeza de que terá muitos outros interesses.

Calvin fitou-a, incrédulo.

*

E foi assim que começou a aventura das palavras: ele e Elizabeth sentados no chão, a folhear grandes livros infantis.

– Sol – ensinava ela, apontando para uma imagem. – Criança – lia a seguir, apontando para uma menina chamada Gretel que estava a comer uma portada de uma janela feita de doces. *Seis e Meia* não ficava surpreendido por uma criança poder comer uma janela. No parque, as crianças comiam tudo. Incluindo o que encontravam dentro do próprio nariz.

*

À esquerda, viu o guarda aproximar-se com uma espingarda ao ombro – o que era estranho, na opinião de *Seis e Meia*, uma vez que estavam num sítio

onde as pessoas já estavam mortas. Agachou-se, esperou que o homem se afastasse e por fim descontraiu o corpo, deitado sobre o caixão enterrado debaixo dele. *Olá, Calvin.*

Era assim que comunicava com os humanos do outro lado. Talvez resultasse; talvez não. Usava a mesma técnica com a criatura que crescia dentro de Elizabeth. *Olá, criatura*, transmitia enquanto encostava a orelha à barriga de Elizabeth. *Sou eu, o Seis e Meia. Sou o cão.*

Sempre que iniciava o contacto, apresentava-se de novo. Sabia, através das suas próprias lições, que a repetição era importante. O truque era não exagerar na repetição – não a tornar tão enfadonha que tivesse o resultado oposto e fizesse com que o aluno acabasse por esquecer. Isso chamava-se tédio. Segundo Elizabeth, o tédio era o problema da educação hoje em dia.

Criatura, comunicara ele a semana passada, *aqui Seis e Meia*. Esperou por resposta. Às vezes, a criatura esticava o pequeno punho, o que ele achava fantástico; outras vezes, ouvia canções. Mas na véspera *Seis e Meia* dera-lhe a notícia – *Há uma coisa que tens de saber sobre o teu pai* – e a criatura desatara a chorar.

Agora, enfiou o nariz na relva. *Calvin*, comunicou, *precisamos de falar sobre a Elizabeth.*

*

Às duas da manhã, cerca de três meses depois da morte de Calvin, *Seis e Meia* foi dar com Elizabeth na cozinha, de camisa de dormir e galochas, com as luzes todas acesas. Na mão, tinha uma marreta.

Para sua grande surpresa, Elizabeth brandiu a marreta diretamente contra os armários numa das paredes. Fez uma pausa como se quisesse avaliar os estragos, e depois brandiu-a de novo, desta vez com mais impulso, como se fosse um taco e quisesse atirar a bola para fora do estádio. Continuou a fazê-lo durante duas horas. *Seis e Meia*, debaixo da mesa, viu-a destruir a cozinha como quem arrasa uma floresta, um ataque violento interrompido apenas por golpes mais cirúrgicos contra dobradiças e pregos. O chão antigo foi ficando coberto de montes de madeira e ferragens, enquanto o estuque pairava sobre a cena como um nevão inesperado. Depois ela pegou nos escombros e levou-os para o quintal, às escuras porque ainda era de noite.

– Aqui vamos pôr as prateleiras – disse-lhe ela, apontando para as paredes esburacadas. – E ali a centrifugadora. – Pegou numa fita métrica, fez-lhe sinal para ele sair de baixo da mesa e colocou-lhe uma ponta da fita na boca enquanto apontava para o outro lado da cozinha. – Leva-a até ali, *Seis e Meia*. Mais um bocadinho. Mais um bocadinho. Está bom. Não saias daí.

Apontou alguns números num bloco. Às oito da manhã já tinha delineado um plano rudimentar; às dez, redigira uma lista de compras; às onze, estavam no carro, a caminho do depósito de madeiras.

As pessoas subestimam muitas vezes aquilo de que uma mulher grávida é capaz, e subestimam sempre aquilo de que uma mulher grávida em sofrimento é capaz. O homem do depósito de madeiras fitou-a com curiosidade.

– O seu marido está a fazer obras em casa? – perguntou, ao reparar na pequena barriga. – A preparar-se para o bebé?

– Vou construir um laboratório.

– Um quarto para o bebé, é o que quer dizer.

– Não.

Ele ergueu os olhos do esboço que ela lhe entregara.

– Há algum problema? – perguntou Elizabeth.

Os materiais foram entregues nesse mesmo dia e, armada com um conjunto de revistas *Popular Mechanics* que trouxera da biblioteca, ela deitou mãos ao trabalho.

– Prego de cabeça chata – disse. *Seis e Meia* não fazia ideia do que era um prego de cabeça chata, mas seguiu o aceno de cabeça dela até uma série de pequenas caixas, escolheu algo e depositou-o na palma da mão dela. – Parafuso de três polegadas – pediu ela um minuto mais tarde, e ele enfiou o focinho noutra caixa. – Isto é uma cavilha – disse ela. – Tenta de novo.

Este trabalho prolongava-se ao longo de todo o dia, e por vezes pela noite dentro, interrompido apenas pelas aulas de palavras e pelo toque da campainha.

*

Cerca de duas semanas depois de ela ter sido despedida, o doutor Boryweitz passara lá por casa, com a desculpa de vir ver como ela estava, mas o verdadeiro motivo era estar a deparar-se com dificuldades na interpretação de uns resultados.

– Só lhe vou roubar um minuto – prometera, mas demorara-se duas horas. No dia seguinte aconteceu a mesma coisa, mas desta vez com outro dos químicos do laboratório. Da terceira vez, era outro ainda.

Foi então que Elizabeth teve uma ideia. Ia cobrar-lhes. Em dinheiro vivo. Se alguém tinha a ousadia de sugerir que o pagamento era desnecessário porque só queriam «mantê-la a par dos desenvolvimentos», cobrava a dobrar. Por qualquer referência gratuita a Calvin: a triplicar. Alguma menção à gravidez – o brilho, o milagre da vida – a quadruplicar. Era assim que ganhava a vida. Fazia o trabalho dos outros, sem receber qualquer crédito por isso. Era exatamente como trabalhar no Instituto Hastings, mas sem as responsabilidades fiscais.

*

– Pareceu-me ouvir marteladas antes de tocar à campainha – disse um deles.

– Estou a construir um laboratório.

– Não pode estar a falar a sério.

– Estou sempre a falar a sério.

– Mas vai ser mãe – disse ele, com ar desaprovador.

– Mãe e cientista – disse ela, sacudindo serradura da manga. – Você é pai, não é? Pai e cientista.

– Sim, mas eu sou *doutorado* – sublinhou ele, como prova da sua superioridade. Depois apontou para um conjunto de protocolos de teste que lhe andavam a dar cabo da cabeça há semanas.

Ela fitou-o, perplexa.

– Tem dois problemas – disse, apontando para o papel. – A temperatura é demasiado elevada. Baixe-a quinze graus.

– Estou a ver. E o outro problema?

Elizabeth inclinou a cabeça para o lado e estudou-lhe o rosto confuso.

– O outro é irresolúvel.

*

A transformação da cozinha em laboratório durou cerca de quatro meses e, quando acabaram, Elizabeth e *Seis e Meia* contemplaram a sua obra.

As prateleiras, a todo o comprimento da cozinha, estavam cobertas de um vasto sortido de materiais de laboratório: substâncias químicas, balões de

vidro, provetas, pipetas, frascos de sifão, frascos de maionese vazios, um conjunto de limas de unhas, uma pilha de papel tornassol, uma caixa de conta-gotas, várias varetas de vidro, a mangueira do quintal e uns tubos de borracha novos que ela encontrara no caixote do lixo atrás do laboratório de análises local. As gavetas onde em tempos tinha guardado os talheres estavam agora ocupadas por luvas e óculos de proteção, resistentes a ácido e a perfuração. Instalara também recipientes metálicos por baixo de todos os bicos de gás para ajudar com a desnaturação do álcool, comprara uma centrifugadora usada, cortara uma rede mosquiteira para criar um conjunto de gazes metálicas de 10 x 10 centímetros, deitara fora o resto do seu perfume preferido para criar um bico a álcool – incluindo cortar um dos tubos de batom que depois enfiou na tampa de cortiça da antiga garrafa-termo de Calvin para criar o tampão – fez suportes para tubos de ensaio com cabides de arame, e transformou um suporte de especiarias numa estrutura de suspensão para líquidos variados.

O balcão de fórmica também desaparecera, bem como o velho lava-loiça de cerâmica. No seu lugar, construíra um molde para um balcão com o contraplacado que adquirira no depósito de madeiras, um molde que depois levava, em partes, a uma companhia de fabrico de peças metálicas, que criara uma réplica exata em aço inoxidável, dobrando e cortando o metal para garantir o encaixe perfeito.

Agora, em cima desse balcão reluzente, tinha um microscópio e dois bicos de Bunsen usados, um deles cortesia de Cambridge – a universidade oferecera-o a Calvin como recordação do seu tempo de estudante – e o outro do laboratório de química de uma escola secundária que estava a livrar-se do equipamento de laboratório devido à falta de interesse dos alunos. Por cima do novo lavatório duplo, havia dois avisos com letras cuidadosamente desenhadas. APENAS DESPEJOS, dizia um. FONTE DE H₂O, dizia o outro.

E por último, a capela de exaustão.

– Isto será responsabilidade tua – disse ela a *Seis e Meia*. – Preciso que puxes a corrente quando eu tiver as mãos ocupadas. E tens de aprender também a carregar neste botão grande.

Cal, explicou Seis e Meia ao corpo debaixo da terra numa visita posterior ao cemitério. Ela não dorme nada. Quando não está a trabalhar no laboratório, ou a fazer o trabalho dos outros, ou a ler para mim, está a treinar no ergómetro. E quando não está no ergómetro, está sentada num banco de olhar perdido na distância. Isto não pode ser bom para a criatura.

Lembrou-se de como Calvin costumava ficar de olhar perdido no espaço.

– É assim que me concentro – explicara ele a *Seis e Meia*. Mas outros também se tinham queixado desses momentos, diziam que era comum em qualquer dia, a qualquer hora, encontrar Calvin Evans sentado no meio de um grande laboratório sofisticado, rodeado pelo melhor equipamento disponível, com a música aos berros, sem estar a fazer absolutamente nada. Pior, pagavam-lhe para não fazer absolutamente nada. Pior ainda, fartava-se de ganhar prémios assim.

Mas com ela é diferente, tentou Seis e Meia comunicar. É mais um olhar perdido na morte. Uma letargia. Não sei o que fazer, confessou aos ossos lá em baixo. E, ainda por cima, continua a tentar ensinar-me palavras.

O que era horrível, porque ele não conseguia usar essas palavras para lhe dar qualquer esperança no futuro. Além disso, mesmo que conhecesse todas as palavras da língua inglesa, continuaria sem saber o que dizer. O que se pode dizer a alguém que perdeu tudo?

Ela precisa de esperança, Calvin, pensou, fazendo mais pressão sobre a relva, para o caso de isso fazer alguma diferença.

Como que em resposta, ouviu o estalido de segurança de uma arma. Levantou a cabeça e viu o guarda a apontar-lhe a espingarda.

– Maldito cão – disse ele, apontando a *Seis e Meia*. – Sempre aqui metido, a dar cabo da relva, deves pensar que isto é tudo teu.

Seis e Meia ficou paralisado. Com o coração aos saltos, adivinhou o que se seguiria: Elizabeth em estado de choque, a criatura confusa; mais sangue, mais lágrimas, mais desgosto. Outro fracasso da sua parte.

Saltou contra o homem e atirou-o ao chão, enquanto uma bala passava a assobiar junto ao seu ouvido e atingia a lápide de Calvin. O homem gritou e fez menção de apanhar a arma, mas *Seis e Meia* arreganhou os dentes e aproximou-se um passo.

Humanos. Alguns pareciam nem sequer ter noção da sua posição no reino animal. Olhou para o pescoço do velho guarda. Uma dentada na garganta e

acabar-se-ia tudo. O homem ergueu os olhos para ele, aterrorizado. Batera com força no chão; uma pequena poça de sangue estava a formar-se ao lado da sua orelha esquerda. *Seis e Meia* lembrou-se do sangue de Calvin, da sua quantidade, de como passara de um fiozinho a uma poça e a um lago em poucos instantes. Com relutância, encostou-se à cabeça do homem para estancar o sangue. Depois ladrou até aparecer alguém.

O primeiro a chegar foi o repórter que viera fazer a reportagem do funeral de Calvin e que *ainda* estava a trabalhar em funerais porque o editor não o considerava capaz de muito mais.

– És tu! – exclamou o repórter.

Reconheceu de imediato que *Seis e Meia* era o «cão-guia» que conduzira a bonita viúva não-cega – ou melhor, namorada – por entre o mar de cruzeiros até precisamente esta campa. Enquanto outras pessoas corriam para o local e tratavam de chamar uma ambulância, o repórter tirou fotografias, redigindo a história na sua cabeça enquanto punha o cão em pose aqui, e depois ali. A seguir pegou no animal sujo de sangue, levou-o até ao seu carro e conduziu-o à morada indicada na coleira.

– Não se preocupe, não se preocupe, ele não está ferido – garantiu o repórter assim que Elizabeth abriu a porta e soltou um grito ao ver *Seis e Meia*, ensanguentado, nos braços de um homem vagamente familiar. – O sangue não é dele. Mas o seu cão é um herói, minha senhora! Pelo menos, é assim que tenciono retratá-lo.

No dia seguinte, Elizabeth, ainda abalada, abriu o jornal e deparou-se com *Seis e Meia* na página onze, sentado exatamente no mesmo sítio onde se sentara sete meses antes: na campa de Calvin.

– «Cão chora o dono e salva uma vida» – leu em voz alta. – «Proibição de cães no cemitério é levantada.»

Segundo o artigo, há muito tempo que as pessoas se queixavam do guarda e da sua arma, incluindo várias queixas de o terem visto a disparar contra esquilos e pássaros durante os funerais. O guarda ia ser imediatamente substituído, prometia o artigo, bem como a lápide.

Elizabeth estudou o grande plano de *Seis e Meia* ao lado da lápide destruída que, devido ao impacto da bala, perdera cerca de um terço da sua inscrição.

– Oh, meu Deus – murmurou Elizabeth, ao ver o que restava.

Calvin E
1927-19
Brilhante quá
Os teus dias são n

A sua expressão alterou-se ligeiramente.

– Os teus dias são n... – leu. – *Novos*. – Corou e lembrou-se da noite em que Calvin partilhara com ela o seu lema da infância. Todos os dias são novos.

Olhou de novo para a fotografia, estupefacta.

CAPÍTULO 15

Conselhos indesejados

— **A** sua vida está prestes a mudar.

— Desculpe?

— A sua vida. Está prestes a mudar. — Uma mulher à frente de Elizabeth na fila do banco virara-se para apontar para a barriga dela com ar sério.

— Mudar? — perguntou Elizabeth com ar inocente, e depois baixou os olhos para a barriga redonda como se estivesse a vê-la pela primeira vez. — O que quer dizer?

Era a sétima vez essa semana que alguém se sentia obrigado a informá-la de que a sua vida estava prestes a mudar, e Elizabeth estava farta. Perdera o emprego, a sua pesquisa, o controlo da bexiga, a capacidade de ver os dedos dos pés, as noites de sono repousado, uma pele normal, costas sem dores, já para não mencionar todo o tipo de pequenas liberdades variadas que quem não está grávida toma por garantidas — como caber atrás do volante de um carro. A única coisa que ganhara? Peso.

— Tenho andado a pensar ir ver o que será isto — disse, pousando a mão na barriga. — O que acha que é? Espero que não seja um tumor.

Por uma fração de segundo a mulher arregalou os olhos, chocada, mas depois semicerrou-os de imediato.

— Ninguém gosta de engraçadinhos, menina — resmungou.

— Se acha que está cansada agora... — comentou uma hora depois uma mulher com cabelo de arame, quando Elizabeth bocejou na fila da caixa do supermercado, e abanou a cabeça como se Elizabeth já estivesse a mostrar sinais de fraqueza. — Nem sabe o que a espera. — E depois lançou-se numa descrição dramática dos «terríveis dois», os «cansativos três», os «imundos quatro» e os «temíveis cinco», mal parando para respirar antes de prosseguir para os pré-adolescentes irritantes, os pubescentes borbulentos e especialmente, oh, céus, especialmente os adolescentes carrancudos,

Esperou até ele se afastar, depois inclinou-se e passou o dedo pela gravação.

– Para a compensar do sucedido – dissera-lhe a administração do cemitério –, não só pagaremos uma nova lápide, como garantimos que desta

vez incluirá a citação completa.

Mas Elizabeth decidiu não voltar a arriscar a citação de Marco Aurélio e optou, em vez disso, por uma reação química que resultava em felicidade. Mais ninguém a reconheceu, mas depois de tudo o que ela passara, também ninguém questionou.

– Vou finalmente falar com alguém sobre isto, Calvin – disse, e apontou para a barriga. – O doutor Mason, o remador, o que me deixou entrar no oito masculino. Lembras-te? – Olhou para a inscrição como se estivesse à espera de resposta.

*

Vinte e cinco minutos depois, enquanto pressionava o botão do elevador, tendo por único companheiro na cabina acanhada um homem gordo de chapéu de palha, preparou-se para mais conselhos indesejados. E, claro está, o homem esticou o braço e pousou-lhe a mão na barriga, como se ela fosse uma peça de exposição ao toque no Museu de História Natural.

– Aposto que comer por dois é divertido – admoestou ele, com uma leve palmadinha –, mas não se esqueça de que um deles é só um bebé!

– Tire daí a mão – disse ela –, se não quer arrepender-se.

– *Bada bada bada!* – cantarolou ele, tamborilando com a mão na barriga dela como se fosse um tambor.

– *Bada bada bum!* – respondeu Elizabeth, e atingiu-o na braguilha com a mala de mão, o impacto reforçado pelo peso de um almofariz de pedra que adquirira nesse mesmo dia num armazém de equipamento químico. O homem susteve a respiração e dobrou-se, aflito com a dor. As portas do elevador abriram-se.

– Tenha um mau dia – disse ela. Ao fundo do corredor, deparou-se com uma cegonha de dois metros de altura, com óculos bifocais e um boné de baseball. No bico, tinha pendurados dois embrulhos: um rosa, um azul.

– Elizabeth Zott – disse ela, passando pela cegonha e dirigindo-se à rececionista. – Para o doutor Mason.

– Está atrasada – disse a rececionista em voz gelada.

– Estou cinco minutos adiantada – corrigiu Elizabeth, consultando o relógio.

– Há burocracias – informou a mulher, estendendo-lhe um impresso para preencher. Local de trabalho do marido. Número de telefone do marido.

Seguro do marido. Idade do marido. Número da conta bancária do marido.

– Quem é que vai ter o bebê, afinal? – questionou Elizabeth.

– Gabinete número cinco – disse a rececionista. – Ao fundo do corredor, segunda porta à esquerda. Dispa-se. Vista a bata. Termine de preencher os impressos.

– Gabinete número cinco – repetiu Elizabeth, com os impressos na mão. – Só uma pergunta: porquê a cegonha?

– Desculpe?

– A vossa cegonha. Porquê, no consultório de um obstetra? É quase como se estivessem a promover a concorrência.

– É para ser engraçado – disse a rececionista. – Gabinete cinco.

– E uma vez que todas as vossas pacientes estão cem por cento cientes de que nenhuma cegonha as salvará das dores do parto – continuou ela –, porquê continuar a perpetuar este mito?

– Doutor Mason – chamou a rececionista, ao ver aproximar-se um homem de bata branca. – Esta é a sua paciente das quatro. Está atrasada. Tentei mandá-la para o gabinete cinco.

– Não estou atrasada – corrigiu Elizabeth Zott. – Cheguei à hora. – Virou-se para o médico. – Doutor Mason, não deve lembrar-se de mim...

– A mulher do Calvin Evans – disse ele, com expressão surpreendida. – Ou não, peço desculpa – corrigiu, baixando a voz. – A viúva. – Depois fez uma pausa, como se estivesse a tentar decidir o que dizer a seguir. – Lamento muito a sua perda, Mrs. Evans – disse, pegando-lhe nas mãos e sacudindo-as ligeiramente, como se estivesse a misturar um *cocktail*. – O seu marido era um excelente homem. Um excelente homem e um excelente remador.

– O meu nome é Elizabeth Zott – disse ela. – O Calvin e eu não éramos casados. – Fez uma pausa, à espera do som reprovador da rececionista e de ser despachada por Mason, mas o médico fechou a caneta que tinha na mão com um clique, enfiou-a no bolso do peito, pegou-lhe no cotovelo e conduziu-a pelo corredor.

– A senhora e o Evans remaram no meu oito algumas vezes... Lembra-se? Há cerca de sete meses. E foram boas saídas. Mas nunca mais apareceram. Porquê?

Ela ergueu os olhos para ele, surpreendida.

– Oh, perdão – apressou-se o doutor Mason a dizer. – Lamento muito. Claro. O Evans. O Evans morreu. Peço desculpa. – Abanou a cabeça, embaraçado, e abriu a porta do gabinete cinco. – Entre, por favor. – Apontou para uma cadeira. – E a senhora ainda rema? Não, que pergunta a minha, claro que não, no seu estado. – Pegou-lhe nas mãos e virou-as. – Mas é invulgar. Ainda tem os calos.

– Estou a treinar no ergómetro.

– Valha-me Deus.

– É mau? Foi o Calvin que o construiu.

– *Porquê?*

– Porque quis. Não há problema, pois não?

– Bom, não, claro que não – disse ele. – Só que nunca conheci ninguém que usasse o ergómetro por vontade própria. Muito menos uma grávida. Se bem que, agora que penso nisso, é uma boa preparação para o parto. Em termos de sofrimento, quero eu dizer. Na verdade, tanto em termos de dor como de sofrimento. – Mas depois apercebeu-se de que a dor e o sofrimento eram provavelmente uma constante na vida dela desde a morte de Evans e virou-se para disfarçar mais uma gafe. – Vamos lá dar uma espreitadela debaixo do *capot*, que me diz? – perguntou gentilmente, conduzindo-a à marquesa. Fechou a porta e aguardou atrás de um biombo enquanto ela se despia e vestia a bata.

*

O exame foi rápido mas minucioso, por entre perguntas sobre azia e inchaço. Problemas de sono? O bebé mexia-se a certas horas? E durante quanto tempo? E, por fim, a pergunta mais importante: porque demorara tanto tempo a vir ao médico? O último trimestre já ia adiantado.

– Trabalho – disse ela. Mas era mentira. O verdadeiro motivo era porque esperara, secretamente, que a gravidez terminasse por si própria. Como acontecia por vezes. Nos anos cinquenta, fazer um aborto era impensável. Por coincidência, ter um bebé sem ser casada era igualmente impensável.

– Também é cientista, não é? – perguntou o doutor Mason, ao fundo do corpo dela.

– Sim.

– E deixaram-na continuar no Hastings? Devem ser mais progressistas do que eu pensava.

– Não deixaram – respondeu ela. – Estou a trabalhar por conta própria.

– Uma cientista por conta própria. Nunca ouvi falar de tal coisa. Como é que isso funciona?

Ela suspirou.

– Não muito bem.

O doutor Mason apercebeu-se do tom de voz dela e concluiu rapidamente o exame com umas pancadinhas aqui e ali na barriga, como se fosse uma melancia.

– Parece tudo ótimo – disse, enquanto tirava as luvas. E, ao ver que ela não sorria nem dissera nada em resposta, acrescentou em voz baixa: – Para o bebé, pelo menos. Calculo que isto esteja a ser terrivelmente difícil para si.

Era a primeira vez que alguém reconhecia a situação dela e o choque deixou-a com um nó na garganta. Sentiu as lágrimas a acumularem-se por trás dos olhos.

– Lamento muito – disse ele em tom compreensivo, estudando-lhe o rosto como um meteorologista a ver uma tempestade em formação. – Por favor, saiba que pode falar comigo. De remador para remador. É tudo confidencial.

Ela afastou o olhar. Não o conhecia, na verdade. Pior ainda, não tinha a certeza, apesar das garantias dele, de que os seus sentimentos eram admissíveis. Estava quase convencida de ser a única mulher à face da Terra que planeava nunca ter filhos.

– Para ser perfeitamente franca – disse por fim, com a voz carregada de culpa –, não sei se consigo fazer isto. Não planeava ser mãe.

– Nem todas as mulheres querem ser mães – concordou ele, surpreendendo-a. – Mais precisamente, nem todas as mulheres deviam ser mães. – Fez uma careta, como se estivesse a pensar em alguma pessoa concreta. – Mesmo assim, fico sempre surpreendido com a quantidade de mulheres que embarca na maternidade, tendo em conta como a gravidez pode ser difícil: enjoos matinais, estrias, morte. Não, não, está tudo bem consigo! – acrescentou rapidamente ao ver a expressão de horror no rosto dela. – É só porque temos tendência a tratar a gravidez como se fosse a coisa mais natural do mundo... tão simples como bater com o dedo do pé na quina de um móvel... quando, na realidade, é mais como ser atropelada por um camião. Embora um camião cause menos danos, claro está. –

Pigarreou e escreveu qualquer coisa na ficha dela. – O que quero dizer é que o exercício está a ajudar. Embora não veja como consegue treinar no ergómetro, nesta fase. Com certeza que é difícil puxar até ao esterno. Não costuma ver o programa do Jack LaLanne?

Ao ouvir falar no nome de Jack LaLanne, uma expressão desolada passou pelo rosto de Elizabeth.

– Já vi que não é fã – disse ele. – Não há problema. Pode continuar com o ergómetro.

– Só continuei a fazê-lo – admitiu ela em voz baixa –, porque me cansa ao ponto de, às vezes, conseguir dormir. Mas também porque pensei que talvez... bem...

– Eu compreendo – interrompeu ele, e olhou de um lado para o outro, como se quisesse certificar-se de que não estava ninguém a ouvir. – Oiça, eu não sou uma dessas pessoas que acham que uma mulher tem de... – Calou-se abruptamente. – Nem acho que... – Parou de novo. – Uma mulher solteira... uma viúva... é... Enfim – concluiu, pegando na ficha dela. – Mas a verdade é que a máquina de remo provavelmente ainda a deixou mais forte; e ao bebé também, na verdade. Mais sangue no cérebro, melhor circulação. Nota que isso tenha um efeito calmante no bebé? Os movimentos para trás e para a frente?

Ela encolheu os ombros.

– Que distância costuma fazer?

– Dez mil metros.

– *Todos os dias?*

– Às vezes mais.

– Valha-me Deus – disse ele, com um assobio. – Sempre achei que as grávidas desenvolvem uma capacidade extra de suportar o sofrimento, mas dez mil metros? Às vezes *mais*? Isso... isso é... na verdade, nem sei o que dizer. – Fitou-a com ar preocupado. – Tem alguém que a ajude? Uma amiga ou familiar... a sua mãe?... Alguém desse género? Os bebés dão muito trabalho.

Ela hesitou. Era embaraçoso admitir que não tinha ninguém. Só viera consultar o doutor Mason porque Calvin sempre insistira que os remadores partilhavam uma espécie de ligação especial.

– Ninguém? – repetiu ele.

– Tenho um cão.

– Ainda bem – disse Mason. – Os cães podem ser uma grande ajuda. Protetores, empáticos, inteligentes. Que tipo de cão... ou cadela?

– É um cão.

– Espere, acho que me lembro do seu cão. Chama-se *Três Horas*, ou coisa parecida, não é? Feio como o diabo?

– Chama-se...

– Um cão e um ergómetro – disse ele, fazendo mais um apontamento. – Muito bem. Excelente.

Fechou de novo a caneta e pôs a ficha de lado.

– Agora, assim que conseguir... daqui a um ano, digamos... quero vê-la de novo na casa dos barcos. Tenho andado à procura de um Número Dois como deve ser e algo me diz que o encontrei. Mas tem de arranjar uma ama. Não queremos bebés no barco. Já temos lá bebés que cheguem.

Elizabeth pegou no casaco.

– É muito amável, doutor Mason – disse, partindo do princípio de que ele estava apenas a ser simpático –, mas, pelo que me diz, estou prestes a ser atropelada por um camião.

– Um acidente do qual vai recuperar – ressaltou ele. – Escute, a minha memória é impecável no que diz respeito ao remo, e lembro-me muito bem das nossas saídas. Foram boas. Muito boas.

– Por causa do Calvin.

O doutor Mason pareceu surpreendido.

– Não, Miss Zott. Não foi só por causa do Evans. São precisos oito para uma boa saída. *Todos* os oito. Bom, quanto ao assunto mais premente. Estou a começar a sentir-me um bocadinho mais descansado em relação a si. Sei que sofreu um grande choque, com a morte do Evans e depois isto – acrescentou, apontando para a barriga dela. – Mas vai correr tudo bem. Talvez melhor do que bem. Um cão, um ergómetro, o Número Dois. Excelente.

Depois pegou-lhe nas mãos e apertou-as com um sorriso, e, embora as palavras dele não fizessem cem por cento de sentido, eram as primeiras que finalmente faziam *algum* sentido, em comparação com tudo o que ela ouvira até então.

CAPÍTULO 16

Parto

— **B**iblioteca? – perguntou Elizabeth a *Seis e Meia*, cerca de cinco semanas depois. – Tenho consulta com o doutor Mason mais logo, e queria entregar estes livros primeiro. Estou a pensar que talvez gostes de *Moby Dick*. É uma história sobre como os humanos estão sempre a subestimar as outras formas de vida. E a sofrer as consequências.

Para além da técnica de aprendizagem recetiva, Elizabeth começara a ler-lhe em voz alta, e há muito que substituíra os livros simples de criança por textos muito mais densos.

– Ler em voz alta promove o desenvolvimento do cérebro – disse-lhe, citando um estudo recente que lera. – E também acelera a acumulação de vocabulário.

Parecia estar a resultar porque, segundo os seus apontamentos, *Seis e Meia* conhecia agora 391 palavras.

– És um cão muito inteligente – dissera-lhe ainda no dia anterior, e ele queria muito concordar, mas na verdade não compreendia o significado de «inteligente».

A palavra parecia ter tantas definições como existiam espécies, e contudo os humanos (exceção feita a Elizabeth) só pareciam reconhecer «inteligência» se e quando seguisse as suas próprias regras. «Os golfinhos são inteligentes», diziam. «Mas as vacas não são.» Isto parecia baseado, em parte, no facto de as vacas não fazerem truques. Na opinião de *Seis e Meia*, isto tornava-as mais inteligentes e não mais burras. Mas, na verdade, que sabia ele?

Trezentas e noventa e uma palavras, segundo Elizabeth. Mas, na verdade, apenas 390.

Pior, acabara de descobrir que o inglês não era a única língua humana. Elizabeth revelara-lhe que havia centenas, talvez milhares de outras, e que

nenhum humano as falava a todas. Na verdade, a maioria das pessoas falava apenas uma – talvez duas – a menos que fossem algo chamado «suíço», caso em que falavam oito. Não admirava que não compreendessem os animais. Mal se conseguiam compreender uns aos outros.

Pelo menos ela percebia que ele não conseguiria desenhar. Ao que parecia, esse era o método preferido de comunicação das crianças mais pequenas e *Seis e Meia* admirava os seus esforços, mesmo quando os resultados não alcançavam o objetivo. Não se passava um dia em que não visse uma criança com um pedaço de giz nos dedinhos, a desenhar com ar sério sobre os passeios, as suas casas impossíveis e figuras humanas primitivas a cobrirem o cimento de uma história que ninguém compreendia senão eles próprios.

*

– Que desenho tão bonito! – ouvira uma mãe dizer no princípio dessa semana, ao olhar para os riscos feios e violentos da filha. *Seis e Meia* já tinha reparado que os pais humanos tinham tendência para mentir aos filhos.

– É um cãozinho – disse a criança, com as mãos cobertas de giz.

– E que lindo cãozinho! – reafirmou a mãe.

– *Não* – retorquiu a criança. – Não é lindo. O cãozinho está morto. Foi *matado*! – E *Seis e Meia*, depois de olhar com mais atenção para o desenho, achou-o perturbadoramente exato.

– *Não* é um cãozinho morto – ralhou a mãe. – É um cãozinho *muito* contente, e está a *comer* uma tigela de gelado.

Nesta altura, a criança, frustrada, atirou o giz para o meio da relva e dirigiu-se aos baloiços com passos irritados.

Seis e Meia apanhou o giz. Um presente para a criatura.

*

Percorreram os cinco quarteirões juntos, Elizabeth com um vestido-camiseiro esticado sobre a barriga saliente, a marchar como se fosse para a guerra. Às costas trazia uma sacola vermelha cheia de livros; *Seis e Meia* trazia também uma espécie de alforjes de estafeta, adaptados para transportar o resto dos livros que não cabiam na sacola dela.

– Tenho tanta fome que até me dói o estômago – disse ela em voz alta enquanto caminhavam, no ar frio de novembro. – Era capaz de comer um boi. Tenho andado a monitorizar a urina, a analisar as proteínas do cabelo, e...

Era verdade. Nos últimos dois meses, ela acompanhara os níveis de glucose na sua urina, anotara a cadeia de aminoácidos na queratina do cabelo e analisara a temperatura corporal no laboratório. *Seis e Meia* não compreendia completamente o que isso significava, mas estava aliviado por ver que ela se interessava mais pela criatura – mesmo que fosse um interesse apenas científico. O único preparativo prático que ela fizera fora adquirir uns quadrados de pano branco grosso e vários alfinetes de ar perigoso. Comprara também três roupinhas minúsculas que pareciam sacos.

– Parece tudo bastante simples – disse-lhe, enquanto desciam a rua. – Primeiro vem o trabalho de parto, depois o parto propriamente dito. Ainda temos duas semanas, *Seis e Meia*, mas acho que é bom começar já a pensar nestas coisas. O mais importante a recordar – disse – é que quando chegar a altura temos de manter a calma.

Mas *Seis e Meia* não estava calmo. As águas de Elizabeth tinham rebentado várias horas antes. Ela não se apercebera disso porque libertara apenas uma quantidade reduzida de líquido, mas ele reparara porque era um cão. O cheiro era inconfundível. Quanto às pontadas de fome, não eram pontadas de fome; eram as primeiras contrações do trabalho de parto. Quando se aproximaram da porta da biblioteca, a criatura decidiu tornar a situação um pouco mais clara.

– Oh – gemeu Elizabeth, dobrada ao meio. – Oh, meu Deus!

*

Treze horas depois, o doutor Mason ergueu a bebé para que Elizabeth, exausta, a visse.

– É bem grande – disse, inspecionando a bebé como se tivesse acabado de a pescar. – Uma remadora, sem dúvida. Não posso jurar, mas parece-me que ela remarà a bombordo. – Olhou para Elizabeth. – Bom trabalho, Miss Zott. E fez tudo sem anestesia. Bem lhe disse que aqueles treinos todos no ergómetro haviam de dar jeito. E ela tem uns pulmões fantásticos. – Olhou para as mãozinhas minúsculas da bebé como se já estivesse a imaginar os

futuros calos. – Ficarão ambas aqui connosco mais alguns dias. Eu venho vê-la amanhã. Entretanto, descanse.

Mas Elizabeth, preocupada com *Seis e Meia*, decidiu ir para casa na manhã seguinte.

– Nem pensar! – protestou a enfermeira-chefe. – É totalmente contra o protocolo. O doutor Mason terá um ataque.

– Diga-lhe que eu preciso de ir para o ergómetro – respondeu Elizabeth. – Garanto-lhe que ele aprovará.

– *Ergómetro?* – gritou a enfermeira, enquanto Elizabeth telefonava a chamar um táxi. – Como assim, *ergómetro?*

*

Meia hora depois, Elizabeth aproximou-se da porta de casa, com a bebé aninhada contra o peito, o coração a bater de alívio ao ver *Seis e Meia*, com os alforges ainda sobre as costas, sentado como uma sentinela à porta de casa.

Oh meu Deus, arfou, *oh meu Deus oh meu Deus estás viva estás viva oh meu Deus estava tão preocupado*.

Ela baixou-se e mostrou-lhe o embrulho.

A criatura era – snif! – *uma menina!*

– É uma menina – disse-lhe Elizabeth, com um sorriso.

Olá, Criatura! Sou eu! O Seis e Meia! Estava tão preocupado!

– Desculpa – disse ela, enquanto abria a porta. – Deves estar a morrer de fome. São – olhou para o relógio – nove e vinte e dois. Não comes há mais de vinte e quatro horas.

Seis e Meia abanou a cauda, excitado. Tal como algumas famílias davam aos filhos todos nomes começados pela mesma letra (Agatha, Alfred) e outras preferiam rimar (Molly, Polly), a família dele regia-se pelo relógio. Ele chamava-se *Seis e Meia* para comemorar a hora exata em que se tinham tornado uma família. E agora sabia como a criatura se chamaria.

Olá, Nove e Vinte e Dois!, comunicou. *Bem-vinda à vida no exterior! Como foi a viagem? Por favor, entra, entra! Tenho giz!*

Enquanto entravam os três em casa, uma alegria curiosa encheu o ar. Pela primeira vez, depois da morte de Calvin, parecia que tinham dobrado uma esquina.

Este sentimento durou dez minutos, até a criatura começar a chorar e ir tudo por água abaixo.

CAPÍTULO 17

Harriet Sloane

— **O**que se *passa*? – perguntou Elizabeth em tom de súplica pela milionésima vez. – DIZ-ME!

Mas a bebé, que estava a chorar ininterruptamente há semanas, recusava-se a ser específica.

Até *Seis e Meia* estava perplexo. *Mas eu contei-te o que aconteceu ao teu pai*, comunicou. *Nós conversámos sobre isto*. Mesmo assim, a criatura não parava de chorar.

Eram duas da manhã e Elizabeth estava a andar de um lado para o outro pela casa, a embalar o pequeno embrulho, com os braços doridos e rígidos como um robô enferrujado. Por fim, tropeçou num monte de livros e quase caiu.

– Raios – gritou, apertando a bebé contra o peito num gesto protetor. No seu torpor de recém-mamã, o chão tornara-se um lugar conveniente para depositar tudo e mais alguma coisa: meias minúsculas, alfinetes de ama, cascas de banana, jornais por ler. – Como pode uma pessoa tão pequena causar tudo isto? – gritou.

Em resposta, a bebé encostou a boquinha à orelha de Elizabeth, respirou fundo e berrou a resposta.

– Por favor – murmurou Elizabeth, deixando-se cair numa cadeira. – Por favor, por favor, por favor *para*. – Aninhou a filha no braço, encostou a tetina do biberão aos lábios de boneca e, apesar de ela o ter recusado cinco vezes antes, desta vez pegou-lhe com voracidade, como se soubesse que a ignorante da mãe acabaria por lá chegar. Elizabeth susteve a respiração, como se o mais pequeno movimento pudesse espoletá-la de novo. A bebé era uma bomba-relógio. Um movimento em falso e estava tudo perdido.

O doutor Mason avisara-a de que os recém-nascidos davam trabalho, mas isto não era trabalho: era escravidão. A pequena tirana não era menos

exigente do que Nero; não ficava a dever em loucura ao Rei Ludwig. E o choro. Fazia com que Elizabeth se sentisse incapaz. Pior ainda, colocava a hipótese de a filha não gostar dela. Já.

Elizabeth fechou os olhos e viu a sua própria mãe, com um cigarro colado ao lábio inferior, as cinzas a caírem sobre o empadão que Elizabeth acabara de tirar do forno. Sim. Era perfeitamente possível um filho não gostar da mãe logo desde o princípio.

Para além disso, havia a repetição – dar comida, dar banho, mudar a fralda, adormecer, limpar, pôr a arrotar, embalar, andar de um lado para o outro: em suma, o volume. Havia muitas coisas que eram repetitivas – ergómetros, metrónomos, fogos de artifício – mas todas essas coisas, regra geral, terminavam em menos de uma hora. Isto podia prolongar-se durante anos.

E quando a bebé estava a dormir, *o que nunca acontecia*, havia ainda mais trabalho a fazer: lavar roupa, preparar os biberões, limpar, comer – e ainda ler e reler constantemente a obra do Dr. Spock, *O Livro Prático para Cuidar de Bebés e Crianças*. Havia tanto para fazer que ela nem sequer conseguia redigir uma lista de coisas a fazer, porque seria apenas mais uma coisa para fazer. Além disso, ainda tinha todo o seu outro trabalho.

Hastings. Olhou, preocupada, para um monte intocado de cadernos e documentos, na sua maioria trabalho dos ex-colegas. Durante o trabalho de parto, dissera ao doutor Mason que não queria anestesia.

– Porque sou cientista – mentiu. – Quero estar plenamente consciente durante todo o processo.

Mas a verdadeira razão é que não podia pagar esses extras.

Ao ouvir um leve suspiro satisfeito, Elizabeth baixou os olhos e, surpreendida, viu que a filha estava a dormir. Ficou imóvel como uma estátua para não a acordar. Estudou o rosto corado, os lábios franzidos, as sobrancelhas finas e loiras.

Passada uma hora, Elizabeth perdera toda a circulação nos braços. Fitou a bebé, assombrada, enquanto esta movia os lábios como se estivesse a tentar explicar-se.

Passaram mais duas horas.

Levanta-te, disse a si própria. *Mexe-te*. Inclinou-se para a frente, levantando-se com muito cuidado da cadeira, e dirigiu-se ao quarto com o mínimo de movimentos possível. Deitou-se e pousou suavemente a bebé

adormecida ao seu lado. Fechou os olhos. Respirou fundo. E depois dormiu, um sono pesado e sem sonhos, até a bebê acordar.

O que, de acordo com o seu relógio, aconteceu cerca de cinco minutos mais tarde.

*

– É boa altura? – perguntou o doutor Boryweitz às sete da manhã, quando ela lhe abriu a porta. Inclinou a cabeça num cumprimento e passou por ela, abrindo caminho pela zona de guerra até chegar ao sofá.

– Não.

– Bom, mas isto não é trabalho. Só uma pergunta rápida. De qualquer maneira, queria passar por cá para ver como estão as coisas. Ouvi dizer que já teve o bebé. – Olhou para Elizabeth, para o seu cabelo sujo, a blusa mal abotoada, o abdómen ainda inchado. Abriu a pasta e tirou uma prenda embrulhada. – Parabéns – disse.

– Você... trouxe-me... um presente?

– É só uma lembrança.

– Tem filhos, doutor Boryweitz?

Ele olhou para o lado e não respondeu.

Elizabeth abriu a caixa e encontrou uma chucha de plástico e um pequeno coelhinho de peluche.

– Obrigada – disse, subitamente feliz por ele ter aparecido. Era o primeiro adulto com quem falava em semanas. – Foi muito amável.

– De nada – disse ele, atrapalhado. – Espero que ele... ou ela... goste.

– É uma menina.

Uma menina muito traquina, explicou Seis e Meia.

Boryweitz enfiou a mão na pasta e tirou um molho de papéis.

– Não tenho dormido nada, doutor Boryweitz – disse Elizabeth em tom apologético. – Não é mesmo boa altura.

– Miss Zott – implorou Boryweitz, de olhos baixos. – Tenho uma reunião com o Donatti daqui a duas horas. – Tirou algumas notas da carteira. – *Por favor.*

O dinheiro fê-la hesitar. Não tinha qualquer tipo de rendimento há um mês.

– Dez minutos – disse, aceitando as notas. – A bebé está só a passar pelas brasas.

Mas foi preciso uma hora inteira. Depois de ele sair, e surpreendida por a bebé ainda estar a dormir, Elizabeth dirigiu-se ao laboratório, decidida a adiantar algum trabalho, mas sem querer deslizou para o chão e deitou-se, como se fosse um colchão, com a cabeça em cima de um livro, como se fosse uma almofada. Segundos depois, estava a dormir.

*

Sonhou com Calvin. Ele estava a ler um livro sobre ressonância magnética nuclear. Ela estava a ler *Madame Bovary* em voz alta para *Seis e Meia*. Tinha acabado de dizer a *Seis e Meia* que a ficção era problemática. As pessoas estavam sempre a insistir que entendiam o significado da obra, mesmo que o escritor nunca tivesse tido essa intenção, mesmo quando aquilo que julgavam compreender não tinha, na realidade, significado algum.

– *Madame Bovary* é um belo exemplo – disse. – Nesta parte, onde a Emma lambe os dedos? Há quem acredite que isso significa luxúria carnal; outros pensam que ela gostou mesmo do frango. Quanto ao que Flaubert pretendia realmente dizer? Ninguém quer saber.

Nesta altura, Calvin ergueu os olhos do livro e disse:

– Não me lembro de haver frango em *Madame Bovary*.

Contudo, antes que Elizabeth conseguisse responder, ouviu-se um *tap tap tap tap tap* insistente, como um pica-pau trabalhador, seguido de um «Miss Zott?» e de mais *tap tap tap tap tap*, e outro «Miss Zott?» e por fim um estranho lamento trémulo que fez com que Calvin se levantasse de um salto e saísse a correr da sala.

*

– Miss Zott! – repetiu a voz, ainda mais alto.

Elizabeth acordou e deparou-se com uma mulher corpulenta, de cabelo grisalho, num vestido de seda artificial e meias castanhas grossas, dentro do seu laboratório.

– Sou eu, Miss Zott. Mrs. Sloane. Espreitei pela janela e vi-a caída no chão. Fartei-me de bater, mas como não respondeu abri a porta e entrei. Queria certificar-me de que estava bem. Sente-se bem? Se calhar é melhor chamar um médico.

– S-Sloane?

A mulher inclinou-se e estudou o rosto de Elizabeth.

– Não, acho que não é preciso o médico. O seu bebé está a chorar. Quer que o vá buscar? Eu vou buscá-lo. – Saiu e voltou momentos depois. – Oh, olhem para isto – disse, embalando o pequeno embrulho. – Como se chama este mafarrico?

– Mad. M-Madeline – disse Elizabeth, enquanto se levantava do chão.

– Madeline – repetiu Mrs. Sloane. – Uma menina. Que bom. Estava farta de pensar que tinha de passar por cá. Desde que trouxe a sua diabinha para casa que ando a pensar com os meus botões: *Tenho de ir lá ver como ela está*. Mas parece que está sempre a receber visitas. Na verdade, ainda há pouco vi sair um cavalheiro. Não queria vir incomodar.

A mulher encostou o rabo de Madeline ao nariz, respirou fundo e depois deitou-a em cima da mesa, tirou uma fralda lavada do estendal próximo e mudou a fralda à bebé irrequieta, como um *cowboy* a dominar um bezerro.

– Sei que não deve ser fácil para si, Miss Zott, sem Mr. Evans, quero eu dizer. Já agora, os meus pêsames pela sua perda. Sei que é um pouco tarde para o dizer, mas mais vale tarde do que nunca. Mr. Evans era um bom homem.

– Conhecia... o Calvin? – perguntou Elizabeth, ainda com as ideias turvas. – Co-como?

– Miss Zott – disse ela em tom de censura. – Sou a sua vizinha. Vivo do outro lado da rua? Naquela casinha azul?

– Oh! Oh, sim, claro – disse Elizabeth, e corou ao perceber que nunca tinha falado com Mrs. Sloane. Trocara alguns acenos distraídos com ela da porta, mais nada. – Desculpe, Mrs. Sloane, claro que sei quem é. Por favor, perdoe-me... estou muito cansada. Devo ter adormecido no chão. Nem acredito que fiz uma coisa dessas; foi a primeira vez, acredite.

– Bom, descanse que não será a última – disse Mrs. Sloane, reparando de súbito que a cozinha, na verdade, não era uma cozinha. Levantou-se e, com Madeline no braço como se fosse uma bola de futebol, inspecionou a divisão sem esperar por uma visita guiada. – Com uma recém-nascida, e sozinha, claro que está exausta, mal deve conseguir pensar e... o que raio vem a ser *isto*? – perguntou, apontando para um grande objeto prateado.

– Uma centrifugadora – disse Elizabeth. – E eu estou bem, a sério. – Tentou sentar-se direita.

– Ninguém está bem com um recém-nascido, Miss Zott. Esta monstrixinha vai sugar-lhe a vida toda. Olhe para si... parece uma condenada à morte. Deixe-me fazer-lhe um café. – Dirigiu-se ao fogão, mas estacou ao ver a capela de exaustão. – Por amor de Deus – disse –, mas que *raio* aconteceu a esta cozinha?

– Eu faço o café – disse Elizabeth.

Sob o olhar atento de Mrs. Sloane, aproximou-se do balcão de aço inoxidável, pegou num jarro de água destilada e despejou-a num balão de vidro, que tapou com uma rolha da qual saía um tubo flexível. A seguir, prendeu o balão a um dos dois suportes metálicos entre os bicos de Bunsen e usou uma estranha engenhoca que produziu uma faísca, como pederneira em aço. Apareceu uma chama; a água começou a aquecer. Depois tirou de uma prateleira um saco com uma etiqueta a dizer «C₈H₁₀N₄O₂», despejou um pouco do conteúdo num almofariz, moeu-o com o pilão, pesou a substância com consistência de terra solta numa pequena balança esquisita, depois verteu o conteúdo da balança para cima de um quadrado de pano e fechou-o num embrulhinho apertado. Enfiou o embrulho de pano numa proveta maior, prendeu-a ao segundo suporte metálico e encaixou o tubo que saía do primeiro balão no fundo da proveta maior. Quando a água no balão começou a ferver, Mrs. Sloane, com o queixo quase a bater no chão, viu-a subir pelo tubo e entrar na proveta. Pouco depois, o balão mais pequeno estava quase vazio e Elizabeth desligou o bico de Bunsen. Mexeu o conteúdo da proveta com uma vara de vidro. Então o líquido castanho fez uma coisa estranhíssima: subiu sozinho, como que por magia, e regressou ao balão original.

– Natas e açúcar? – perguntou Elizabeth, enquanto tirava a rolha do balão e servia o café.

– Valha-me Deus – disse Mrs. Sloane quando Elizabeth colocou uma chávena de café em frente dela. – Mas nunca ouviu falar em café instantâneo? – No entanto, assim que bebeu o primeiro gole, não fez mais comentários. Nunca provara um café tão bom. Estava divinal. Era capaz de não beber mais nada o dia todo.

– Então o que está a achar até agora? – perguntou Mrs. Sloane. – Da maternidade?

Elizabeth engoliu em seco.

– Vejo que tem a bíblia – disse Mrs. Sloane, ao ver o livro do Dr. Spock em cima da mesa.

– Comprei-o por causa do título – admitiu Elizabeth. – *O Livro Prático para Cuidar de Bebés e Crianças*. Parece haver tanto exagero na maneira como se cria um bebé... tanta complicação.

Mrs. Sloane estudou o rosto de Elizabeth. Era um comentário estranho, vindo de uma mulher que acabara de adicionar vinte etapas adicionais ao processo de fazer café.

– É engraçado, não acha? – disse Mrs. Sloane. – Um homem escreve um livro sobre coisas das quais não tem conhecimento em primeira mão absolutamente nenhum... refiro-me ao parto e ao que se segue... e ainda assim: *zás*, campeão de vendas. Se quer que lhe diga, desconfio que foi a mulher dele que escreveu tudo e no fim ele só assinou. O nome de um homem sempre confere mais autoridade, não acha?

– Não – disse Elizabeth.

– Concorde consigo.

Ambas beberam mais um gole de café.

– Olá, *Seis e Meia* ... – disse ela, e esticou a mão livre. O cão aproximou-se dela.

– Conhece o *Seis e Meia*?

– Miss *Zott*... Eu vivo mesmo ali... do outro lado da rua! Vejo-o muitas vezes entrar e sair e andar por aí. Já agora, há uma nova lei em vigor sobre trelas...

Ao ouvir a palavra «trela», Madeline abriu a boca minúscula e soltou um grito de fazer gelar o sangue.

– Oh valha-me Nossa Senhora, mãe de Deus! – exclamou Mrs. Sloane, e levantou-se de um salto, com Madeline ainda nos braços. – Isso é *muito* feio, menina! – Olhou para o rostinho vermelho e embalou a bebé, percorrendo o laboratório de um lado para o outro. Falou em voz mais alta para se fazer ouvir sobre a gritaria. – Há muitos anos, quando eu tinha acabado de ser mãe, Mr. Sloane teve de se ausentar em trabalho e um homem horrível arrombou a porta e entrou e disse que se eu não lhe desse todo o nosso dinheiro, levaria o bebé. Eu não dormia nem tomava banho há quatro dias, não passava um pente no cabelo há pelo menos uma semana, nem sei há quanto tempo não me sentava. Por isso disse-lhe: «Quer levar o bebé? Aqui o tem.» – Mudou Madeline para o outro braço. – Nunca vi um

homem feito correr tão depressa. – Olhou em volta, com ar inseguro. – Também tem alguma maneira especial de preparar o biberão, ou posso fazê-lo como é normal?

– Tenho um já pronto – disse Elizabeth, e tirou-o de uma pequena panela de água morna.

– Os recém-nascidos são horríveis – continuou Mrs. Sloane, levando a mão às pérolas falsas que tinha ao pescoço, depois de Elizabeth lhe tirar Madeline dos braços. – Pensei que tivesse alguma ajuda; se soubesse que estava sozinha, já teria aparecido mais cedo. Mas vi tantos, bom, tantos *homens* sempre a aparecer a qualquer hora. – Pigarreou.

– É trabalho – disse Elizabeth, enquanto tentava persuadir Madeline a pegar no biberão.

– Como queira chamar-lhe – disse Mrs. Sloane.

– Sou cientista – explicou Elizabeth.

– Pensava que Mr. Evans é que era o cientista.

– E eu também sou.

– Claro que sim. – Uniu as mãos. – Bom, assim sendo, vou andando. Mas agora já sabe... sempre que precisar de mais um par de mãos, é só atravessar a estrada. – Escreveu o seu número de telefone com um lápis grosso diretamente na parede da cozinha, por cima do telefone. – Mr. Sloane reformou-se o ano passado e agora está sempre em casa, portanto não tenha medo de estar a interromper alguma coisa, porque não é o caso. Na verdade, é um favor que me faz. Entendido? – Baixou-se e remexeu num do saco de compras. – Vou deixar isto aqui – disse, retirando um empadão embrulhado em papel de alumínio. – Não vou dizer que é uma especialidade, mas você precisa de comer.

– Mrs. Sloane – disse Elizabeth, apercebendo-se de que não queria estar sozinha. – Parece saber muito sobre bebés.

– Tanto quanto alguém pode saber – admitiu ela. – São uns pequenos sádicos egoístas. Não se compreende como é que alguém está disposto a ter mais do que um.

– Quantos é que a senhora teve?

– Quatro. O que quer saber, Miss Zott? Está preocupada com alguma coisa em particular?

– Bem... – disse Elizabeth, tentando impedir a voz de tremer – ...é que... é só que...

– Diga o que quer dizer – interrompeu Sloane. – Como arrancar um penso rápido. De uma vez.

– Sou uma mãe horrível – disse ela muito depressa. – Não é só por me ter encontrado a dormir de serviço, são muitas coisas... ou melhor, tudo.

– Seja mais específica.

– Bom, por exemplo, o Dr. Spock diz que eu devia criar um horário para a bebé, portanto foi o que eu fiz, mas ela não o segue.

Harriet Sloane soltou uma fungadela desdenhosa.

– E não estou a ter aqueles momentos que é suposto termos... sabe... os momentos...

– Não estou a perceber...

– Os momentos de felicidade pura...

– Lixo de revistas femininas – interrompeu Sloane. – Tem de se afastar dessas porcarias. Não passa de ficção.

– Mas os sentimentos que estou a ter... eu... eu acho que não são normais. Nunca quis ter filhos – confessou –, e agora tenho uma filha e por muito que me envergonhe de o dizer, já houve duas ocasiões em que de boa vontade a teria dado a outra pessoa.

Mrs. Sloane parou junto da porta das traseiras.

– Por favor – suplicou Elizabeth –, não pense mal de mim...

– Espere – disse Sloane, como se tivesse percebido mal. – Diz que já quis dá-la a alguém... duas vezes? – Depois abanou a cabeça e riu-se de uma forma que fez Elizabeth encolher-se.

– Não tem graça nenhuma.

– Duas vezes? A sério? Se fossem vinte, estaria ainda assim muito abaixo da média.

Elizabeth desviou o olhar.

– Ora, raios me partam – disse Mrs. Sloane em tom compreensivo. – Está metida no trabalho mais difícil do mundo. A sua mãe nunca lho disse?

Sloane reparou que os ombros da mulher mais nova ficaram tensos quando lhe falou na mãe.

– Está bem – disse, em tom mais suave. – Deixe lá. Tente não se preocupar tanto. Está a fazer um bom trabalho, Miss Zott. As coisas vão melhorar.

– E se não melhorarem? – perguntou Elizabeth, desesperada. – E se... e se piorarem?

Embora não tivesse o hábito de tocar muito nas outras pessoas, Mrs. Sloane deu por si a deixar o santuário da porta para apertar ao de leve os ombros da outra mulher.

– Vão melhorar – garantiu. – Como se chama, Miss Zott?

– Elizabeth.

Mrs. Sloane tirou as mãos dos ombros dela.

– Bem, Elizabeth, eu sou a Harriet.

E depois ficaram uns instantes num silêncio embaraçado, como se ao partilharem os nomes próprios tivessem revelado mais do que pretendiam.

– Antes de eu ir, Elizabeth, posso dar-lhe só mais um conselho? – começou Harriet. – Na verdade, é melhor não. Odeio que me deem conselhos, principalmente quando não os pedi. – Ficou vermelha como um tomate. – Não detesta essas pessoas que estão sempre a oferecer conselhos? Eu detesto. Fazem-nos sentir umas incapazes. E, na maior parte das vezes, os conselhos nem sequer prestam para nada.

– Mas diga, por favor – pediu Elizabeth.

Harriet hesitou, e depois franziu os lábios.

– Bom, está bem. Talvez nem seja considerado bem um conselho. É mais uma sugestão.

Elizabeth fitou-a com ar expectante.

– Tire um bocadinho para si. Um momento. Todos os dias.

– Um momento.

– Um momento em que seja *você* a sua prioridade. Não a bebé, nem o trabalho, nem o falecido Mr. Evans, nem a casa imunda, nem mais nada. Apenas você. A Elizabeth Zott. Aquilo de que precisa, aquilo que deseja, aquilo que procura, recorde-o nesse momento. – Puxou ao de leve as pérolas falsas. – E depois recomprometa-se com a sua intenção.

E, embora Harriet não tivesse mencionado que ela própria nunca seguira esse conselho – que, na verdade, o lera numa dessas revistas femininas ridículas –, queria acreditar que um dia se recomprometeria com o seu objetivo. Sentir amor. Amor *verdadeiro*. Depois abriu a porta, inclinou a cabeça, saiu e fechou-a atrás de si. E, na sua deixa, Madeline desatou a chorar.

CAPÍTULO 18

Oficialmente Mad

Harriet Sloane nunca fora bonita, mas conhecia pessoas bonitas e sabia que estas pareciam sempre atrair problemas. Ou eram amadas por serem bonitas, ou odiadas pela mesma razão. Quando Calvin Evans começou a sua relação com Elizabeth Zott, Harriet partiu do princípio de que a beleza era o motivo. No entanto, quando os viu pela primeira vez, do seu lugar habitual à janela da sala, através das cortinas que eles tinham deixado convenientemente abertas de modo a proporcionar uma visão desimpedida até ao outro lado da rua, Harriet teve de rever esta presunção.

Aos seus olhos, a relação de Calvin e Elizabeth parecia ter sido estranha – quase sobrenatural –, como gémeos idênticos separados à nascença que depois se encontram por acaso numa trincheira e, apesar de estarem rodeados de morte, ficam estupefactos ao descobrir não só que são iguais e partilham uma grave alergia a marisco, como também que nenhum deles gosta de Dean Martin. Imaginava Calvin e Elizabeth a dizerem constantemente um ao outro: «A sério? Eu também!»

Nunca fora assim entre ela e o agora aposentado Mr. Sloane. A única excitação da relação, na fase inicial, depressa se desgastara como verniz barato. Harriet achara-o ousado porque tinha uma tatuagem e não parecia ter reparado que ela tinha os tornozelos grossos e o cabelo fino. Olhando para trás, isso devia ter sido um sinal de aviso; um indício de que ele nunca repararia nela.

Não se conseguia lembrar há quanto tempo estava casada quando começou a perceber que não estava apaixonada pelo marido, nem ele por ela, mas terá sido provavelmente por volta da altura em que reparou na maneira como ele pronunciava a palavra «gaveta» e em como os seus pelos corporais estavam constantemente a libertar-se dele e a espalhar-se pela casa como os filamentos de um dente-de-leão.

Sim, viver com Mr. Sloane era repugnante, mas não eram os seus defeitos físicos que repeliam completamente Harriet – afinal, ela também perdia cabelo. Era antes a sua estupidez que ela abominava – a postura enfadonha, presumida, obtusa e grosseira; a ignorância, o preconceito, a vulgaridade e a insensibilidade; e, acima de tudo, a sua autoconfiança totalmente imerecida. Tal como a maioria das pessoas estúpidas, Mr. Sloane não tinha a inteligência necessária para perceber o quanto era estúpido.

*

Quando Elizabeth Zott veio viver com Calvin Evans, Mr. Sloane reparou de imediato. Falava constantemente sobre ela, com comentários obscenos e vulgares, como uma hiena sarnenta.

– Olha para aquilo – dizia à janela, ao ver a jovem vizinha a entrar no carro, e esfregava a barriga exposta em movimentos circulares que espalhavam pelinhos pretos encaracolados por todos os cantos da sala. – Sim, senhor.

Sempre que tal acontecia, Harriet saía da sala. Sabia que já devia estar habituada a isso, ao desejo que ele manifestava por outras mulheres. Estavam ainda em lua de mel quando ele se masturbara pela primeira vez com uma revista de mulheres nuas, mesmo ao lado dela, na cama. E Harriet não dissera nada – o que havia de dizer? Além do mais, diziam-lhe que era normal. Saudável, mesmo. Porém, à medida que as revistas iam ficando mais ousadas, o hábito dele crescia, e agora aqui estava ela, aos cinquenta e cinco anos, a endireitar o monte de revistas peganhentas do marido, com o coração pesado como pedra.

Essa era outra coisa que a revoltava nele. Tal como muitos homens indesejáveis, Mr. Sloane acreditava verdadeiramente que as mulheres o achavam atraente. Harriet não fazia ideia de onde vinha esse tipo específico de autoconfiança. Porque, enquanto as pessoas estúpidas podem não saber que são estúpidas por serem estúpidas, com certeza que as pessoas pouco atraentes deviam saber que eram pouco atraentes porque existem espelhos.

Não que houvesse algum problema em ser pouco atraente. Ela não era uma mulher atraente, e sabia-o. Sabia também que Calvin Evans não era atraente, e aquele cão rafeiro que Elizabeth trouxera para casa um dia não era nada agradável à vista, e havia boas probabilidades de que o futuro bebé de Elizabeth também não fosse nada de especial. Mas nenhum deles era –

ou viria alguma vez a ser – feio. O único que era feio era Mr. Sloane, porque era pouco atraente por dentro e por fora. Na realidade, a única coisa fisicamente bela em todo o quarteirão era a própria Elizabeth, e Harriet sempre a evitara precisamente por esse motivo. Tal como já dissera, as pessoas bonitas atraíam problemas.

Mas depois Mr. Evans morrera e aqueles homens ridículos com as suas pastas de gente importante começaram a visitar a casa de Elizabeth, e Harriet apercebeu-se de repente de que talvez tivesse sido contagiada pelo lado preconceituoso de Mr. Sloane. Foi por isso que decidiu ir ver como estava Elizabeth naquele dia. Porque, embora estivesse obrigada a ser para sempre Mrs. Sloane – era católica –, não queria transformar-se nunca num Mr. Sloane. Além disso, sabia bem como eram os recém-nascidos.

*

Ligue-me, implorou silenciosamente, enquanto espreitava pela janela para a casa do outro lado da rua. *Ligue-me. Ligue-me. Ligue-me.*

*

Do outro lado da rua, Elizabeth pegara no telefone para ligar a Harriet Sloane pelo menos uma dúzia de vezes nos últimos quatro dias, mas nunca chegara a marcar o número. Sempre se considerara um ser humano perfeitamente capaz, mas de súbito, com base apenas no pouco tempo que passara na presença de Harriet, apercebia-se de que não o era.

Parada junto à janela, olhou para o outro lado da rua, presa de uma espécie de desespero. Tivera uma bebé e agora tinha de a criar até ser adulta. Meu Deus – *adulta*. Do outro lado da sala, Madeline anunciou que estava na hora de comer.

– Mas ainda agora comeste – recordou-lhe Elizabeth.

– MAS EU NÃO ME LEMBRO DISSO – gritou Madeline em resposta, dando início formal ao jogo menos divertido do mundo: Adivinha o Que Eu Quero Agora.

Havia ainda outro problema: sempre que Elizabeth olhava para os olhos da filha, era Calvin quem lhe devolvia o olhar. Era enervante. A verdade é que ainda estava zangada com Calvin – por lhe ter mentido em relação ao financiamento da pesquisa dela, por o seu espermatozoide ter desafiado as probabilidades contracetivas, por ter a mania de correr ao ar livre quando

toda a gente corria dentro de casa em sapatilhas de *ballet*. Sabia que era injusto estar zangada com ele, mas a dor é assim: arbitrária. De qualquer maneira, ninguém sabia como ela estava zangada; era algo que guardara para si. Bom, exceto durante o trabalho de parto, quando *talvez* tivesse gritado algumas coisas lamentáveis, *possivelmente* cravando as unhas no antebraço de alguma pessoa desconhecida durante as contrações mais fortes. Lembrava-se de haver mais alguém aos gritos e a praguejar. Parecera-lhe na altura estranho e muito pouco profissional.

Assim, algum tempo depois de ter acabado tudo, quando uma enfermeira apareceu com uma série de impressos e lhe perguntou qualquer coisa – talvez como estava a sentir-se? –, ela decidiu dizer-lhe.

– Mad.¹

– Mad? – repetira a enfermeira.

– Sim. *Mad* – insistira Elizabeth. Porque era assim que se sentia.

– Tem a certeza? – perguntou a enfermeira.

– Claro que tenho a certeza!

E a enfermeira, que estava farta de cuidar de mulheres que nunca estavam no seu melhor momento – esta praticamente gravara-lhe o nome no braço com as unhas durante o parto – escreveu «Mad» na certidão de nascimento e saiu.

E assim ficara: o nome oficial da bebé era Mad. Mad Zott.

Elizabeth só se apercebeu disso alguns dias mais tarde, em casa, quando deu com a certidão de nascimento no meio da papelada do hospital, ainda espalhada em cima da mesa da cozinha.

– O que é isto? – dissera, olhando, estupefacta, para a caligrafia elaborada da certidão de nascimento. – Mad Zott? Por amor de Deus? Terei arrancado assim tanta pele àquela enfermeira?

Preparou-se de imediato para alterar o nome da bebé, mas havia um problema. Sempre achara que o nome certo lhe surgiria quando olhasse para o rosto da filha, o que não acontecera.

Agora, ali no seu laboratório doméstico, olhou para a bebé adormecida num grande cesto forrado com mantas e estudou-lhe as feições.

– Suzanne? – disse, cautelosamente. – Suzanne Zott? – Mas não lhe parecia certo. – Lisa? Cézanne Zott? Zelda Zott? – Nada. – Helen Zott? – tentou. – Fiona Zott. Marie Zott? – Ainda nada. Pôs as mãos nas ancas, como se estivesse a preparar-se para o pior. – *Mad Zott* – arriscou, por fim.

A bebé abriu de imediato os olhos.

Do seu posto debaixo da mesa, *Seis e Meia* soltou a respiração. Passara tempo suficiente em parques para saber que não se podia dar um nome *qualquer* a uma criança, principalmente quando o nome do bebé derivava de um mal-entendido ou, no caso de Elizabeth, de um ressentimento. Na opinião dele, os nomes eram mais importantes do que o género, do que a tradição, do que aquilo que soava bem. Um nome *definia* uma pessoa – ou, no caso dele, um cão. Era uma bandeira pessoal que o seu portador ergueria para o resto da vida; tinha de ser o ideal. Tal como o nome dele, que só descobrira ao fim de mais de um ano de vida. *Seis e Meia*. O que poderia ser melhor?

– Mad Zott – ouviu Elizabeth murmurar. – Por amor de Deus.

Seis e Meia levantou-se e entrou no quarto. Sem que Elizabeth soubesse, há meses que andava a esconder biscoitos debaixo da cama, um hábito que começara pouco depois da morte de Calvin. Não por recear que Elizabeth se esquecesse de lhe dar comida, mas porque ele próprio fizera uma importante descoberta química. Quando enfrentava um problema sério, comer qualquer coisa ajudava-o.

Mad, pensou, enquanto roía um biscoito. *Madge. Mary. Monica*. Mordiscou outro biscoito e mastigou ruidosamente. Gostava muito dos seus biscoitos – mais um dos triunfos provenientes da cozinha de Elizabeth Zott. Isso fê-lo pensar: *Porque não dar à bebé o nome de alguma coisa da cozinha? Panela. Panela Zott. Ou do laboratório. Proveta. Proveta Zott. Ou talvez alguma coisa mesmo relacionada com química – como, por exemplo, Quim? Ou Kim! Como Kim Novak, a sua atriz preferida, do filme O Homem do Braço de Ouro. Kim Zott.*

Não. Kim era demasiado curto.

E depois pensou: *E se fosse Madeline?* Elizabeth lera-lhe *Em Busca do Tempo Perdido* – não que ele recomendasse a obra –, mas havia uma parte que ele compreendera. A parte sobre a *madeleine*. O bolinho francês. *Madeline Zott? Porque não?*

– Que achas do nome Madeline? – perguntou-lhe Elizabeth, depois de encontrar o livro de Proust inexplicavelmente aberto em cima da mesa de cabeceira.

Seis e Meia olhou para ela com rosto inexpressivo.

*

O único problema era que mudar o nome de Mad para Madeline implicava uma viagem ao registo civil, e, depois de lá chegar, o preenchimento de um impresso que exigia a anexação de uma certidão de casamento e vários outros detalhes que Elizabeth não estava com grande vontade de partilhar.

– Sabes que mais? – disse Elizabeth, quando saiu e se juntou de novo a *Seis e Meia* nas escadas do edifício. – Fica só entre nós. Ela é oficialmente Mad, mas chamamos-lhe Madeline e ninguém precisa de saber.

Oficialmente Mad, pensou Seis e Meia. O que pode correr mal?

*

A outra coisa em relação a Mad era que ficava sempre muito zangada quando os cientistas do Instituto Hastings iam lá a casa. «Cólicas», teria diagnosticado o Dr. Spock. Mas Elizabeth achava que a bebé devia ser bastante perspicaz. E isso preocupava-a. Porque o que pensaria ela então do carácter da própria mãe? Uma mulher que não falava com a família, que se recusara a casar-se com um homem que amava profundamente, que fora despedida do emprego, que passava os dias a ensinar palavras a um cão? Parecer-lhe-ia egoísta, ou doida, ou ambas as coisas?

Não tinha a certeza, mas desconfiava que a mulher que morava do outro lado da rua era capaz de saber. Elizabeth não era religiosa, mas havia algo de divino em Harriet Sloane. Era como um sacerdote com sentido prático, alguém a quem podia confessar coisas – medos, esperanças, erros – e esperar em troca, não uma receita simplória de orações e rosários, nem a resposta-padrão de um psicólogo – «E como é que isso a faz sentir?» –, mas sim verdadeira sabedoria. Como resolver o assunto em causa. Como sobreviver.

Pegou no telefone, sem saber que os binóculos de Harriet já estavam a confirmar o conjunto de números marcados da janela da sua sala de estar.

– Estou sim? – atendeu Harriet com naturalidade, enquanto enfiava os binóculos entre as almofadas do sofá. – Residência Sloane.

– Harriet? Fala a Elizabeth Zott.

– Vou imediatamente.

1. Em inglês, *mad* significa zangada. (*N. da T.*)

CAPÍTULO 19

Dezembro de 1956

O principal benefício de ser filha de uma cientista? Padrões de segurança bastante atenuados.

Assim que Mad começou a andar, Elizabeth encorajava-a a tocar, provar, atirar, apalpar, queimar, rasgar, entornar, sacudir, misturar, salpicar, cheirar e lamber praticamente tudo aquilo que encontrava.

– Mad! – gritava Harriet todas as manhãs quando entrava. – Larga isso!

– Larga! – concordava Mad, atirando uma chávena de café meio-cheia para o outro lado da divisão.

– Não! – gritava Harriet.

– Não! – concordava Mad.

Enquanto Harriet ia buscar a esfregona, Madeline dirigia-se à sala com o seu passo vacilante, pegava numa coisa, largava outra, as suas mãozinhas peganhentas a procurarem automaticamente todas as coisas demasiado afiadas, demasiado quentes, demasiado tóxicas, aquelas que a maioria dos pais faz questão de manter fora de alcance das crianças – em suma, as melhores coisas. Apesar disso, sobreviveu.

Graças a *Seis e Meia*. Ele estava sempre lá, a farejar o perigo, a bloquear as tomadas, a posicionar-se por baixo da estante quando ela a escalava – o que acontecia quase todos os dias – para ser a almofada que lhe amparava a queda. Falhara uma vez na proteção de alguém que amava. Não voltaria a acontecer.

– Elizabeth – ralhava Harriet. – Não pode deixar a Mad fazer tudo o que ela quer.

– Tem toda a razão, Harriet – dizia Elizabeth sem tirar os olhos dos tubos de ensaio. – Se vir melhor, já guardei as facas.

– *Elizabeth* – implorava Harriet. – Tem de a vigiar. Ontem encontrei-a a entrar na máquina da roupa.

– Não se preocupe – disse Elizabeth, ainda de olhos postos nos tubos de ensaio. – Eu nunca ligo a máquina sem ver primeiro se ela está lá dentro.

*

Contudo, apesar do seu estado constante de alarme, Harriet não podia negar que Mad parecia estar a desenvolver-se de uma forma diferente dos seus próprios filhos. Mais invulgar ainda, a relação mãe-filha possuía uma simetria que era incontestável. A filha aprendia com a mãe, mas a mãe também aprendia com a filha. Era como uma sociedade de adoração mútua – via-se na maneira como Mad olhava para Elizabeth quando ela lhe estava a ler em voz alta, como palavra quando a mãe lhe murmurava ao ouvido, na maneira como Elizabeth sorria quando a criança combinava bicarbonato de sódio com vinagre, na maneira como partilhavam constantemente o que estavam a pensar e a fazer – química, tagarelar, babar – por vezes através de uma linguagem secreta que parecia a Harriet deixar o resto do mundo à margem. Uma mãe não podia – não devia – ser amiga da filha, avisou ela. Lera-o numa das suas revistas.

Viu Elizabeth sentar Mad ao colo e aproximá-la dos tubos de ensaio borbulhantes. Os olhos da menina abriram-se com deslumbramento. Como é que Elizabeth chamava ao seu método de ensino? Aprendizagem experiencial?

– As crianças são esponjas – explicara Elizabeth na semana anterior, quando Harriet a admoestara por estar a ler em voz alta a Madeline o livro *A Origem das Espécies*. – Não tenciono permitir que a Mad fique seca tão pequena.

– Seca – gritou Mad. – Seca, seca, seca!

– Mas com certeza que ela não percebe uma palavra do que Darwin escreveu – argumentou Harriet. – Pelo menos não podia ler-lhe a versão condensada? – Harriet só lia versões condensadas. As *Seleções do Reader's Digest* eram a sua publicação preferida por essa mesma razão – reduziam livros grandes e enfadonhos a um tamanho mais digerível, como uma aspirina infantil. Uma vez, ouvira uma mulher no parque a dizer que as *Seleções do Reader's Digest* deviam condensar a Bíblia, e Harriet deu por si a pensar: *Sim – e os casamentos*.

– Não acredito em condensações desse tipo – disse Elizabeth. – De qualquer maneira, acho que a Mad e o *Seis e Meia* gostam.

Essa era outra coisa – Elizabeth lia também para *Seis e Meia*. Harriet gostava muito de *Seis e Meia*; na verdade, às vezes sentia que ela e o cão partilhavam o mesmo tipo de preocupações em relação à abordagem descontraída de Elizabeth perante a maternidade.

– Quem me dera que conseguisses falar com ela – dizia-lhe Harriet mais do que uma vez. – Ela dar-te-ia ouvidos.

Seis e Meia olhava para ela e suspirava. Elizabeth *dava-lhe* ouvidos – obviamente que a comunicação não se limitava a palavras. Mesmo assim, ele tinha a sensação de que a maioria das pessoas não dava ouvidos aos seus cães. A isto chamava-se ignorar. Ou, não... Ignorância. Acabara de aprender essa palavra. Já agora, e modéstia à parte, a sua contagem de palavras ia agora nas 497.

*

Além de Elizabeth, a única pessoa que não parecia subestimar aquilo que um cão conseguia compreender, nem o que significava ser uma mãe trabalhadora, era o doutor Mason. Tal como ameaçara, passou por casa dela um ano depois do parto, com a desculpa de ir ver como as coisas estavam a correr, mas obviamente para lhe falar do seu barco.

*

– Olá, Miss Zott – disse, quando ela lhe abriu a porta às sete e um quarto da manhã, estupefacta ao dar com ele ali àquela hora, com as roupas de remo, o cabelo à escovinha ainda húmido da saída no nevoeiro matinal. – Como vão as coisas? Não me quero queixar, mas a minha saída esta manhã foi horrível.

Entrou e passou por ela, abrindo caminho com naturalidade por entre o caos de uma casa onde há um bebé, até chegar ao laboratório, onde encontrou Mad a planear a sua fuga da cadeirinha alta.

– Aqui está ela! – exclamou com um sorriso radiante. – Tão grande, e ainda viva. Excelente. – Viu um monte de fraldas lavadas, pegou numa e começou a dobrá-la. – Não posso ficar muito tempo, mas estava aqui perto e lembrei-me de vir ver como estavam. – Inclinou-se para olhar melhor para Mad. – Meu Deus, é uma matulona! Suponho que podemos agradecer ao Evans por isso. Como vai a vida de mãe? – Porém, antes que Elizabeth conseguisse responder, pegou no livro do Dr. Spock. – O Spock é uma fonte

razoavelmente boa de informação. Ele é remador, sabia? Venceu uma medalha de ouro nos Jogos Olímpicos de 1924.

– Doutor Mason – disse Elizabeth, surpreendida com a alegria que a invadira ao vê-lo, e inspirando o cheiro do mar nas suas roupas. – É muito amável da sua parte aparecer, mas...

– Não se preocupe, não posso ficar muito tempo; estou de serviço. Prometi à minha mulher que tomava conta dos miúdos esta manhã. Vim só ver como está tudo a correr. Parece cansada, Miss Zott. Tem alguém que a ajude?

– A minha vizinha costuma passar por cá.

– Excelente. A proximidade é essencial. E consigo, está tudo bem? Tem cuidado de si?

– Como assim?

– Continua a fazer exercício?

– Bom, eu...

– Ergómetro?

– Um bocad...

– Ótimo. Onde está? O ergómetro? – Dirigiu-se à divisão contígua. – Oh, meu Deus – ouviu-o Elizabeth dizer. – O Evans era um sádico.

– Doutor Mason? – chamou ela, atraindo-o de novo para o laboratório. – Gostei muito de o ver, mas tenho uma reunião daqui a trinta minutos e tenho muito que...

– Desculpe – disse ele ao reaparecer à porta. – Não costumo fazer isto... ir visitar as pacientes depois do parto. Para ser franco, nunca mais vejo as minhas pacientes, a menos que elas decidam aumentar os números das fileiras familiares.

– Sinto-me honrada – disse ela. – Mas como já disse, estou...

– Ocupada – terminou ele. Aproximou-se do lavatório e começou a lavar a loiça. – Então – disse –, tem a bebé, o ergómetro, o seu trabalho por conta própria, a sua pesquisa. – Elencou os compromissos dela nos dedos cobertos de espuma do detergente, enquanto olhava em volta. – Já agora, tem aqui um belo laboratório.

– Obrigada.

– Foi o Evans que?...

– Não.

– Então como?...

– Fui eu que o construí. Durante a gravidez.

Ele abanou a cabeça, assombrado.

– Tive ajuda – disse ela, apontando para *Seis e Meia*, que estava ao lado da cadeirinha de Mad, como uma sentinela, à espera de que ela deixasse cair comida.

– Ah, sim, ali está ele. Os cães são uma grande ajuda. A minha mulher e eu achámos que o nosso cão foi uma espécie de ensaio para os filhos – disse, examinando um tacho. – O esfregão?

– À sua esquerda.

– Por falar em ensaios – disse ele, adicionando mais detergente. – Está na altura.

– Na altura?

– Na altura de remar. Já passou um ano.

Ela riu-se.

– Tem muita piada.

Ele virou-se para ela, com as mãos a pingarem água para o chão.

– O que é que tem piada?

Agora era a vez de Elizabeth parecer confusa.

– Temos um lugar vago. O número dois. Dava-nos jeito se pudesse voltar o mais depressa possível. Para a semana, o mais tardar.

– O quê? Não. Estou...

– Cansada? Ocupada? Provavelmente vai desculpar-se com a falta de tempo.

– Porque não tenho mesmo tempo.

– Quem é que tem tempo? Ser adulto não é tão bom como nos diziam, pois não? – disse ele. – Assim que resolvemos um problema, aparecem mais dez.

– Dez! – gritou Madeline.

– A única coisa decente que aprendi nos fuzileiros foi o valor de fazer a cama todas as manhãs. Mas uns salpicos de água gelada na cara a estibordo, antes do nascer do dia? Isso resolve muita coisa.

*

Elizabeth bebeu um gole de café enquanto Mason falava. Estava bem ciente de que tinha uma série de coisas para resolver. Atingira uma nova fase no seu desgosto: agora, além de chorar a perda do homem por quem se

apaixonara, chorava a perda do pai que sabia que ele teria sido. Esforçava-se por não imaginar a que altura Calvin teria atirado Madeline no ar, a facilidade com que a colocaria sobre os ombros. Nenhum deles queria ter filhos, e Elizabeth ainda acreditava fervorosamente que mulher nenhuma devia ser obrigada a ter um bebê. No entanto, aqui estava ela, mãe solteira, a cientista principal naquela que só podia ser a experiência menos científica de todos os tempos: criar outro ser humano. Todos os dias esse trabalho lhe parecia um teste para o qual não estudara. As questões eram intimidantes e nunca havia opções de resposta suficientes. De vez em quando, acordava encharcada em suor, depois de imaginar uma pancada na porta e uma figura de autoridade com um cesto vazio do tamanho de um bebê na mão, a dizer:

– Estivemos a analisar o seu último relatório de desempenho parental e, na verdade, não há uma forma simpática de dizer isto. Está despedida.

*

– Tentei convencer a minha mulher a remar durante anos – estava o doutor Mason a dizer. – Acho que ela ia adorar. Mas ela diz-me sempre que não e tenho de partir do princípio de que é, em parte, por não haver mais mulheres na casa dos barcos. Não sou maluco, Miss Zott. As mulheres remam. Você rema. *Existem* equipas de remo femininas.

– Onde?

– Em Oslo.

– Na Noruega?

– Esta menina – disse, apontando para Mad –, não tenho dúvidas de que vai remar a bombordo. Está a ver como ela desloca naturalmente o peso para a direita?

Ambos olharam para Madeline, que estava a olhar para os dedos, como se estivesse surpreendida por não serem todos do mesmo comprimento. Na noite anterior, enquanto Elizabeth lhe lia *A Ilha do Tesouro*, sentira Mad a olhar para ela, de lábios entreabertos, deslumbrada. Olhou também para a filha, deslumbrada por motivos diferentes. Há muito tempo que ninguém demonstrava tamanha fé nela. Sentiu uma avalanche de amor por esta sua filha mal informada.

– Não imagina a quantidade de coisas que se pode ver num bebê já nesta idade – estava Mason a dizer. – Eles revelam constantemente a sua

personalidade futura, de pequenas formas. Por exemplo, a sua filha, ela sabe interpretar a audiência.

Elizabeth assentiu com um aceno. Na semana anterior, fora espreitar Mad durante a sesta e encontrara-a sentada no berço, a explicar qualquer coisa a *Seis e Meia* com ar muito sério. Elizabeth ficara escondida à porta, a admirar, maravilhada, enquanto a bebé, a baloiçar para trás e para a frente como um pino de *bowling* enquanto decide se cai ou não, agitava as mãos e debitava uma sucessão de vogais e consoantes unidas ao acaso, como roupa estendida na corda a secar, mas com uma tonalidade tão apaixonada que não deixava dúvidas de que era especialista nesta área. *Seis e Meia* estava ao lado do berço, fascinado, com o focinho enfiado entre as ripas, as orelhas a seguirem cada sílaba. Mad fez uma pausa como se tivesse perdido o fio do raciocínio e depois inclinou-se para o cão e recomeçou:

– *Gagagagazonanowoowo* – disse, como se estivesse a esclarecer determinado aspeto. – *Babadodobabado*.

Ter um bebé, apercebeu-se Elizabeth, era mais ou menos como viver com um visitante de um planeta distante. Havia um certo intercâmbio enquanto o visitante aprendia os nossos hábitos e nós os dele, mas aos poucos os hábitos dele iam-se desvanecendo e eram os nossos que se impunham. O que era lamentável, na opinião de Elizabeth. Porque, ao contrário dos adultos, o seu visitante nunca se fartava nem mesmo das descobertas mais insignificantes; via sempre a magia no que era vulgar. O mês passado, Mad soltara um grito na sala e Elizabeth deitara por água abaixo uma hora de trabalho na pressa de correr para ela.

– O que é, Mad? – perguntou, mergulhando sobre a filha como um helicóptero numa zona de guerra. – O que se passa?

Mad, de olhos muito abertos, virou-se para ela com uma colher na mão. *Olha para isto!*, parecia querer dizer. *Estava aqui mesmo! No meio do chão!*

*

– E não é só exercício – estava o doutor Mason a dizer. – Remar é um modo de vida. Não achas? – perguntou à bebé.

– Achas! – gritou Mad, batendo no tabuleiro.

– É verdade, temos um novo treinador – disse ele, virando-se para Elizabeth. – Muito talentoso. Já lhe falei sobre si.

– Sim? E disse-lhe que eu sou uma mulher?

– Não! – gritou Mad.

– A questão, Miss Zott – disse o doutor Mason, evitando a pergunta, enquanto pegava num pano limpo, o humedecia e se aproximava da cadeirinha, onde o usou para limpar as mãos peganhentas de Mad –, é que temos um problema com o Número Dois há que tempos. Aqui entre nós, ele é um péssimo remador, só conseguiu entrar no barco porque conhecia umas pessoas do tempo da universidade. Mas isso acabou tudo no fim de semana passado, porque ele partiu a perna num acidente de esqui. – Tentou disfarçar a alegria. – Fraturada em três sítios!

Madeline esticou os braços e o médico tirou-a da cadeirinha.

– Lamento muito saber disso – respondeu Elizabeth. – E agradeço o voto de confiança. No entanto, não tenho a experiência necessária. Só estive no seu barco algumas vezes, e apenas por causa do Calvin.

– Al-vin – disse Mad.

– Claro que tem experiência – disse o doutor Mason, surpreendido. – A sério? Treinada pelo próprio Calvin Evans? Em remo de ponta? Trocava esse tipo de experiência por qualquer brutamontes ex-universitário sem pensar duas vezes.

– E também estou ocupada – explicou ela de novo.

– Às quatro e meia da manhã? Estará de volta a casa antes que esta menina dê sequer pela sua falta. *Número Dois*. – Enfatizou as palavras como se fosse uma promoção especial que não ia durar para sempre. – Lembra-se? Nós falámos sobre isto.

Elizabeth abanou a cabeça. Calvin era a mesma coisa – tratava o remo como se, naturalmente, tivesse precedência sobre qualquer outra coisa. Ela lembrava-se de uma manhã em particular, quando alguns dos outros remadores de um barco diferente manifestaram a sua surpresa por o Número Cinco não ter aparecido. O timoneiro telefonou-lhe para casa e ficou a saber que o Número Cinco estava com febre elevada.

– Está bem, mas vem na mesma, certo? – inquiriu com maus modos.

– Miss Zott – disse o doutor Mason –, não quero pressioná-la, mas a verdade é que precisamos de si. Sei que só remei consigo aquelas poucas vezes, mas também sei o que senti. Além do mais, voltar a entrar num barco fará com que se sinta *muito* melhor. *Todos* – disse, ao pensar na saída dessa

manhã – nos sentiremos muito melhor. Fale com a sua vizinha. Veja se ela pode ficar a tomar conta da bebé.

– Às quatro e meia da manhã?

– É isso que as pessoas se esquecem em relação ao remo – disse o doutor Mason, preparando-se para sair. – É a uma hora em que ninguém está muito ocupado.

*

– Conte comigo – disse Harriet.

– Com certeza não está a falar a sério – disse Elizabeth.

– Será divertido – respondeu Harriet, como se toda a gente soubesse que acordar a meio da noite era divertido. Mas, na verdade, o motivo era Mr. Sloane. Andava a beber cada vez mais, e a praguejar cada vez mais, e a única maneira que ela tinha de lidar com a situação era afastar-se. – De qualquer maneira, são só três manhãs por semana.

– Para já é só à experiência. Posso não estar à altura das exigências.

– Claro que está – disse Harriet. – Vai passar o teste com distinção.

*

Porém, enquanto atravessava a casa dos barcos, dois dias depois, sob o olhar surpreendido de pequenos grupos de remadores ensonados, Elizabeth começou a sentir que tanto a fé de Harriet como as necessidades do doutor Mason eram muito exageradas.

– Bom dia – foi dizendo a remadores ao acaso. – Olá.

– O que é que ela está a fazer aqui? – ouviu um deles sussurrar.

– Céus – disse outro.

– Miss Zott! – chamou o doutor Mason da outra ponta da casa dos barcos.
– Aqui.

Ela abriu caminho entre o labirinto de corpos até um grupo de homens desgrehados com ar de quem acabara de receber más notícias.

– Elizabeth Zott – disse, em tom firme, e estendeu a mão. Ninguém a apertou.

– A Zott vai ser o Número Dois hoje – disse Mason. – O Bill partiu a perna.

Silêncio.

– Treinador – disse o doutor Mason, virando-se para um homem com cara de homicida. – Esta é a pessoa de quem lhe falei.

Silêncio.

– Alguns talvez se lembrem dela, já remou connosco antes.

Silêncio.

– Alguma pergunta?

Silêncio.

– Muito bem, vamos embora. – E inclinou a cabeça para o timoneiro.

*

– Acho que correu bem, não acha? – disse o doutor Mason mais tarde, enquanto se dirigiam aos carros.

Elizabeth virou-se para ele. Quando estava em trabalho de parto, com dores horrendas, convencida de que o bebé estava a agarrar nos seus órgãos internos como se fossem malas de viagem e a querer certificar-se de que tinha roupa suficiente para usar cá fora, ela gritara com tanta violência que a estrutura da cama estremecera. Depois de a contração passar, abriu os olhos e viu o doutor Mason debruçado sobre ela. *Está a ver?*, disse ele. *Não foi tão mau como isso, pois não?*

Chocalhou as chaves do carro.

– Penso que o timoneiro e o treinador discordariam de si.

– Oh, isso – disse ele, com um gesto de mão. – É normal. Pensei que soubesse. O remador novo é sempre o culpado de tudo. Como remava sempre só com o Evans, não está familiarizada com os aspetos mais subtis da cultura do remo. Daqui a algumas saídas verá.

Esperava que ele estivesse a ser sincero porque, na verdade, adorara estar de novo na água. Sentia-se exausta, mas no bom sentido.

– O que eu acho interessante no remo – estava o doutor Mason a dizer –, é que é sempre praticado de costas. É como se o próprio desporto estivesse a tentar ensinar-nos a não nos precipitarmos. – Abriu a porta do carro. – Na verdade, se pensarmos bem, remar é quase exatamente como criar um filho. Ambas as coisas requerem paciência, resistência, força e dedicação. E em nenhum dos casos conseguimos ver para onde vamos... só onde já estivemos. Acho isso muito reconfortante, não acha? Exceto as pancadas. Não me importava que houvesse menos pancadas.

– Pancadas na água?

– Não, não – respondeu ele, enquanto entrava no carro. – Ontem, um dos meus filhos bateu no outro com uma pá.

CAPÍTULO 20

História de vida

Embara tivesse apenas quase quatro anos, Mad já era maior do que a maioria das crianças de cinco anos e lia melhor do que muitas no sexto ano. Porém, apesar destes avanços físicos e intelectuais, tal como a mãe antissocial e o pai com os seus rancores, era uma criança que tinha poucos amigos.

– Temo que seja uma mutação genética – confidenciou Elizabeth a Harriet. – Eu e o Calvin podíamos ser ambos portadores.

– O gene «odeio pessoas»? – disse Harriet. – Isso existe?

– Refiro-me à *timidez* – corrigiu Elizabeth. – A introversão. Adivinhe: inscrevi-a no jardim de infância. O novo ano letivo começa na segunda-feira, e de súbito achei que fazia todo o sentido. A Mad precisa de estar com outras crianças... a Harriet está farta de me dizer isso.

Era verdade. Harriet dera voz a essa opinião pelo menos cem vezes nos últimos anos. Madeline era uma criança precoce, com capacidades verbais e de compreensão extraordinárias, mas Harriet não estava convencida de que ela estivesse a acompanhar o desenvolvimento das outras crianças em áreas normais – como atar os sapatos, ou brincar com bonecas. No outro dia sugerira-lhe que fizessem tartes de lama e Mad franzira a testa e escrevera $3,1415^2$ na lama com um pau.

– Já está – disse.

Além disso, se Mad fosse para a escola, o que é que ela, Harriet, faria durante o dia? Habituar-se a ser necessária.

– Ela é muito nova – insistiu Harriet. – Tem de ter pelo menos cinco anos. Melhor ainda, seis.

– Sim, eles falaram nisso – disse Elizabeth. – De qualquer maneira, ela entrou.

O que Elizabeth não disse foi que isso não se devia ao facto de Madeline ser inteligente, mas sim porque Elizabeth determinara a composição química da tinta da caneta e arranjava maneira de alterar a certidão de nascimento de Madeline. Tecnicamente, Mad era demasiado jovem para estar no jardim de infância, mas Elizabeth não percebia o que tinha um pormenor técnico a ver com a educação da filha.

– Escola Primária de Woody – disse, mostrando um papel a Harriet. – Com Mrs. Mudford, na sala seis. Sei que ela deve ser um pouco mais avançada do que algumas das crianças, mas com certeza não é a única que já lê os livros de Zane Grey, pois não?

Seis e Meia levantou a cabeça, preocupado. Também não estava muito satisfeito com esta notícia. Mad na escola? E o trabalho *dele*? Como podia proteger a criatura se ela estivesse numa sala de aula?

Elizabeth pegou nas chávenas de café e levou-as para o lavatório. Esta ideia súbita de a inscrever na escola não era tão súbita como isso. Há algumas semanas estivera no banco, a fazer uma hipoteca sobre a casa. Estavam falidas. Se Calvin não tivesse colocado o nome dela na escritura, algo que Elizabeth só descobrira depois de ele morrer, estariam nas ruas da amargura.

O gestor do banco não foi animador na avaliação da situação.

– As coisas vão piorar – avisou. – Assim que a sua filha tiver idade para isso, ponha-a na escola e arranje um emprego com um salário a sério. Ou então case-se com um homem rico.

Elizabeth voltou para o carro e estudou as suas opções.

Roubar um banco.

Roubar uma joalharia.

Ou – e esta era uma ideia abominável – voltar ao sítio que a roubara a ela.

*

Vinte e cinco minutos depois, entrou no átrio do Instituto de Investigação Hastings, com as mãos a tremer, a pele húmida, o sistema de aviso do corpo a fazer disparar todos os alarmes.

– O doutor Donatti, por favor – disse à rececionista.

*

– Achas que vou gostar da escola? – perguntou Mad, que aparecera do nada.

– Com certeza – disse Elizabeth, em tom pouco convicto. – O que é isso? – Apontou para uma grande folha de cartolina preta que Madeline tinha na mão direita.

– O meu desenho – disse ela, colocando-o em cima da mesa, à frente da mãe, enquanto se encostava a ela.

Era outro desenho a giz. Madeline gostava mais de giz do que de lápis de cor, mas como o giz borrava com facilidade os seus desenhos pareciam muitas vezes desfocados, como se estivessem a tentar fugir da folha. Elizabeth baixou os olhos e viu algumas figuras humanas rudimentares, um cão, um corta-relva, um sol, uma lua, possivelmente um carro, flores, uma caixa comprida. Parecia haver fogo a destruir o sul, e a chuva dominava o norte. E mais uma coisa: um grande turbilhão branco e denso mesmo no meio.

– Bem – disse Elizabeth –, é um grande trabalho. Vejo que te esforçaste muito.

Mad soprou, como se a mãe não fizesse a mais pequena ideia.

Elizabeth estudou de novo o desenho. Andava a ler a Madeline um livro que falava sobre como os egípcios usavam as superfícies dos sarcófagos para contar a história de uma vida – os pontos altos, os pontos baixos, os momentos bons e os maus – tudo exposto através de uma simbologia precisa. Porém, enquanto lia, dera por si a questionar-se se o artista nunca se distrairia. Talvez desenhasse uma áspide em vez de uma cabra? E, se isso acontecesse, teria de deixar ficar assim? Provavelmente. Por outro lado, não era precisamente essa a definição da vida? Adaptação constante, para fazer face a uma série interminável de erros? Sim, e ninguém o sabia melhor do que ela.

*

O doutor Donatti apareceu no átrio dez minutos depois. Curiosamente, parecia quase aliviado de a ver.

– Miss Zott! – exclamou, e deu-lhe um abraço enquanto ela sustinha a respiração, repugnada. – Estava mesmo a pensar em si!

Na verdade, Donatti não andava a pensar noutra coisa *além* de Zott.

*

– Fala-me sobre estas pessoas – pediu ela a Mad, apontando para as figuras humanas.

– Sou eu e tu e a Harriet – disse Mad. – E o *Seis e Meia*. E aqui és tu a remar – disse, apontando para a caixa comprida –, e este é o nosso corta-relva. E isto aqui é fogo. E estas são mais pessoas. O nosso carro. E o sol aparece, e depois a lua, e depois flores. Percebes?

– Acho que sim – disse Elizabeth. – É uma história sazonal.

– Não – disse Mad. – É a história da minha vida.

Elizabeth acenou com a cabeça como se estivesse a compreender. Um corta-relva?

– E o que é esta parte? – perguntou, apontando para o turbilhão branco que dominava a imagem.

– É o poço da morte – disse Mad.

Elizabeth arregalou os olhos numa expressão preocupada.

– E isto? – Apontou para uma série de linhas inclinadas. – É chuva?

– Lágrimas – disse Mad.

Elizabeth ajoelhou-se para ficar com o rosto ao nível do de Mad.

– Estás triste, querida?

Mad pousou as mãozinhas sujas de giz nas faces da mãe.

– Não. Mas tu estás.

*

Depois de Mad ir brincar lá para fora, Harriet disse qualquer coisa sobre «da boca das criancinhas...», mas Elizabeth fingiu não ouvir. Já sabia que a filha a conseguia ler como um livro aberto. Tinha reparado nisso em outras ocasiões, em como Mad conseguia sentir precisamente aquilo que as outras pessoas queriam esconder.

– A Harriet nunca esteve apaixonada – dissera ela sem preâmbulos ao jantar, num dia da semana anterior.

– O *Seis e Meia* ainda se sente responsável – suspirara durante o pequeno-almoço.

– O doutor Mason está farto de vaginas – mencionara antes de dormir.

– Não estou triste, Harriet – mentiu agora. – Na verdade, tenho excelentes notícias. Ofereceram-me um emprego no Instituto Hastings.

– Um emprego? – disse Harriet. – Mas já tem um emprego... e consegue trabalhar, criar a Mad, passear o *Seis e Meia*, fazer a sua pesquisa e remar. Quantas mulheres podem dizer isso?

Nenhuma, pensou Elizabeth, *incluindo eu própria*. Os horários estavam a dar cabo dela, a falta de rendimento ameaçava a família e a sua autoestima atingira o ponto mais baixo de sempre.

– Não me agrada – disse Harriet, já insatisfeita com a situação da escola, que lhe roubaria a sensação de ter um objetivo na vida. – Depois da maneira como a trataram, a si e a Mr. Evans? Já é mau ter de se sujeitar àqueles idiotas que aqui vêm.

– A ciência é como tudo – disse Elizabeth. – Há quem seja melhor e quem seja pior.

– Precisamente – concordou Harriet. – De todas as disciplinas, não devia a ciência ser a mais capaz de filtrar os seus próprios zeros à esquerda em termos intelectuais? Não era isso que Darwin dizia? Que os fracos acabam por se extinguir? – Mas era evidente que Elizabeth não a estava a ouvir.

*

– Como está o bebé? – perguntara Donatti, pegando-lhe no braço e conduzindo-a ao seu gabinete. Quando olhou para baixo, ficou surpreendido ao ver que ela tinha os dedos enrolados em pensos, tal como no dia em que deixara a instituição.

Zott disse qualquer coisa, mas ele estava demasiado ocupado a calcular o seu próximo passo para lhe dar atenção. Nestes últimos e gloriosos anos, estivera livre de Zott e Evans e, por causa disso, as coisas tinham sido melhores. Não em termos de descobertas e progressos dignos de nota, mas o trabalho ia andando. Até aquele idiota do Boryweitz parecia ter adquirido um cérebro maior. Era quase como se tivesse sido preciso Evans morrer e Zott sair para os outros químicos conseguirem desabrochar.

Contudo, Donatti tinha uma espinha atravessada na garganta. O investidor rico. Ele voltara. Queria saber que diabo Mr. Zott tinha estado a fazer com o dinheiro dele ao longo deste tempo todo. Onde estavam os artigos? As descobertas? Os resultados?

Donatti olhou pela janela enquanto Zott falava sobre uma inesperada reação de iões positiva. Céus, a ciência era mesmo aborrecida. Tossiu, para tentar disfarçar a desatenção. Era quase hora dos *cocktails*; podia sair dentro

em pouco. Lembrava-se de alguém, há muito tempo, na universidade, ter elogiado os martinis extrassecos que ele preparava. E de súbito teve uma ideia – porque não podia ser *barman*? Adorava beber e tinha jeito para isso. As suas bebidas deixavam as outras pessoas felizes, ou seja, bêbedas. Além disso, mixologia soava a ciência. Qual era o lado negativo? O salário?

Por falar em salários, não dispunha de folga no orçamento para voltar a contratar Zott – nenhuma. Mas tinha de o fazer: precisava dela porque o investidor precisava dela – ou melhor, o investidor precisava *dele*, de Mr. Zott, e da merda da abiogénese. Parecia estar a ficar um bocado irritado, até, para dizer a verdade. Donatti andava a evitar os telefonemas dele há meses. Por fim, tal era o seu desespero, perguntara à equipa se alguém tinha algum trabalho feito que se aproximasse, mesmo que à distância, do assunto. E adivinhem quem tinha levantado a mão? Boryweitz.

O único problema era que Boryweitz não conseguia explicar a sua pesquisa. Fora então que Donatti ficara desconfiado e Boryweitz revelara ter-se encontrado com Zott e ter discutido com ela a abiogénese e... imagine-se! Tinham tido resultados semelhantes.

*

– Quero que fique aqui registado que acho que aceitar esse emprego no Hastings é um grande erro – disse Harriet, enquanto limpava as chávenas de café.

– À segunda será de vez – insistiu Elizabeth.

Estás enganada por um, pensou Seis e Meia.

2. Trocadilho com a expressão matemática pi (3,1415), que em inglês tem um som semelhante a *pie*, «tarte». (N. da T.)

CAPÍTULO 21

E. Z.

O Departamento de Química celebrou o regresso de Elizabeth oferecendo-lhe uma nova bata de laboratório.

– É de todos nós – disse Donatti. – Para mostrar como sentimos a sua falta. – Surpreendida pelo gesto, ela aceitou-a de pronto, vestindo-a entre aplausos dispersos e algumas gargalhadas. Olhou para baixo, para as letras bordadas no bolso. Onde antes dissera «E. Zott», dizia agora apenas «E. Z.»³

– Gosta? – perguntou o doutor Donatti com uma piscadela de olho. – Já agora – dobrou o dedo e fez-lhe sinal para o seguir até ao seu gabinete –, um passarinho disse-me que continuou a trabalhar na abiogénese.

Elizabeth recuou um passo. Não falara com ninguém sobre a sua pesquisa. A única pessoa que podia saber era Boryweitz, e apenas porque da última vez que ele a visitara, Mad acordara da sesta e, depois de a ir buscar, Elizabeth regressara e encontrara Boryweitz sentado atrás da secretária dela, a ler os seus trabalhos.

– O que pensa que está a fazer? – perguntara, chocada.

– Nada, Miss Zott – respondera ele, obviamente magoado pelo tom de voz dela.

*

– Eu próprio tenho uma publicação quase a sair – disse Donatti, enquanto se sentava atrás da secretária. – No *Science Journal*, em breve.

– Qual é o tema?

– Nada de revolucionário –, respondeu ele com um encolher de ombros. – Relacionado com ARN. Sabe como é: temos de publicar qualquer coisa de vez em quando para pagar o preço de ser um profissional. Mas estou interessado no seu trabalho. Quando posso lê-lo?

– Ainda preciso de me concentrar em algumas coisas – disse ela. – Se me for permitido dedicar-me apenas a isso, sem distrações, nas próximas seis semanas, já devo ter qualquer coisa para lhe mostrar.

– Concentrar-se só no *seu* trabalho? – disse ele, surpreendido. – Isso parece coisa à Calvin Evans, não acha?

Ao ouvir o nome de Calvin, o rosto de Elizabeth fechou-se.

– Calculo que se lembre de que não é assim que funciona este departamento – estava Donatti a dizer. – Aqui, ajudamo-nos uns aos outros. Somos uma equipa. Como uma tripulação – acrescentou em tom trocista. Ouvira-a dizer a um dos outros químicos que continuava a remar. Bom, talvez estivesse mais adiantada no seu trabalho se não andasse distraída com o remo. No entanto, Donatti já dera uma vista de olhos aos ficheiros que ela trouxera e estava chocado por ver que ia muito mais adiantada do que Boryweitz pensava. O outro homem era um idiota.

– Aqui tem – disse Donatti, entregando-lhe uma pilha de relatórios. – Pode começar a datilografar isto. E estamos com pouco café. Depois fale com cada um dos seus colegas para ver em que pode ajudá-los.

– Ajudar? – disse Elizabeth. – Mas eu sou química, não sou técnica de laboratório.

– Não, desta vez é técnica de laboratório – corrigiu Donatti com firmeza. – Esteve muito tempo fora. Com certeza não pensou que podia entrar por aqui adentro e recuperar o mesmo emprego que tinha antes... depois de anos sem fazer nada. Fazemos assim: trabalhe arduamente e logo se verá.

– Mas não foi isto que discutimos.

– Relaxe, Deliciosa – disse ele em tom pedante. – Não é...

– O que é que me chamou?

Mas antes que ele conseguisse responder, a secretária recordou-lhe que tinha uma reunião.

– Oiça – disse ele, virando-se para Elizabeth –, sei que gozava de um estatuto privilegiado quando o Evans cá estava, e muitas pessoas nunca lhe perdoaram por isso. Mas desta vez faremos questão de que toda a gente saiba que conquistou o seu lugar. É uma rapariga esperta, Lizzie. Tudo é possível.

– Mas estava a contar com o ordenado de química, doutor Donatti. Não consigo sobreviver, financeiramente, com o ordenado de técnica de laboratório. Tenho uma filha para sustentar.

– Em relação a isso – disse ele, com um gesto distraído da mão –, tenho boas notícias. Pedi ao Hastings que investisse na sua educação.

– A sério? – perguntou ela, estupefacta. – O Instituto Hastings está disposto a pagar o meu doutoramento?

Donatti levantou-se e esticou os braços acima da cabeça, como se tivesse acabado uma sessão de exercício.

– Não – disse. – O que queria dizer é que achei que talvez lhe dê jeito aprender estenografia. Encontrei um curso por correspondência que parece muito bom – disse, estendendo-lhe uma brochura. – E o melhor de tudo é que pode fazê-lo em casa, no seu tempo livre.

*

Com o coração aos saltos no peito, Elizabeth voltou para a sua mesa, pousou as pastas com violência e dirigiu-se de imediato à casa de banho das senhoras, onde escolheu o cubículo mais distante da porta e se trancou lá dentro. Harriet tinha razão. *O que fizera?* Mas antes que conseguisse sequer começar a ponderar na questão, ouviu pancadas provenientes do cubículo contíguo.

– Olá? – chamou Elizabeth.

As pancadas cessaram.

– Olá? – tentou Elizabeth de novo. – Está tudo bem?

– Meta-se na sua vida – ripostou uma voz.

Elizabeth hesitou, antes de tentar de novo.

– Precisa de?...

– É surda? Deixe-me em paz, raios!

Elizabeth fez uma pausa. A voz era-lhe familiar.

– Miss Frask? – perguntou, visualizando a secretária do Departamento de Pessoal que a torturara depois da morte de Calvin, anos antes. – É você, Miss Frask?

– Quem é que quer saber? – foi a resposta em tom beligerante.

– Elizabeth Zott. Departamento de Química.

– Valha-me Deus. Zott. Só podia ser.

Seguiu-se um longo momento de silêncio.

*

Miss Frask, agora com trinta e três anos, que, nos últimos quatro, seguira obedientemente todos os caminhos que prometiam levar a uma promoção – desde exagerar os benefícios oferecidos pelo Instituto Hastings aos candidatos, até espiar departamentos específicos e redigir uma coluna de mexericos interna chamada «Soube aqui primeiro» –, ainda não fora promovida. Na verdade, tinha agora como superior um novo funcionário – um rapaz de vinte e um anos, acabado de sair da universidade, sem qualquer competência que se visse, além de fazer correntes de cliques. Quanto a Eddie – o geólogo com quem fora para a cama para provar que era um bom partido como esposa –, trocara-a há dois anos por uma juvenzinha virgem. A última bofetada do dia tinha sido o plano de melhoramento em sete pontos que o seu novo chefinho lhe dera. Primeiro ponto: perder dez quilos.

– Então está mesmo de volta – disse Frask, do cubículo do lado. – Quem é vivo sempre aparece.

– Desculpe?

– Também trouxe o cão?

– Não.

– Transformou-se numa seguidora de regras, foi, Zott?

– O meu cão está ocupado da parte da tarde.

– O cão está *ocupado* da parte da tarde – repetiu Frask com um revirar de olhos.

– É ele que vai buscar a minha filha à escola.

Frask mudou de posição na tampa da sanita onde estava sentada. É verdade: Zott agora era mãe.

– Então é uma menina?

– Sim.

Frask desenrolou um pedaço de papel higiénico.

– Lamento muito saber disso.

No seu cubículo, Elizabeth estudou os azulejos do chão. Sabia exatamente o que Miss Frask queria dizer. No primeiro dia de aulas de Mad, vira com horror a professora, uma mulher de olhos inchados, com o cabelo frisado numa permanente malcheirosa, tentar prender uma flor cor-de-rosa na blusa de Mad. «O ABC É DIVERTIDO!», dizia.

– Posso ficar antes com uma flor azul? – perguntara Madeline.

– Não – dissera a professora. – O azul é para os meninos e o cor-de-rosa para as meninas.

– Não é nada – disse Madeline.

A professora Mudford desviou o olhar de Madeline para Elizabeth, e estudou esta mãe demasiado bonita como se estivesse à procura da origem da má atitude da filha. Os seus olhos passaram pelo dedo anelar vazio de Elizabeth. Bingo.

*

– Então o que a traz de volta ao Hastings? – perguntou Frask. – Anda à procura de um génio novo?

– A abiogénese.

– Oh, claro – troçou Frask. – A mesma cantiga de sempre. Ouvi dizer que o investidor voltou e, *abracadabra!* Aqui está você. Uma coisa é certa: não há dúvidas de que é muito previsível. Pelo menos desta vez anda atrás de um homem mais rico. Mas, aqui entre nós, não acha que ele é um bocadinho velho de mais para si?

– Não estou a perceber.

– Não seja dissimulada.

Elizabeth contraiu o maxilar.

– Nem saberia como.

Frask digeriu a resposta. Era verdade. Zott não tinha nada de dissimulada. Era obtusa, alheada, como no dia em que foi preciso informá-la de que Calvin lhe deixara um presente de despedida – um presente que (como era possível?) já andava na escola e era o cão que a ia buscar. A sério?

– O homem – disse Frask – que deu ao Hastings uma grande doação para financiar a abiogénese, com base no seu trabalho? Ou melhor, no trabalho de Mr. E. Zott.

– Não sei do que está a falar.

– Sabe muito bem, Zott. Seja como for, o ricalhaço voltou e, vejam bem, *você* também. Acho que deve ser a única mulher no Instituto Hastings... entre três mil funcionários, atenção!... que não é secretária. Não imagino como é que *isso* aconteceu. E, mesmo assim, tentou fazer-se passar por um homem. Não há limites para a sua falta de vergonha? É verdade, sabe porque é que o instituto diz que nós, mulheres, não somos um bom investimento? Porque estamos sempre a desaparecer para ter bebés. Como *você* fez.

– Eu fui *despedida* – disse Elizabeth, com a voz a encher-se de fúria. – Graças, em parte, a mulheres como você – cuspiu ela –, mulheres que são coniventes...

– Eu não sou conivente...

– Que alinham no jogo...

– Eu não...

– Que parecem acreditar que o seu valor depende daquilo que um homem lhes...

– Como se atreve?...

– Não! – interrompeu Elizabeth com um grito, e deu um murro no fino painel de aço que as separava. – Como é que você se atreve, Miss Frask! Como se atreve!

Levantou-se, abriu a porta do cubículo, dirigiu-se ao lavatório e abriu a torneira com tanta força que ficou com o manípulo na mão. A água jorrou com toda a força, encharcando-lhe a bata.

– Raios! – exclamou. – Raios!

– Oh, céus – disse Frask, materializando-se ao seu lado. – Com licença. – Afastou Elizabeth para o lado, baixou-se e fechou a válvula da água debaixo do lavatório. Quando se endireitou, as duas mulheres encararam-se.

– Eu nunca me fiz passar por um homem, Frask! – gritou Elizabeth, enquanto limpava a bata com toalhas de papel.

– E eu não sou conivente!

– Eu sou especialista em química! Não sou uma *mulher* que trabalha em química! Sou uma *especialista*! E das boas!

– Bom, eu sou uma especialista em pessoal! Uma quase-psicóloga – gritou Frask em resposta.

– Quase-psicóloga?

– Oh, cale-se.

– Não, a sério – disse Zott. – Quase?

– Não pude terminar, está bem? E você? Porque é que não se doutorou, Zott? – retorquiu Frask.

A expressão de Elizabeth endureceu e, sem ter intenção disso, revelou um facto sobre si própria que nunca contara a ninguém, à exceção do agente da polícia.

– Porque fui assediada sexualmente pelo meu orientador de tese, e expulsa do programa de doutoramento – gritou. – E você?

Frask olhou para ela, chocada.
– A mesma coisa – respondeu, em voz fraca.

3. Há um segundo sentido aqui implícito, já que foneticamente as iniciais «E. Z.» soam como a palavra «easy», que significa «fácil». (*N. da T.*)

CAPÍTULO 22

O presente

— Como foi o primeiro dia de regresso? – perguntou Harriet assim que Elizabeth chegou a casa.

– Bom – mentiu Elizabeth. – Mad – disse, e baixou-se para pegar na filha ao colo. – Como correu a escola? Foi divertido? Aprendeste alguma coisa nova?

– Não.

– Claro que aprendeste – insistiu. – Conta lá como foi.

Madeline pousou o livro.

– Bem... alguns dos outros meninos são incontinentes.

– Valha-me Deus – disse Harriet.

– Deviam estar nervosos, só isso – disse Elizabeth, alisando o cabelo de Madeline. – Começar uma coisa nova por vezes é complicado.

– Além disso – continuou Madeline –, a professora Mudford quer falar contigo. – Estendeu-lhe um recado manuscrito.

– Ótimo – disse Elizabeth. – É isso que fazem os professores proativos.

– O que significa proativo? – quis saber Madeline.

– Problemas – murmurou Harriet.

*

Algumas semanas mais tarde, Elizabeth dirigiu-se ao Departamento de Pessoal.

– Pode dar-me informações sobre esse investidor? – pediu a Miss Frask. – Tudo o que tiver.

– Porque não? – disse Frask, e tirou uma pasta fina com uma etiqueta a dizer CONFIDENCIAL do armário de arquivo. – Aumentei um quilo esta semana.

– Não há mais nada? – perguntou Elizabeth, abrindo a pasta. – Isto está praticamente vazio.

– Sabe como são os ricos, Zott. Discretos. Mas vamos combinar um almoço para a semana. Assim terei tempo para remexer nos arquivos.

Porém, na semana seguinte, a única coisa que Frask trouxe foi uma sanduíche.

– Não encontrei nada – admitiu. – O que é estranho, tendo em conta o alarido que houve quando ele cá esteve. Provavelmente significa que decidiu pegar no dinheiro e levá-lo para outro lado. Está sempre a acontecer. Já agora, como está a correr o trabalho de técnica de laboratório? Já começou a ponderar o suicídio?

– Como sabe disso? – perguntou Elizabeth, com uma veia a latejar na têmpora.

– Trabalho no Departamento de Pessoal, lembra-se? Sabemos tudo, vemos tudo. Ou, no meu caso, sabia tudo, via tudo.

– Como assim?

– Desta vez sou eu quem vai ser despedida – disse Frask em tom calmo. – Só cá estou até sexta-feira.

– O quê? *Porquê?*

– Lembra-se do meu plano de melhoramento em sete pontos? Perder dez quilos? Pois aumentei três e meio.

– Não podem despedi-la por ganhar peso – disse Elizabeth. – É ilegal.

Frask inclinou-se e apertou o braço de Elizabeth.

– Meu Deus, sabe o que lhe digo? Nunca me canso da sua ingenuidade.

– Estou a falar a sério – insistiu Elizabeth. – Tem de lutar, Miss Frask. Não pode permitir que lhe façam isto.

– Bem – disse Frask, agora séria –, na minha qualidade de profissional da área de pessoal, defendo sempre uma conversa franca com o chefe. Posso destacar aquilo que alcancei, concentrar-me no meu potencial impacto futuro.

– Isso mesmo.

– Estou a brincar – disse Frask. – Isso nunca funciona. Seja como for, não se preocupe... já tenho uma data de trabalhos temporários como datilógrafa programados. Mas, antes de ir, tenho um presente para si. Uma coisinha para a compensar da forma como a tratei depois da morte do doutor Evans.

Venha ter comigo na sexta-feira ao elevador sul. Às quatro horas. Prometo-lhe que não ficará desapontada.

*

– Por este corredor – disse Frask, na sexta-feira à tarde. – Veja onde põe os pés. Deixaram fugir uma data de ratos do laboratório de Biologia. – Juntas, ela e Elizabeth apanharam o elevador até à cave e percorreram um corredor comprido até chegarem a uma porta onde dizia PROIBIDA A ENTRADA. – Cá estamos – disse Frask alegremente.

– Que lugar é este? – perguntou Elizabeth, olhando para uma fila de pequenas portas metálicas numeradas de um a noventa e nove.

– Armazenamento – disse Frask, pegando num conjunto de chaves. – Tem carro, não tem? E uma bagageira vazia e espaçosa? – Procurou a chave com o número quarenta e um, enfiou-a na fechadura e convidou Elizabeth a entrar.

O trabalho de Calvin. Em caixas seladas.

– Podemos usar este carrinho – disse Frask, puxando-o para a porta. – São oito caixas, no total. Mas temos de nos despachar, porque preciso de devolver as chaves antes das cinco.

– Isto é legal?

Miss Frask pegou na primeira caixa.

– Queremos mesmo saber?

CAPÍTULO 23

Estúdios KCTV

UM MÊS DEPOIS

Walter Pine trabalhava em televisão quase desde os primórdios desta. Agradava-lhe a ideia da televisão – a forma como prometia uma fuga às rotinas quotidianas. Fora por isso que a escolhera – quem é que não queria fugir? Ele queria.

Porém, com o passar dos anos, começou a sentir-se como o prisioneiro permanentemente destacado para escavar o túnel de fuga. Ao fim do dia, enquanto os outros prisioneiros passavam por cima dele na fuga para a liberdade, Walter ficava para trás com a colher na mão.

Apesar disso, deixou-se ficar pela mesma razão que muitas pessoas iam ficando: era pai. Estava a criar sozinho a sua filha Amanda, de seis anos, frequentadora da Escola Primária de Woody, que era a luz dos seus olhos. Faria tudo por aquela criança. Isso incluía sujeitar-se à intimidação diária por parte do chefe que, recentemente, o ameaçara de que ficaria sem trabalho em breve se não fizesse qualquer coisa para preencher aquele espaço na programação da tarde.

Walter pegou num lenço para se assoar e a seguir olhou para o tecido, como se quisesse ver de que era feito por dentro.

Muco. Não admirava.

Há uns dias recebera a visita de uma mulher – Elizabeth Zott, mãe de... não se lembrava do nome da criança. Segundo Zott, Amanda estava a arranjar problemas. Não era de admirar; a professora Mudford queixava-se de que Amanda estava sempre a arranjar problemas. Algo em que ele se recusava a acreditar. Sim, Amanda era um pouco ansiosa, tal como ele, tinha algum peso a mais, tal como ele, e um forte desejo de agradar, tal

como ele, mas sabem que mais é que Amanda era? Uma *boa* menina. E crianças boas, tal como adultos bons, eram raros de encontrar.

E sabem que mais é que era raro? Uma mulher como Elizabeth Zott. Não conseguia parar de pensar nela.

*

– Até que enfim – disse Harriet, limpando as mãos ao vestido, quando Elizabeth entrou pela porta das traseiras. – Já estava a ficar preocupada.

– Desculpe – disse ela, tentando disfarçar a irritação na voz. – Tive um problema no trabalho. – Atirou a mala para o chão e deixou-se cair numa cadeira.

Recomeçara a trabalhar no Instituto Hastings há dois meses e o *stress* do subaproveitamento das suas capacidades estava a dar cabo dela. Sabia que as pessoas com empregos de *stress* elevado ansiavam muitas vezes por uma posição mais simples – algo que não exigisse coração nem cérebro; qualquer coisa que não lhes sobrecarregasse o espírito desanimado às três da manhã. Mas ela descobrira que o subemprego era pior. Não só o salário refletia o seu estatuto inferior, como a inatividade intelectual lhe fazia doer o cérebro. E contudo, apesar de os colegas saberem que Elizabeth lhes era muito superior em termos intelectuais, esperavam que ela aplaudisse todos os pequenos sucessos que eles iam produzindo.

Mas o sucesso de hoje não era pequeno. Era grande. Fora publicada a edição mais recente do *Science Journal* e trazia o artigo de Donatti.

*

«Nada de revolucionário.» Fora assim que Donatti descrevera o seu artigo há alguns meses. Mas o trabalho *era* revolucionário, e ninguém o sabia melhor do que Elizabeth. Porque era o seu trabalho.

Leu o artigo duas vezes, para se certificar. Da primeira vez, devagar. Da segunda vez com os olhos a correrem velozmente pela página, até o sangue lhe circular pelas veias com a pressão de uma mangueira de incêndio descontrolada. Este artigo era um roubo direto do trabalho dela. E adivinhem quem vinha mencionado como contribuidor.

Levantou a cabeça e viu Boryweitz a observá-la. Ele empalideceu e baixou a cabeça.

– Tente compreender! – gritou Boryweitz quando ela bateu com o jornal em cima da mesa dele. – Preciso do meu trabalho!

– Todos precisamos do nosso trabalho – respondeu Elizabeth, a ferver. – O problema é que você nunca fez o seu.

Boryweitz ergueu para ela os olhos de lémure a implorar misericórdia, mas tudo o que viu foi uma vaga a crescer à sua frente, uma energia desconhecida, o seu verdadeiro poder ainda por pôr à prova.

– Lamento muito – disse. – A sério. Não fazia ideia de que o Donatti chegaria a este ponto. Ele fotocopiou todos os seus ficheiros no dia em que voltou ao trabalho, mas presumi que fosse para se familiarizar com o nosso trabalho.

– O *nosso* trabalho? – Com esforço, conseguiu conter-se para não lhe partir o pescoço em dois. – Trato de si mais tarde – prometeu. Depois deu meia-volta e percorreu o corredor em direção ao gabinete de Donatti, sem abrandar sequer ao empurrar um microbiólogo perdido do seu caminho.

– Você é um mentiroso e uma fraude, Donatti – disse, irrompendo pelo gabinete do chefe. – E garanto-lhe uma coisa: não pense que conseguirá fazer uma coisa destas e sair impune.

Donatti ergueu os olhos.

– Zott! – exclamou. – É sempre uma alegria vê-la.

Recostou-se e admirou a fúria dela com uma certa satisfação perversa. Era o tipo de coisa que teria levado Evans a demitir-se, de certeza. Se pelo menos estivesse vivo para ver isto – mas não, tivera de morrer para estragar o momento.

Ouviu com metade da sua atenção enquanto Zott se insurgia pelo seu roubo. O investidor ligara nessa manhã para dar os parabéns a Donatti pelo trabalho – e fizera alguns comentários prometedores sobre a atribuição de mais dinheiro à instituição. Perguntara também por Zott – se ele tivera algum papel na pesquisa. Donatti respondera que não, nem por isso – infelizmente, Mr. Zott revelara-se um fiasco; na verdade, fora despromovido. O investidor soltara um suspiro desapontado e perguntara a Donatti quais eram os próximos passos no que dizia respeito à abiogénese. Donatti atirou-lhe com algumas palavras caras que retirara de outras partes da pesquisa de Zott, cujo significado teria de perguntar a Zott mais tarde, *depois* de ela se acalmar e se lembrar de que trabalhava para *ele*. Céus,

como era difícil ser gestor. De qualquer maneira, mesmo sem compreender o que lhe estava a dizer, conseguira satisfazer o velho rico.

Nesse momento Zott, para estragar tudo, fez a única coisa que era igualmente prejudicial para ambos.

– Aqui tem – disse ela, deixando cair a chave do laboratório dentro do café dele. – Não quero a porcaria do emprego. – Depois atirou o cartão de identificação para o lixo, largou a bata de laboratório em cima da secretária dele e saiu intempestivamente, levando consigo todas aquelas palavras caras e o seu significado.

*

– Teve quatro telefonemas – estava Harriet a dizer. – O primeiro era para a convidar a ser uma família Nielsen. Os outros três foram de um homem chamado Walter Pine. Pede para lhe ligar de volta. Diz que é urgente. Afirma que vocês os dois tiveram uma conversa muito agradável sobre comida... ou, não, não, espere... sobre *almoço* – corrigiu, depois de consultar os seus apontamentos. – Pareceu-me ansioso – disse, erguendo os olhos para ela. – Profissionalmente ansioso. Como uma pessoa muito educada, mas à beira de um ataque de nervos.

– O Walter Pine – disse Elizabeth, rangendo os dentes – é o pai da Amanda Pine. Estive no escritório dele há uns dias para debater a questão do almoço.

– Como correu a conversa?

– Foi mais um confronto.

– Violento, espero eu.

– Mãe? – disse uma voz, da porta.

– Olá, coelhinha – disse Elizabeth, tentando parecer calma, e puxou a filha para si com um braço. – Como foi a escola?

– Fiz um nó volta do fiel – disse Madeline, mostrando-lhe uma corda. – Para o «mostra e conta».

– E toda a gente gostou?

– Não.

– Não faz mal – disse Elizabeth, e apertou-a com mais força. – As pessoas nem sempre gostam do mesmo que nós.

– Nunca ninguém gosta das coisas que eu levo para o «mostra e conta».

– Imbecis – murmurou Harriet.

– Gostaram daquela ponta de seta que levaste.

– Não.

– Bom, para a semana, porque não experimentas a tabela periódica? Faz sempre sucesso.

– Ou podias levar a minha faca de caça – sugeriu Harriet. – Mostrar-lhes como é.

– Quando é que jantamos? – perguntou Madeline. – Tenho fome.

– Pus um dos seus empadões no forno a aquecer – disse Harriet a Elizabeth, enquanto se dirigia à porta. – Tenho de ir dar de comer ao animal. Não se esqueça de ligar ao Pine.

– *Falaste* com a Amanda Pine? – perguntou Madeline, chocada.

– Com o pai dela – respondeu Elizabeth. – Eu disse-te. Fui falar com ele há três dias para resolver o assunto do almoço. Penso que ele compreendeu a nossa posição e tenho a certeza de que a Amanda não voltará a roubar-te o almoço. Roubar é *errado* – disse em tom contundente, ao pensar em Donatti e no seu artigo. – *Errado!* – Tanto Madeline como Harriet deram um salto.

– Ela... ela leva almoço, mãe – disse Madeline cuidadosamente. – Mas não é normal.

– Isso não é problema nosso.

Madeline olhou para a mãe como se ela não estivesse a perceber.

– Tens de comer o almoço que eu te mando, coelhinha – disse Elizabeth em tom mais calmo. – Para ficares crescida e alta.

– Mas eu *já* sou alta – queixou-se Madeline. – Demasiado alta.

– Nunca podemos ser altos de mais – disse Harriet.

– O Robert Wadlow *morreu* por ser muito alto – disse Madeline, apontando para a capa do *The Guinness Book of World Records*.

– Mas ele tinha um distúrbio da glândula pituitária, Mad – recordou-lhe Elizabeth.

– Dois metros e setenta e cinco! – sublinhou Madeline.

– Pobre homem – disse Harriet. – Onde é que uma pessoa desse tamanho compra roupa?

– A altura *mata* – insistiu Madeline.

– Sim, mas mais cedo ou mais tarde tudo mata, querida – disse Harriet. – É por isso que não fica cá ninguém. – Quando viu Elizabeth abrir a boca e Madeline baixar o rosto, arrependeu-se imediatamente do que dissera.

Abriu a porta. – Vemo-nos amanhã de manhã, antes de ir remar – disse a Elizabeth. – E nós – virou-se para a menina – vemo-nos quando acordares.

Era o horário que ela e Elizabeth tinham combinado desde que esta voltara ao trabalho. Harriet levava Mad à escola, *Seis e Meia* ia buscar Mad à escola. Harriet tomava conta dela até Elizabeth chegar a casa.

– Oh, já me esquecia! – Tirou um papel do bolso. – Mais um recado. – Lançou um olhar eloquente a Elizabeth. – De quem nós sabemos.

*

Da professora, Mrs. Mudford.

Elizabeth já sabia que Mudford não aprovava Madeline. Não aprovava que Madeline soubesse ler, nem a forma como ela jogava à bola, nem como conhecia uma série de nós náuticos complicados – uma competência que ela praticava frequentemente, incluindo às escuras, à chuva e sem ajuda, para o caso de vir a ser preciso.

– De vir a ser preciso para quê, Mad? – perguntara-lhe Elizabeth uma vez, ao encontrar a filha lá fora, a meio da noite, debaixo de um oleado, com a chuva a atingi-la de todas as direções e um pedaço de corda na mão.

Mad erguera os olhos para a mãe, surpreendida. Não era evidente que nunca sabiam quando ia ser preciso? A vida requeria preparação; bastava perguntar ao seu pai morto.

No entanto, se pudesse perguntar alguma coisa ao pai morto, seria o que sentira da primeira vez que vira a mãe. Fora amor à primeira vista?

*

Os ex-colegas de Calvin também ainda tinham perguntas que gostariam de lhe fazer. Por exemplo, como conseguira ganhar tantos prémios quando parecia sempre que não estava a fazer nada? E como era o sexo com Elizabeth Zott? Ela parecia frígida – era mesmo? Até a professora de Madeline, Mrs. Mudford, tinha perguntas para esse Calvin Evans há muito desaparecido. Mas claro que fazer qualquer pergunta ao pai de Madeline estava fora de questão, não só porque ele estava morto, mas porque em 1959 os pais não tinham nada a ver com a educação dos filhos.

O pai de Amanda Pine era uma exceção, mas apenas porque já não existia uma Mrs. Pine. Ela deixara-o (e com muita razão, na opinião da professora Mudford), após o que se seguira um divórcio muito público e escandaloso,

durante o qual ela afirmara que Walter Pine, muito mais velho do que ela, não tinha capacidades para ser pai, muito menos marido. Houvera uma conotação sexual embaraçosa em todo o escândalo; Mrs. Mudford não gostava de pensar nos pormenores específicos. No entanto, por causa disso, Mrs. Walter Pine acabara por ficar com tudo o que Walter Pine tinha, incluindo Amanda que, veio a perceber-se depois, ela na realidade não queria. E quem podia censurá-la? Amanda não era uma criança fácil. Assim, Amanda voltara para Walter, e Walter é que vinha sempre à escola, onde Mrs. Mudford era obrigada a ouvir as suas desculpas esfarrapadas sobre o conteúdo das lancheiras e os almoços muito invulgares de Amanda.

Ainda assim, embora as reuniões com Walter Pine fossem irritantes, não eram nada em comparação com as conversas que tinha com Zott. Era preciso azar, serem precisamente os dois pais de quem menos gostava aqueles que tinha de ver mais vezes. Embora, na verdade, fosse sempre assim. Os problemas de comportamento das crianças começavam em casa. No entanto, se tivesse de escolher entre Amanda Pine, ladra de almoços, e Madeline Zott, com as suas perguntas inapropriadas, escolheria Amanda sem hesitar.

*

– A Madeline faz perguntas inapropriadas? – repetira Elizabeth, alarmada, durante a mais recente reunião.

– Sim, faz – respondeu Mrs. Mudford em tom seco, enquanto apanhava um fio de algodão da manga, como uma aranha prestes a atacar a presa. – Por exemplo, ontem, na hora do círculo, estávamos a falar sobre a tartaruga do Ralph e a Madeline interrompeu para perguntar como poderia ser combatente pela liberdade em Nashville.

Elizabeth fez uma pausa, como se estivesse a tentar compreender qual era o problema.

– Ela não devia ter interrompido – disse, por fim. – Eu falo com ela.

Mrs. Mudford estalou a língua.

– Não está a perceber, Mrs. Zott. As crianças interrompem; com isso estou eu habituada a lidar. O que não posso admitir é uma criança que quer mudar o tema da conversa para a questão dos direitos civis. Estamos no jardim de infância, não num programa de política como o *The Huntley-Brinkley Report*. Além disso – acrescentou –, a sua filha queixou-se

recentemente à bibliotecária da escola que não conseguia encontrar nenhuma obra de Norman Mailer nas nossas estantes. Ao que parece, pediu para adquirirmos *Os Nus e os Mortos*. – A professora ergueu uma sobancelha e fixou o olhar nas letras E. Z. bordadas no bolso do peito da bata de Elizabeth, numa caligrafia muito ordinária.

– Ela começou a ler cedo – disse Elizabeth. – Talvez me tenha esquecido de mencionar isso.

A professora cruzou as mãos e inclinou-se para a frente de forma ameaçadora.

– *Norman. Mailer.*

*

Na cozinha, Elizabeth desdobrou o recado que Harriet lhe entregara. Nele, Mudford gritara apenas duas palavras:

vladimir. nabokov.

*

Colocou uma dose de esparguete à bolonhesa gratinado no prato de Madeline.

– Tirando o «mostra e conta», tiveste um dia bom?

Deixara de perguntar a Mad se aprendera alguma coisa na escola. Não valia a pena.

– Não gosto da escola.

– Porquê?

Madeline ergueu os olhos do prato com expressão desconfiada.

– Ninguém gosta da escola.

De baixo da mesa, *Seis e Meia* suspirou. Bom, ali estava: a criatura não gostava da escola e, uma vez que ele e a criatura concordavam em tudo, agora ele também não gostava da escola.

– Tu gostavas da escola, mãe? – perguntou Mad.

– Bem – disse Elizabeth –, nós mudávamos muito de casa, por isso às vezes eu não frequentava a escola. Mas ia à biblioteca. De qualquer maneira, sempre achei que frequentar uma escola a sério podia ser muito divertido.

– Como quando andaste na UCLA?

Uma imagem nítida e súbita do doutor Meyers surgiu-lhe perante os olhos.

– Não.

Madeline inclinou a cabeça para o lado.

– Está tudo bem, mãe?

Sem se aperceber de que o fizera, Elizabeth tinha escondido o rosto nas mãos.

– Estou só cansada, coelhinha – disse, deixando as palavras escorregarem por entre os dedos.

Madeline pousou o garfo e estudou a postura abatida da mãe.

– Aconteceu alguma coisa? – perguntou. – No trabalho?

Por trás das mãos, Elizabeth refletiu sobre a pergunta da filha.

– Somos pobres? – perguntou Madeline, como se essa pergunta fosse a sequência natural à anterior.

Elizabeth baixou as mãos.

– Porque dizes isso, querida?

– O Tommy Dixon diz que somos pobres.

– Quem é o Tommy Dixon? – inquiriu ela em tom cortante.

– Um rapaz da escola.

– E que *mais* é que esse Tommy Dixon...

– O meu pai era pobre?

Elizabeth encolheu-se.

*

A resposta à pergunta de Mad estava numa das caixas que ela e Frask tinham roubado do Instituto Hastings. No fundo da caixa número três encontrava-se uma pasta com uma etiqueta a dizer «Remo». Quando a abriu pela primeira vez, Elizabeth estava naturalmente à espera de a encontrar cheia de recortes de jornal a registar as gloriosas vitórias da equipa de Cambridge. Mas não; estava atafalhada das ofertas de trabalho que Calvin recebera pós-Cambridge.

Elizabeth passara os olhos pelas ofertas com inveja – lugares efetivos em universidades de renome, cargos de direção em companhias farmacêuticas, participações de peso em empreendimentos privados. Folheara os documentos até encontrar a oferta do Hastings. Ali estava: a promessa de um laboratório particular – o mesmo que lhe garantiam todos os outros

lugares. A única coisa que distinguia a oferta do Hastings das outras? Um salário tão baixo que era quase insultuoso. Olhou para a assinatura. Donatti.

Enquanto enfiava as cartas de novo na pasta perguntou a si própria por que razão Calvin teria identificado esta pasta como «Remo» – não incluía absolutamente nada que estivesse sequer relacionado com o remo. Até que reparou em duas anotações a lápis feitas pelo punho dele em cada uma das ofertas: a distância do clube de remo mais próximo e a precipitação média na área. Voltou à carta do Instituto Hastings – sim, os cálculos também ali estavam. E havia ainda outra coisa: um grande círculo grosso em torno da morada no remetente.

Commons, Califórnia.

*

– Se o pai era famoso, devia ter sido rico, certo? – perguntou Mad, enquanto enrolava o esparguete no garfo.

– Não, querida. Nem todas as pessoas famosas são ricas.

– Porque não? Fizeram asneira?

Elizabeth pensou nas ofertas. Calvin aceitara a mais baixa de todas. Quem é que faz uma coisa dessas?

– O Tommy Dixon diz que é fácil enriquecer. Basta pintar pedras de amarelo e dizer que é ouro.

– O Tommy Dixon é aquilo a que chamamos um vigarista – disse Elizabeth. – Uma pessoa que faz planos para conseguir aquilo que quer através de meios ilegais.

Tal como Donatti, pensou, cerrando os maxilares. Lembrou-se de outra pasta que encontrara nas caixas de Calvin, esta cheia de cartas de pessoas como Tommy Dixon – malucos, burlões à procura de formas de enriquecer depressa – mas também uma grande variedade de familiares falsos, todos a precisar desesperadamente da ajuda de Calvin: uma meia-irmã, um tio há muito perdido, uma mãe triste, um primo em segundo grau.

Lera na diagonal as cartas dos familiares falsos e ficara surpreendida ao ver como eram semelhantes. Todos afirmavam haver uma ligação biológica, todos incluía uma memória de uma idade que ele não conseguiria recordar e todos pediam dinheiro. A única exceção era a Mãe Triste. Embora também ela reivindicasse uma ligação biológica, em vez de pedir dinheiro insistia que queria *dar-lhe* dinheiro. *Para ajudar na tua pesquisa*, afirmava.

A Mãe Triste escrevera pelo menos cinco vezes a Calvin, implorando-lhe que respondesse. Na opinião de Elizabeth, esta insistência da Mãe Triste era de uma insensibilidade gritante. Até o Tio Há Muito Perdido desistira depois de duas cartas. *Disseram-me que tinhas morrido*, escrevera a Mãe Triste uma e outra vez. A sério? Então porque é que ela, como todos os outros, só escrevera a Calvin *depois* de ele se tornar famoso? Elizabeth calculava que o plano desta mulher seria apanhá-lo nas suas redes e depois roubar-lhe a pesquisa. E porque é que pensava assim? Porque acabara de lhe acontecer isso mesmo.

*

– Não percebo – disse Mad, empurrando um cogumelo para a beira do prato. – Se és inteligente e trabalhas muito, isso não quer dizer que ganhas mais dinheiro?

– Nem sempre. De qualquer maneira, tenho a certeza de que o teu pai podia ter ganhado muito mais dinheiro – disse Elizabeth. – Mas fez uma escolha diferente. O dinheiro não é tudo.

Mad olhou para ela de lado, pouco convencida.

*

O que Elizabeth não disse a Mad foi que sabia muito bem por que razão Calvin aceitara a oferta ridícula de Donatti sem pensar duas vezes. Mas os motivos eram tão mesquinhos, tão *estúpidos*, que hesitou em os partilhar com a filha. Queria que Mad pensasse no pai como um homem racional que tomava decisões inteligentes. E isto provava precisamente o oposto.

Encontrou esses motivos numa pasta rotulada «Wakely», que continha uma série de cartas entre Calvin e um aspirante a teólogo. Os dois homens eram amigos por correspondência; era evidente que nunca se tinham encontrado pessoalmente. Contudo, a sua correspondência datilografada era fascinante e prolífica e, felizmente para ela, incluía cópias a papel químico das missivas de Calvin. Era algo que ela sabia sobre Calvin: fazia cópias de tudo.

Wakely, que frequentava a Escola de Teologia de Harvard na altura em que Calvin estava em Cambridge, parecia estar a debater-se com a sua fé, com dúvidas assentes na ciência em geral e na pesquisa de Calvin em

particular. Segundo as primeiras cartas, assistira a um simpósio onde Calvin fizera uma breve alocução e, com base nisso, decidira escrever-lhe.

«Caro Mr. Evans, quis contactá-lo depois da sua breve passagem pelo simpósio científico em Boston, na semana passada. Gostava de falar consigo sobre o seu recente artigo, “A Geração Espontânea de Moléculas Orgânicas Complexas”», escrevera Wakely na primeira carta. «Mais especificamente, queria perguntar-lhe: acha que é possível acreditar em Deus e *também* na ciência?»

«Claro», respondera Calvin. «Chama-se desonestidade intelectual.»

Embora a irreverência de Calvin tivesse tendência para irritar muitas pessoas, não pareceu afetar o jovem Wakely, que respondeu de imediato.

«Mas com certeza concorda que o campo da química não poderia existir a menos que – e antes de que – tivesse sido criado por um químico... um *mestre* da química», argumentara Wakely na carta seguinte. «Da mesma forma que um quadro não pode existir a menos que seja criado por um artista.»

«Eu lido com verdades baseadas na evidência, não com conjecturas», respondeu Calvin com igual brevidade. «Portanto, não, a sua teoria do mestre da química é um disparate. Já agora, reparei que está em Harvard. Rema? Eu pratico remo na equipa de Cambridge. Tenho uma bolsa de estudo completa de remador.»

«Não sou remador», respondeu Wakely. «Mas adoro a água. Sou praticante de *surf*. Cresci em Commons, na Califórnia. Conhece a Califórnia? Se não conhece, aconselho-o a fazê-lo. Commons é uma região maravilhosa. Tem o melhor tempo do mundo. Também há lá praticantes de remo.»

*

Elizabeth sentou-se sobre os calcanhares. Lembrou-se de como Calvin assinalara a morada de Hastings na carta da proposta de trabalho. *Commons, Califórnia*. Então aceitara a oferta insultuosa de Donatti, não para avançar com a sua carreira, mas para remar? Graças a um relatório meteorológico de uma linha feito por um surfista religioso? *O melhor tempo do mundo*. A sério? Passou à carta seguinte.

*

«Sempre quis ser sacerdote?» perguntou Calvin.

«Venho de uma longa linhagem de sacerdotes», respondeu Wakely. «Está-me no sangue.»

«O sangue não funciona assim», corrigiu Calvin. «Já agora, tenho andado para lhe perguntar: porque é que acha que tantas pessoas acreditam em textos escritos há milhares de anos? E porque é que parece que, quanto mais sobrenaturais, improváveis, indemonstráveis e antigos são esses textos, mais pessoas acreditam neles?

«Os seres humanos precisam de conforto», escreveu Wakely na sua resposta. «Precisam de saber que outros sobreviveram a épocas difíceis. E, ao contrário das outras espécies, que são melhores a aprender com os seus erros, os humanos precisam de ameaças e avisos constantes para se portarem bem. Sabe como se costuma dizer: “As pessoas não aprendem.” E dizemos isso porque não aprendem mesmo. Mas os textos religiosos tentam mantê-las no caminho certo.»

«Mas não há maior conforto na ciência?» respondeu Calvin. «Em coisas que podemos provar e, portanto, trabalhar para melhorar? Não compreendo como pode alguém pensar que uma coisa escrita há séculos, por gente embriagada, é remotamente credível. E não estou a fazer julgamentos morais: naquele tempo tinham de beber álcool, a água era de má qualidade. Mesmo assim, questiono-me como podem parecer razoáveis essas histórias – arbustos em chamas, pão a cair dos céus – especialmente em comparação com a ciência baseada na evidência. Não há uma única pessoa viva que preferisse as técnicas de sangria de Rasputin às terapias de vanguarda no Hospital Sloan Kettering. No entanto, muitas pessoas insistem que acreditam nessas histórias, e depois têm a audácia de insistir para que os outros também acreditem.»

«O que diz faz sentido, Evans», respondeu Wakely. «Mas as pessoas precisam de acreditar em algo maior do que elas próprias.»

«Porquê?», insistiu Calvin. «Qual é o problema de acreditarmos em nós próprios? De qualquer maneira, se é preciso recorrer a histórias, porque não utilizar fábulas ou contos de fadas? Não serão um veículo igualmente válido para ensinar moralidade? Ou talvez ainda melhor? Porque ninguém tem de fingir que acredita que fábulas e contos são verdadeiros.»

Embora não quisesse admiti-lo, Wakely dava por si a concordar. Ninguém tinha de rezar à Branca de Neve ou temer a cólera de Rumpelstiltskin para

compreender a mensagem. As histórias eram curtas, memoráveis e cobriam todas as bases: amor, orgulho, insensatez e perdão. As regras eram condensadas de modo a serem digeríveis: não sejas idiota. Não faças mal a pessoas ou animais. Partilha o que tens com os menos afortunados. Por outras palavras, sê boa pessoa. Decidiu mudar de assunto.

«Está bem, Evans», escreveu, fazendo referência a uma carta anterior, «aceito o seu argumento muito *literal* de que o sacerdócio não pode, tecnicamente, estar-me no sangue, mas os Wakely vão para sacerdotes da mesma forma que os filhos dos sapateiros se tornam fabricantes de sapatos. Confesso que sempre me senti atraído pela Biologia, mas na minha família uma coisa dessas seria impensável. Talvez esteja apenas a tentar agradar ao meu pai. Não é o que acabamos todos por fazer? E você? O seu pai era cientista? Está a tentar agradar-lhe? Se assim for, parece que foi bem-sucedido.»

«ODEIO O MEU PAI», escreveu Calvin em maiúsculas, naquela que seria a última missiva entre ambos. «ESPERO QUE ELE ESTEJA MORTO.»

*

Odeio o meu pai. Espero que ele esteja morto. Elizabeth releu as palavras, aturdida. Mas o pai de Calvin *estava* morto – colhido por um comboio pelo menos vinte anos antes dessa carta. Porque é que ele teria escrito uma coisa destas? E porque teriam Calvin e Wakely deixado de se corresponder? A última carta tinha data de há quase dez anos.

*

– Mãe – disse Mad. – Mãe! Estás a ouvir? Somos pobres?

– Querida – disse Elizabeth, tentando evitar um colapso nervoso; *ter-se-ia mesmo despedido do emprego?* – Tive um dia complicado – disse. – Por favor, come o que tens no prato.

– Mas, mãe...

Foram interrompidas pela campainha discordante do telefone. Mad saltou da cadeira.

– Não atendas, Mad.

– Pode ser importante.

– *Estamos à mesa.*

– Estou sim? – disse Mad. – Fala Mad Zott.

– Querida – disse Elizabeth, tirando-lhe o auscultador da mão. – Não damos as nossas informações pessoais por telefone, lembra-te? Estou? – disse. – Quem fala?

– Mrs. Zott? – disse uma voz. – Mrs. Elizabeth Zott? Fala Walter Pine, Mrs. Zott. Conhecemo-nos há uns dias?

Elizabeth suspirou.

– Oh, sim, Mr. Pine.

– Passei o dia a tentar entrar em contacto consigo. Talvez a sua governanta se tenha esquecido de lhe dar os recados.

– Não é uma governanta e não se esqueceu de me dar os recados.

– Oh! – exclamou ele, constrangido. – Compreendo. Desculpe. Espero não estar a incomodar. Tem um momento para conversarmos? É boa altura?

– Não.

– Nesse caso, serei rápido – disse Walter, que não estava disposto a perder esta oportunidade. – Antes de mais, Mrs. Zott, já retifiquei a situação dos almoços. Está tudo resolvido; a Amanda comerá apenas o seu almoço daqui em diante, e de novo as minhas desculpas. Mas o meu telefonema tem outro motivo... um motivo profissional.

Em seguida, recordou a Elizabeth que era produtor da programação da tarde na estação de televisão local.

– Na KCTV – disse, em tom orgulhoso, embora não estivesse orgulhoso disso. – E ando a pensar em alterar um pouco o alinhamento... queria adicionar um programa de culinária. Para tentar apimentar as coisas, por assim dizer – continuou, numa tentativa de humor, algo que normalmente não fazia, mas que fez nesse momento porque Elizabeth Zott o deixava nervoso. Enquanto esperava pela risada educada que devia ter ouvido do outro lado da linha, mas que não surgiu, ficou ainda mais ansioso. – Na minha qualidade de produtor televisivo *maduro*, acredito que existe um *apetite* por esse tipo de programa.

Mais uma vez, não obteve reação alguma.

– Fiz alguma pesquisa – continuou, atrapalhado – e com base em algumas tendências muito interessantes, a par do meu entendimento pessoal sobre o que é um programa da tarde bem-sucedido, estou convencido de que a culinária será um tema de peso na programação da tarde.

Elizabeth continuou em silêncio, mas mesmo que tivesse reagido não faria qualquer diferença, porque nada do que Walter dissera era verdade.

A verdade era que Walter Pine não fazia pesquisa, nem tinha conhecimento de quaisquer tendências. Em termos concretos, possuía um entendimento muito reduzido sobre o que era um programa da tarde bem-sucedido. A prova disso mesmo era que o seu canal costumava estar pouco acima dos últimos lugares em termos de audiências. A verdadeira situação era esta: Walter tinha um espaço de programação vazio para preencher e os anunciantes estavam a pressioná-lo para o preencher depressa. O lugar fora anteriormente ocupado por um programa infantil com palhaços, mas, em primeiro lugar, não era muito bom, e em segundo lugar o palhaço principal morrera numa luta de bar, o que liquidara o programa no sentido mais literal.

Há três semanas que andava desesperado à procura de alguma coisa para o substituir. Passava oito horas por dia a rever vídeos promocionais de inúmeros aspirantes a estrelas – mágicos, conselheiros, comediantes, professores de música, especialistas em ciência, prodígios da etiqueta, marionetistas. Walter não queria acreditar na quantidade de lixo que as pessoas produziam, nem percebia como tinham o descaramento de filmar tudo, colocar as bobinas no correio e mandá-las para ele. Não teriam vergonha? Fosse como fosse, tinha de encontrar qualquer coisa, e depressa: a sua carreira dependia disso. O chefe deixara-o bem claro.

E, para além dos problemas no trabalho, Mrs. Mudford, a professora de Amanda, já o chamara quatro vezes só nesse mês, e na mais recente ameaçara fazer queixa dele apenas porque, num torpor de exaustão e depressão, mandara inadvertidamente na lancheira da filha, em vez da garrafa-termo com leite, a sua garrafinha de bolso de gim. Mandara-lhe também um agraphador em vez de uma sanduíche, um guião em vez de guardanapo e umas trufas de champanhe daquela vez em que deixara acabar o pão.

– Mr. Pine? – disse Elizabeth, interrompendo-lhe os pensamentos. – Tive um dia muito complicado. Posso perguntar-lhe o que deseja?

– Quero criar um programa de culinária para a programação da tarde – disse ele muito depressa. – E queria que fosse a senhora a apresentá-lo. É evidente que sabe cozinhar, Mrs. Zott, mas acho que teria também um certo atrativo nesse papel. – Não lhe disse que era por ela ser bonita. Havia muitas pessoas bonitas que navegavam pela vida à conta da aparência, mas algo lhe dizia que Elizabeth Zott não era uma dessas pessoas. – Seria um

programa divertido... de mulher para mulher. Estaria a dirigir-se a pessoas iguais a si. – E quando ela não respondeu de imediato, acrescentou: – Donas de casa.

Do outro lado da linha, Elizabeth semicerrou os olhos.

– *Como disse?*

O tom. Walter devia ter compreendido e desligado naquele momento. Mas não o fez porque estava desesperado, e as pessoas desesperadas têm tendência a ignorar até os sinais mais óbvios. O lugar de Elizabeth Zott era em frente de uma câmara – ele tinha a certeza disso – e, ainda por cima, era precisamente o tipo de mulher que faria a cabeça em água ao seu chefe.

– Se está nervosa em relação ao público – disse –, não há motivos para tal. Usamos cartões de ponto com as falas. Só precisa de os ler e ser natural. – Esperou por resposta e, quando esta não surgiu, prosseguiu: – A senhora tem presença, Mrs. Zott – insistiu. – É exatamente o tipo de pessoa que toda a gente quer ver na televisão. É como uma... – Esforçou-se por encontrar uma comparação adequada, mas não lhe ocorreu nada.

– Sou uma cientista – retorquiu ela.

– Certo!

– Está a dizer que o público quer ouvir mais cientistas.

– Sim – disse ele. – Toda a gente quer. – Embora ele não quisesse, e tivesse quase a certeza de que mais ninguém queria. – Mas seria um programa de culinária, compreende.

– Cozinhar é uma ciência, Mr. Pine. Não são coisas mutuamente exclusivas.

– Impressionante. Era precisamente isso que eu ia dizer.

Elizabeth viu as contas para pagar em cima da mesa da cozinha.

– Qual é o salário de uma coisa desse género? – perguntou.

Ele mencionou um valor que foi recebido com uma leve exclamação do outro lado da linha. Estaria ofendida ou estupefacta?

– A questão – disse ele em tom defensivo – é que vamos correr um risco. Na verdade, a senhora nunca trabalhou em televisão, pois não? – Depois explicou-lhe em traços gerais o contrato básico de uma série nova, sublinhando que seria inicialmente de apenas seis meses. Depois disso, se não estivesse a resultar, acabava-se. Ponto final.

– Seria para começar quando?

– De imediato. Queremos que o programa de culinária comece a ser transmitido o mais cedo possível... em menos de um mês.

– O programa de *ciência* culinária, quer o senhor dizer.

– Tal como disse... não são coisas mutuamente exclusivas. – Mas uma leve dúvida sobre a viabilidade de Elizabeth como apresentadora começava a insinuar-se nele. Com certeza que ela compreendia que um programa de culinária não era, na realidade, ciência. – Vamos chamar-lhe *Jantar às Seis* – acrescentou, carregando mais na palavra *Jantar*.

Do outro lado da linha, Elizabeth estava de olhar perdido no vazio. Detestava com todas as suas forças esta ideia – cozinhar na televisão para donas de casa –, mas que escolha lhe restava? Olhou para *Seis e Meia* e Mad. Estavam deitados no chão juntos. Madeline estava a falar-lhe sobre Tommy Dixon. *Seis e Meia* arreganhara os dentes.

– Mrs. Zott? – disse Walter, desconfiado do silêncio do outro lado. – Estou? Mrs. Zott? Ainda aí está?

CAPÍTULO 24

O período de depressão da tarde

— Completamente fora de questão – disse Elizabeth a Walter Pine ao sair da sala de guarda-roupa da KCTV. – Os vestidos são todos demasiado apertados. Quando o vosso alfaiate me tirou as medidas, na semana passada, pensei que tivesse feito um bom trabalho, mas parece que não. Já tem uma certa idade, talvez precise de óculos.

– Na verdade – disse Walter, enfiando as mãos nos bolsos para parecer descontraído –, os vestidos são justos propositadamente. A câmara adiciona cinco quilos, por isso usamos roupas justas para contrabalançar. Aguentar para adelgaçar. Vai habituar-se num instante.

– Não consigo respirar.

– É só durante trinta minutos. Pode respirar tanto quanto quiser a seguir.

– A cada inalação, o corpo dá início ao processo de purificação do sangue; a cada expiração, os pulmões libertam dióxido de carbono e hidrogénio redundantes. Se comprimirmos qualquer parte dos pulmões, estamos a colocar em risco este processo. Formam-se coágulos. A circulação abrandar.

– Mas veja uma coisa – disse Walter, tentando uma tática diferente. – Com certeza que não quer parecer gorda.

– Desculpe?

– Vista através da câmara... e, por favor, não leve a mal o que lhe vou dizer... você é uma vaca.

Elizabeth abriu a boca, estupefacta.

– Walter – declarou –, que isto fique perfeitamente claro: não vou usar aquelas roupas.

Ele rangeu os dentes. Será que isto ia resultar? Enquanto procurava desesperadamente outra maneira de argumentar com ela, a orquestra da estação televisiva, ao fundo do estúdio, lançou-se num ensaio da música

mais recente. Era o tema para o genérico de *Jantar às Seis* – uma melodiazinha alegre que ele próprio encomendara. Um cruzamento entre um *cha-cha-cha* moderno e um alarme de incêndio, um *tour de force* ritmado que, ainda na véspera, o seu chefe descrevera de forma entusiástica como Lawrence Welk sob o efeito de anfetaminas.

– Que raio de barulheira é *esta*? – inquiriu ela entre dentes cerrados.

*

Phil Lebensmal, o chefe de Walter, produtor executivo e administrador da estação KCTV, fora muito claro quando aprovara o conceito do programa de culinária.

– Sabe o que tem de fazer – dissera a Walter, depois de conhecer Elizabeth Zott. – Cabelo armado, vestidos justos, atmosfera doméstica. A mulher *sexy* e mãe dedicada que todos os homens querem ver ao final de um dia de trabalho.

Walter olhou para Phil através da secretária ridiculamente gigante. Não gostava de Phil. Era um homem jovem e bem-sucedido e, obviamente, melhor do que Walter em tudo, mas era também ordinário. Walter não gostava de pessoas ordinárias. Faziam com que se sentisse puritano e constrangido, como se fosse o último membro do Povo Educado, uma tribo já extinta conhecida pelo seu decoro e boas maneiras à mesa. Passou a mão pelo cabelo grisalho de homem de cinquenta e três anos.

– Mas há aqui um pormenor inesperado e interessante, Phil. Já lhe disse que Mrs. Zott sabe cozinhar? Ela sabe *mesmo* cozinhar. É química de formação. Trabalha num laboratório, com tubos de ensaio e essas coisas. Até tem o mestrado em Química, imagine. Estava a pensar que podíamos realçar as credenciais dela; dar às donas de casa alguém com quem possam identificar-se.

– O quê? – perguntou Phil, surpreendido. – Não, Walter, a Zott não é uma mulher com quem as outras se identifiquem, e ainda bem. Ninguém se quer ver a si próprio na televisão. Querem ver na televisão as pessoas que nunca serão. Pessoas bonitas, pessoas *sexy*. Já sabe como isto funciona. – Olhou para Walter, preocupado.

– Claro que sim, claro que sim – disse Walter. – Pensei apenas que podíamos dar aqui um abanão às coisas. Fazer um programa com um ar mais profissional.

– Profissional? Estamos a falar da televisão da tarde. Neste mesmo horário havia um programa de palhaços.

– Exato, e essa é a parte inesperada. Em vez de palhaços, apresentamos uma coisa com significado: Mrs. Zott a ensinar as donas de casa a cozinhar uma refeição nutritiva.

– Uma coisa com significado? – ripostou Phil. – Mas você é Amish, ou quê? Quanto à refeição nutritiva: não. Está a liquidar o programa antes sequer de começar. Oiça, Walter, é muito fácil. Vestidos apertados, movimentos sugestivos... talvez a forma como enfia as luvas para abrir o forno, assim. – Demonstrou, como se estivesse a calçar um par de luvas de cetim. – E depois o *cocktail* que ela prepara no fim de cada programa.

– *Cocktail*?

– Não é boa ideia? Acabou de me ocorrer.

– Não me parece que Mrs. Zott queira...

– É verdade, aquilo que ela disse a semana passada... sobre ser impossível solidificar hélio em zero absoluto. Era alguma piada?

– Sim – disse Walter. – Estou bastante seguro de que...

– Bom, não teve graça.

Phil tinha razão, não tivera graça. O pior é que Elizabeth não o dissera para ser engraçada. Era uma das coisas de que tencionava falar no programa. O que era um problema, porque por mais vezes que ele lhe explicasse o conceito do programa, ela não parecia compreender.

– Estará a dirigir-se a donas de casa normais – disse-lhe Walter. – As simples Marias.

Elizabeth lançara-lhe um olhar tão fulminante que lhe metera medo.

– Não há nada de normal ou simples em ser dona de casa – corrigiu.

*

– Walter – estava Elizabeth a dizer no momento em que a canção finalmente terminara. – Está a ouvir? Penso que podemos resolver o nosso problema de guarda-roupa com três simples palavras. Bata de laboratório.

– Não.

– Daria um ar mais profissional ao programa.

– Não – repetiu ele, pensando nas expectativas muito claras de Lebensmal. – Acredite em mim. Não.

– Porque não optamos por uma abordagem científica? Eu uso a bata de laboratório na primeira semana, e depois revemos os resultados.

– Isto não é um laboratório – explicou ele pela bilionésima vez. – É uma *cozinha*.

– Por falar em cozinha, como está a correr a construção do cenário?

– Ainda não está concluído. Estamos a trabalhar nas luzes.

Não era verdade: o cenário estava pronto há dias. Desde as cortinas com ilhoses à janela falsa, aos balcões cobertos de *bibelots*, parecia uma cozinha saída de uma revista para donas de casa. Elizabeth ia odiar.

– Conseguiu arranjar-me os instrumentos especializados de que preciso?

– perguntou ela. – O bico de Bunsen? O osciloscópio?

– Em relação a isso – disse ele. – A questão é que a maior parte das donas de casa não tem esse tipo de coisas em casa. Mas consegui encontrar quase tudo o resto da lista: os talheres, a batedeira...

– Fogão a gás?

– Sim.

– Estação de lavagem ocular, claro.

– S-sim – disse ele, pensando no lava-loiça.

– Bom, podemos sempre acrescentar o bico de Bunsen mais tarde. Dá muito jeito.

– Imagino.

– E as superfícies de trabalho?

– O aço inoxidável que pediu era demasiado caro.

– Que estranho – disse ela. – Normalmente, as superfícies não-reativas são as mais acessíveis.

Walter acenou como se também estivesse surpreendido, mas não estava. Ele próprio escolhera os balcões de fórmica: um laminado divertido, salpicado com pintas douradas brilhantes.

– Oiça – disse. – Sei que o nosso objetivo é fazer comida a sério... comida saborosa e nutritiva. Mas temos de ter cuidado para não afastar os espectadores. Temos de fazer com que cozinhar pareça convidativo. Enfim... divertido.

– *Divertido?*

– Porque, caso contrário, as pessoas não vão assistir ao programa.

– Mas cozinhar não é divertido – explicou ela. – É um assunto sério.

– Certo – concordou ele. – Mas também pode ser divertido, não pode?

Elizabeth franziu a testa.

– Nem por isso.

– Pois – insistiu ele –, mas talvez só um bocadinho divertido. Um bocadinho assim – disse ele, aproximando o indicador do polegar. – O problema, Elizabeth, e imagino que já saiba, mas a televisão rege-se por três regras inflexíveis.

– Refere-se a regras de decência – disse ela. – Padrões.

– Decência? Padrões? – Walter pensou em Lebensmal. – Não. Refiro-me a regras propriamente ditas. – Contou pelos dedos. – Regra número um: divertir. Regra número dois: divertir. Regra número três: divertir.

– Mas eu não sou uma artista, para divertir. Sou química.

– Certo – continuou ele –, mas na televisão tem de ser uma química *divertida*. E sabe porquê? Posso resumi-lo numa palavra. Tarde.

– Tarde.

– *Tarde*. Só de dizer a palavra fico com sono. Não lhe faz sono?

– Não.

– Bom, talvez por ser cientista. Já tem conhecimento dos ritmos circadianos.

– Toda a gente tem conhecimento dos ritmos circadianos, Walter. A minha filha de quatro anos sabe o que são ritmos cir...

– A sua filha de cinco anos, quer a Elizabeth dizer – interrompeu ele. – A Madeline tem de ter pelo menos cinco anos para frequentar o jardim de infância.

Elizabeth agitou a mão para o incentivar a prosseguir.

– Estava a dizer, sobre ritmos circadianos?

– Pois – disse ele. – Como calculo que saiba, os seres humanos estão biologicamente programados para dormir duas vezes por dia... uma sesta à tarde e oito horas à noite.

Ela acenou afirmativamente.

– Mas a maior parte de nós tem de saltar a sesta devido às exigências profissionais. E quando digo a maior parte de nós, refiro-me apenas aos americanos, na verdade. O México não tem esse problema, nem a França ou a Itália ou qualquer um desses países onde se bebe ainda mais do que aqui ao almoço. No entanto, a verdade é esta: a produtividade humana baixa naturalmente na parte da tarde. Em televisão, chamamos a isto o Período de Depressão da Tarde. É demasiado tarde para ainda se fazer alguma coisa de

jeito; mas também é cedo de mais para ir para casa. Seja quem for, dona de casa, estudante, pedreiro, homem de negócios... ninguém está imune. Entre a uma e meia e as quatro e meia da tarde, a vida produtiva tal como a conhecemos deixa de existir. É, praticamente, um período morto.

Elizabeth ergueu uma sobrancelha.

– E embora eu diga que afeta toda a gente – continuou ele –, é um período particularmente perigoso para as donas de casa. Porque, ao contrário de um estudante que pode adiar os deveres escolares para mais tarde, ou um homem de negócios que pode fingir que está a ouvir, a dona de casa tem de se obrigar a continuar a trabalhar. Tem de pôr os filhos a dormir a sesta porque, caso contrário, o caos instala-se. Tem de passar a esfregona no chão porque, se não o fizer, alguém pode escorregar no leite entornado. Tem de dar um salto ao supermercado porque, caso não o faça, não haverá nada para comer. Por falar nisso – disse, com uma breve pausa –, já reparou como as mulheres dizem sempre *dar um salto* ao supermercado? Não é passar por lá, nem ir, nada disso. *Dar um salto*. É a isto que me refiro. A dona de casa está sempre a funcionar num nível inimaginável de hiperprodutividade. E, embora esteja sempre ocupada, *ainda* tem de fazer o jantar. É insustentável, Elizabeth. Ela vai ter um ataque cardíaco ou um AVC ou, pelo menos, estará muito maldispota. E tudo porque não pode procrastinar como os filhos ou fingir que está a fazer alguma coisa como o marido. É obrigada a ser produtiva, apesar de se encontrar numa zona temporal potencialmente fatal... o Período de Depressão da Tarde.

– É privação neurogénica clássica – concordou Elizabeth com um aceno.
– O cérebro não obtém o descanso de que precisa, o que resulta numa quebra da função executiva e um aumento paralelo dos níveis de corticoesteroides. Mas o que é que isso tem a ver com a televisão?

– Tudo – disse ele. – Porque a cura para essa privação neuro... ah... aquilo que disse, é a programação da tarde. Ao contrário da programação da manhã ou da noite, a programação da tarde é pensada para deixar o cérebro descansar. Estude o alinhamento e verá que é verdade: da uma e meia às cinco da tarde, a televisão está ocupada por programas infantis, telenovelas e concursos. Nada que exija verdadeira atividade cerebral. E é propositado: porque os executivos televisivos sabem que, entre essas horas, as pessoas estão meio-mortas.

Elizabeth pensou nos seus ex-colegas do Instituto Hastings. Estavam de facto meio-mortos.

– De certa forma – continuou Walter –, aquilo que oferecemos é serviço público. Estamos a dar às pessoas... em especial às donas de casa exaustas... o descanso de que precisam. Os programas infantis, aqui, são críticos: estão preparados para tomar conta das crianças por via eletrónica para que a mãe tenha uma oportunidade de recuperar antes do próximo ato.

– E por próximo ato quer dizer...

– Fazer o jantar – disse ele –, e é aí que a Elizabeth entra em cena. O seu programa irá para o ar às quatro e meia... exatamente a hora em que as suas espectadoras estarão a sair do Período de Depressão da Tarde. É um horário complicado. Os estudos mostram que é a esta hora que a maioria das donas de casa sente mais pressão. Têm muito que fazer num curto espaço de tempo: preparar o jantar, pôr a mesa, cuidar dos filhos... é uma longa lista. Mas ainda estão ensonadas e deprimidas. É por isso que este horário, em particular, acarreta tão grande responsabilidade. Porque quem falar com elas nesta altura tem de lhes dar *energia*. É por isso que, quando lhe digo que o seu trabalho é divertir, entreter, estou a falar muito a sério. Tem de trazer estas mulheres de volta à vida, Elizabeth. Tem de as acordar.

– Mas...

– Lembra-se daquele dia em que entrou pelo meu gabinete adentro? Foi depois de almoço. Contudo, embora eu estivesse no Período de Depressão da Tarde, você acordou-me e posso garantir-lhe que isso é quase estatisticamente impossível porque tudo o que eu *faço* é a programação da tarde. Mas foi assim que percebi: se tinha a capacidade de me fazer endireitar na cadeira e ouvi-la, não há dúvidas de que conseguirá fazer o mesmo por outras pessoas. Eu acredito em si, Elizabeth Zott, e acredito na sua missão alimentar... mas *não* estamos só a falar de fazer o jantar. Compreenda uma coisa: tem de fazer com que pareça pelo menos *um pouco* divertido. Se eu quisesse que pusesse os espectadores a dormir, teria colocado o seu programa às duas e meia.

Elizabeth pensou por um instante.

– Suponho que não tinha pensado nas coisas dessa maneira.

– É ciência televisiva – disse Walter. – Muito poucas pessoas a conhecem. Elizabeth ficou algum tempo em silêncio, a digerir as palavras dele.

– Mas eu não sou divertida – disse, por fim. – Sou uma cientista.

– Os cientistas podem ser divertidos.
– Como por exemplo?
– Einstein – respondeu Walter sem hesitar. – Quem é que não adora o Einstein?

Elizabeth ponderou o exemplo.

– Bem, a teoria da relatividade dele é apaixonante.
– Está a ver? Exatamente!
– Embora *também* seja verdade que a mulher dele, que *também* era física, nunca recebeu qualquer crédito por...

– Aí está, identificou na perfeição o nosso público. Esposas! E como é que acordaria estas esposas einsteinianas? Recorrendo a métodos televisivos comprovados para o fazer: piadas, roupas, autoridade... e, claro, comida. Por exemplo, aposto que toda a gente quer ser convidada para os seus jantares.

– Nunca dei um jantar para convidados.
– Claro que deu – disse ele. – Aposto que a Elizabeth e Mr. Zott estão sempre a...

– Não há Mr. Zott algum, Walter – interrompeu Elizabeth. – Não sou casada. Na verdade, nunca fui casada.

– Oh! – exclamou Walter, visivelmente chocado. – Bem, isso é sem dúvida muito interessante. Mas importa-se de... espero que não leve a mal, mas importa-se de nunca falar disso com ninguém? Mais especificamente com o Lebensmal, o meu chefe? Ou, na verdade... com qualquer outra pessoa?

– Eu amava o pai da Madeline – explicou ela, com a testa ligeiramente franzida. – Só que não podia casar-me com ele.

– Uma aventura extraconjugal – disse ele em tom compreensivo, baixando a voz. – Ele estava a enganar a mulher. Foi isso?

– Não – respondeu ela, abanando a cabeça. – Amávamo-nos um ao outro completamente. Na verdade, vivíamos juntos há...

– Aí está outra coisa que era melhor não mencionar – interrompeu Walter.
– Nunca.

– ...dois anos. Éramos almas gémeas.
– Que bom – disse ele, e pigarreou. – Tenho a certeza de que estava tudo muito bem. Mesmo assim, é o tipo de coisa que não precisamos de contar a

ninguém. Nunca. Com certeza tinham planos para se casarem, mais cedo ou mais tarde.

– Não tínhamos – disse ela baixinho. – De qualquer maneira, ele morreu. – E, com estas palavras, o desespero ensombrou-lhe o rosto.

Walter ficou chocado com a súbita alteração de postura. Elizabeth tinha qualquer coisa – uma autoridade que ele sabia que a câmara ia adorar –, mas era também frágil. Coitada. Sem pensar duas vezes, abraçou-a e puxou-a para si.

– Lamento muito – disse-lhe.

– Também eu – fungou ela com o rosto escondido no seu ombro. – Também eu.

Walter encolheu-se. Tanta solidão. Deu-lhe palmadinhas nas costas como fazia com Amanda, comunicando-lhe, o melhor que sabia, que não só lamentava a perda dela, mas que a compreendia. Nunca estivera apaixonado dessa maneira, na verdade, mas fazia uma boa ideia de como era.

– Desculpe – disse ela, e recuou, surpreendida ao perceber quanto precisava daquele abraço.

– Não há problema – disse ele em tom gentil. – Vejo que passou por muito.

– Seja como for – continuou ela, endireitando as costas –, eu devia saber que não é boa ideia falar no assunto. Já fui despedida por causa disso uma vez.

Pela terceira vez nessa manhã, Walter encolheu-se. Não sabia ao certo a que se referia Elizabeth quando dizia «por causa disso». Fora despedida por matar o amante? Ou por ser mãe solteira? Ambas as explicações eram plausíveis, mas Walter preferia a segunda.

– Fui eu que o matei – admitiu ela baixinho, eliminando a preferência de Walter. – Obriguei-o a usar a trela e ele morreu. O *Seis e Meia* nunca mais foi o mesmo.

– Isso é terrível – disse Walter em voz ainda mais baixa, pois embora não percebesse o que ela dissesse sobre a trela ou o horário das seis e meia, compreendia o significado por trás das palavras. Elizabeth fizera uma escolha que acabara mal. Ele próprio passara por isso. E as escolhas erradas de ambos tinham resultado em criancinhas que agora suportavam o fardo das más escolhas dos pais. – Lamento muito.

– Também lamento muito – disse ela, tentando recuperar a compostura. – O seu divórcio.

– Oh, não é preciso – disse ele, agitando a mão, embaraçado por o seu azar ao amor poder ser comparado, de alguma forma, com a situação dela. – Foi muito diferente do seu caso. A minha situação não teve nada a ver com amor. A Amanda nem sequer é minha filha, tecnicamente, em termos de ADN – disse, sem querer. Na verdade, ele próprio ficara a saber há apenas três semanas.

A ex-mulher há muito que insinuava que ele não era o pai biológico de Amanda, mas Walter sempre julgara que ela o dizia para o magoar. Sim, Amanda não era parecida com ele, mas havia muitas crianças que não eram parecidas com os pais. Sempre que abraçava Amanda, sabia que ela era sua; conseguia sentir essa ligação biológica profunda e permanente. Mas a insistência cruel da ex-mulher foi-o desgastando e, quando os testes de paternidade ficaram finalmente disponíveis, ele submeteu amostras de sangue. Cinco dias depois, sabia a verdade. Ele e Amanda não tinham nada a ver um com o outro.

Olhara para os resultados do teste, à espera de se sentir traído ou arrasado ou qualquer outro dos sentimentos que calculava serem de esperar numa situação destas, mas na verdade sentia-se perfeitamente indiferente. Os resultados não tinham qualquer importância. Amanda era sua filha e ele era o pai dela. Amava-a com todo o seu coração. A biologia era sobrevalorizada.

– Nunca planeei ser pai – disse ele a Elizabeth. – Mas aqui estou, um pai devotado. A vida é um mistério, não é? As pessoas que tentam planeá-la acabam inevitavelmente desapontadas.

Elizabeth concordou com um aceno. Ela era uma dessas planeadoras. E estava desapontada.

– Seja como for – continuou ele –, acredito que podemos fazer alguma coisa com o *Jantar às Seis*. Mas a Elizabeth terá de... bom, de aguentar algumas facetas menos agradáveis da televisão. Em termos de guarda-roupa, vou pedir ao alfaiate que alargue um pouco as costuras. Mas, em contrapartida, gostava que praticasse o seu sorriso.

Ela franziu a testa.

– O Jack LaLanne sorri quando está a fazer flexões – disse Walter. – É assim que ele faz com que coisas difíceis pareçam divertidas. Estude o

estilo do Jack... ele é um mestre.

Ao ouvir mencionar o nome de Jack, Elizabeth ficou tensa. Não via o programa de Jack LaLanne desde a morte de Calvin, e isto porque o culpava, em parte – sim, sabia que não era justo – pela morte de Calvin. De súbito, a memória de Calvin a entrar na cozinha depois do programa de Jack inundou-a de um calor agradável.

– Aí tem – disse Walter.

Elizabeth ergueu os olhos para ele.

– Estava quase a abrir um sorriso.

– Oh – disse ela. – Bom, foi sem intenção.

– Não faz mal. Com intenção, sem intenção. Tanto faz. Os meus sorrisos são, na sua maioria, forçados. Incluindo os que mostro na Escola Primária de Woody, para onde vou agora. Fui convocado pela professora Mudford.

– Eu também – disse Elizabeth, surpreendida. – Tenho uma reunião com ela amanhã. A sua está relacionada com a lista de leituras da Amanda?

– Leituras? – disse ele, surpreendido. – Estão no jardim de infância, Elizabeth; não sabem ler. De qualquer modo, o problema não é a Amanda. Sou eu. Ela desconfia de mim porque sou um pai a criar uma filha sozinho.

– Porquê?

Walter fitou-a com ar de surpresa.

– O que lhe parece?

– *Oh!* – exclamou ela, compreendendo de repente. – Ela pensa que o Walter é um perverso sexual.

– Bom, eu não o teria colocado de forma tão... direta – respondeu Walter –, mas sim. É como ter um cartaz ao peito a dizer «Olá! Sou pedófilo... e tomo conta de crianças!»

– Nesse caso, suponho que somos ambos suspeitos – disse Elizabeth. – O Calvin e eu fazíamos sexo quase todos os dias... o que é completamente normal para a nossa idade e nível de atividade... mas como não éramos casados...

– Ah – disse Walter, empalidecendo. – Bem...

– Como se o casamento tivesse alguma coisa a ver com sexualidade...

– Ah...

– Havia alturas – explicou ela com grande naturalidade –, em que eu acordava a meio da noite cheia de desejo... certamente já lhe aconteceu o mesmo... mas o Calvin estava a meio de um ciclo REM e eu não queria

incomodá-lo. Mas quando lhe falei nisso, ele ficou chocado. «Não, Elizabeth», disse, «acorda-me sempre. Ciclo REM ou não. Nunca hesites.» Só depois de ler mais sobre testosterona, é que adquiri uma melhor compreensão do impulso sexual masculino...

– Antes que me esqueça – interrompeu Walter, vermelho como um tomate –, queria pedir-lhe que estacionasse sempre no parque de estacionamento norte.

– Parque norte – repetiu ela, de mãos nas ancas. – É o que fica do lado esquerdo depois da entrada?

– Exato.

– Seja como for – continuou ela –, lamento muito que Mrs. Mudford esteja a insinuar que o Walter é outra coisa a não ser um pai carinhoso. Duvido muito que ela tenha lido os Relatórios Kinsey.

– Os relatórios...

– Porque se os tivesse lido, compreenderia que você e eu somos o oposto de pervertidos sexuais. Você e eu somos...

– Pais *normais*? – apressou-se ele a sugerir.

– Pais exemplares e carinhosos.

– Guardiães.

– Família – concluiu ela.

Foi a última palavra que cimentou esta amizade curiosa e franca entre eles, o tipo de amizade que só surge quando uma pessoa injustiçada encontra outra injustiçada de forma semelhante e descobre que, embora possa ser a única coisa que têm em comum, é mais do que suficiente.

– Oiça – disse Walter, assombrado ao perceber que nunca tivera uma discussão tão franca sobre sexo ou biologia com ninguém, incluindo consigo próprio –, em relação ao guarda-roupa. Se o alfaiate não conseguir alargar os vestidos a tempo, traga qualquer coisa do seu próprio roupeiro, por enquanto.

– Mas não a bata de laboratório?

– Preferia que a Elizabeth fosse a *Elizabeth* – disse ele –, e não uma cientista.

Ela prendeu uma madeixa de cabelo atrás da orelha.

– Mas eu *sou* uma cientista.

– Talvez, Elizabeth Zott – respondeu ele, sem saber como as suas palavras se revelariam verdadeiras. – Mas isso é só o princípio.

CAPÍTULO 25

As simples Marias

Pensando melhor, provavelmente devia tê-la deixado ver o cenário antes. Quando a música começou a tocar – aquela musiquinha engraçada pela qual Walter pagara demasiado e que ela já detestava –, Elizabeth aproximou-se do palco. Walter susteve a respiração. Ela trazia um vestido desinteressante, abotoado à frente com pequenos botões, da gola à bainha, um avental branco com vários bolsos à cintura e um relógio de pulso *Timex* que fazia tanto barulho que podia jurar que o conseguia ouvir mesmo por cima do barulho da banda. Na cabeça, tinha um par de óculos de proteção. Atrás da orelha esquerda, um lápis número dois. Numa mão trazia um bloco de notas, na outra três tubos de ensaio. Parecia um cruzamento entre uma criada de hotel e uma especialista em desarmamento de explosivos.

Walter viu-a esperar que a música acabasse, com os olhos a percorrerem o cenário de uma ponta à outra, lábios apertados e ombros tensos de uma forma que indicava insatisfação. Quando a última nota soou, ela olhou para o cartão com a sua fala, leu-o e virou-lhe costas. Pousou o bloco de notas e os tubos de ensaio no balcão, dirigiu-se ao lava-loiça, de costas para a câmara, e inclinou-se para a janela falsa para admirar a vista falsa.

– Isto é revoltante – disse ao microfone.

O operador de câmara virou-se para Walter, de olhos arregalados.

– Recordem-lhe que está em direto – sussurrou Walter.

«EM DIRETO!!!» escreveu o assistente do operador de câmara apressadamente num grande cartaz, que ergueu para ela ver.

Elizabeth leu o aviso e depois, com um dedo no ar como quem diz que isto vai demorar só mais um segundo, continuou a sua visita autoguiada ao cenário, com uma pausa para observar a arte nas paredes da cozinha, cuidadosamente planeada – um bordado em ponto cruz a dizer *Abençoa Esta Casa*, um Jesus de ar deprimido ajoelhado em oração, uma pintura

amadora de barcos a navegar no mar – antes de se virar para os balcões cobertos de bugigangas com um arquear consternado das sobranceiras ao ver um cesto de costura cheio de alfinetes de ama, um frasco de vidro transparente com botões sortidos, um novelo de lã castanha, uma tacinha lascada de rebuçados de mentol e uma caixa do pão na qual dizia, em caligrafia religiosa, *Pão Nosso de Cada Dia*.

Ainda na véspera, Walter elogiara o *designer* de cenários pelo seu bom gosto.

– Adoro especialmente as bugigangas – dissera-lhe. – É mesmo o tom certo.

Mas hoje, ao lado dela, pareciam lixo. Viu-a dirigir-se ao outro lado da bancada e empalidecer visivelmente perante o saleiro e pimenteiro em forma de galo e galinha, observar com ar hostil o *naperon* cor-de-rosa por baixo da torradeira, encolher-se ao ver uma bolinha estranha composta apenas de elásticos. À esquerda desta havia um frasco de bolachas que era uma mulher alemã gorda a fazer *pretzels*. Elizabeth estacou abruptamente, olhou para cima, para o grande relógio suspenso de fios, com os ponteiros permanentemente fixos na posição das seis horas. JANTAR ÀS SEIS, dizia no rosto do relógio em letras cintilantes.

– Walter – disse Elizabeth, protegendo os olhos para o procurar por trás das luzes fortes. – Walter, uma palavra, por favor.

– Intervalo publicitário! – sibilou Walter ao operador de câmara enquanto ela descia do cenário e se dirigia a ele. – Depressa! *Já!*

Saltou da cadeira e correu para ela.

– Elizabeth, não pode fazer isto! Volte lá para cima! Estamos em direto!

– Estamos? Bom, não podemos estar. O cenário não funciona.

– Tudo funciona, o fogão, o lava-loiça, foi tudo testado, volte para cima – disse, enxotando-a com as mãos.

– O que quero dizer é que não funciona para *mim*.

– Oiça – disse ele. – Está nervosa. É por isso que hoje vamos gravar sem público ao vivo no estúdio... para lhe dar uma oportunidade de se adaptar. Mas está em direto... *transmissão em direto*... e tem um trabalho a fazer. Este é o episódio piloto. Podemos fazer os ajustes necessários mais tarde.

– Então está a dizer que é *possível* fazer alterações – disse ela, de mãos nas ancas, enquanto estudava o cenário. – Teremos de fazer muitas.

– Espere, quer dizer, não – disse ele, preocupado. – Para que fique claro, alterações ao cenário não são possíveis. Aquilo que está a ver representa semanas de pesquisa por parte do nosso *designer* de cenários. Esta cozinha é exatamente o que as mulheres dos nossos dias querem.

– Bom, eu sou uma mulher e não é isto que eu quero.

– Não estava a referir-me a si – esclareceu Walter, exasperado. – Falo das simples Marias.

– Simples.

– Sabe o que quero dizer. As donas de casa normais.

Ela emitiu um som como uma baleia a esguichar água.

– Está bem – disse Walter em voz mais baixa, com a mão a abanar. – Está bem, está bem, oiça, eu compreendo, mas lembre-se de que este não é apenas o *nosso* programa, Elizabeth, é também o programa do canal, e uma vez que eles nos pagam, regra geral é considerado boa educação fazer aquilo que nos pedem. Sabe como funcionam estas coisas; já teve outros empregos antes.

– Mas, em última análise – argumentou ela –, todos trabalhamos para o público.

– Certo – concordou ele em tom suplicante. – Mais ou menos. Não, espere... nem por isso. O nosso trabalho é dar às pessoas aquilo que elas querem, mesmo quando não sabem que o querem. Já lhe expliquei: é o modelo da programação da tarde. Meio-mortos, agora acordados, *falámos* sobre isto!

– Mais um anúncio? – murmurou o operador de câmara.

– Não é necessário – apressou-se ela a dizer. – Peço desculpa a todos. Já estou pronta.

– *Estamos* de acordo, certo? – perguntou Walter enquanto ela voltava a subir para o palco.

– Sim – disse Elizabeth. – Quer que eu fale para as *simples* Marias. As donas de casa *normais*.

Walter não gostou do tom de voz dela.

– Em cinco... – começou o operador de câmara a contar.

– *Elizabeth* – disse Walter em tom de aviso.

– Quatro...

– *O que tem de dizer está aí escrito.*

– Três...

- *Basta ler os cartões de ponto.*
- Dois...
- *Por favor* – suplicou ele –, *o guião é fantástico!*
- Um... e ação!

*

– Olá – disse Elizabeth, olhando diretamente para a câmara. – Chamo-me Elizabeth Zott, e o nosso programa é *Jantar às Seis*.

– Até aqui, tudo bem – murmurou Walter com os seus botões. «SORRIA», indicou-lhe por gestos, puxando os cantos da própria boca.

– E sejam bem-vindas à minha cozinha – disse ela em tom severo, enquanto um Jesus desapontado espreitava por cima do seu ombro esquerdo. – O nosso programa de hoje vai ser tão...

Parou quando leu a palavra «divertido».

Seguiu-se um silêncio desconfortável. O operador de câmara virou-se para Walter.

– Publicidade? – perguntou por gestos.

– NÃO – respondeu Walter num murmúrio inaudível. – NÃO! RAIOS, ELA TEM DE FAZER ISTO! MALDIÇÃO, ELIZABETH! – continuou a gritar em silêncio, com as mãos a abanar.

Mas Elizabeth parecia estar em transe e nada – nem Walter a abanar as mãos, nem o operador de câmara a preparar-se para introduzir um anúncio, nem a maquilhadora a limpar o próprio rosto com a esponja reservada para Elizabeth – conseguiu quebrar o feitiço. O que se *passava* com ela?

– MÚSICA – indicou Walter, por fim, ao técnico de som. – *música*.

Porém, antes que a música começasse, o tiquetaque do seu próprio relógio chamou-lhe a atenção e Elizabeth regressou à vida.

– Peço desculpa – disse. – Onde é que nós íamos? – Olhou para os cartões, fez mais uma breve pausa e depois apontou para o grande relógio por cima da sua cabeça. – Antes de começar, queria avisar-vos para ignorarem o relógio. Não está a funcionar.

Na cadeira do produtor, Walter respirou fundo.

– Eu levo a culinária muito a sério – continuou Elizabeth, ignorando por completo os cartões com as suas falas – e sei que vocês também. – Depois empurrou o cesto de costura de cima da bancada para uma gaveta aberta. – Sei também – disse, olhando diretamente para os poucos lares que por acaso

a sintonizaram nessa tarde –, que o vosso tempo é precioso. Tal como o meu. Portanto, vamos fazer um pacto.

– Mãe – disse um rapazinho, em tom entediado, numa sala de estar em Van Nuys, Califórnia –, não está a dar *nada*.

– Apaga a televisão, então – gritou a mãe dele da cozinha. – Estou ocupada! Vai brincar lá para fora...

– Mãe... mãe... – chamou o menino de novo.

– Oh, por amor de Deus, Petey – disse uma mulher de ar assoberbado ao entrar na sala, com uma batata meio descascada na mão, um bebé a chorar na cadeirinha da cozinha –, tenho de ser eu a fazer tudo? – Porém, quando estendeu a mão para apagar Elizabeth, Elizabeth falou com ela.

– Na minha experiência, são demasiadas as pessoas que não dão valor ao trabalho e sacrifício de ser esposa, mãe, mulher. Pois bem, eu não sou uma dessas pessoas. No final dos nossos trinta minutos juntas, garanto-vos que *teremos* feito algo que vale a pena. *Teremos* criado algo que não passará despercebido. *Teremos* feito o jantar. E *será* importante.

– Quem é esta? – perguntou a mãe de Petey.

– Não sei – respondeu Petey.

– E agora, vamos começar – disse Elizabeth.

*

Mais tarde, no camarim, Rosa, a cabeleireira e maquilhadora, veio despedir-se dela.

– Para que conste, eu gostei do lápis no cabelo.

– Para que conste?

– O Lebensmal está a gritar com o Walter há vinte minutos.

– Por causa de um lápis?

– Porque você não seguiu o guião.

– Bom, é verdade. Mas só porque não podia ler os cartões de ponto.

– Oh – disse Rosa, visivelmente aliviada. – Foi só isso? A letra era muito pequena?

– Não, não – disse Elizabeth. – O que quero dizer é que as palavras eram enganadoras.

– *Elizabeth* – disse Walter, aparecendo à porta do camarim, muito corado.

– Bom – disse Rosa –, adeus para sempre. – Apertou ao de leve o braço de Elizabeth.

– Olá, Walter – disse Elizabeth. – Estava aqui a fazer uma lista de algumas coisas que têm de mudar imediatamente.

– Não me venha com falinhas-mansas – retorquiu ele. – Que diabo se passa consigo?

– Ora, não se passa nada comigo. Na verdade, achei que tinha corrido muito bem. Admito que demorei uns instantes a entrar no ritmo, mas foi só porque estava em estado de choque. Não voltará a acontecer, assim que o cenário estiver arranjado.

Walter atravessou a divisão com passos furiosos e deixou-se cair numa cadeira.

– Elizabeth – disse –, isto é um *trabalho*. Tem dois deveres: sorrir e ler os cartões de ponto. Mais nada. Não pode ter opinião sobre o cenário nem sobre os cartões.

– Eu acho que posso.

– Não!

– De qualquer maneira, não conseguia ler os cartões.

– Disparate – disse ele. – Ensaíamos com vários tamanhos de letra, lembra-se? Por isso eu *sei* que conseguia ler o raio dos cartões. Por amor de Deus, Elizabeth, o Lebensmal está preparado para cancelar já isto tudo. Compreende que pôs o seu emprego e o meu em risco?

– Lamento muito. Vou já falar com ele.

– Oh, não – disse Walter muito depressa. – Não vai nada.

– Porquê? – quis saber ela. – Gostaria de esclarecer algumas coisas, em especial relativamente ao cenário. Quanto aos cartões... mais uma vez, desculpe, Walter. Não quis dizer que não os *conseguia* ler; queria dizer que a minha consciência não me *permitia* lê-los. Porque eram horríveis. Quem é que escreveu o guião?

Ele franziu os lábios.

– Fui eu.

– Oh! – exclamou ela, surpreendida. – Mas aquelas palavras... não eram nada que eu alguma vez dissesse.

– Sim – respondeu ele entre dentes. – Isso era *intencional*.

Elizabeth parecia espantada.

– Pensei que me tinha dito para ser *eu*.

– Não *assim* – disse ele. – Não aquela que diz «isto vai ser muito, muito complicado». Não aquela que diz «demasiadas pessoas não dão o devido

valor ao trabalho e sacrifício de ser uma esposa, uma mãe, uma mulher». Ninguém quer ouvir essas coisas, Elizabeth. Tem de ser positiva, alegre, animada!

– Mas essa não sou eu.

– Mas podia ser.

Elizabeth reviu a sua vida até ao momento.

– Nem por sombras.

– Podemos *não* discutir sobre isto? – perguntou Walter, com o coração a bater desconfortavelmente no peito. – Eu sou o especialista em programação da tarde e já lhe expliquei como estas coisas funcionam.

– E eu sou a mulher – retorquiu ela –, a dirigir-me a um público só de mulheres.

Uma secretária apareceu à porta.

– Mr. Pine – disse. – Estamos a receber chamadas sobre o programa. Não sei o que fazer.

– Valha-me Deus – disse ele. – Já começam as queixas.

– É sobre a lista de compras. Há alguma confusão relativamente aos ingredientes para amanhã. Mais precisamente, CH_3COOH .

– Ácido acético – informou Elizabeth. – Vinagre... é quatro por cento de ácido acético. Peço desculpa... se calhar devia ter escrito a lista em termos leigos.

– *Acha?* – disse Walter.

– Obrigada – agradeceu a secretária, e desapareceu.

– Onde é que foi buscar essa ideia da lista de compras, de qualquer modo? – inquiriu Walter. – Nunca falámos sobre listas de compras... muito menos em formato químico.

– Eu sei... ocorreu-me quando estava prestes a entrar em cena. Parece-me boa ideia, não acha?

Walter escondeu o rosto nas mãos. *Era* boa ideia; só não estava disposto a admiti-lo.

– Não pode fazer isto – disse, em voz abafada. – Não pode fazer o que muito bem lhe apetece.

– Não estou a fazer o que muito bem me apetece – corrigiu Elizabeth em tom seco. – Se estivesse a fazer o que muito bem me apetece, estaria num laboratório de investigação. Oiça – disse. – Se não me engano, está a sentir

uma subida dos níveis de corticosteroides... aquilo a que chamou o Período de Depressão da Tarde. Devia comer qualquer coisa.

– Não me dê sermões sobre o Período de Depressão da Tarde! – insurgiu-se ele.

Nos minutos seguintes ficaram os dois sentados no camarim, um deles a olhar para o chão, o outro a olhar para a parede, sem trocarem uma palavra.

– Mr. Pine? – Uma secretária diferente enfiou a cabeça no camarim. – Mr. Lebensmal tem um avião para apanhar, mas pediu-me que lhe lembrasse que tem o resto da semana para resolver isto. Desculpe... não sei o que é «isto». Ele diz que tem de tornar «isto»... – consultou de novo os seus apontamentos – ...sexy. – Corou. – E pediu para lhe entregar isto.

Passou-lhe um bilhete escrevinhado à mão por Lebensmal. *E onde é que está a merda do cocktail?*

– Obrigado – disse Walter.

– Desculpe – disse ela.

– Mr. Pine – disse a primeira secretária, que entrou depois de a outra sair. – É tarde e tenho de ir para casa. Mas os telefones...

– Pode ir, Paula – disse ele. – Eu trato disso.

– Posso ajudar? – ofereceu-se Elizabeth.

– Já ajudou o suficiente por hoje – disse Walter. – Portanto, quando digo «Não, obrigado», quero mesmo dizer *Não, obrigado*.

Dirigiu-se à secretária fora do camarim, seguido por Elizabeth, e atendeu o telefone.

– KCTV – disse, em voz desanimada. – Sim, desculpe. É vinagre.

– Vinagre – disse Elizabeth na outra linha.

– Vinagre.

– Vinagre.

– Vinagre.

– Vinagre.

*

Walter nunca recebera um único telefonema sobre o programa de palhaços.

CAPÍTULO 26

O funeral

— Olá, chamo-me Elizabeth Zott, e o nosso programa é *Jantar às Seis*.

Da cadeira do produtor, Walter fechou os olhos com força.

— Por favor — murmurou. — Por favor, por favor, por favor.

Era o décimo quinto dia de emissão e ele estava exausto. Já explicara uma e outra vez a Elizabeth que, tal como ele não podia escolher a secretária atrás da qual se sentava, ela também não podia escolher a cozinha onde cozinhasse. Não era nada pessoal; os cenários, tal como as secretárias, eram selecionados com base em pesquisa e orçamentos. Mas de cada vez que apresentava este argumento, ela acenava com a cabeça como se compreendesse e depois dizia «Sim... *mas*» e começava tudo de novo. O mesmo em relação ao guião. Disse-lhe que o trabalho dela era *envolver* a audiência, não matar os espectadores de tédio. Mas ela, com todos os seus comentários enfadonhos sobre química, era *tão* aborrecida. Fora por isso que Walter decidira que estava finalmente na altura de acrescentar o público ao vivo no estúdio. Porque sabia que pessoas reais, sentadas a três metros dela, lhe ensinariam instantaneamente os perigos de ser enfadonha.

— Bem-vindas ao nosso primeiro programa com público em estúdio — disse Elizabeth.

Até aqui, tudo bem.

— Todas as tardes, de segunda a sexta-feira, faremos o jantar juntas.

Exatamente o que ele escrevera.

— E vamos começar pelo jantar de hoje: gratinado de espinafres.

Cavalo selvagem domado. Ela estava a seguir ordens.

— Mas primeiro temos de limpar o nosso espaço de trabalho.

Walter abriu abruptamente os olhos enquanto ela pegava no novelo de lã castanha e o atirava para o público.

Não, não, implorou silenciosamente. O operador de câmara olhou para ele, enquanto os espectadores no estúdio soltavam risadas nervosas.

– Alguém está a precisar de elásticos? – perguntou ela, erguendo a bola de elásticos. Várias mãos se levantaram, e atirou-a também para o público.

Aturdido, Walter apertou os braços da cadeira.

– Gosto de ter espaço para trabalhar – estava ela a dizer. – Isso reforça a ideia de que o trabalho que vocês e eu estamos prestes a fazer é importante. E hoje tenho muito que fazer e precisava de ajuda para arranjar ainda mais espaço. Alguém precisa de um frasco de bolachas?

Para horror de Walter, quase todas as mãos se levantaram e, antes que percebesse o que se passava, havia pessoas a passear-se pelo cenário enquanto Elizabeth as encorajava a levarem o que quisessem. Em menos de um minuto, tinha desaparecido tudo – até a decoração das paredes. Tudo o que restava era a janela falsa e o relógio gigante.

– Muito bem – disse ela em tom sério, enquanto o público regressava aos seus lugares. – E agora, vamos começar.

*

Walter pigarreou. Uma das primeiras regras da televisão, além de ter de divertir as pessoas, era fingir que, acontecesse o que acontecesse, tudo fazia parte do plano. Era isso que os apresentadores de televisão eram treinados para fazer, e foi isto que Walter, que nunca fora apresentador, decidiu nesse momento experimentar. Endireitou-se na cadeira de armar e inclinou-se para a frente como se tivesse sido ele a orquestrar esta violação flagrante da conduta televisiva. Mas, claro, isso não era verdade e toda a gente sabia, e todos registaram a impotência dele à sua maneira: o operador de câmara abanou a cabeça, o técnico de som suspirou, o *designer* de cenários mostrou-lhe o dedo do meio da lateral do palco. Entretanto, Elizabeth estava a picar um molho enorme de espinafres com a maior faca que ele alguma vez vira.

Lebensmal ia matá-lo.

Fechou os olhos por um instante e escutou os sons vindos do público em estúdio: os movimentos nas cadeiras, as tossidelas. À distância, Elizabeth estava a falar sobre o papel que o potássio e o magnésio desempenham no organismo. O cartão que ele escrevera para este segmento em concreto era um dos seus preferidos: *Não acham que os espinafres têm uma cor tão*

bonita? Verde. Faz-me lembrar a primavera. Elizabeth ignorara-o por completo.

– ...muitas pessoas acreditam que os espinafres nos tornam fortes porque contêm quase tanto ferro como a carne. Mas a verdade é que os espinafres são ricos em ácido oxálico, que inibe a absorção de ferro. Assim, quando o Popeye dá a entender que são os espinafres que o tornam forte, não acreditem.

Fantástico. Agora estava a chamar mentiroso ao Popeye.

– Ainda assim, os espinafres oferecem um grande valor nutritivo, e vamos falar sobre isso e muito mais – disse ela, brandindo a faca na direção da câmara –, a seguir a este intervalo publicitário.

Por amor de tudo o que era sagrado. Walter nem se deu ao trabalho de se levantar da cadeira.

– Walter – disse ela ao seu lado, instantes depois. – O que achou? Segui o seu conselho e envolvi a audiência.

Ele olhou para ela com expressão aturdida.

– Fiz exatamente o que tem estado a dizer-me: *divertir*. Como sabia que precisava de mais espaço na bancada, lembrei-me do baseball... como os vendedores atiram os pacotes de amendoins para o público? E resultou.

– Sim – disse ele secamente. – E depois convidou toda a gente a entrar em campo e a levar os tacos, as bolas, as luvas e tudo o mais que encontrassem.

Ela parecia surpreendida.

– Walter, parece que está zangado.

– Trinta segundos, Mrs. Zott – disse o operador de câmara.

– Não, não – respondeu ele, calmamente. – Não estou zangado. Estou *furioso*.

– Mas disse-me para ser divertida.

– Não. O que você fez foi pegar em coisas que não lhe pertenciam e dá-las a outras pessoas.

– Mas eu *precisava* do espaço.

– Na segunda-feira, prepare-se para morrer – disse. – Primeiro eu, depois você.

Ela virou-lhe costas.

– Cá estou de volta – ouviu-a dizer em tom irritado enquanto o público aplaudia. Felizmente, ouviu muito pouco depois disso, mas apenas porque

lhe doía o estômago e tinha o coração aos saltos no peito de uma forma que, esperava ele, indicava algo bastante grave. Fechou os olhos para apressar a morte; AVC ou ataque cardíaco, qualquer um servia.

Quando os abriu, viu Elizabeth a indicar a cozinha vazia com um gesto largo do braço.

– A culinária é química – estava ela a dizer. – E a química é vida. A nossa capacidade de mudar tudo... incluindo nós próprios... começa aqui.

Deus o ajudasse.

A secretária inclinou-se e murmurou-lhe ao ouvido que Lebensmal o queria ver logo de manhã. Voltou a fechar os olhos. *Relaxa*, disse a si próprio. *Respira*.

Por trás das pálpebras, viu algo que não lhe agradou nada. Era um funeral – o *seu* funeral – e havia muitas pessoas com roupas coloridas a andar de um lado para o outro. Ouviu alguém – a sua secretária? – contar a história de como ele morrera. Era uma história enfadonha que o aborreceu bastante, mas encaixava no seu perfil de programador da tarde. Ouviu atentamente, na esperança de ficar a saber alguma novidade sobre a sua vida por entre os elogios, mas tudo o que as pessoas estavam a dizer era coisas como: «Então, o que é que fazes este fim de semana?»

À distância, ouviu Elizabeth Zott a falar sobre a importância do trabalho. Estava outra vez a fazer sermões, a encher as cabeças dos presentes no funeral com ideias de amor-próprio.

– Corram riscos – estava ela a dizer. – Não tenham medo de fazer experiências.

Não sejam como o Walter, era o que ela queria dizer.

Não era de bom-tom as pessoas vestirem-se de preto para os funerais?

– A ousadia na cozinha traduz-se em ousadia na vida – afirmou Zott.

Quem é que a convidara para fazer o elogio fúnebre, afinal? Phil? Que indelicadeza. E tinha muita graça, sabendo que o único risco que ele, Walter Pine, alguma vez correria – contratá-la – viera a revelar-se o motivo para a sua morte prematura. «Corram riscos, não tenham medo de fazer experiências», *uma ova*, Zott. Quem é que estava morto, aqui?

Continuou a ouvir a voz dela em fundo, acompanhada pelo *chop chop* insistente de uma faca. Por fim, depois de mais dez minutos, ela fez os seus comentários finais.

– Meninos, ponham a mesa. A vossa mãe precisa de um momento para si.

Por outras palavras, chega de falar no falecido Walter – voltemos a *mim*.

Os presentes no funeral aplaudiram entusiasticamente. Estava na altura de ir para o bar.

Depois disso, não houve muito mais. Infelizmente, a sua morte imaginária não diferia em muito da sua vida. Ocorreu-lhe que «morto de tédio» se calhar não era só uma expressão.

*

– Mr. Pine?

– Walter?

Sentiu uma mão tocar-lhe no ombro.

– Será que devo chamar o médico? – disse a primeira voz.

– Talvez – respondeu a outra.

Abriu os olhos e viu Zott e Rosa de pé ao seu lado.

– Parece que desmaiou – disse Zott.

– Estava tombado para a frente – acrescentou Rosa.

– Tem a pulsação elevada – disse Elizabeth, com os dedos no pulso dele.

– Quer que chame um médico? – voltou a perguntar Rosa.

– Walter, comeu alguma coisa? Quando foi a última vez que comeu?

– Eu estou *bem* – disse Walter em voz rouca. – Deixem-me. – Mas não se sentia muito bem.

– Não almoçou – disse Rosa. – Não tirou nada do carrinho. E sabemos que também não jantou.

– Walter – disse Elizabeth, assumindo o comando. – Leve isto para casa.

– Colocou-lhe uma travessa nas mãos. – É o gratinado de espinafres que acabei de fazer. Ponha-o no forno a 180 graus durante quarenta minutos. É capaz de fazer isso?

– Não – disse ele, endireitando-se. – Não sou. De qualquer modo, a Amanda detesta espinafres, por isso, mais uma vez NÃO.

Depois apercebeu-se de que parecia uma criança petulante e virou-se para a mulher dos cabelos e maquilhagem (como é que ela se chamava?).

– Peço desculpa por a ter preocupado – misturou uma série de nomes próprios entre dentes –, mas estou perfeitamente bem. Uma boa noite.

Para provar que estava bem, levantou-se da cadeira e dirigiu-se ao seu gabinete com passo incerto. Esperou que ambas saíssem antes de deixar também o edifício. No entanto, quando chegou ao parque de

estacionamento, encontrou o gratinado em cima do *capot* do carro. *Levar ao forno a 180 graus durante 40 minutos*, dizia o bilhete.

Quando chegou a casa, e só porque estava cansado, meteu o raio da travessa no forno e, pouco depois, sentou-se para jantar com a filha.

Três garfadas depois, Amanda declarou que nunca tinha comido nada tão bom em toda a sua vida.

CAPÍTULO 27

Tudo sobre mim

MAIO DE 1960

— **M**eninos e meninas – disse a professora Mudford na primavera seguinte – vamos começar um novo projeto. Chama-se «Tudo Sobre Mim».

Mad suspirou.

– Por favor, peçam à vossa mãe que preencha isto. Chama-se uma árvore genealógica. Aquilo que ela escrever nesta árvore vai ajudar-vos a saber mais sobre uma pessoa muito importante. Quem sabe que pessoa é essa? Aqui fica uma dica: a resposta está no *título* do nosso novo projeto, Tudo Sobre Mim.

As crianças estavam sentadas num semicírculo desorganizado aos pés de Mrs. Mudford, com os queixos apoiados nas mãos.

– Quem quer tentar adivinhar? – incentivou a professora. – Sim, Tommy.

– Quero ir à casa de banho.

– *Posso* ir à casa de banho, e não, Tommy, não podes. Estamos quase a sair.

– O presidente – disse Lena.

– *Será* o presidente? – corrigiu Mrs. Mudford. – E não, está errado, Lena.

– Será a Lassie? – disse Amanda.

– Não, Amanda. É uma árvore genealógica, não é um canil. Estamos a falar de *pessoas*.

– As pessoas são animais – disse Madeline.

– Não são nada, Madeline – retorquiu Mrs. Mudford, com ar altivo. – As pessoas são seres humanos.

– É o Urso Yogi? – perguntou outra criança.

– *Será* o Urso Yogi? – corrigiu a professora com irritação. – Claro que não. Uma árvore genealógica não tem ursos, e muito menos personagens da televisão. Somos pessoas!

– Mas as pessoas são animais – insistiu Madeline.

– Madeline – disse Mrs. Mudford em tom cortante. – Já chega!

– Nós somos animais? – perguntou Tommy a Madeline de olhos muito abertos.

– NÃO, NÃO SOMOS! – gritou a professora.

Mas Tommy já tinha enfiado os dedos nas axilas e começou aos saltos pela sala de aula, aos gritos como um chimpanzé.

– IH IH! – guinchou para as outras crianças, metade das quais se juntou de imediato ao coro. – IH IH UH UH! IH IH UH UH!

– PARA JÁ COM ISSO, TOMMY! – berrou Mrs. Mudford. – PAREM TODOS! SE NÃO QUEREM IR TODOS AO GABINETE DO DIRETOR, PAREM IMEDIATAMENTE! – E a aspereza da sua voz, aliada à ameaça de uma autoridade superior, fez com que as crianças retomassem os seus lugares no chão. – Bom! – disse ela secamente. – Como eu estava a dizer, vão aprender coisas novas sobre uma pessoa muito importante. Uma PESSOA – sublinhou, com um olhar furioso para Madeline. – Quem será esta PESSOA?

Ninguém se mexeu.

– *quem?* – insistiu ela.

Alguns dos alunos abanaram a cabeça.

– Ora, são VOCÊS, meninos! – exclamou ela, zangada.

– O quê? Porquê? – perguntou Judy, um pouco alarmada. – O que é que eu fiz?

– Não sejas burra, Judy – disse Mrs. Mudford. – Por amor de Deus.

– A minha mãe diz que não dá nem mais um tostão a esta escola – disse um rapaz de ar encardido, chamado Roger.

– Mas quem é que falou em dinheiro, Roger? – guinchou a professora.

– Posso ver a árvore? – pediu Madeline.

– Posso ver a árvore, *se faz favor?* – troou Mrs. Mudford.

– Se faz favor? – perguntou Madeline.

– NÃO, NÃO PODES – berrou a professora, e dobrou o papel em quatro, como se isso o tornasse à prova de Madeline. – Esta árvore não é para *ti*, Madeline; é para a tua *mãe*. Muito bem, meninos – disse, tentando

encontrar forma de recuperar o controlo –, organizem-se em fila indiana. Eu vou prender o papel à vossa camisola. Depois podem sair.

– A minha mãe não quer que me preguem mais coisas à roupa com alfinetes – queixou-se Judy. – Ela diz que tenho a roupa cheia de buracos.

A tua mãe é uma cabra mentirosa, era o que Mrs. Mudford queria dizer, mas o que disse foi:

– Não há problema, Judy, eu agrafo o teu.

Uma a uma, as crianças deixaram a professora afixar o papel às camisolas e depois dirigiram-se à porta onde, no instante em que ultrapassavam a ombreira, adquiriam a velocidade de um pônei que passara horas preso.

– *Tu não*, Madeline – disse. – Tu ficas aqui.

*

– Deixa-me lá ver se percebi – disse Harriet, depois de Mad lhe revelar o motivo do seu atraso. – Tiveste de ficar para trás porque disseste à professora que as pessoas são animais? Porque é que disseste uma coisa dessas, minha querida? Não é muito simpático.

– Não? – perguntou Madeline, confusa. – Mas porquê? Nós *somos* animais.

Harriet perguntou a si própria se Mad teria razão; as pessoas *eram* animais? Não tinha a certeza.

– O que quero dizer – respondeu –, é que às vezes é melhor não discutir. A tua professora merece respeito e às vezes isso significa concordar com ela, mesmo quando não estás de acordo. É assim que funciona a diplomacia.

– Pensei que diplomacia era ser simpático.

– É isso mesmo.

– Mesmo que ela nos esteja a dizer coisas erradas?

– Sim.

Madeline mordeu o lábio.

– Tu às vezes também cometes erros, não é? E não gostavas que alguém te corrigisse em frente de uma data de pessoas, pois não? Se calhar Mrs. Mudford estava embaraçada.

– Não parecia embaraçada. E não é a primeira vez que nos transmite informação errada. A semana passada, disse que foi Deus que criou a Terra.

– Muitas pessoas acreditam nisso – disse Harriet. – Não tem mal nenhum acreditar nisso.

– Tu acreditas?

– Mostra lá o que trazes aí – disse ela rapidamente, tirando o papel preso à camisola de Madeline.

– É um projeto de uma árvore genealógica – disse Madeline, colocando a lancheira na bancada. – A minha mãe tem de a preencher.

– Não gosto destas coisas – resmungou Harriet enquanto estudava o carvalho mal desenhado, com os ramos a exigirem os nomes de familiares vivos, mortos ou perdidos, relacionados entre si por casamento, nascimento ou azar. – Mulherzinha bisbilhoteira. Por acaso não mandou também uma ordem judicial?

– Devia ter mandado? – perguntou Madeline, assombrada.

– Sabes o que eu acho? – disse Harriet, voltando a dobrar o papel. – Acho que estas árvores são uma tentativa estúpida para que uma pessoa sinta que é alguém à custa dos outros. Normalmente, acarreta uma invasão de privacidade. A tua mãe vai perder a cabeça. Se fosse a ti, nem lhe mostrava isto.

– Mas eu não sei nenhuma das respostas. Não sei nada sobre o meu pai. – Pensou no bilhete que a mãe lhe deixara na lancheira essa manhã. *A bibliotecária é a educadora mais importante da escola. Aquilo que ela não souber, consegue encontrar. Isto não é uma opinião, é um facto. Não partilhes este facto com Mrs. Mudford.*

Porém, quando ela perguntara à bibliotecária da escola se podia mostrar-lhe alguns anuários de Cambridge, a mulher franzira a testa e dera-lhe a revista infantil *Highlights* do mês passado.

– Sabes muita coisa sobre o teu pai – disse Harriet. – Por exemplo, sabes que os pais do teu pai... os teus avós... morreram colhidos por um comboio quando ele era pequeno. E que ele ficou a viver com a tia até esta ir contra uma árvore. E que depois foi viver para um lar de rapazes em... não me lembro do nome, mas era um nome feminino. E que o teu pai tinha uma espécie de madrinha, embora as madrinhas não pertençam às árvores genealógicas.

*

Assim que mencionou a madrinha, Harriet arrependeu-se de o ter feito. Só sabia disso porque era uma bisbilhoteira e mesmo assim era evidente que não se tratava de uma madrinha a sério, mais de uma fada madrinha. E

só sabia de tudo isto porque um dia, muito antes de ter conhecido sequer Elizabeth, Calvin saíra à pressa para o trabalho e deixara a porta de casa escancarada, e Harriet, como boa vizinha que era, decidira ir fechá-la.

Naturalmente, como era também o tipo de pessoa que ia sempre além da sua obrigação, entrara para se certificar de que a casa não fora assaltada. Uma visita autoguiada minuciosa assegurou-lhe que não acontecera absolutamente nada nos quarenta e seis segundos passados desde a saída de Calvin.

Contudo, depois de estar lá dentro, Harriet descobrira várias coisas. Primeiro, que Calvin Evans era um cientista importante de alguma espécie, pois estava na capa de uma revista. Segundo, que era muito desarrumado. Terceiro, que crescera em Sioux City num lar para rapazes com um nome esquisito e de conotações religiosas. Só sabia disso porque vira um papel amachucado no lixo – um papel que apanhara, porque quem é que nunca deitara fora sem querer, uma vez ou outra, algo que na realidade tencionava guardar? Segundo a carta, o lar precisava de dinheiro. Tinham perdido o principal dador – alguém que garantira que os rapazes tinham «oportunidades educativas científicas e atividades salutareis no exterior». O lar estava agora a procurar a ajuda de antigos residentes. Talvez Calvin Evans pudesse ajudar? *Diga sim! Doe hoje mesmo ao Lar para Rapazes de Todos os Santos!* A resposta dele estava também no caixote do lixo. Basicamente, dizia: como se atrevem, vão à merda, deviam estar todos presos.

*

– O que é uma madrinha? – quis saber Madeline.

– Uma amiga próxima da família ou uma parente – disse Harriet, afastando a recordação. – Alguém que, supostamente, cuida da vida espiritual dos afilhados.

– Eu tenho uma?

– Uma madrinha?

– Uma vida espiritual.

– Oh – disse Harriet. – Não sei. Acreditas em coisas que não se veem?

– Gosto de truques de magia.

– Eu não – disse Harriet. – Detesto ser enganada.

– Mas acreditas em Deus.

- Bom... sim.
- Porquê?
- Porque sim. A maioria das pessoas acredita.
- A minha mãe não acredita.
- Eu sei – disse Harriet, tentando disfarçar a desaprovação.

Harriet achava que era errado não acreditar em Deus. Era uma falta de humildade. Na sua opinião, acreditar em Deus era tão obrigatório como lavar os dentes ou usar roupa interior. Com certeza que todas as pessoas decentes acreditavam em Deus – até pessoas indecentes, como o marido dela, acreditavam em Deus. Era por causa de Deus que eles ainda estavam casados e que Harriet tinha de suportar o fardo do matrimónio – porque fora Deus que lho atribuíra. Deus gostava muito de distribuir fardos, e fazia questão de que toda a gente tivesse o seu. Além disso, quem não acreditava em Deus também não podia acreditar no Céu nem no Inferno, e ela queria muito acreditar no Inferno porque queria muito acreditar que Mr. Sloane iria lá parar. Levantou-se.

- Onde está a tua corda? Acho que está na hora de ires treinar os teus nós.
- Já os sei fazer todos – disse Mad.
- Consegues fazê-los de olhos fechados?
- Sim
- E com as mãos atrás das costas, consegues?
- Sim.

Harriet fingia apoiar os passatempos esquisitos de Mad, mas a verdade é que não os apoiava. A menina não gostava de Barbies nem de jogar às cinco pedrinhas – gostava de nós e de livros sobre guerra e desastres naturais. No dia anterior, ouvira Madeline a fazer perguntas à bibliotecária local sobre o vulcão Krakatoa – quando é que ela achava que podia entrar de novo em erupção? Como avisariam os residentes? Quantas pessoas morreriam, mais ou menos?

Harriet virou-se e viu Madeline a olhar para a árvore genealógica, com os grandes olhos cinzentos a observarem os ramos vazios enquanto mordida o lábio inferior. Calvin também estava sempre a morder o lábio. Esse tipo de coisas seria transmitido pelos genes? Não tinha a certeza. Harriet tivera quatro filhos, cada um completamente diferente dos outros e todos completamente diferentes dela. E agora? Eram todos estranhos, cada um a viver numa cidade distante, com as suas próprias vidas e as suas próprias

famílias. Ela queria pensar que havia algum elo inquebrável que a ligava a eles para sempre, mas não era assim que funcionava. As famílias requeriam manutenção constante.

– Tens fome? – perguntou Harriet. – Queres queijo? – Enfiou o braço no frigorífico enquanto Madeline tirava um livro da mochila da escola. *Cinco anos com os canibais do Congo*.

Harriet olhou para ela por cima do ombro.

– Querida, a tua professora sabe que estás a ler isso?

– Não.

– Não lhe digas.

Esta era outra área em que ela e Elizabeth ainda não estavam de acordo: a leitura. Há quinze meses, Harriet partira do princípio de que Madeline estava apenas a fingir que lia. As crianças adoravam imitar os pais. Mas depressa se tornou óbvio que não só Elizabeth ensinara Madeline a ler, mas também a ler coisas altamente complexas: jornais, romances, a revista *Popular Mechanics*.

Harriet considerou a possibilidade de a criança ser um génio, tal como o pai. Mas não. Mad era apenas bem ensinada, graças à mãe. Elizabeth pura e simplesmente recusava-se a aceitar limites, não só para si mesma, mas também para os outros. Cerca de um ano depois da morte de Mr. Evans, Harriet encontrara alguns apontamentos na secretária de Elizabeth que pareciam sugerir que ela estava a tentar ensinar a *Seis e Meia* um número ridículo de palavras. Na altura, Harriet atribuíra esse empreendimento a uma loucura temporária causada pelo desgosto. Mas um dia, quando Mad tinha três anos, perguntou se alguém sabia do seu ioiô e, um minuto depois, *Seis e Meia* largou-o no colo dela.

O programa *Jantar às Seis* tinha esse mesmo elemento de impossibilidade. Elizabeth começava em cada programa por afirmar em tom insistente que cozinhar não era fácil e que os próximos trinta minutos podiam ser muito complicados.

– Cozinhar não é uma ciência exata – dissera Elizabeth no dia anterior. – O tomate que tenho na mão é diferente do tomate que vocês têm na mão. É por isso que temos de nos envolver com os ingredientes. Façam experiências: provem, toquem, cheirem, observem, oiçam, testem, avaliem.

Depois conduziu as espectadoras por uma descrição elaborada das decomposições químicas que, quando induzidas através da combinação de

vários ingredientes distintos, de forma específica, a uma dada temperatura, resultariam numa complicada mistura de interações enzimáticas que acabariam por levar a algo bom para comer. Falava muito de ácidos e bases e iões de hidrogénio, e, após semanas a ouvir estas coisas, curiosamente, Harriet já começava a perceber algumas.

Ao longo de todo o processo, Elizabeth, muito séria, dizia às espectadoras que elas estavam à altura deste desafio complexo, que sabia que eram pessoas capazes e desembaraçadas e que acreditava nelas. Era um programa muito estranho. Não se podia dizer que fosse divertido. Era mais como escalar uma montanha. Uma pessoa sentia-se bem, mas só depois de chegar ao fim.

De qualquer maneira, ela e Madeline viam *Jantar às Seis* todos os dias, juntas, de respiração suspensa, certas de que cada novo episódio seria o último.

*

Madeline abria o livro e estava a estudar uma gravura de um homem a roer o fémur de outro.

– As pessoas sabem bem?

– Não sei – disse Harriet, enquanto lhe colocava à frente uns cubos de queijo. – Acredito que o segredo esteja na preparação. Aposto que a tua mãe conseguiria fazer com que qualquer pessoa soubesse bem. – *Exceto Mr. Sloane*, pensou. *Porque ele é podre.*

Madeline acenou com a cabeça.

– Toda a gente gosta dos cozinhados da minha mãe.

– Toda a gente?

– Os miúdos da escola – disse Madeline. – Alguns agora trazem o mesmo almoço que eu.

– A sério? – perguntou Harriet, surpreendida. – Restos? Do jantar da véspera?

– Sim.

– As mães deles veem o programa da tua mãe?

– Acho que sim.

– *A sério?*

– *Sim* – disse Madeline com ênfase, como se Harriet fosse de compreensão lenta.

Harriet partira do princípio de que *Jantar às Seis* tinha audiências fracas, e Elizabeth confirmara-o quando lhe confidenciara que os seus seis meses à experiência estavam quase a acabar, que fora uma batalha constante e que tinha quase a certeza de que o contrato não seria renovado.

– Mas com certeza que podia ceder um bocadinho? – perguntara Harriet, tentando não parecer desesperada. Adorava ver Elizabeth na televisão. – Talvez possa tentar sorrir.

– Sorrir? – respondera Elizabeth. – Os cirurgiões sorriem enquanto fazem uma apendicectomia? Não. E gostaria que eles sorrissem enquanto a operavam? Não. Para cozinhar, tal como para fazer cirurgia, é preciso concentração. Seja como for, o Phil Lebensmal quer que eu aja como se estivesse a falar com imbecis. Recuso-me a fazer isso, Harriet. Recuso-me a perpetuar o mito de que as mulheres são incompetentes. Se me despedirem, paciência. Farei outra coisa qualquer.

Mas nada que lhe pagasse tão bem, pensou Harriet. Graças ao dinheiro da televisão, Elizabeth fora fiel à sua palavra: agora estava a pagar a Harriet. Era a primeira vez que Harriet recebia um salário, e mal conseguia acreditar em como isso a fazia sentir-se poderosa.

– Sabe que concordo consigo – disse Harriet, escolhendo as palavras com cuidado –, mas talvez pudesse apenas fingir que faz o que eles querem. Sabe, entrar no jogo.

Elizabeth inclinou a cabeça para o lado.

– Entrar no jogo?

– Sabe o que quero dizer – continuou Harriet. – É uma mulher inteligente. E isso pode ser desconfortável para Mr. Pine, ou para esse tal de Lebensmal. Já sabe como são os homens.

Elizabeth pensou nisso. Não, não sabia como eram os homens. À exceção de Calvin, de John, o seu irmão morto, do doutor Mason e talvez de Walter Pine, a verdade é que sempre lhe parecera que trazia ao de cima o lado pior dos homens. Ou queriam controlá-la, ou tocar-lhe, ou dominá-la, ou silenciá-la, ou corrigi-la ou dizer-lhe o que devia fazer. Não compreendia por que raio não podiam simplesmente tratá-la como um ser humano igual a eles, uma colega, uma amiga, até mesmo uma desconhecida no meio da rua, alguém a quem se demonstra automaticamente respeito até descobrir que a pessoa tem uma data de cadáveres enterrados no quintal.

Harriet era a sua única amiga verdadeira e concordavam na maior parte das coisas, mas esta era uma daquelas em que não estavam de acordo. Segundo Harriet, os homens eram um mundo à parte das mulheres. Tinham de ser mimados, possuíam egos frágeis, não conseguiam admitir a inteligência ou competência de uma mulher se fosse superior à deles.

– Harriet, isso é ridículo – argumentara Elizabeth. – Tanto os homens como as mulheres são seres humanos. E, enquanto seres humanos, somos produto da nossa educação, vítimas dos nossos sistemas educativos deficientes e escolhemos os nossos próprios comportamentos. Em suma, a redução das mulheres a algo *menos* do que os homens, e a elevação dos homens a algo *mais* do que as mulheres, não é biológica: é cultural. E começa por duas palavras: azul e rosa. A partir daí, é uma espiral descontrolada.

Por falar em sistemas educativos deficientes, ainda na semana anterior fora chamada à escola pela professora Mudford para discutir um problema relacionado: ao que parecia, Madeline recusava-se a participar nas atividades das meninas, como brincar às casinhas.

– A Madeline quer fazer coisas mais adequadas aos meninos – dissera Mudford. – Não está correto. É evidente que a senhora acredita que o lugar das mulheres é em casa, com o seu – pigarreou – *programa televisivo*. Portanto, fale com ela. Esta semana, quis participar na patrulha de segurança.

– E qual é o problema?

– Só os rapazes participam na patrulha de segurança. Os rapazes protegem as meninas. Porque são maiores.

– Mas a Madeline é a mais alta da turma.

– Esse é outro problema – disse Mudford. – Os rapazes sentem-se mal por causa da altura dela.

*

– Portanto, não, Harriet – disse Elizabeth em tom cortante, regressando ao assunto. – *Não vou entrar no jogo*.

Harriet limpou um pedacinho de sujidade da unha enquanto Elizabeth se insurgia sobre as mulheres que aceitavam as suas posições subordinadas como se estas estivessem predeterminadas, como se acreditassem que um corpo mais pequeno era uma indicação biológica de cérebro mais pequeno,

como se fossem naturalmente inferiores mas de uma forma encantadora. Pior ainda, explicou Elizabeth, muitas destas mulheres transmitiam essas ideias aos filhos, com expressões como «Os rapazes são mesmo assim» ou «Já se sabe como são as meninas».

– O que é que se passa com as mulheres? – quis saber Elizabeth. – Porque é que se deixam levar por estes estereótipos culturais? Pior, porque é que os perpetuam? Não têm noção do papel feminino dominante nas tribos escondidas da Amazónia? Deixou de se publicar Margaret Mead?

Só parou quando Harriet se levantou, indicando que não queria ser sujeita nem a mais uma palavra não-condensada.

*

– Harriet. *Harriet* – repetiu Madeline. – Estás a ouvir? Harriet, o que é que te aconteceu? Morreste também?

– Quem é que morreu? – perguntou Harriet distraidamente, enquanto pensava que nunca lera nada de Margaret Mead. Não fora ela que escrevera *E Tudo o Vento Levou*?

– A madrinha.

– Oh, ela – disse. – Não faço ideia. De qualquer maneira, ela... ou ele... não era tecnicamente uma madrinha.

– Mas disseste...

– Era uma *fada* madrinha... alguém que deu dinheiro ao lar onde o teu pai estava. Era o que eu queria dizer. *Fada* madrinha. E ela... pode muito bem ter sido um homem, na verdade... ele *ou* ela deu o dinheiro para todos os meninos do lar, não foi só para o teu pai.

– Quem era?

– Não faço ideia. Que importa? Uma fada madrinha é apenas outra maneira de dizer filantropo. Uma pessoa rica que dá dinheiro a causas... como o Andrew Carnegie e as suas bibliotecas. Já agora, a filantropia dá isenção fiscal, portanto não é um gesto totalmente altruísta. Tens mais algum trabalho de casa, Mad? Além do raio da árvore?

– Talvez eu pudesse escrever uma carta para o lar onde o meu pai esteve e perguntar quem era o padrinho. Depois podia pôr esse nome na árvore... talvez numa bolota. Não era preciso ser um ramo inteiro.

– Não. Não há bolotas nas árvores genealógicas. Além disso, as fadas madrinhas... os filantropos... são pessoas discretas; o lar nunca te vai dizer

quem é que abriu os cordões à bolsa. E, em terceiro lugar, não se diz fadas padrinhos. A expressão é sempre no feminino.

– Por causa do crime organizado? – quis saber Madeline.

Harriet suspirou, num misto de assombro e irritação.

– A questão é que as fadas madrinhas não vão para as árvores genealógicas. Primeiro, porque não são parentes de sangue, e segundo porque são pessoas discretas. Têm de ser, caso contrário toda a gente estaria sempre a pedir-lhes dinheiro.

– Mas guardar segredos é errado.

– Nem sempre.

– Tens algum segredo?

– Não – mentiu Harriet.

– Achas que a minha mãe tem?

– Não – disse Harriet, e agora estava a ser sincera.

Como desejava que Elizabeth *guardasse* alguns segredos – ou pelo menos opiniões – para si própria.

– Muito bem, vamos lá então preencher esta árvore com uma salgalhada qualquer. A tua professora sabe lá se é verdade ou não, e depois podemos ir ver o programa da tua mãe.

– Queres que eu *mint*a?

– Mad – disse Harriet, irritada. – Eu falei em mentir?

– As fadas não têm sangue?

– Claro que as fadas têm sangue! – exclamou Harriet em voz aguda. Levou a mão à testa. – Vamos deixar isto para depois. Vai brincar lá para fora.

– Mas...

– Vai jogar à bola com o *Seis e Meia*.

– Também tenho de levar uma fotografia, Harriet – acrescentou Madeline.

– Com a família toda.

Debaixo da mesa, *Seis e Meia* pousou a cabeça nos joelhos ossudos da menina.

– A família *toda* – sublinhou Madeline. – Isso significa que também tem de incluir o meu pai.

– Não tem nada.

Seis e Meia levantou-se e dirigiu-se ao quarto de Elizabeth.

– Se não queres ir jogar à bola com o *Seis e Meia*, vão os dois à biblioteca. Os teus livros já deviam ter sido devolvidos. Ainda tens tempo de ir e vir antes do programa da tua mãe.

– Não me apetece.

– Bom, às vezes temos de fazer coisas sem nos apetecer.

– O que é que tu fazes sem te apetecer?

Harriet fechou os olhos. Imaginou Mr. Sloane.

CAPÍTULO 28

Santos

— **M**adeline – disse a bibliotecária da cidade. – Em que posso ajudar-te hoje?

– Preciso de encontrar a morada de um sítio no Iowa.

– Vem comigo.

A bibliotecária conduziu Madeline através do labirinto de corredores da biblioteca, com uma breve pausa para ralhar com um leitor por estar a dobrar os cantos das páginas para as marcar, e com outro por ter os pés em cima da cadeira do lado.

– Isto é a Biblioteca Carnegie! – exclamou num sussurro furioso. – Posso bani-lo para sempre!

Depois mostrou a Madeline uma prateleira com listas telefónicas.

– Aqui em cima, Madeline – disse. – Iowa, foi o que disseste, certo? – Levantou a mão e tirou três volumes grossos. – Alguma cidade específica?

– Estou à procura de um lar para rapazes – explicou Madeline –, mas numa cidade com um nome feminino. É tudo o que sei.

– Vamos precisar de mais dados – disse a bibliotecária. – O Iowa não é pequeno.

– Eu apostaria em Sioux City – disse uma voz atrás deles.

– Sioux não é um nome feminino – disse a bibliotecária, e virou-se. – É um nome índio... oh, olá, reverendo. Peço desculpa... esqueci-me de procurar o livro que me pediu. Vou já tratar disso.

– Mas pode ser confundido com um nome feminino, não pode? – disse o homem de vestes escuras. – Sioux soa como Sue, quase. Uma criança podia cometer esse erro.

– Esta criança não – respondeu a bibliotecária.

– Não está aqui – disse Madeline quinze minutos depois, com o dedo a chegar ao fim da coluna do «L». – Não há nenhum Lar para Rapazes.

– Oh – disse o reverendo do outro lado da mesa da biblioteca –, devia ter mencionado... às vezes esses sítios têm nome de santos.

– Porquê?

– Porque as pessoas que cuidam dos filhos dos outros são santos.

– Porquê?

– Porque cuidar de crianças é difícil.

Madeline revirou os olhos.

– Experimenta São Vicente – disse ele, alargando o colarinho clerical com o dedo para deixar entrar um pouco de ar.

– O que está a ler? – perguntou Madeline enquanto folheava a lista telefónica.

– Coisas religiosas – disse ele. – Sou sacerdote.

– Não, estava a falar da outra coisa... isso – disse, apontando para uma revista que ele tinha escondido entre as páginas das escrituras.

– Oh – disse ele, envergonhado. – Isto é só porque... porque é engraçado.

– Revista *Mad* – leu ela em voz alta, arrancando-a ao seu esconderijo.

– É humor – explicou o reverendo, e tirou-lha rapidamente das mãos.

– Posso ver?

– Acho que a tua mãe não gostaria.

– Por ter pessoas nuas?

– Não! – exclamou ele. – Não, não... não é nada desse género. É só porque às vezes preciso de rir um bocadinho. Não há muito humor no meu trabalho.

– Porquê?

O reverendo hesitou.

– Porque Deus não é muito engraçado, acho eu. Porque é que estás à procura de um lar de rapazes?

– Foi onde o meu pai cresceu. Estou a fazer uma árvore genealógica.

– Compreendo – disse ele, com um sorriso. – Bom, uma árvore genealógica parece ser muito divertido.

– Isso é contestável.

– *Contestável*?

– Significa que é discutível.

– Pois significa – disse ele, surpreendido. – Importas-te que pergunte quantos anos tens?

– Não tenho autorização para divulgar informações privadas.

– Oh! – exclamou ele, muito corado. – Claro que não. Muito bem.

Madeline roeu a borracha.

– Seja como for – continuou o sacerdote –, é divertido descobrir mais coisas sobre os nossos antepassados, não é? Eu acho que sim. O que é que tens, até agora?

– Bem – disse Mad, a abanar as pernas debaixo da mesa –, do lado da minha mãe, o pai dela está preso por ter queimado umas pessoas num incêndio, a mãe dela está no Brasil por causa dos impostos e o irmão dela está morto.

– Oh...

– Do lado do meu pai ainda não tenho nada. Mas estou a pensar que as pessoas do lar de rapazes são uma espécie de família.

– Como assim?

– Porque cuidaram dele.

O reverendo esfregou a nuca. Na sua experiência, estes lares estavam cheios de pedófilos.

– *Santos*, como estava a dizer – recordou-lhe ela.

Ele suspirou para si próprio. O problema de ser sacerdote era quantas vezes por dia tinha de mentir, porque as pessoas precisavam de garantias constantes de que estava tudo bem, ou ia ficar tudo bem, em vez da realidade, mais óbvia, de que as coisas eram más e só iam piorar. Ainda na semana anterior presidira a um funeral – um dos seus congregantes morrera de cancro do pulmão – e a sua mensagem para a família, em que todos fumavam também que nem chaminés, fora que o homem morrera, não por fumar quatro maços por dia, mas porque Deus precisava dele. Os familiares, todos eles de cigarro entre os dedos, agradeceram-lhe pela sua sabedoria.

– Mas porque queres escrever para o lar? – indagou. – Porque não perguntas diretamente ao teu pai?

– Porque ele também morreu. – Suspirou.

– Meu Deus! – O reverendo abanou a cabeça. – Lamento muito.

– Obrigada – disse Madeline com ar sério. – Há quem ache que não podemos sentir falta do que nunca tivemos, mas eu acho que podemos. E o

senhor?

– Sem dúvida – disse ele, tocando na nuca até encontrar a pequena madeixa de cabelo ligeiramente mais comprida. Durante a visita a um amigo em Liverpool, tinham ido ver o concerto de um novo grupo musical chamado The Beatles. Eram britânicos e tinham franja. Era quase inédito, homens de franja, mas o sacerdote dera por si a gostar quase tanto do visual dos rapazes como gostara da sua música.

– O que procura aí? – quis saber ela, apontando para o livro.

– Inspiração – respondeu ele. – Alguma coisa que toque nos espíritos das pessoas para o sermão de domingo.

– Podia falar sobre fadas madrinhas.

– Fadas...

– O lar do meu pai tinha uma fada madrinha. Ela deu dinheiro ao lar.

– Oh – disse ele. – Acho que estás a falar de um dador. O lar deve ter tido vários. É preciso muito dinheiro para gerir esse tipo de instituições.

– Não – disse ela. – Estou a falar de uma fada madrinha. Acho que é preciso ser um bocadinho mágico para dar dinheiro a pessoas que nem sequer se conhece.

O reverendo sentiu outra pontada de surpresa.

– É verdade – admitiu.

– Mas a Harriet diz que ganhar um ordenado é melhor. Ela não gosta de magia.

– Quem é a Harriet?

– A minha vizinha. É católica. Não pode divorciar-se. A Harriet acha que eu devia encher a árvore genealógica com uma salganhada qualquer, mas eu não quero. Faz-me sentir que há alguma coisa errada com a minha família.

– Bem – disse o reverendo cuidadosamente, enquanto pensava que, ao que parecia, havia várias coisas erradas com a família desta criança –, a Harriet se calhar quer apenas dizer que há coisas que são privadas.

– Quer dizer secretas.

– Não, quero dizer privadas. Por exemplo, perguntei-te quantos anos tinhas e tu respondeste, e muito bem, que era uma informação privada. Não é segredo; simplesmente não me conheces bem o suficiente para me dizeres. Mas um segredo é algo que escondemos porque existe a possibilidade de alguém o poder usar contra nós, ou de nos fazer sentir mal. Os segredos envolvem geralmente coisas de que nos envergonhamos.

– Tem algum segredo?
– Sim – admitiu ele. – E tu?
– Eu também – disse ela.
– Estou certo de que toda a gente tem segredos – continuou ele. – Principalmente as pessoas que dizem que não têm. É impossível viver a vida inteira sem nada que nos envergonhe ou embarace.

Madeline assentiu com um aceno.

– Seja como for, as pessoas pensam que sabem mais sobre si próprias com base nestes ramos disparatados cheios de nomes de familiares que nunca conheceram. Por exemplo, conheço alguém que se orgulha muito de ser descendente direto de Galileu, e outra pessoa que consegue seguir as raízes familiares até ao *Mayflower*. Ambos falam sobre a sua linhagem como se isso lhes desse *pedigree*, mas não dá. Não são os nossos parentes que nos podem tornar importantes ou inteligentes. Não são eles que fazem de nós a pessoa que *somos*.

– Então o que é que faz de mim a pessoa que sou?
– Aquilo que escolhes fazer. A forma como vives a tua vida.
– Mas há muitas pessoas que não podem escolher como viver a sua vida. Os escravos, por exemplo.

– Bem – disse o reverendo, mortificado pela sabedoria simples desta criança. – Isso também é verdade.

Ficaram em silêncio alguns momentos, enquanto Madeline deslizava o dedo pelas páginas da lista telefónica e o reverendo pensava em comprar uma guitarra.

– De qualquer maneira – disse ele, por fim –, acho que as árvores genealógicas não são uma maneira muito inteligente de conhecermos as nossas raízes.

Madeline ergueu os olhos para ele.

– Ainda há pouco disse que seria divertido descobrir coisas sobre os meus antepassados.

– Sim, mas estava a mentir – confessou ele, e ambos se riram. Do outro lado da sala, a bibliotecária ergueu a cabeça num aviso.

– Sou o reverendo Wakely – murmurou ele, e inclinou a cabeça num pedido de desculpas mudo à bibliotecária, que o fitou de sobrolho franzido.

– Da Primeira Igreja Presbiterana.

– Mad Zott – disse Madeline. – *Mad...* como a sua revista.

– Bom, Mad – disse ele, convicto de que Mad seria um nome francês. – Se não encontrares em São Vicente, experimenta em Santo Erasmo... Ou, espera... vê lá em Todos os Santos. É o nome que dão aos sítios quando não se conseguem decidir por um santo só.

– Todos os Santos – disse ela, e virou as páginas. – Todos... Todos... Todos... Espere... aqui está! Lar de Rapazes Todos os Santos! – O seu entusiasmo, porém, não durou muito. – Mas não tem a morada, só um número de telefone.

– Isso é um problema?

– A minha mãe diz que só fazemos telefonemas de longa distância quando morre alguém.

– Bom, talvez eu possa fazer esse telefonema por ti, do meu escritório. Faço muitos telefonemas de longa distância. Posso dizer que estou a ajudar um membro da minha congregação.

– Seria outra mentira. Faz isso muitas vezes?

– Seria uma mentira *inocente*, Mad – disse ele, ligeiramente irritado. Será que ninguém conseguia compreender as contradições do seu trabalho? – Ou então – continuou, em tom mais contundente –, podes seguir o conselho da Harriet e preencher a árvore com salgalhada... o que nem sequer é má ideia. Porque, muitas vezes, o lugar do passado é no passado.

– Porquê?

– Porque o passado é o único sítio que faz sentido.

– Mas o meu pai não está no passado. Continua a ser o meu pai.

– Claro que sim – disse o reverendo, suavizando o tom de voz. – Queria apenas dizer... se eu ligasse para Todos os Santos... que talvez se sentissem mais à vontade em falar comigo por estar também na área da religião. Como tu talvez te sintas mais à vontade a falar sobre as coisas da escola com os teus colegas da escola.

Madeline fitou-o, surpreendida. Nunca, nem por uma vez, se sentira à vontade a falar com os colegas da escola.

– Ou então... já sei – disse ele, que queria agora escapulir-se desta situação. – Pede à tua mãe que ligue. É o marido dela; tenho a certeza de que a ajudariam. Talvez precisem de prova do casamento antes de estarem dispostos a dar-lhe alguma informação significativa... uma certidão, por exemplo... mas não deve ser difícil.

Madeline ficou muito calada e quieta por um instante.

– Pensando melhor – disse então, enquanto escrevia rapidamente duas palavras num pedaço de papel –, aqui está o nome do meu pai. – Depois acrescentou o número de telefone de casa e estendeu-lho. – Quando é que acha que consegue ligar?

O sacerdote olhou para o nome.

– *Calvin Evans*? – disse, endireitando-se na cadeira, surpreendido.

*

Quando estava na Escola de Teologia de Harvard, Wakely foi assistir às aulas de uma cadeira de Química. O seu objetivo: aprender como o lado do inimigo explicava a criação, para poder refutá-la. Porém, ao fim de um ano de química, deu por si numa situação delicada. Graças aos conhecimentos recém-adquiridos sobre átomos, matéria, elementos e moléculas, era-lhe agora difícil acreditar que Deus criara fosse o que fosse. Nem o Céu, nem a Terra. Nem sequer *pizza*.

Como sacerdote de quinta geração, a frequentar uma das escolas de Teologia mais prestigiadas do mundo, isto era um grave problema. Não só por causa das expectativas familiares; por causa também da própria ciência. A ciência insistia em algo que ele raramente encontrava na sua futura área profissional: evidências. E no centro destas evidências encontrava-se um jovem. Chamava-se Calvin Evans.

Evans viera a Harvard participar num painel composto por investigadores de ARN, e Wakely, que não tinha nada melhor para fazer nesse sábado à noite, foi assistir. Evans, que era de longe o mais jovem do painel, praticamente não disse nada. Os outros falaram muito sobre o modo como as ligações químicas se formavam, desfaziam e voltavam a formar após algo a que chamaram uma «colisão eficaz». Francamente, era tudo bastante aborrecido. Contudo, um dos oradores falou demoradamente sobre como a verdadeira mudança só tinha lugar mediante a aplicação de energia cinética. Foi então que alguém no público pediu um exemplo de uma colisão ineficaz – algo que não tivesse energia e nunca mudasse, mas produzisse, ainda assim, um grande efeito. Evans inclinou-se para o microfone.

– A religião – disse.

Depois levantou-se e saiu.

*

Wakely não conseguiu esquecer aquele comentário e, por fim, decidiu escrever a Evans e dizê-lo. Para sua grande surpresa, Evans respondeu – e depois ele respondeu a Evans, e Evans respondeu-lhe, e assim sucessivamente. Embora discordassem, era evidente que simpatizavam um com o outro. E foi por isso que, depois de deixarem para trás os obstáculos da religião e da ciência, as cartas se tornaram mais pessoais. Foi então que descobriram que, não só eram da mesma idade, como tinham duas coisas em comum – um amor quase fanático por desportos aquáticos (Calvin era remador; ele era surfista) e uma obsessão pelo tempo soalheiro. Além disso, nenhum dos dois tinha namorada. Nenhum estava a gostar da universidade. Nenhum sabia bem o que a vida lhe reservava quando concluíssem o curso.

Mas depois Wakely estragara tudo, um dia, ao mencionar que estava a seguir as pegadas do pai e ao sugerir que talvez Evans estivesse a fazer o mesmo. Em resposta, Calvin escrevera, em maiúsculas, que odiava o pai e esperava que ele estivesse morto.

Wakely ficou chocado. Era óbvio que Evans fora muito magoado pelo pai e, conhecendo Evans, este ódio tinha de ter por base a mais cruel de todas as coisas: evidências.

Por várias vezes começara a escrever uma carta de resposta a Evans, mas não sabia o que lhe dizer. Ele. O sacerdote. O tipo que estava de momento a escrever uma tese de Teologia intitulada «A Necessidade de Consolo na Sociedade Moderna.» Não encontrava as palavras.

A amizade por correspondência acabou.

Pouco depois de Wakely concluir o curso, o pai morrera inesperadamente. Regressou a Commons para o funeral e decidiu ficar. Encontrou uma casinha junto à praia, ficou com a congregação do pai, tirou a prancha de *surf* da arrecadação.

Estava lá há alguns anos quando finalmente soube que Evans estava também em Commons. Nem quis acreditar. Quais eram as probabilidades? Porém, antes que conseguisse reunir coragem para retomar o contacto com o seu amigo famoso, Evans morrera num acidente bizarro.

Soube então que andavam à procura de alguém que presidisse à cerimónia fúnebre do cientista. Wakely ofereceu-se para o fazer. Sentia-se compelido a prestar a sua homenagem a uma das poucas pessoas que admirava, a ajudar a guiar o espírito de Evans até um lugar de paz. Além disso, estava curioso. Quem estaria presente? Quem choraria a morte deste homem brilhante?

A resposta: uma mulher e um cão.

*

– Se isso ajudar – acrescentou Madeline –, diga-lhes que o meu pai era remador.

*

Wakely fez uma pausa, recordando o caixão extracomprido.

Tentou reconstruir exatamente o que dissera à jovem mulher que ficou ao lado da campa. *Lamento muito a sua perda?* Provavelmente. Tencionava falar com ela depois da cerimónia, mas antes mesmo que chegasse ao fim da oração final, ela afastou-se, com o cão nos seus calcanhares. Disse a si próprio que a visitaria, mas não sabia o nome dela nem onde morava, e embora não tivesse sido assim tão difícil de descobrir, nunca avançou com isso. Havia algo nela que lhe dera a impressão de que falar sobre a alma de Evans podia tornar as coisas ainda piores.

Depois da cerimónia – e durante meses – não conseguiu tirar da cabeça a brevidade da vida de Evans. Havia tão poucas pessoas que faziam realmente algo importante no mundo – que faziam descobertas capazes de alterar as coisas. Evans passara para além do desconhecido e explorara o Universo de uma forma que a teologia evitava por completo. E, por um breve período de tempo, Wakely sentia ter feito parte disso.

No entanto, isso era o passado e não o presente. Era sacerdote; não precisava de ciência. Aquilo de que *precisava* era de formas mais criativas de dizer às ovelhas do seu rebanho para agirem como pessoas decentes, para deixarem de ser tão maus uns para os outros, para se portarem bem. Assim, no fim, apesar das suas dúvidas, tornara-se reverendo mas continuara a pensar no admirável Evans. E agora, aqui estava esta criança a afirmar ser filha dele. Deus agia mesmo de formas misteriosas.

– Deixa-me ver se percebi – disse. – Estamos a falar do Calvin Evans. O que morreu num acidente rodoviário há cerca de cinco anos.

– Foi por causa de uma trela, mas sim.

– Ah – disse ele. – Mas o mais curioso é que o Calvin Evans não tinha filhos. Na verdade, nem sequer era... – hesitou.

– O quê?

– Nada – disse rapidamente. Era evidente que a menina, ainda por cima, era filha ilegítima. – E o que é isso? – perguntou, apontando para um recorte de jornal amarelecido a espreitar entre as páginas do caderno dela. – Mais alguma parte do projeto?

– Tenho de levar uma fotografia de família – disse ela, e puxou um recorte ainda húmido de saliva de cão. Segurou-o com cuidado, como se fosse um tesouro insubstituível. – É a única em que estamos todos.

Ele desdobrou cuidadosamente a folha de jornal. Era um artigo sobre o funeral de Calvin Evans, e nele havia uma fotografia da mesma mulher e cão, de costas para a câmara, com a devastação bem clara na postura do corpo, enquanto a terra engolia o caixão que o próprio Wakely abençoara. Uma vaga de depressão apoderou-se dele.

– Mas, Mad, como é que isto pode ser uma fotografia de família?

– Bom, essa é a minha mãe – disse Madeline, apontando para as costas de Elizabeth –, e o *Seis e Meia* – continuou, apontando para o cão. – E eu estou dentro da minha mãe, ali – disse, apontando de novo para Elizabeth –, e o meu pai está dentro da caixa.

Wakely passara os últimos sete anos da sua vida a consolar pessoas, mas algo no tom casual com que esta criança falava sobre a sua perda deixou-o totalmente arrasado.

– Mad, preciso que compreendas uma coisa – disse, e reparou, com choque, que as suas próprias mãos apareciam também na fotografia. – As famílias não têm nada que caber em árvores. Talvez porque as pessoas não fazem parte do reino das plantas... fazemos parte do reino animal.

– Exato! – exclamou Madeline. – Era *precisamente* isso que eu estava a tentar dizer à professora Mudford.

– Se fôssemos árvores – acrescentou ele, preocupado com o sofrimento que esta criança teria de suportar ao tentar explicar as suas origens –, talvez fôssemos um pouco mais sensatos. Graças à vida longa, e por aí fora.

E depois apercebeu-se de que Calvin Evans não tivera uma vida muito longa e de que acabara de sugerir, sem querer, que talvez isso fosse por Evans não ter sido muito sensato. Francamente, era um péssimo sacerdote – o pior.

Madeline pensou por um instante no que ele dissera e depois chegou-se para trás.

– Wakely – disse em voz baixa –, agora tenho de ir ver a minha mãe, mas estava aqui a pensar... Consegue guardar um segredo?

– Consigo – respondeu ele, e perguntou a si próprio o que queria ela dizer com «ver a mãe». Estaria a mãe dela doente, internada em algum lado?

Madeline fitou-o atentamente, como se estivesse a tentar determinar se ele estava a mentir outra vez, e depois levantou-se da cadeira, aproximou-se dele e murmurou-lhe algo ao ouvido, tão vigorosamente que ele arregalou os olhos, assombrado. Antes que conseguisse conter-se, pôs a mão em concha à volta da boca, aproximou-a da orelha dela e fez o mesmo. Depois ambos olharam um para o outro, surpreendidos.

– Não é assim tão mau, Wakely – disse Madeline. – A sério.

Contudo, quanto ao segredo dela, Wakely não tinha palavras.

CAPÍTULO 29

Ligações

— Chamo-me Elizabeth Zott, e o nosso programa é *Jantar às Seis*.

De mãos nas ancas, lábios delineados em batom vermelho-tijolo, o cabelo apanhado num simples torcido francês e preso por um lápis número dois, Elizabeth olhou diretamente para a câmara.

— Novidades empolgantes — disse. — Hoje, vamos estudar três tipos diferentes de ligações químicas: iónicas, covalentes e de hidrogénio. Porquê aprender sobre ligações? Porque, depois de o fazer, teremos uma noção das bases da própria vida. Além disso, é o que faz com que os nossos bolos cresçam.

Em casas por todo o Sul da Califórnia, as mulheres pegaram em papel e lápis.

— A ligação química iónica é aquilo a que podemos chamar «os opostos atraem-se» — explicou Elizabeth, saindo de trás da bancada para escrever num quadro montado num cavalete. — Por exemplo, imaginemos que escreveu a sua tese de doutoramento sobre a economia do mercado livre, mas o seu marido é mecânico de profissão. Podem amar-se muito, mas ele provavelmente não está interessado em ouvi-la falar sobre a mão invisível. E com razão, porque sabemos bem que a mão invisível é um disparate libertário.

Olhou para o público, onde várias pessoas tiravam apontamentos, alguns dos quais diziam «Mão invisível: disparate libertário.»

— A questão é que você e o seu marido são completamente diferentes; no entanto, têm, apesar disso, uma forte ligação. O que é ótimo. E é também iónico.

Fez uma pausa e levantou a folha de papel, virando-a por cima do cavalete e revelando uma folha com um esquema diferente.

– Ou talvez o seu casamento seja uma ligação covalente – disse, escrevinhando uma nova fórmula estrutural. – Se assim é, tem muita sorte, porque isso significa que ambos têm forças que, quando combinadas, criam algo ainda melhor. Por exemplo, quando o hidrogénio e o oxigénio se combinam, o que obtemos? Água... ou H_2O , como é mais conhecida. Em muitos aspetos, a ligação covalente não difere de uma festa... uma festa que é ainda melhor graças à tarte que você fez e ao vinho que ele trouxe. A menos que não goste de festas... eu não as aprecio... e nesse caso pode também pensar na ligação covalente como um pequeno país europeu, a Suíça, por exemplo.

Alpes, escreveu rapidamente na folha, + *uma Economia Forte = Toda a Gente Quer Viver Lá.*

Numa sala de estar em La Jola, Califórnia, três crianças discutiam por causa de um camião de brincar, cujo eixo partido estava diretamente adjacente a um arranha-céus de roupa para passar que ameaçava soterrar uma mulher miudinha, com rolos no cabelo e um pequeno bloco nas mãos. *Suíça*, escreveu. *Mudar-me.*

– Isto traz-nos ao terceiro tipo de ligação – disse Elizabeth, apontando para outro conjunto de moléculas –, a ligação de hidrogénio, a mais frágil e delicada de todos. Chamo a esta «amor à primeira vista», porque ambas as partes são atraídas uma para a outra com base unicamente em informação visual: você gosta do sorriso dele, ele gosta do seu cabelo. Mas depois conversam e vem a saber-se que ele é um nazi disfarçado, e que acha que as mulheres se queixam demasiado. *Puf.* Não é preciso mais para esta ligação delicada se quebrar. É assim a ligação de hidrogénio, minhas amigas... um lembrete químico de que, quando algo parece bom de mais para ser verdade, normalmente é mesmo.

Voltou para trás da bancada e, trocando o marcador por uma faca, desferiu um golpe à lenhador sobre uma grande cebola amarela, cortando-a ao meio.

– Hoje é dia de tarte de frango – anunciou. – Vamos começar.

– Estás a ver? – disse uma mulher em Santa Monica, virando-se para a filha de dezassete anos, uma jovem de ar carrancudo, com tanto *eyeliner* que mais parecia ter uma pista de aterragem nos olhos. – O que é que eu te

disse? A tua ligação com aquele rapaz é só de hidrogénio. Quando é que vais abrir os olhos para os iões?

– Outra vez? Por favor.

– Podias ir para a universidade. Podias ser alguém!

– Ele ama-me!

– Ele está a impedir o teu progresso!

– Voltamos depois de um breve intervalo – disse Elizabeth quando o operador de câmara lhe indicou que iam fazer uma pausa publicitária.

Na cadeira de produtor, Walter Pine baixou a cabeça. Depois de muito rastejar, conseguira persuadir Phil Lebensmal a renovar o contrato de Zott por mais seis meses, mas só depois de se ter comprometido a acabar com a ciência e reforçar o lado *sexy*. Desta vez, avisara Phil, o relógio estava mesmo a contar o tempo. Segundo ele, tinham recebido muitas queixas. Walter abordou o assunto com Elizabeth mesmo antes do programa.

– Temos de fazer algumas mudanças – explicou.

Ela ouviu, acenou com a cabeça como se estivesse a pensar cuidadosamente em cada uma das mudanças, e depois disse:

– Não.

A somar a esse problema, Amanda tinha um trabalho estúpido para fazer relacionado com a árvore genealógica, que exigia uma fotografia atual *com* a mamã, apesar de a mamã há muito não fazer parte da fotografia. Pior, a árvore insistia em celebrar a relação biológica entre ele e a filha, uma ligação que não existia e nunca existiria. Claro que Walter planeava dizer a verdade a Amanda, em breve: que a sua mãe não prestava para nada e nunca mais voltaria e que, tecnicamente, ele e ela não tinham qualquer tipo de relação. Os filhos adotados tinham o direito de saber. Estava apenas à espera do momento certo para o fazer. Quando ela fizesse quarenta anos.

*

– Walter – disse Elizabeth enquanto se aproximava dele. – Teve notícias da companhia de seguros? Como sabe, o programa de amanhã debruça-se sobre a combustão e embora eu continue convencida de que não existe perigo significativo, acho que... Walter? – Abanou a mão em frente do rosto dele. – Walter?

– Sessenta segundos, Zott – disse o operador de câmara.

– Não fazia mal ter mais um ou dois extintores à mão. Volto a dizer que prefiro os extintores de gás de nitrogénio aos modelos mais recentes com água e espuma, mas é só a minha opinião; estou certa de que qualquer um estará à altura do trabalho. Walter? Está a ouvir? Responda. – Franziu a testa e dirigiu-se ao palco. – Falamos no próximo intervalo.

Walter virou-se para a ver subir os degraus, com as calças azuis – ela estava de *calças* – de cintura alta. Quem é que pensava que era? A Katherine Hepburn? Lebensmal ia perder a cabeça. Virou-se e chamou a maquilhadora com um gesto.

– Sim, Mr. Pine? – disse Rosa, com as mãos cheias de pequenas esponjas. – Precisa de alguma coisa? O rosto da Zott estava ótimo, já agora. Não estava a transpirar.

Ele suspirou.

– Ela *nunca* transpira – disse. – Apesar de aquelas luzes serem suficientes para fritar um bife, ela nunca transpira. Como é possível?

– É invulgar, de facto – admitiu Rosa.

– E estamos de volta – ouviu Elizabeth dizer na direção da câmara.

– Por favor, só quero um programa normal – murmurou Walter.

– Muito bem – disse Elizabeth aos espectadores em casa –, estou certa de que aproveitaram o nosso curto intervalo para partir as cenouras, o aipo e as cebolas em pequenas unidades distintas, criando assim a superfície necessária para facilitar a absorção do tempero, além de encurtar o tempo de cozedura. Portanto, as coisas devem estar agora com este aspeto – disse, inclinando a frigideira para a câmara. – A seguir, apliquem uma dose generosa de cloreto de sódio...

– Morria se dissesse sal? – sussurrou Walter. – A sério?

– Eu gosto da forma como ela usa palavras de ciência – disse Rosa. – Faz-me sentir... não sei... mais capaz.

– Capaz? – disse ele. – *Capaz*? Mas já ninguém quer sentir-se magra e bonita? E que raio de calças são aquelas? De onde é que apareceram?

– Sente-se bem, Mr. Pine? – perguntou Rosa. – Posso trazer-lhe alguma coisa?

– Sim – respondeu ele. – Cianeto.

Passaram vários minutos, durante os quais Elizabeth conduziu as espectadoras pela composição química de vários outros ingredientes,

explicando, conforme os adicionava ao tacho, que ligações estavam a ser criadas.

– Pronto – disse, e inclinou de novo o tacho para a câmara. – O que temos agora? Uma mistura, que é uma combinação de duas ou mais substâncias puras, na qual cada substância mantém as suas propriedades químicas individuais. No caso da nossa tarte de frango, vejam como as cenouras, ervilhas, cebolas e aipo estão misturados, sem contudo deixarem de ser entidades distintas. Pensem nisso. Uma tarte de frango de sucesso é como uma sociedade que funciona a um nível elevado de eficiência. Vamos chamar-lhe Suécia. Aqui, cada vegetal tem o seu lugar. Nem um pedacinho exige ser mais importante do que os outros. E quando adicionamos as especiarias... alho, tomilho, pimenta e cloreto de sódio... criamos um aroma que não só realça a textura de cada substância, como equilibra também a acidez. O resultado? Creches subsidiadas pelo Estado. Embora a Suécia tenha também os seus problemas, com certeza. No mínimo, cancro da pele. – Viu a indicação do operador de câmara. – Voltamos já, depois desta identificação do canal.

– O quê? – disse Walter, chocado. – O que é que ela disse?

– Creches subsidiadas pelo Estado – respondeu Rosa, enquanto lhe limpava a testa com uma esponja. – Devíamos debater isso nas próximas eleições. – Inclinou-se ao ver uma veia a latejar na testa de Walter. – Oiça, vou buscar-lhe um ácido acetilsalicílico. Vai ajud...

– O que é que *você* disse? – interrompeu ele, afastando a esponja.

– Creches subsidiadas pelo Estado.

– Não, a outra...

– Ácido acetilsalicílico?

– *Aspirina* – corrigiu ele em voz rouca. – Aqui na KCTV, chamamos-lhe *Aspirina*. Aspirina da *Bayer*. Sabe porquê? Porque a *Bayer* é um dos nossos patrocinadores. Sabe, as pessoas que pagam as contas. Diz-lhe alguma coisa? Repita comigo. *Aspirina*.

– Aspirina – disse ela. – Volto já.

– Walter? – disse Elizabeth ao lado dele, sobressaltando-o.

– Por amor de Deus, Elizabeth! – exclamou. – É preciso assustar-me dessa maneira?

– Eu já aqui estava, mas você tinha os olhos fechados.

– Estava a *pensar*.

– Sobre os extintores? Também eu. Três parece-me melhor. Dois seriam suficientes, mas três eliminam quase completamente qualquer possibilidade de tragédia. A rondar os noventa e nove por cento, ou ligeiramente acima.

– Meu Deus. – Estremeceu enquanto limpava as palmas das mãos húmidas às calças. – Isto é um pesadelo? Porque é que não consigo acordar?

– Está a pensar nesse um por cento, não é? – disse Elizabeth. – Não se preocupe. Essa margem ínfima diz respeito essencialmente a catástrofes naturais, aquilo a que se costuma chamar atos de Deus... tremores de terra, tsunâmis... coisas que não temos forma de antecipar porque a ciência ainda não avançou a esse ponto. – Fez uma pausa e endireitou o cinto. – Walter, não acha interessante que as pessoas usem essa expressão, «atos de Deus»? Tendo em conta que a maioria das pessoas quer acreditar que Deus está associado a cordeiros e amor e bebés em manjedouras, e ao mesmo tempo este ser supostamente benevolente fulmina inocentes a torto e a direito, o que indica um problema de controlo de raiva... talvez até transtorno maníaco-depressivo. Numa enfermaria psiquiátrica, um paciente desses seria sujeito a terapia de eletrochoques. Algo que eu não defendo. A terapia de eletrochoques ainda não está de modo algum comprovada. Mas não é interessante que atos de Deus e terapia de eletrochoques tenham tanto em comum? Em termos de serem violentos, cruéis...

– Sessenta segundos, Zott.

– ...implacáveis, bárbaros...

– Céus, Elizabeth, por favor.

– Bom, seja como for, três é melhor. Todas as mulheres deviam saber como extinguir um foco de incêndio. Começaremos pela técnica de abafar, e quando isso falhar passamos ao nitrogénio.

– Quarenta segundos, Zott.

– E que é isso das calças? – perguntou Walter, com os maxilares apertados com tanta força que as palavras mal se percebiam.

– Como assim?

– Sabe o que quero dizer.

– Gosta delas? Calculo que goste. Anda todos os dias de calças, e percebo porquê. São muito confortáveis. Não se preocupe; tenciono dar-lhe todo o crédito.

– Não! Elizabeth, eu *nunca*...

– Aqui tem a Aspirina, Mr. Pine – interrompeu Rosa, surgindo ao lado dele. – E Zott... deixe-me olhar bem para si... ótimo, ótimo... vire a cara para o outro lado... espantoso, de facto. Muito bem, está pronta.

– Zott, dez segundos – disse o operador de câmara.

– Está maldisposto, Walter?

– Viu o trabalho da árvore? – murmurou ele.

– Oito segundos, Zott.

– Está muito pálido, Walter.

– *A árvore de família* – balbuciou ele.

– Dar a mobília? Pensei que tinha dito que eu não podia dar mais nada do cenário.

Elizabeth subiu para o palco e virou-se para a câmara.

– Estamos de volta.

– Não sei o que é que me deu – disse Walter a Rosa com maus modos –, mas não está a fazer nada.

– Demora algum tempo a fazer efeito.

– Tempo é coisa que eu não *tenho* – retorquiu ele. – Dê cá o frasco.

– Já tomou a dose máxima.

– Ah, sim? – disse ele, sacudindo o frasco. – Então explique-me porque é que o frasco não está vazio.

– Agora deem a vossa versão da Suécia – estava Elizabeth a dizer –, para dentro da configuração de amido, lípidos e moléculas proteicas que estenderam antes... a massa da tarte... cujas ligações químicas foram possibilitadas pela utilização da molécula da água, H₂O, e na qual criámos a aliança perfeita entre estabilidade e estrutura.

Fez uma pausa, com as mãos sujas de farinha a apontar para a massa de tarte recheada com vegetais e frango.

– Estabilidade e estrutura – repetiu, olhando para o público em estúdio. – A química é inseparável da vida... pela sua própria definição, a química é vida. Porém, tal como a nossa tarte, a vida requer uma base forte. No seu lar, é você essa base. É uma responsabilidade enorme, o trabalho menos valorizado no mundo mas que, apesar disso, é o que sustenta tudo o resto.

Várias mulheres no público acenaram vigorosamente.

– Tirem um momento para admirar a vossa experiência – continuou Elizabeth. – Usaram a elegância das ligações químicas para construir uma

massa que acolherá e, ao mesmo tempo, realçará o sabor dos seus constituintes. Pensem mais uma vez no vosso recheio e perguntem a si próprias: o que é que a Suécia quer? Ácido cítrico? Talvez. Cloreto de sódio? É possível. Ajustem. Quando estiverem satisfeitas, estendam a segunda massa por cima, como um cobertor, selando as bordas. Depois façam alguns golpes por cima, de modo a criar respiradouros. O objetivo destes é dar à molécula de água o espaço de que precisa para se converter em vapor e sair. Sem esse respiradouro, a tarte é como o Vesúvio. Para proteger os aldeões da morte certa, faça sempre uns golpes.

Pegou numa faca e deu três pequenos golpes na massa.

– Pronto – disse. – Agora coloque no forno, a 180 graus Celsius, durante aproximadamente quarenta e cinco minutos.

Ergueu os olhos para o relógio.

– Parece que temos ainda algum tempo – disse. – Talvez possa responder a alguma pergunta do público em estúdio.

Olhou para o operador de câmara, que levou um dedo à garganta como se quisesse cortá-la.

– NÃO NÃO NÃO – murmurou ele de forma quase inaudível.

– Olá – disse Elizabeth, apontando para uma mulher na fila da frente, com os óculos empoleirados sobre o cabelo teso de laca, as pernas grossas envoltas em meias de descanso.

– Sou Mrs. George Fillis de Kernville – disse a mulher com ar nervoso, e levantou-se. – Tenho trinta e oito anos. Só queria dizer como gosto do seu programa. Eu... nem acredito no que tenho aprendido com ele. Sei que não sou lá muito inteligente – disse, corada de vergonha –, é o que o meu marido está sempre a dizer... e mesmo assim, a semana passada, quando disse que a osmose era o movimento de um solvente menos concentrado, através de uma membrana semipermeável, para outro solvente mais concentrado, dei por mim a pensar se... bom...

– Continue.

– Bom, se o edema nas minhas pernas não poderá ser um derivado de condutividade hidráulica defeituosa, combinada com um coeficiente de reflexão osmótico irregular das proteínas do plasma. O que acha?

– Um diagnóstico muito detalhado, Mrs. Fillis – disse Elizabeth. – Que tipo de medicina pratica?

– Oh – gaguejou a mulher –, não, eu não sou médica. Sou apenas uma dona de casa.

– Não há uma única mulher à face da Terra que seja *apenas* uma dona de casa – disse Elizabeth. – O que mais faz?

– Nada. Alguns passatempos. Gosto de ler publicações médicas.

– Interessante. Que mais?

– Coser.

– Roupas?

– Corpos.

– Suturas?

– Sim. Tenho cinco rapazes. Estão sempre a abrir buracos neles próprios.

– E quando era da idade deles, o que sonhava ser um dia?

– Uma esposa dedicada e mãe carinhosa.

– Não, a sério?

– Cirurgiã cardíaca – disse a mulher antes de se conseguir conter.

Um silêncio pesado abateu-se sobre o estúdio. O peso daquele sonho ridículo era como roupa demasiado molhada pendurada na corda num dia sem vento. Cirurgiã cardíaca? Por um momento, parecia que todo o mundo estava à espera da gargalhada que se seguiria. Mas depois, de um lado da plateia, ouviu-se alguém bater palmas, inesperadamente – e logo depois outra pessoa – e outra – e depois outra, e mais outra, e em menos de nada todos os espectadores estavam em pé e alguém gritou «Doutora Fillis, cirurgiã cardíaca» e os aplausos tornaram-se ensurdecadores.

– Não, não – insistiu a mulher, tentando fazer-se ouvir sobre o barulho. – Estava só a brincar. Não posso mesmo fazer isso. De qualquer maneira, é tarde de mais.

– Nunca é tarde de mais – insistiu Elizabeth.

– Mas não poderia... não consigo.

– Porquê?

– Porque é difícil.

– E criar cinco rapazes não é?

A mulher limpou com os dedos as gotas de suor que lhe brotavam na testa.

– Mas por onde é que uma pessoa como eu poderia sequer começar?

– Pela biblioteca pública – disse Elizabeth. – E depois os exames de admissão, a universidade e o internato.

A mulher pareceu aperceber-se de súbito que Elizabeth estava a levá-la a sério.

– Acha *mesmo* que eu podia fazer isso? – perguntou, com a voz a tremer.

– Qual é o peso molecular do cloreto de bário?

– 208,23.

– Não terá qualquer problema.

– Mas o meu marido...

– É um homem de sorte. A propósito, hoje é dia de ofertas, Mrs. Fillis – disse Elizabeth. – É uma coisa que o meu produtor acabou de inventar. Para demonstrar o meu apoio pelo seu futuro indómito, vai levar para casa a minha tarte de frango. Venha buscá-la.

Por entre uma ovação ensurdecadora, Elizabeth entregou a Mrs. Fillis, que tinha agora uma expressão determinada no rosto, a tarte embrulhada em papel de alumínio.

– O nosso tempo chegou ao fim – disse Elizabeth. – Mas espero que voltem amanhã, para explorarmos o mundo dos incêndios culinários.

Depois olhou diretamente para a lente da câmara e, quase como se o tivesse adivinhado, para os rostos estupefactos dos cinco filhos de Mrs. Fillis, sentados em frente da televisão em Kernville, de olhos arregalados, bocas abertas, como se estivessem a ver a mãe pela primeira vez.

– Rapazes, ponham a mesa – ordenou Elizabeth. – A vossa mãe precisa de um momento para si.

CAPÍTULO 30

99 por cento

— Mad — começou Elizabeth com delicadeza, uma semana depois —, a professora Mudford ligou-me para o trabalho. Qualquer coisa sobre uma fotografia de família inapropriada?

Madeline ficou de súbito muito interessada numa esfoladela no joelho.

— E anexa a esta fotografia ia uma árvore genealógica — continuou Elizabeth em tom suave. — Na qual afirmavas ser descendente direta de... — fez uma pausa e consultou uma lista. — Nefertiti, Sojourner Truth e Amelia Earhart. Parece-te familiar?

Madeline ergueu para a mãe o rosto inocente.

— Nem por isso.

— E a árvore inclui uma bolota chamada «Fada Madrinha».

— Hum...

— E, por baixo, alguém escreveu «Os humanos são animais». Sublinhado três vezes. E depois diz ainda: «Por dentro, todos os humanos são noventa e nove por cento iguais em termos genéticos.»

Madeline olhou para o teto.

— Noventa e nove por cento? — repetiu Elizabeth.

— O que tem? — disse Madeline.

— Não está correto.

— Mas...

— Em ciência, a exatidão é importante.

— Mas...

— Na verdade, esse valor pode chegar aos noventa e nove vírgula nove por cento. Noventa e nove *vírgula nove*. — Depois calou-se e envolveu a filha nos braços. — A culpa é minha, querida. À exceção do *pi*, não nos debruçámos ainda sobre as casas decimais.

– Peço desculpa por interromper – disse Harriet ao entrar pela porta das traseiras. – Os recados. Esqueci-me de os deixar. – Colocou uma lista em frente de Elizabeth e virou-se para voltar a sair.

– Harriet – chamou Elizabeth, enquanto passava os olhos pela lista. – Quem é este? O reverendo da Igreja Presbiterana?

Madeline sentiu os pelos dos braços arrepiados.

– Parecia ser uma daquelas chamadas para angariar clientela para a igreja. Ele perguntou pela Mad. Provavelmente tem uma lista de números errada. De qualquer maneira, era para este que queria chamar-lhe a atenção – disse, e apontou para a lista. – O *LA Times*.

– Têm estado a ligar-me também para o trabalho – disse Elizabeth. – Querem uma entrevista.

– Uma entrevista!

– Vais aparecer outra vez no jornal? – perguntou Mad, preocupada. A família já aparecera no jornal duas vezes: a primeira quando o pai morrera, e a segunda quando a lápide do pai fora destruída por uma bala perdida. Não era um historial muito prometedor.

– Não, Mad – disse Elizabeth. – A pessoa que me quer entrevistar nem sequer é um repórter da área das ciências; escreve para a página feminina. Já me disse que não tem qualquer interesse em falar sobre química, apenas sobre comida. É evidente que não percebe que é impossível separar uma coisa da outra. E suspeito que queira também fazer perguntas sobre a nossa família, apesar de a nossa família não ser da conta dele.

– Porque não? – inquiriu Madeline. – O que é que há de *errado* na nossa família?

Debaixo da mesa, *Seis e Meia* levantou a cabeça. Detestava que Mad achasse que havia algo errado com a família. Quanto a Nefertiti e os outros, não era só fantasia de Mad – era correto num sentido essencial: todos os humanos partilhavam um antepassado comum. Como era possível que Mudford não soubesse disso? Até *ele*, que era um cão, sabia. Já agora, e caso alguém esteja interessado, acabara de aprender uma palavra nova: «diário». Era um sítio onde a pessoa escrevia coisa más sobre a família e os amigos e rezava para que eles nunca vissem. Com «diário», a sua contagem de palavras subia assim para as 648.

– Vemo-nos de manhã – disse Harriet, e saiu.

– O que é que a nossa família tem de errado, mãe? – repetiu Madeline.

– Nada – respondeu Elizabeth em tom cortante, enquanto levantava a mesa. – *Seis e Meia*, ajuda-me com a capela de exaustão. Quero tentar limpar os pratos com um vapor de hidrocarboneto.

– Fala-me sobre o meu pai.

– Já te disse tudo, querida – respondeu ela, com o rosto subitamente iluminado por uma expressão de afeto. – Era um homem brilhante, honesto e carinhoso. Um grande remador e um químico dotado. Era alto e tinha olhos cinzentos, como tu, e mãos muito grandes. Os pais dele morreram numa infeliz colisão com um comboio, e a tia colidiu com uma árvore. Ele foi viver num lar para rapazes onde... – Fez uma pausa, com o vestido aos quadrados azuis e brancos a ondular em torno das barrigas das pernas enquanto reconsiderava a experiência de lavagem da loiça. – Faz-me um favor, Mad, e coloca esta máscara de oxigénio. E *Seis e Meia*, deixa-me ajudar-te com os óculos. Pronto – disse, depois de apertar os elásticos a toda a gente. – Bom, a seguir o teu pai foi para Cambridge onde...

– Lar de rapazes – disse Mad, com a voz abafada pela máscara.

– Já falámos sobre isto, querida. Não sei muito sobre o lar de rapazes. O teu pai não gostava de falar sobre o assunto. Era privado.

– Privado? Ou secreto? – quis saber ela.

– Privado – respondeu a mãe com firmeza. – Às vezes acontecem coisas más. É um facto da vida. Quanto ao lar de rapazes, o teu pai não gostava de falar disso porque, julgo eu, sabia que não mudaria nada. Foi criado sem família, sem pais com quem pudesse contar, sem a proteção e o amor a que todas as crianças têm direito. Mas ele perseverou. Muitas vezes, a melhor maneira de lidar com o mal – disse, enquanto procurava o lápis – é virá-lo ao contrário, usá-lo como uma força, recusarmo-nos a permitir que as coisas más nos definam. *Lutar*.

A forma como o disse – como uma guerreira – preocupou Madeline.

– Já te aconteceram também coisas más, mãe? – tentou perguntar. – Além da morte do meu pai?

Mas a experiência de limpeza dos pratos estava agora em prática e a pergunta perdeu-se atrás da máscara e do barulho do telefone a tocar.

*

– Sim, Walter – disse Elizabeth um momento depois.

– Espero não estar a atrapalhar...

– De forma alguma – disse ela, apesar de se ouvir um zumbido invulgar por trás. – Em que posso ajudar?

– Bom, estou a ligar por dois motivos. O primeiro é o trabalho da árvore genealógica. Gostava só de saber se...

– Sim – confirmou ela. – Estamos metidas em sarilhos.

– Nós também – disse ele em tom infeliz. – Parece que ela percebeu que os nomes que eu pus nos ramos eram completamente inventados. Foi o que fez também?

– Não – disse Elizabeth. – A Mad cometeu um erro de matemática.

Ele fez uma pausa, sem compreender.

– Tenho de ir falar com a Mudford amanhã – continuou ela. – É verdade, não sei se soube, mas ambas as nossas filhas ficaram de novo com ela como professora no próximo ano letivo. Ela vai ensinar o primeiro ano, e quando digo «ensinar» estou, claro, a ser irónica. Já apresentei uma reclamação.

– Meu Deus – suspirou Walter.

– Qual é o segundo motivo, Walter?

– É o Phil – disse. – Ele... ah... ele não está contente.

– Nem eu – respondeu Elizabeth. – Como é que esse homem chegou a produtor executivo? Não possui qualquer visão, não tem capacidade de liderança nem boas maneiras. E a forma como trata as mulheres da estação é desprezível.

– Bom – disse Walter, e lembrou-se de que algumas semanas antes, quando estavam a falar sobre Elizabeth, Lebensmal cuspira literalmente para cima dele. – Admito que ele tem um carácter um pouco difícil.

– Isso não é carácter, Walter. É degradação. Vou apresentar uma queixa à direcção.

Walter abanou a cabeça. *Lá está ela com as queixas e reclamações.*

– Elizabeth, o Phil *faz parte* da direcção.

– Bom, alguém tem de tomar conhecimento do comportamento dele.

– Com certeza – disse Walter –, com certeza que nesta altura já sabe que o mundo está cheio de Phils. A nossa melhor hipótese é tentar manter a paz. Aproveitar da melhor maneira possível uma situação menos boa. Porque é que não consegue fazer isso?

Elizabeth tentou pensar numa boa razão para aproveitar da melhor maneira possível a existência de Phil Lebensmal. Não – não lhe ocorria nada.

– Oiça, tenho uma ideia – continuou ele. – O Phil anda a namorar um novo potencial patrocinador... um fabricante de sopa. Quero que use a sopa num dos programas, num guisado, por exemplo. Se o fizer... se atrair um patrocinador importante... acho que ele nos dará alguma margem de manobra.

– Um fabricante de sopa? Eu só trabalho com ingredientes frescos.

– Não pode pelo menos *tentar* ceder um bocadinho? – implorou ele. – É apenas uma lata de sopa. Pense nos outros... em todas as pessoas que trabalham no seu programa. Todos temos famílias para sustentar, Elizabeth; todos precisamos deste emprego.

Do outro lado da linha, silêncio, como se ela estivesse a pesar as palavras dele.

– Gostaria de falar pessoalmente com o Phil, cara a cara – disse ela. – Para esclarecer as coisas.

– *Não* – disse Walter em tom contundente. – Isso não. Isso nunca.

Ela suspirou.

– Está bem. Hoje é segunda-feira. Traga a lata na quinta-feira. Verei o que posso fazer.

*

Mas a semana continuou a piorar. No dia seguinte – terça-feira – as revelações da árvore genealógica de Mudford eram tudo o que se falava na escola: os pais de Madeline não eram casados; Amanda não tinha mãe; o pai de Tommy Dixon era alcoólico. Não que qualquer uma das crianças desse importância a estes factos, mas Mudford, com os olhos cruéis a brilhar de excitação, devorou os dados como um vírus esfaimado e depois transmitiu-os às outras mães, que os espalharam pela escola toda.

Na quarta-feira, alguém enfiou sub-repticiamente debaixo da porta de Elizabeth uma folha de papel com os vencimentos de todos os funcionários da KCTV. Elizabeth olhou para os números. O salário dela era um terço daquilo que ganhava o tipo do desporto? Uma pessoa que tinha menos de três minutos por dia no ar, e cuja única competência era ler os resultados? Pior ainda, pelos vistos havia algo chamado «distribuição de lucros» na KCTV. Mas só abrangia os empregados do sexo masculino.

Porém, o que fez Elizabeth perder a cabeça foi quando olhou para Harriet na quinta-feira de manhã.

Tinha acabado de enfiar um bilhete na lancheira de Madeline – *A matéria não pode ser criada nem destruída, mas pode ser redistribuída e reorganizada. Por outras palavras, não te sentes ao pé do Tommy Dixon* – quando Harriet se sentou à mesa e, apesar de ser cedo e ainda estar escuro, não tirou os óculos de sol.

– Harriet? – disse Elizabeth, instantaneamente alarmada.

Na voz de alguém que estava a esforçar-se muito por minimizar o sucedido, Harriet explicou que Mr. Sloane não estava nele, na noite anterior. Ela deitara fora algumas das suas revistas de mulheres, os Dodgers tinham perdido e ele não aprovava a forma como Elizabeth encorajara aquela mulher a ser cirurgiã cardíaca. Atirara-lhe uma garrafa de cerveja vazia e ela caíra desamparada.

– Vou chamar a polícia – disse Elizabeth, pegando no auscultador do telefone.

– Não – disse Harriet, e pousou a mão no braço de Elizabeth. – Eles não farão nada e recuso-me a dar essa satisfação àquele homem. Além disso, dei-lhe com a minha mala.

– Vou imediatamente falar com ele – disse Elizabeth. – Ele tem de perceber que este comportamento não será tolerado. – Levantou-se. – Vou buscar o meu taco de baseball.

– Não. Se o atacar, a polícia cairá em cima de si e não dele.

Elizabeth pensou no assunto. Harriet tinha razão. Contraiu os maxilares e sentiu a familiar raiva da sua própria interação com a polícia, anos antes. *Então não vai fazer uma declaração de arrependimento?* Levou a mão ao cabelo, à procura do lápis.

– Eu sei cuidar de mim, Elizabeth. Ele não me assusta; mete-me nojo. Há uma diferença.

Elizabeth conhecia perfeitamente a sensação. Baixou-se e abraçou Harriet. Apesar da amizade, as duas mulheres raramente se tocavam.

– Não há nada que eu não fizesse por si – disse Elizabeth, apertando-a contra o peito. – Sabe disso, não sabe?

Harriet, surpreendida, ergueu os olhos para Elizabeth, com as lágrimas a formarem-se.

– Bom, eu também. Igualmente. – Depois a mulher mais velha afastou-se. – Está tudo bem – garantiu Harriet, e limpou a cara. – O melhor é esquecer.

Mas Elizabeth não era o tipo de pessoa que esquecesse uma coisa destas. Cinco minutos depois, quando arrancou com o carro, já tinha formulado um plano.

*

– Olá a todos – disse Elizabeth, três horas depois. – E bem-vindos. Estão a ver isto? – Mostrou uma lata de sopa à câmara. – Poupa imenso tempo.

Da cadeira de produtor, Walter susteve a respiração e deu graças. Ela ia usar a sopa!

– E isso é porque está cheia de químicos – continuou ela, atirando-a com estrondo para um caixote do lixo próximo. – Se alimentar os seus entes queridos com a quantidade suficiente desta sopa, eles acabarão por morrer, poupando-lhe imenso tempo, uma vez que não terá de continuar a alimentá-los.

O operador de câmara olhou para Walter, confuso. Walter olhou para o relógio como se se tivesse esquecido de um compromisso importante, depois levantou-se, saiu e dirigiu-se ao parque de estacionamento, onde entrou no carro e conduziu até casa.

– Felizmente, há maneiras muito mais rápidas de matar os seus entes queridos – continuou ela, e aproximou-se do cavalete, onde tinha uma seleção de desenhos de cogumelos –, e os cogumelos são um sítio excelente por onde começar. Se fosse eu, optaria pelo *Amanita phalloides* – disse, apontando para um dos desenhos –, também conhecido por cogumelo chapéu-da-morte. Não só o veneno resiste a temperaturas elevadas, o que o torna um ingrediente ideal para um guisado de ar benigno, como é muito parecido com o seu primo não-tóxico, o cogumelo de palha. Assim, se alguém morrer e houver uma investigação, podem facilmente fazer o papel de dona de casa burra e alegar que confundiram os cogumelos.

Phil Lebensmal ergueu os olhos da secretária para um dos ecrãs no seu gabinete cheio de televisões. O que é que ela acabara de dizer?

– O melhor dos cogumelos venenosos – continuou Elizabeth – é a facilidade com que se adaptam a diferentes pratos. Se não quiser fazer um guisado, porque não cogumelos recheados? Aí está algo que pode partilhar com o seu vizinho do lado... aquele que faz tudo para infernizar a vida da mulher. Ele já está com um pé para a cova, de qualquer maneira. Porque não dar-lhe uma ajudinha com o outro?

No público, alguém soltou uma gargalhada inesperada e bateu palmas. Entretanto, a câmara conseguiu também captar várias mãos a escreverem cuidadosamente as palavras «*Amanita phalloides*».

– Claro que estou apenas a brincar quando falo em matar os seus entes queridos – disse Elizabeth. – Tenho a certeza de que os vossos maridos e filhos são todos seres humanos maravilhosos, que fazem sempre questão de vos mostrar como dão valor ao vosso trabalho. Ou, na eventualidade menos provável de trabalharem fora de casa, estou certa de que o vosso chefe é uma pessoa justa e garante que ganham o mesmo que os vossos colegas do sexo masculino. – Isto originou também risos e aplausos, que a seguiram enquanto ela regressava à bancada. – Hoje, vamos fazer um gratinado de brócolos e *cogumelos* – disse, mostrando um cesto de cogumelos de palha (talvez?). – Vamos começar.

Escusado será dizer que ninguém no estado da Califórnia tocou no jantar nessa noite.

*

– Zott – disse Rosa, a maquilhadora, antes de sair. – O Lebensmal quer falar consigo, às sete.

– Às sete? – disse Elizabeth, aborrecida. – É evidente que não tem filhos. Por acaso viu o Walter? Acho que ele está zangado comigo.

– Saiu mais cedo – disse Rosa. – Oiça, acho que não devia ir falar com o Lebensmal sozinha. Eu vou consigo.

– Não é preciso, Rosa.

– Se calhar era melhor ligar primeiro ao Walter. Ele nunca deixa nenhuma de nós falar a sós com o Lebensmal.

– Eu sei – disse Elizabeth. – Não se preocupe.

Rosa hesitou e olhou para o relógio.

– Vá para casa. Não há problema.

– Pelo menos ligue primeiro ao Walter – insistiu Rosa. – Para ele saber. – Virou-se para pegar nas suas coisas. – Já agora, adorei o programa de hoje. Foi engraçado.

Elizabeth ergueu as sobrancelhas.

– Engraçado?

*

Alguns minutos antes das sete, depois de terminar as suas notas para o programa do dia seguinte, Elizabeth pôs a grande mala ao ombro e percorreu os corredores vazios da KCTV até ao gabinete de Lebensmal. Bateu duas vezes e entrou sem esperar por resposta.

– Queria falar comigo, Phil?

Lebensmal estava sentado atrás de uma secretária enorme, coberta de papéis e comida, o ar carregado de fumo de cigarro, com quatro televisores enormes a transmitir reposições a preto e branco com o som no máximo. Num dos aparelhos passava uma telenovela; noutro, Jack LaLanne; num terceiro, um programa infantil; e no último, *Jantar às Seis*. Elizabeth nunca vira o seu próprio programa, nunca ouvira a sua voz a sair de um aparelho. Era horrível.

– Até que enfim – disse ele em tom irritado, enquanto apagava um cigarro numa taça decorativa de vidro facetado. Apontou para uma cadeira, indicando a Elizabeth que devia sentar-se, depois dirigiu-se à porta, fechou-a com estrondo e pressionou o botão do trinco.

– Disseram-me às sete – respondeu ela.

– Por acaso mandei-a falar? – resmungou ele.

À esquerda, Elizabeth ouviu-se a si própria explicar a interação do calor e da frutose. Inclinou a cabeça para o aparelho. Não se enganara no pH, pois não? Não, estava correto.

– Sabe quem eu sou? – inquiriu ele do outro lado da sala. Mas as televisões aos berros não a deixaram ouvir bem.

– Se sei... onde estou?

– *Eu perguntei* – disse ele, agora mais alto, enquanto voltava à secretária –, *se sabe quem eu sou*.

– É o Phil LEBENSMAL – respondeu Elizabeth em voz elevada. – Importa-se que eu apague as televisões? Não o oiço bem.

– Não se arme em espertinha! – disse ele. – Quando lhe pergunto se sabe quem eu sou, quero que me diga *se sabe quem eu sou*.

Por um momento, ela pareceu confusa.

– Mais uma vez, é o Phil Lebensmal. Mas, se quiser, podemos confirmar na sua carta de condução.

Ele semicerrou os olhos.

– Abdominais! – gritou Jack LaLanne.

– Dança! – riu-se um palhaço.

– Nunca te amei – confessou uma enfermeira.
– Níveis de pH ácidos – ouviu a sua própria voz.
– Sou *Mr. Lebensmal*, produtor executivo de...
– Desculpe, Phil – disse ela, apontando para a televisão mais próxima –, mas não consigo de maneira nenhuma... – Levantou a mão para o botão do volume.

– NÃO TOQUE NAS MINHAS TELEVISÕES! – troou ele.

Levantou-se, pegou num monte de pastas, atravessou a sala e parou em frente dela, com as pernas abertas como um tripé.

– Sabe o que é isto? – disse, agitando as pastas na cara dela.

– Pastas.

– Não se arme em espertinha. São os questionários aos espetadores do *Jantar às Seis*. Os números das vendas de publicidade. As audiências da Nielsen.

– Sim? – disse ela. – Adorava dar uma vista... – Mas antes que conseguisse abrir uma pasta, ele puxou-as.

– Como se fizesse alguma ideia de como interpretar os resultados – disse em tom cortante. – Como se fizesse *alguma* ideia do que isto significa. – Bateu com as pastas na perna e voltou para a secretária. – Já deixei este disparate durar tempo de mais. O Walter não conseguiu controlá-la, mas eu tratarei disso. Se quer manter o emprego, vai vestir o que eu mandar, preparar os *cocktails* que eu quiser e fazer o jantar com palavras normais. Vai também...

Interrompeu-se a meio da frase, espantado com a reação dela – ou melhor, ausência de reação. Era a forma como estava sentada na cadeira. Parecia uma mãe à espera que o filho acabasse a birra.

– Pensando melhor – cuspiu, por impulso –, está despedida!

E quando viu que ela continuava sem reação, levantou-se, dirigiu-se aos quatro televisores e desligou-os a todos, partindo dois dos botões ao fazê-lo.

– ESTÃO TODOS DESPEDIDOS! – berrou. – Você, o Pine e toda e qualquer pessoa que tenha tido a mais ínfima participação que seja em apoiar e incentivar as suas tretas. Todos para a RUA! – Ofegante, contornou a secretária e atirou-se para a cadeira, onde aguardou as únicas duas reações da parte dela que podiam ou deviam seguir-se inevitavelmente: lágrimas e pedidos de desculpa, de preferência as duas coisas.

Elizabeth acenou com a cabeça na sala agora silenciosa enquanto alisava as calças.

– Está a despedir-me por causa do episódio de hoje, dos cogumelos venenosos. A mim, e a todas as outras pessoas associadas ao programa.

– Isso *mesmo* – sublinhou ele, incapaz de esconder a surpresa por ela não parecer impressionada com a ameaça. – Vão todos para o olho da rua e a culpa é *sua*. Empregos perdidos. Por sua causa. *Ponto final*. – Recostou-se e ficou à espera das súplicas.

– Então, para esclarecer – disse ela –, estou a ser despedida porque me recuso a usar as roupas que o senhor quer e a sorrir para a câmara, mas também... confirme se estou correta... porque não sei «quem o senhor é». E, para não deixar dúvidas, vai despedir todas as pessoas associadas ao programa *Jantar às Seis*, embora essas pessoas trabalhem também em outros quatro ou cinco programas, dos quais ficariam ausentes de um momento para o outro. O que significa que esses outros programas seriam também afetados, ao ponto de não poderem ir para o ar.

Frustrado por esta lógica óbvia, Phil ficou tenso.

– Consigo substituir esses funcionários em vinte e quatro horas – disse, e estalou os dedos. – Ou menos.

– E esta é a sua decisão final, apesar do sucesso do programa.

– *Sim*, é a minha decisão final – disse. – E *não*, o programa *não* é um sucesso... o problema é esse. – Pegou de novo nas pastas e sacudiu-as. – Todos os dias recebemos queixas... sobre si, as suas opiniões... a sua *ciência*. Os patrocinadores estão a ameaçar sair. O fabricante de sopa... provavelmente vai levar-nos a tribunal.

– Patrocinadores – disse ela, unindo as pontas dos dedos como se estivesse contente por ele a ter lembrado disso. – Tenho andado para falar consigo sobre o assunto. Comprimidos para a azia? Aspirina? Estes produtos parecem insinuar que os jantares do programa não vão cair bem às pessoas.

– Porque não caem – ripostou Phil. Só ele já tinha mastigado mais de dez pastilhas antiácido nas últimas duas horas e ainda tinha o estômago a arder.

– Quanto às queixas – admitiu ela –, temos de facto recebido algumas. Mas não são nada em comparação com as cartas de apoio. Algo que eu não esperava. Estou habituada a não me integrar facilmente, Phil, mas começo a pensar que é por causa disso que o programa resulta.

– *O programa não resulta* – insistiu ele. – É um desastre!

O que estava a acontecer aqui? Porque é que ela continuava a falar como se não tivesse sido despedida?

– A sensação de não nos conseguirmos integrar é horrível – continuou ela, impávida. – Os seres humanos têm um desejo natural de integração... faz parte da nossa biologia. Mas a sociedade leva a que uma pessoa sinta sempre que não se consegue integrar, como se não fosse suficientemente boa. Sabe o que quero dizer, Phil? Porque nos medimos por padrões inúteis de sexo, raça, religião, política, escolas. Até altura e peso...

– *O quê?*

– Em contraste, o *Jantar às Seis* foca-se naquilo que temos em comum... as nossas químicas. Assim, embora as nossas espectadoras possam ver-se encurraladas num comportamento social incutido... por exemplo, a velha conversa de «os homens são assim, as mulheres são assado»... o programa encoraja-as a pensar para além dessa simplicidade cultural. A usar o bom senso. Como cientistas.

Phil afundou-se na cadeira, pouco familiarizado com esta sensação de estar a perder.

– É por isso que quer despedir-me. Porque quer um programa que reforce as normas da sociedade. Que limite as capacidades individuais. Compreendo perfeitamente.

Phil sentiu a têmpora a latejar. Com as mãos a tremer, pegou num maço de *Marlboro*, sacudiu um cigarro e acendeu-o. Por um momento, o silêncio reinou enquanto ele inalava profundamente, a ponta acesa a crepitar muito suavemente, como uma fogueira em miniatura. Ao exalar, estudou o rosto dela. Levantou-se abruptamente, com o corpo a vibrar de frustração, e dirigiu-se a um aparador coberto de garrafas de *whisky* e *bourbons* cor de âmbar, todas de ar dispendioso. Pegou numa e encheu um pequeno copo de vidro grosso até acima, quase a entornar. Bebeu-o de um trago e encheu novamente o copo. Depois virou-se para ela.

– Aqui, existe uma hierarquia – disse. – E está mais do que na altura de você aprender como funcionam as coisas.

Ela fitou-o, perplexa.

– Quero que fique registado que o Walter Pine tem sido absolutamente incansável nos seus esforços para me persuadir a seguir as suas sugestões. Isto apesar de também ele acreditar que o programa podia e *devia* ser mais

do que isso. Não devia ser punido pelas minhas ações. É um bom homem e um funcionário leal.

Ao ouvir o nome de Walter, Lebensmal pousou o copo e deu mais uma passa no cigarro. Não gostava que ninguém questionasse a sua autoridade, mas recusava-se a admitir que uma mulher o fizesse. Com o casaco aberto na cintura, fixou os olhos nos dela e começou a abrir lentamente o cinto.

– Se calhar devia ter feito isto logo ao princípio – disse, tirando o cinto das presilhas. – Estabelecer as regras básicas. Mas, no seu caso, vamos considerar que é parte do processo de despedimento.

Elizabeth apertou os braços da cadeira. Em voz firme, disse:

– Aconselho-o a não se aproximar mais, Phil.

Ele lançou-lhe um olhar raivoso.

– Parece que não compreende mesmo quem é que manda aqui. Mas vai ficar a compreender.

Olhou para baixo, abriu o botão e correu o fecho das calças. Depois de se expor, aproximou-se até os seus genitais estarem a baloiçar frouxamente a centímetros do rosto dela.

Elizabeth abanou a cabeça, assombrada. Não percebia por que razão os homens acreditavam que as mulheres achavam os genitais masculinos impressionantes ou assustadores. Baixou-se e enfiou a mão na mala.

– Eu sei quem *sou*! – gritou ele em voz rouca, projetando as ancas na direção dela. – O que eu quero saber é quem *diabo* pensa você que é!

– Sou Elizabeth Zott – disse ela calmamente, empunhando uma faca de cozinha de trinta e cinco centímetros de lâmina, bem afiada. No entanto, ficou sem saber se ele a ouvira ou não, pois de súbito Lebensmal caiu para o lado, sem sentidos.

CAPÍTULO 31

O postal de melhoras

Fora um ataque cardíaco. Não muito grave, mas em 1960 a maioria das pessoas não sobreviviam mesmo a ataques cardíacos ligeiros. O homem tinha sorte de estar vivo. Os médicos disseram que ficaria hospitalizado três semanas, às quais se seguiria repouso absoluto em casa durante pelo menos um ano. Regressar ao trabalho estava fora de questão.

– Foi *você* quem chamou a ambulância? – perguntou Walter, chocado. – Estava *lá*? – Era o dia seguinte e Walter acabara de saber a notícia.

– Estava – respondeu Elizabeth.

– E ele estava... o quê? No chão? Agarrado ao peito? Sem conseguir respirar?

– Não propriamente.

– Bom, então *o quê*? – disse Walter, abrindo os braços num gesto de frustração, enquanto Elizabeth e a maquilhadora se entreolhavam. – O que *aconteceu*?

– Eu volto mais tarde – disse Rosa rapidamente, e arrumou o estojo. Antes de sair, apertou ao de leve o ombro de Elizabeth. – É sempre uma honra, Zott. Uma verdadeira honra.

Walter assistiu à interação entre as duas mulheres com as sobrancelhas erguidas em expressão de pânico.

– Salvou a vida do Phil – disse, nervoso, depois de a porta se fechar. – Já percebi isso. Mas o que aconteceu, exatamente? Não omita nada, comece por me dizer o que estava a fazer no gabinete dele. Depois das sete? Não faz qualquer sentido. Conte-me. Do princípio.

Elizabeth rodou a cadeira e virou-se para Walter. Tirou o lápis número dois que lhe segurava o cabelo e colocou-o atrás da orelha esquerda. Depois pegou no café e bebeu um gole.

– Ele pediu para falar comigo – contou. – Disse que não podia esperar.

– Para *falar consigo*? – repetiu ele, horrorizado. – Mas eu disse-lhe... sabe muito bem... já *discutimos* este assunto. Não devia encontrar-se a sós com o Phil, nunca. Não é que eu julgue que não consegue lidar sozinha com uma reunião; é porque sou o seu produtor e acho que é sempre melhor se... – Tirou um lenço do bolso e limpou a testa. – Elizabeth – disse, baixando a voz –, aqui entre nós, o Phil Lebensmal não é um homem decente... sabe o que quero dizer? Não é de confiança. Tem uma maneira de lidar com os problemas que é...

– Ele despediu-me.

Walter empalideceu.

– E a si também.

– *Meu Deus!*

– Despediu todas as pessoas que trabalham no programa.

– Não!

– Acusou-o de não conseguir controlar-me.

Walter ficou branco como a cal.

– Tem de compreender – disse, apertando o lenço. – Sabe o que eu penso do Phil; sabe que não concordo com tudo o que ele diz. Acha que a controlei? Não me faça rir. Alguma vez a obriguei a usar aquelas roupas ridículas? Nem uma vez. Alguma vez lhe implorei que lesse os cartões de ponto? Bom, sim, mas só porque fui eu que os escrevi. – Ergueu as mãos para o ar. – Oiça, o Phil deu-me duas semanas... duas semanas para encontrar uma maneira apropriada de o persuadir de que a sua forma escandalosa de fazer as coisas, na verdade, resulta... que tem mais correspondência dos fãs, mais telefonemas, mais pessoas a formar fila para fazer parte do público em estúdio do que os outros programas todos juntos, e que só por essas razões devia continuar no ar. Mas sabe que não posso simplesmente entrar pelo gabinete dele e dizer, «Phil, você está errado e ela está certa.» Isso é suicídio. Não. Para lidar com o Phil é preciso afagar-lhe o ego, saber dar-lhe a volta, dizer-lhe o que ele quer ouvir. *Sabe* a que me refiro. Quando a Elizabeth levantou aquela lata de sopa, pensei que estávamos finalmente em sintonia. Até dizer a toda a gente que era veneno.

– Porque é.

– Oiça – disse Walter. – Eu vivo no mundo real, e nesse mundo dizemos e fazemos coisas para manter os nossos empregos estúpidos. Faz alguma ideia da quantidade de tretas que aguentei neste último ano? Além do mais,

não sei se sabe, mas os nossos patrocinadores estão à beira de bater com a porta.

– Foi o Phil quem lhe disse isso.

– Sim, e aqui fica uma notícia de última hora: por mais cartas simpáticas e entusiásticas que *você* receba... se os patrocinadores disserem «Detestamos essa Zott», é o fim. E a pesquisa do Phil diz que eles a detestam. – Voltou a guardar o lenço no bolso, levantou-se e encheu um copo de água, aguardando o *glug* do garrafão, um som desagradável que lhe recordava sempre a sua úlcera. – Devíamos manter isto entre nós até eu pensar em alguma coisa. Quantas pessoas sabem? Só nós os dois, certo?

– Disse a toda a gente no programa.

– *Não*.

– Penso que podemos partir do princípio de que todo o edifício sabe, a esta altura.

– *Não* – repetiu ele, com uma palmada na testa. – Raios, Elizabeth, o que lhe passou pela cabeça? Não sabe como funciona isto de ser despedida? Passo um: nunca dizer a verdade a ninguém... afirmar que ganhou a lotaria, que herdou um rancho de gado no Wyoming, que aceitou uma oferta muito melhor em Nova Iorque, esse tipo de coisa. Passo dois: beber em excesso até decidir o que fazer. Por amor de Deus, até parece que não sabe nada sobre os métodos tribais do mundo da televisão!

Elizabeth bebeu mais um gole de café.

– Quer saber o que aconteceu, ou não?

– Ainda há mais? – questionou ele, ansioso. – O quê? Ele vai ficar também com os nossos carros?

Ela fitou-o, com a testa normalmente lisa um pouco franzida, e foi o que bastou para a atenção de Walter se concentrar apenas nela e não em si próprio. Ficou inquieto. Esquecera-se por completo da componente mais importante da reunião dela com Phil. Encontrara-se com ele a sós.

– Diga-me – pediu, agoniado. – Por favor, diga-me.

Se lhe perguntassem se a maioria dos homens era como Phil, Walter diria que na sua opinião, não. Mas se lhe perguntassem se a maioria dos homens, incluindo ele próprio, *fazia* alguma coisa relativamente a homens como Phil, a resposta era a mesma: não. Sim, talvez isto parecesse vergonhoso ou cobarde, mas, com franqueza, o que é que *podiam* fazer? Ninguém queria arranjar problemas com um homem como Phil. Para evitar esse desfecho,

todos se limitavam a fazer aquilo que lhes diziam. Toda a gente sabia, e toda a gente o fazia. Mas Elizabeth não era como toda a gente. Walter levou a mão trémula à testa, repugnado com todos os ossinhos do seu corpo frouxo.

– Ele tentou alguma coisa? Teve de lutar com ele para se defender? – murmurou.

Ela endireitou-se na cadeira, com a luz do espelho de maquilhagem a conferir-lhe uma aura extra de força moral. Walter estudou-lhe o rosto, assustado, e pensou que provavelmente era esta a expressão no rosto de Joana d’Arc antes de acenderem a fogueira.

– Ele tentou.

– Meu Deus! – gritou Walter, e esmagou o copo de papel na mão. – Céus, não!

– Walter, acalme-se. Tentou, mas falhou.

Walter hesitou.

– Por causa do ataque cardíaco – disse, aliviado. – Claro! Que sentido de oportunidade perfeito! O ataque cardíaco. Graças a Deus.

Ela fitou-o com expressão curiosa, depois baixou-se e enfiou a mão na mala, a mesma mala que levava consigo para o escritório de Phil na véspera.

– Eu não agradeceria a Deus – disse, tirando da mala a mesma faca de cozinha.

Ele soltou uma exclamação abafada. Tal como a maioria dos cozinheiros, Elizabeth fazia questão de usar as suas próprias facas. Todas as manhãs as trazia consigo, e todas as noites as levava para casa. Toda a gente sabia disso. Toda a gente, exceto Phil.

– Não lhe toquei – explicou ela. – Ele simplesmente caiu para o lado.

– Meu Deus... – murmurou Walter.

– Chamei a ambulância, mas sabe como é o trânsito a essa hora. Demorou uma eternidade. Assim, enquanto esperávamos, aproveitei o tempo da melhor maneira. Aqui tem. Dê uma vista de olhos. – Passou-lhe as pastas que Lebensmal agitara na sua cara. – Ofertas de redifusão – disse, ao ver a surpresa óbvia no rosto dele perante o conteúdo das mesmas. – Sabia que temos um contrato de redifusão no Estado de Nova Iorque há três meses? Além disso, há algumas novas propostas de patrocínio muito interessantes. Apesar de tudo o que o Phil lhe disse, há patrocinadores a atropelarem-se

uns aos outros para participarem no nosso programa. Como este – disse, apontando para um anúncio da companhia RCA Victor.

Walter continuou de cabeça baixa, a olhar para os papéis. Depois, com um gesto, pediu a Elizabeth que lhe passasse o café dela e esvaziou o copo.

– Desculpe – conseguiu finalmente dizer. – Mas isto é tudo tão avassalador.

Ela olhou com impaciência para o relógio de parede.

– Não acredito que estamos despedidos – continuou Walter. – Quer dizer, temos um programa de sucesso nas mãos e *estamos despedidos*?

Elizabeth lançou-lhe um olhar preocupado.

– Não, Walter – disse, lentamente. – *Não* estamos despedidos. Quem manda agora somos *nós*.

*

Quatro dias depois, Walter estava sentado atrás da antiga secretária de Phil. Já não havia cinzeiros no gabinete, o tapete persa desaparecera e os botões do telefone piscavam a indicar telefonemas importantes.

– Walter, faça as mudanças que sabe que são necessárias – dissera ela, recordando-lhe que era o produtor executivo em funções. E quando ele vacilou sob o peso da responsabilidade, Elizabeth simplificou a descrição do cargo. – Faça aquilo que sabe que está certo, Walter. Não é difícil, pois não? E depois diga aos outros que façam o mesmo.

Não era assim tão fácil como ela queria fazer parecer – o único estilo de gestão que ele conhecia era intimidação e manipulação; a forma como *ele* sempre fora gerido. Mas ela parecia acreditar – céus, como era ingénua! – que os funcionários eram mais produtivos quando se sentiam respeitados.

– Não seja uma barata tonta, Walter – disse-lhe, enquanto aguardavam, em frente aos portões da Escola Primária de Woody, mais uma reunião com a professora Mudford. – Pegue no leme. Conduza. Em caso de dúvida, finja que tem a certeza.

*

Fingir. Isso ele conseguia fazer. Em poucos dias tinha fechado uma série de contratos de redifusão de *Jantar às Seis*, de uma costa à outra. Depois negociou um novo conjunto de patrocínios que podia duplicar os lucros da KCTV. Por fim, antes de perder a coragem, convocou uma reunião com toda

a estação para pôr toda a gente a par do problema cardiovascular de Phil, incluindo a contribuição de Elizabeth para lhe salvar a vida, e para dizer que, apesar do «incidente», esperava que todos pudessem continuar a dedicar-se aos seus importantes trabalhos na KCTV. De todas estas coisas, a ovação mais estrondosa foi para a notícia do ataque cardíaco de Phil.

– Pedi ao nosso *designer* gráfico para criar este postal de melhoras – disse, e ergueu um postal gigante, com uma caricatura de Phil a marcar o *touchdown* da vitória numa partida de futebol americano. Porém, em vez de ter uma bola na mão, Phil segurava o seu próprio coração, algo que, pensando melhor, talvez não tivesse sido lá muito boa ideia. – Por favor, arranjem um bocadinho para o assinar – pediu Walter. – E, se quiserem, podem acrescentar algumas palavras.

Mais tarde, nesse mesmo dia, quando lhe trouxeram o cartão para ele o assinar, passou os olhos pelas dedicatórias dos outros. Na sua maioria, eram o habitual «As melhoras!», mas havia algumas menos agradáveis.

Vai à merda, Lebensmal.

Se fosse eu, nem tinha chamado a ambulância.

Morre de uma vez.

Reconheceu a caligrafia da última – era uma das secretárias de Phil.

Embora soubesse que não podia com certeza ser o único que detestava o seu chefe, não fazia ideia da dimensão do clube ao qual via agora pertencer. Era reconfortante, por um lado, mas também muito triste. Porque, no seu cargo de produtor, Walter fazia parte da equipa de Phil e isso significava que era também responsável por tentar impor a agenda de Phil sem pensar naqueles que pagavam o preço. Pegou numa caneta e, pela quarta vez nesse dia, seguiu o simples conselho de Elizabeth Zott: fazer aquilo que estava certo.

que nunca mais recuperes, escreveu em letras enormes mesmo no meio. Depois enfiou o postal num grande envelope e colocou-o no cesto de saída, enquanto fazia a si próprio uma promessa solene. As coisas tinham de mudar. Começaria por si próprio.

CAPÍTULO 32

Médio-mal passado

— **A** minha mãe sabe? – perguntou Mad, enquanto Harriet a mandava entrar para o *Chrysler*. O novo ano letivo já começara há algum tempo e, tal como prometido, Mrs. Mudford era novamente a professora de Madeline. Era por isso que Harriet achava que ela não perderia muito se faltasse um dia. Ou vinte.

– Valha-me Deus, claro que não! – exclamou Harriet enquanto ajustava o espelho retrovisor. – Se soubesse, achas que estaríamos a fazer isto?

– Mas ela não vai ficar zangada?

– Só se descobrir.

– Não está mal, a falsificação da assinatura dela – disse Mad, examinando o bilhete que Harriet escrevera para a poder tirar da escola. – Exceto o E e o Z.

– Bem – disse Harriet, irritada –, que sorte a minha a escola não ter especialistas em caligrafia na folha de pagamentos.

– É mesmo uma sorte – concordou Mad.

– O plano é este – disse Harriet, ignorando o comentário. – Esperamos cá fora como toda a gente e depois de entrarmos corremos logo para a última fila. Nunca ninguém quer ficar na última fila. Mas nós queremos porque, se alguma coisa correr mal, estaremos mesmo ao pé da saída de emergência.

– Mas a saída de emergência é para ser usada *apenas* em caso de emergência – disse Mad.

– Sim, e se a tua mãe nos vir, isso qualifica-se como uma emergência.

– Mas as portas devem ter alarme.

– Pois... outra vantagem. Se tivermos de fugir, talvez o barulho a distraia.

– Tens a *certeza* de que devíamos estar a fazer isto, Harriet? – insistiu Mad. – A minha mãe diz que um estúdio de televisão não é um lugar seguro.

– Que disparate.

– Ela diz que...

– Mad, é seguro. É um ambiente de aprendizagem. A tua mãe ensina culinária na televisão, não é?

– Ensina química – corrigiu Madeline.

– Que espécie de perigo achas que poderemos encontrar?

Madeline olhou para a janela.

– Excesso de radioatividade – disse.

Harriet suspirou. Esta criança estava a transformar-se na mãe. Normalmente esse tipo de coisa acontecia numa fase mais tardia da vida, mas Mad estava bem adiantada. Imaginou Mad em adulta. *Não te aviso mais vez nenhuma*, gritaria ela ao seu próprio filho ou filha. *Nunca deixes um bico de Bunsen aceso sem vigilância!*

– Chegámos! – exclamou Mad, subitamente excitada, ao ver o parque de estacionamento do estúdio. – KCTV! Uau! – E depois o sorriso desapareceu-lhe do rosto. – Oh, Harriet, olha para o tamanho da fila.

– Raios me partam – praguejou Harriet ao ver a massa de humanidade numa fila que serpenteava pelo parque. Eram centenas de pessoas, na sua maioria mulheres com as malas penduradas nos braços transpirados, mas também umas dezenas de homens com os casacos do fato ao ombro, seguros por dois dedos. Toda a gente tinha um leque improvisado: mapas, chapéus, jornais.

– Estão aqui todos para assistir ao programa da minha mãe? – perguntou Madeline, assombrada.

– Não, querida, eles gravam muitos programas aqui.

– Desculpe, minha senhora – disse um funcionário do parque, que fizera sinal a Harriet para parar. Inclinou-se para a janela dela. – Não viu o aviso? O parque está cheio.

– Está bem, então onde posso estacionar?

– É para o *Jantar às Seis*?

– Sim.

– Nesse caso, lamento muito ter de lhe dizer isto, mas não vai conseguir entrar. – Apontou para a fila. – A maior parte destas pessoas está aqui a perder tempo para nada. A fila começa a formar-se às quatro da manhã. Quase todos os membros do público em estúdio já estão seleccionados.

– O quê? – exclamou Harriet. – Não fazia ideia.

– O programa é popular – explicou o homem.

Harriet hesitou.

– Mas eu fui buscar esta criança à escola propositadamente.

– Desculpe lá, avó – disse ele. Inclinou-se mais para se dirigir a Madeline. – Lamento, miúda. Todos os dias tenho de mandar uma data de gente para trás. Não é um trabalho divertido, acredita. Fartam-se de gritar comigo.

– A minha mãe não gostaria disso – respondeu Mad. – Ela não gosta de ver ninguém a gritar com ninguém.

– A tua mãe deve ser muito querida – disse o homem. – Importa-se de dar a volta? Tenho mais pessoas atrás de si a quem tenho de dizer o mesmo.

– Está bem – disse Mad. – Mas pode fazer-me um favor? Importa-se de escrever o seu nome no meu caderno? Para eu dizer à minha mãe como é difícil estar aqui fora no seu lugar.

– *Mad* – sussurrou Harriet.

– Queres o meu autógrafo? – riu-se ele. – Bom, há uma primeira vez para tudo.

E, antes que Harriet conseguisse impedi-lo, pegou no caderno que Mad lhe estendia e escreveu *Seymour Browne*, com o cuidado de usar as linhas no caderno escolar que mostravam exatamente de que tamanho deviam ser as letras altas e de que tamanho deviam ser as letras baixas. Depois fechou o caderno e as duas palavras na capa fizeram-no dar um salto como se tivesse levado um choque elétrico.

– Madeline *Zott*? – leu, incrédulo.

*

O estúdio estava escuro e fresco, com cabos grossos esticados de parede a parede e câmaras enormes dos dois lados, ambas preparadas para rodar e gravar aquilo que os holofotes em cima iluminassem.

– Aqui estamos – disse a secretária de Walter Pine, conduzindo Madeline e Harriet até um par de cadeiras subitamente vagas na fila da frente. – Os melhores lugares da casa.

– Na verdade – disse Harriet –, se não se importasse, nós queríamos mesmo ficar mais atrás.

– Oh, céus, não! – exclamou ela. – Mr. Pine matava-me.

– Alguém vai morrer, isso é certo – murmurou Harriet.

– Eu gosto destes lugares – disse Madeline, e instalou-se.

– Ver um programa ao vivo é muito diferente de o ver em casa – explicou a secretária. – Já não estão só a ver o programa... agora fazem parte dele. E as luzes... mudam tudo. Garanto-lhe que este é o melhor lugar.

– É só porque não queremos distrair a Elizabeth Zott – tentou Harriet de novo. – Não queremos que ela fique nervosa.

– A Zott, nervosa? – A secretária riu-se. – Agora teve piada. De qualquer maneira, ela não consegue ver o público. As luzes do cenário cegam-na.

– Tem a *certeza*? – insistiu Harriet.

– É tão garantido como a morte e os impostos.

– Toda a gente morre – disse Mad. – Mas nem toda a gente paga os seus impostos.

– Oh, que menina tão precoce – disse a secretária, subitamente em tom irritado. Mas antes que Madeline pudesse apresentar algumas estatísticas sobre evasão fiscal, o quarteto lançou-se no tema musical de abertura de *Jantar às Seis* e a secretária desapareceu no éter. À esquerda, Madeline viu Walter Pine instalar-se numa cadeira com costas de pano. Ele acenou com a cabeça, uma câmara deslocou-se para a posição indicada e um homem com auscultadores levantou o polegar. Quando a música chegou aos últimos acordes, uma figura familiar subiu ao palco, como um presidente ao pódio, de cabeça bem levantada, costas direitas, o cabelo a brilhar sobre as luzes fortes.

*

Madeline já vira a mãe de mil maneiras diferentes – logo de manhã, antes de ir dormir, inclinada sobre o bico de Bunsen, debruçada sobre um microscópio, a enfrentar a professora Mudford, a olhar de testa franzida para a caixa de pó de arroz, a sair do duche, a abraçá-la. Mas nunca vira a mãe assim. Nunca, nunca a vira desta maneira. *Mãe!*, pensou, com o coração a transbordar de orgulho. *Mamã!*

– Olá – disse Elizabeth. – Chamo-me Elizabeth Zott e o nosso programa é *Jantar às Seis*.

A secretária tinha razão. Havia qualquer coisa nas luzes, na forma como revelavam coisas que o ecrã de baixa definição a preto-e-branco não deixava ver.

– Hoje é dia de bife – disse Elizabeth –, o que significa que vamos explorar a composição química da carne, com um foco especial na diferença entre «água ligada» e «água livre» porque... e talvez isto vos surpreenda – disse erguendo um grande naco de lombo de vaca de primeira – ...a carne é setenta e dois por cento água.

– Como a alface – murmurou Harriet.

– É diferente da alface, claro – disse Elizabeth –, que contém muito mais água... pode chegar aos noventa e seis por cento. E porque é que a água é importante? Porque é a molécula mais comum no nosso corpo: sessenta por cento daquilo que nos compõe. Embora o nosso corpo consiga passar sem comida até três semanas, sem água estaríamos mortos em três dias. Quatro, no máximo.

Um murmúrio consternado percorreu a audiência.

– E é por isso – continuou Elizabeth –, que quando pensarem em alimentar o corpo, devem pensar primeiro do que tudo em água. Mas agora, voltemos à carne. – Pegou numa grande faca de lâmina estreita e, enquanto demonstrava como fatiar um naco de carne, lançou-se numa explicação sobre o teor vitamínico da carne, detalhando não só o que o corpo fazia com o ferro, zinco e vitaminas B, mas também por que razão a proteína era tão importante para o crescimento. Explicou então que percentagem da água no tecido muscular existia em moléculas livres, e concluiu com aquilo que considerava obviamente serem definições empolgantes de água ligada e livre.

Ao longo da explicação, o público em estúdio escutou com toda a atenção – não se ouviam tossidelas, murmúrios, pernas a cruzar e a descruzar. O único som, a haver algum, era o suave arranhar de caneta em papel enquanto as pessoas tiravam apontamentos.

– Está na hora do intervalo para identificação da estação – disse Elizabeth, em resposta ao sinal do operador de câmara. – Fique connosco!

Depois pousou a faca e desceu do cenário, parando por um instante enquanto a maquilhadora lhe encostava uma esponja à testa e alisava uns fios de cabelo rebeldes.

Madeline virou-se para estudar o público. As pessoas estavam agitadas, impacientes pelo regresso de Elizabeth Zott. Sentiu uma ligeira pontada de inveja. De súbito, compreendeu que tinha de partilhar a mãe com muitas pessoas. E isso não lhe agradou.

*

– Depois de esfregarem o bife com um dente de alho partido ao meio – disse Elizabeth minutos depois –, polvilhem ambos os lados da carne com cloreto de sódio e piperina. Depois, quando virem que a manteiga está a formar espuma – apontou para uma frigideira de ferro quente – coloquem o bife na frigideira. Tenham o cuidado de esperar que se forme espuma, o que indica que o conteúdo de água da manteiga já se evaporou. Isto é essencial, porque assim o bife pode cozinhar em lípidos, em vez de absorver H₂O.

Enquanto o bife crepitava, tirou um envelope do bolso do avental.

– Enquanto o bife cozinha, gostaria de partilhar convosco uma carta que recebi de Nanette Harrison, em Long Beach. A Nanette escreve: «Cara Mrs. Zott, sou vegetariana. Não por motivos religiosos... simplesmente não me agrada a ideia de comer criaturas vivas. O meu marido diz que o corpo precisa de carne e que eu sou estúpida, mas detesto pensar que um animal deu a vida por mim. Jesus fez o mesmo, e vejam o que lhe aconteceu. Sinceramente, Mrs. Nanette Harrison, Long Beach, Califórnia.»

«– A Nanette, coloca uma questão muito interessante – disse Elizabeth. – Aquilo que comemos tem consequências para outras criaturas vivas. Contudo, as plantas também são seres vivos, e raramente pensamos que ainda estão vivas enquanto as picamos em pedacinhos, as esmagamos com os nossos molares, as empurramos pelo esófago abaixo e as digerimos no estômago cheio de ácido hidrolórico. Em suma, os meus parabéns, Nanette, por pensar antes de comer. Mas não tenha ilusões: continua a tirar ativamente vidas para sustentar a sua. Não há volta a dar. Quanto a Jesus, não faço comentários. – Virou-se, espetou o garfo no bife e tirou-o da frigideira, com os sucos a pingar de um vermelho ensanguentado, e olhou diretamente para a câmara. – E agora, uma palavra do nosso patrocinador.

Harriet e Madeline olharam uma para a outra, de olhos muito abertos.

– Às vezes pergunto-me *como* é possível que este programa seja popular – murmurou Harriet.

– Com licença. – A secretária voltara. – Mr. Pine pede se pode dar-vos uma palavrinha? – Disse-o como se fosse uma pergunta, embora não fosse. – Sigam-me, sim? – Levou-as por um corredor até chegarem a um gabinete onde Walter Pine caminhava para trás e para a frente. Havia quatro aparelhos de televisão encostados à parede, todos a passar *Jantar às Seis*.

– Olá, Madeline – disse ele. – Estou muito contente por te ver, mas também espantado. Não devias estar na escola?

Mad inclinou a cabeça para o lado.

– Olá, Mr. Pine. – Apontou para Harriet. – Esta é a Harriet. A ideia foi dela. Ela falsificou um recado.

Harriet lançou-lhe um olhar furibundo.

– Walter Pine – apresentou-se Walter, apertando a mão a Harriet. – Finalmente. Muito gosto em conhecê-la, Harriet... Sloane, certo? Tenho ouvido apenas coisas boas a seu respeito. Mas – baixou a voz –, o que lhe passou pela cabeça? Se ela descobre que estão aqui...

– Eu sei – disse Harriet. – Por isso é que pedi para nos sentarem na fila de trás.

– A Amanda também queria vir – disse Mad –, mas a Harriet não quis agravar o crime. Falsificação é um delito pouco grave, mas raptó...

– Muito atencioso da sua parte, Mrs. Sloane – interrompeu ele. – Contudo, para que saibam, se dependesse de mim seriam sempre bem-vindas. Mas não depende de mim. A tua mãe – disse, virando-se para Madeline – está apenas a tentar proteger-te.

– Da radioatividade?

Ele hesitou.

– És uma menina muito inteligente, Madeline, portanto quando eu disser que a tua mãe está a tentar proteger-te da celebridade, aposto que compreenderás o que quero dizer.

– Não.

– Significa que ela quer proteger a tua privacidade. Proteger-te de todas as coisas que as pessoas dizem e pensam sobre quem é figura pública. Sobre quem é famoso.

– Mas a minha mãe é *muito* famosa?

– Desde que começámos com os acordos de redifusão – disse Walter, tocando com os dedos na testa – é um bocadinho mais conhecida. Porque agora as pessoas em sítios como Chicago, Boston e Denver também podem ver a tua mamã.

– Piquem o rosmaninho – estava Elizabeth a dizer baixinho em fundo –, com a faca mais afiada que tiverem. Isto minimiza os danos à planta e evita o excesso de perda de eletrólitos.

– Porque é que ser famoso é mau? – quis saber Madeline.

– Eu não diria que é mau – disse Walter. – Simplesmente às vezes acarreta algumas surpresas, e nem todas são agradáveis. Por vezes as pessoas querem acreditar que conhecem uma celebridade, como a tua mãe, de forma mais pessoal. Isto faz com que se sintam importantes. Mas para isso têm de inventar histórias sobre a tua mãe, e nem todas as histórias são muito bonitas. A tua mãe quer apenas certificar-se de que ninguém inventa histórias sobre ti.

– As pessoas andam a inventar histórias sobre a minha mãe? – perguntou Madeline, alarmada. A culpa só podia ser das luzes, da forma como a faziam parecer invencível. Era isso que o público precisava de ver, uma mulher que exigia respeito e o obtinha, mesmo que a mãe tivesse problemas como toda a gente. Mad pensou que era, de certa forma, como quando ela fingia que não sabia ler muito bem. Uma pessoa fazia o que tinha de fazer.

– Não te preocupes – disse Walter, e pousou a mão no ombro magro da menina. – Se há alguém capaz de lidar com essas coisas, é a tua mãe. Muito poucas pessoas se atreverão a enfrentar a Elizabeth Zott. Tudo o que ela quer é garantir que ninguém tenta aproveitar-se de ti. Compreendes? E o mesmo se aplica a si, Mrs. Sloane – disse, virando-se para Harriet. – A senhora é quem passa mais tempo com a Elizabeth; tenho a certeza de que as suas amigas haviam de adorar que lhes contasse tudo.

– Não tenho muitas amigas – disse Harriet. – E, mesmo que tivesse, não faria tal coisa.

– É uma mulher inteligente – disse Walter. – Eu também não tenho muitos amigos.

Na verdade, pensou com os seus botões, só tinha uma: Elizabeth Zott. E não era apenas uma amiga, era a sua melhor amiga. Nunca lho dissera, mas era verdade. Sim, havia muitas pessoas que diriam que um homem e uma mulher não podiam ser realmente amigos. Estavam enganados. Ele e Elizabeth falavam sobre tudo, até sobre coisas íntimas – morte, sexo e filhos. Além disso, apoiavam-se um ao outro como os amigos fazem, e até se riam juntos, como os amigos fazem. Embora Elizabeth não fosse pessoa de se rir muito. Na verdade, apesar da popularidade crescente do programa, parecia mais deprimida do que nunca.

– Então – disse Walter –, e se vos tirássemos daqui antes que a tua mãe nos veja e nos frite a todos em ácido gástrico?

– Mas porque é que acha que a minha mãe é tão popular? – perguntou Madeline, ainda um pouco contrariada por ter de a partilhar.

– Porque diz exatamente aquilo que pensa – respondeu Walter. – O que é raro. Mas também porque a comida que ela faz é muito, muito boa. E porque parece que toda a gente quer aprender química. Estranhamente.

– Mas porque é que é raro dizer aquilo que pensamos?

– Porque há consequências – explicou Harriet.

– Consequências enormes – concordou Walter.

Numa televisão ao canto do escritório, Elizabeth disse:

– Parece que hoje temos tempo para responder a uma pergunta do público em estúdio. Sim... a senhora do vestido lilás.

Uma mulher levantou-se com um sorriso radiante.

– Olá, chamo-me Edna Flattistein e sou de China Lake. Queria apenas dizer que adoro o programa e gostei em particular daquilo que disse sobre sermos gratos pela nossa comida. Queria perguntar-lhe se tem alguma oração de graças preferida que diga antes de cada refeição, para agradecer a Nosso Senhor por tanta abundância. Adorava ouvi-la! Obrigada!

Elizabeth protegeu os olhos com a mão como se quisesse ver melhor Edna.

– Olá, Edna – disse –, e obrigada pela sua pergunta. A resposta é não; não tenho nenhuma oração preferida. Na verdade, nem sequer costume dar graças.

No escritório, Walter e Harriet empalideceram.

– Por favor – murmurou Walter –, não diga o que está a pensar.

– Porque sou ateia – concluiu Elizabeth com naturalidade.

– E aí está – disse Harriet.

– Por outras palavras, não acredito em Deus – esclareceu Elizabeth enquanto se ouviam exclamações abafadas entre o público.

– Esperem. Isso é raro? – questionou Madeline. – Não acreditar em Deus é uma dessas coisas *raras*?

– Mas acredito nas pessoas que tornam possível a alimentação – continuou Elizabeth. – Os agricultores, as pessoas que fazem as colheitas, os camionistas, aqueles que abastecem as prateleiras nos supermercados. Mas, principalmente, acredito em si, Edna. Porque foi você quem fez a refeição que alimenta a sua família. Graças a si, uma nova geração floresce. Graças a si, outras pessoas vivem.

Fez uma pausa, olhou para o relógio e virou-se para a câmara.

– Chegámos ao fim do nosso tempo, por hoje. Espero que se juntem a mim de novo amanhã, para explorarmos o mundo fascinante da temperatura e de como esta afeta o aroma. – Depois inclinou ligeiramente a cabeça para o lado, como se estivesse a perguntar a si própria se tinha ido longe de mais ou de menos. – Meninos, ponham a mesa – disse, em tom resolutivo. – A vossa mãe precisa de um momento para si.

E poucos segundos depois, o telefone de Walter começou a tocar e não parou mais.

CAPÍTULO 33

Fé

Em 1960, as pessoas não iam à televisão dizer que não acreditavam em Deus, pelo menos se quisessem continuar muito mais tempo na televisão. Como prova disso mesmo, o telefone de Walter depressa se encheu de ameaças de patrocinadores e espectadores que queriam ver Elizabeth Zott despedida, presa e/ou apedrejada até à morte. Esta última sugestão vinda das autoproclamadas pessoas de Deus – o mesmo Deus que apregoava tolerância e perdão.

– Raios, Elizabeth – disse Walter, dez minutos depois de ter ajudado Harriet e Madeline a escapulirem-se pela porta lateral. – Há coisas que é melhor não dizer! – Estavam sentados no camarim de Elizabeth e ela ainda tinha o avental aos quadrados amarelos firmemente amarrado à cintura estreita. – Tem todo o direito de acreditar no que quiser, mas não devia querer impor as suas crenças aos outros, muito menos na televisão!

– Como é que eu tentei impor as minhas crenças aos outros? – perguntou ela, surpreendida.

– Sabe muito bem o que quero dizer.

– A Edna Flattistein fez-me uma pergunta direta e eu respondi. Fico feliz por ela sentir que pode manifestar a sua fé em Deus, e agradeço que tenha o direito de o fazer. Mas essa mesma cortesia devia estender-se a mim também. Há muitas pessoas que não acreditam em Deus. Algumas acreditam em astrologia ou em cartas de *tarot*. A Harriet acredita que, se soprar para os dados, consegue números melhores no Yahtzee.

– Acho que ambos sabemos – disse Walter por entre os dentes cerrados –, que Deus é um bocadinho diferente do Yahtzee.

– Concordo – disse Elizabeth. – O Yahtzee é divertido.

– Vamos pagar bem caro por isto – avisou Walter.

– Vá lá, Walter – retorquiu ela. – Tenha um bocadinho de fé.

*

Fé – essa era, supostamente, a área de especialização do reverendo Wakely, mas hoje estava com dificuldade em encontrar a sua. Depois de passar horas a consolar uma congregante lamurienta que punha as culpas de tudo nos outros, regressou ao seu gabinete, ansioso por se ver sozinho. Porém, em vez disso, encontrou a sua datilógrafa em *part-time*, Miss Frask, sentada à secretária dele, atrás da máquina de escrever, a datilografar trinta palavras por minuto sem tirar os olhos da televisão ao canto.

– Olhem bem para este tomate – ouviu o reverendo dizer no ecrã a uma mulher de ar vagamente familiar, com um lápis a segurar-lhe o cabelo. – Pode não vos parecer que têm alguma coisa em comum com este fruto, mas têm. ADN. Que pode chegar a sessenta por cento. Agora olhem para a pessoa que têm ao lado. Parece-vos familiar? Pode parecer ou não, mas seja como for, ela e você partilham ainda mais: noventa e nove vírgula nove por cento do vosso ADN... tal como com todos os outros seres humanos do planeta. – Pousou o tomate e ergueu uma fotografia de Rosa Parks. – É por isso que eu estou ao lado dos líderes do movimento de direitos civis, incluindo a corajosa Rosa Parks. Discriminação com base na cor da pele não só é cientificamente ridícula, como é também sinal de profunda ignorância.

– Miss Frask? – disse Wakely.

– Só um momento, reverendo – disse ela, com um dedo no ar. – Está quase a acabar. Aqui tem o seu sermão. – Puxou a folha de papel da máquina de escrever.

– Seria de pensar que os ignorantes se extinguiriam mais depressa – continuou Elizabeth –, mas Darwin não levou em conta o facto de que os ignorantes raramente se esquecem de comer.

– O que é isto?

– *Jantar às Seis*. Nunca ouviu falar de *Jantar às Seis*?

– Tenho tempo para uma pergunta – estava Elizabeth a dizer. – Sim, a senhora de...

– Olá, chamo-me Francine Luftson e sou de San Diego! Queria dizer-lhe que sou sua fã, apesar de a senhora não acreditar em Deus! Gostava de saber se recomenda algum tipo de dieta? Sei que preciso de perder peso,

mas não quero sentir fome. Ah, já tomo comprimidos de dieta todos os dias. Obrigada!

– Obrigada, Francine – disse Elizabeth. – Mas vejo perfeitamente que não tem excesso de peso. Assim, tenho de partir do princípio de que foi indevidamente influenciada pela imagística implacável de mulheres demasiado magras que enche hoje em dia as revistas, destruindo-vos a moral e sufocando a autoestima. Em vez de fazer dieta e tomar comprimidos... – fez uma pausa. – Se não se importam que pergunte – disse –, quantas pessoas no público tomam comprimidos para emagrecer?

Ergueram-se algumas mãos nervosas.

Elizabeth esperou.

A maioria das outras mãos levantou-se também.

– Parem de tomar esses comprimidos – exigiu. – São anfetaminas. Podem causar psicose.

– Mas não gosto de fazer exercício – lamentou-se Francine.

– Se calhar ainda não encontrou o exercício certo.

– Vejo o Jack LaLanne.

Ao ouvir o nome de Jack, Elizabeth fechou os olhos.

– E que tal remo? – perguntou, subitamente cansada.

– Remo?

– *Remo* – repetiu ela, abrindo os olhos. – É uma forma brutal de entretenimento, concebida para pôr à prova todos os músculos do corpo e da mente. Tem lugar antes do nascer do dia, muito frequentemente à chuva. Causa calos rijos. Alarga os braços, o peito e as coxas. Partem-se costelas; ficamos com bolhas nas mãos. Por vezes, os praticantes de remo perguntam a si próprios: «Porque é que estou a fazer isto?»

– Credo – disse Francine, preocupada. – Parece ser horrível!

Elizabeth fitou-a, confusa.

– O que quero dizer é que o remo elimina a necessidade tanto de fazer dieta como de tomar comprimidos. E também faz bem à alma.

– Mas pensei que não acreditava em almas.

Elizabeth suspirou. Fechou novamente os olhos. Calvin. *Por acaso estás a dizer que as mulheres não conseguem remar?*

– Já trabalhei com ela – disse Frask, e apagou a televisão. – No Instituto Hastings, até sermos ambas despedidas. A sério que nunca ouviu falar dela? Elizabeth Zott. O programa passa no país todo.

– Ela também é praticante de remo? – disse Wakely, espantado.
– Como assim, «também»? – perguntou Frask. – Conhece outros remadores?

*

– Mad – disse Wakely, olhando de lado para o cão enorme que Madeline trouxera com ela ao parque –, porque é que não me disseste que a tua mãe trabalha na televisão?

– Pensei que soubesse. Toda a gente sabe. Principalmente agora, que ela não acredita em Deus.

– Não faz mal não acreditar em Deus – disse Wakely. – É uma das coisas a que nos referimos quando dizemos que este é um país livre. As pessoas podem acreditar naquilo que quiserem, desde que as suas convicções não prejudiquem os outros. Além disso, eu por acaso acredito que a ciência é uma forma de religião.

Madeline ergueu uma sobrancelha.

– Quem é este, já agora? – perguntou, esticando a mão para o cão cheirar.

– É o *Seis e Meia* – disse ela, enquanto duas mulheres passavam por eles a conversar em voz alta.

– Corrige-me se estiver enganada, Sheila – estava uma delas a perguntar –, mas ela não disse que os tachos de ferro precisam de zero vírgula onze calorias de calor para elevar a temperatura de uma grama de massa atómica em um grau Clesius?

– Isso mesmo, Elaine – disse a outra. – É por isso que vou comprar uma frigideira nova.

– Já me lembro dele – continuou Wakely, depois de as mulheres passarem. – Da tua fotografia de família. Que cão tão bonito.

Seis e Meia encostou a cabeça à palma da mão dele. *Bom homem.*

– De qualquer maneira, aposto que pensaste que me tinha esquecido... sei que já passou muito tempo... mas finalmente consegui falar com Todos os Santos. A verdade é que liguei várias vezes depois de termos falado no assunto, mas o bispo nunca estava. Hoje lá consegui falar com a secretária dele, que me disse que não havia qualquer registo de um Calvin Evans. Parece que nos enganámos no lar.

– Não – disse Madeline. – É esse o lar. Tenho a *certeza*.

– Mad, duvido que uma secretária eclesiástica mentisse.

– Wakely – disse ela. – Toda a gente mente.

CAPÍTULO 34

Todos os Santos

— Como é que se chama mesmo esse lugar? Todos os Santos? – repetiu o bispo, chocado.

Estava-se em 1933 e, embora estivesse com esperança de conseguir ser colocado numa paróquia abastada, bem regada a *whisky*, fora parar a um miserável lar para rapazes no meio do Iowa, onde mais de cem rapazes de várias idades, em formação para uma futura vida de crime, seriam um lembrete constante de que, da próxima vez que quisesse trocar de um arcebispo, seria melhor tentar não o fazer na cara dele.

– Todos os Santos – repetiu o arcebispo. – O lugar precisa de disciplina. Tal como o senhor.

– Para dizer a verdade, não sou nada bom com crianças – disse ele ao arcebispo. – Viúvas, prostitutas... aí é que estou no meu elemento. E que tal Chicago?

– Para além de disciplina – disse o arcebispo, ignorando a súplica –, a instituição precisa também de dinheiro. Parte do seu trabalho lá será garantir financiamento a longo prazo. Faça-o, e talvez eu lhe arranje qualquer coisa melhor no futuro.

Mas o futuro nunca mais chegou. Em 1937, o bispo ainda não tinha resolvido o problema financeiro. A única coisa produtiva que fizera? Editar as dez páginas da sua lista elaborada em fúria e intitulada «Odeio este lugar», reduzindo-as a cinco problemas centrais: sacerdotes de terceira, refeições demasiado farináceas, bolor, pedófilos e uma torrente constante de rapazes considerados demasiado selvagens ou demasiado esfomeados para fazerem parte de uma família normal. Eram os miúdos que ninguém queria, e o bispo compreendia perfeitamente porque ele também não os queria.

O lar ia-se aguentando, por uma unha negra, através dos habituais métodos católicos: vendas de xerez, marcadores para Bíblias, mendigar e

dar graxa. Mas aquilo de que precisavam mesmo era precisamente o que o arcebispo sugerira – uma dotação fixa. O problema era que as pessoas ricas gostavam de patrocinar coisas que o lar não tinha. Cátedras. Bolsas de estudo. Fundos em memória dos mortos. Por mais que tentasse vender a ideia da dotação, os potenciais dadores identificavam de imediato as falhas fatais do plano. «Bolsas de estudo?», diziam em tom trocista. O lar para rapazes não era realmente uma escola, da mesma forma que uma prisão não é, na realidade, um espaço de reabilitação – ninguém *quer* lá entrar. Patrocinar uma cátedra? O problema era o mesmo – o lar não tinha departamentos, quanto mais cátedras. Fundos em memória de alguém? Os seus pupilos eram demasiado novos para morrer e, de qualquer maneira, quem queria homenagear precisamente as crianças que toda a gente queria esquecer?

Assim, aqui estava ele, quatro anos mais tarde, ainda enfiado no meio dos campos de milho com uma data de rapazes perdidos. Parecia bastante claro que não havia quantidade de rezas capaz de alterar a situação. Para passar o tempo, às vezes classificava os rapazes por ordem de quem causava mais sarilhos, mas mesmo isso era uma perda de tempo, porque o primeiro lugar da lista cabia sempre ao mesmo. Calvin Evans.

*

– Aquele sacerdote da Califórnia voltou a ligar a perguntar por Calvin Evans – disse a secretária ao bispo, agora muito mais velho e encanecido, enquanto pousava algumas pastas na secretária dele. – Já fiz aquilo que me pediu... disse-lhe que tinha procurado nos arquivos e que não havia registos de ninguém com esse nome.

– Por amor de Deus. Por que raio não nos deixa em paz? – disse o bispo, afastando as pastas para o lado. – Protestantes... nunca sabem quando devem desistir!

– Quem era o Calvin Evans, afinal? – perguntou ela, curiosa. – Algum padre?

– Não – disse o bispo, recordando o rapaz que era a razão para ele *ainda* estar no Iowa, décadas mais tarde. – Uma praga.

*

Depois de ela sair, o bispo abanou a cabeça ao pensar em quantas vezes Calvin estivera no seu gabinete, culpado de mais uma infração qualquer – partir uma janela, roubar um livro, pôr um olho negro a um padre que estava apenas a tentar fazer com que ele se sentisse amado. Por vezes, casais bem intencionados apareciam no lar para adotar um dos rapazes, mas nunca ninguém mostrou qualquer interesse por Calvin. E quem podia censurá-los?

Mas depois, um dia, aquele homem chamado Wilson aparecera, caído do céu. Dissera estar ali em nome da Fundação Parker, um fundo católico milionário. Quando o bispo ouviu dizer que estava uma pessoa da Fundação Parker no edifício, teve a certeza de que chegara finalmente o seu dia. Com o coração acelerado, imaginou o tamanho da doação que este tal Wilson lhes deixaria. O bispo tencionava ouvir a proposta e depois, com toda a dignidade, pressioná-lo para dar ainda mais.

*

– Olá, senhor bispo – disse Wilson, como se não tivesse tempo a perder. – Estou à procura de um rapaz, dez anos de idade, provavelmente alto, de cabelo claro. – Explicou-lhe então que esse rapaz perdera a família na sequência de uma série de acidentes, cerca de quatro anos antes. Tinha razões para crer que o rapaz estava ali, em Todos os Santos. O rapaz tinha familiares vivos que haviam recentemente tomado conhecimento da sua existência e o queriam recuperar. – Chama-se Calvin Evans – concluiu, olhando para o relógio como se tivesse outro compromisso. – Se existir aqui algum rapaz com esta descrição, gostava de o conhecer. Na verdade, o meu plano é levá-lo comigo.

O bispo olhou para Wilson, com os lábios entreabertos numa expressão desapontada. Entre o momento em que soubera que o homem estava no edifício e o aperto de mão ao recebê-lo, já tinha esboçado um discurso de aceitação.

– Está tudo bem? – perguntou Wilson. – Não quero ser insistente, mas tenho um avião para apanhar dentro de duas horas.

Nem uma palavra sobre dinheiro. O bispo sentiu Chicago a ficar cada vez mais longe. Olhou muito bem para Wilson. Era alto e arrogante. Tal como Calvin.

– Talvez eu possa ir lá fora dar uma vista de olhos aos rapazes, ver se o consigo identificar por mim próprio.

O bispo virou-se para a janela. Ainda nessa manhã apanhara Calvin a lavar as mãos na pia batismal.

– Esta água não tem nada de sagrado – informara-o Calvin. – É água da torneira.

Porém, por mais vontade que tivesse de se ver livre de Calvin, o seu maior problema – dinheiro – mantinha-se. Olhou para a dezena de lápides negligenciadas no pequeno cemitério. *Em memória*, afirmavam.

– Senhor bispo? – Wilson estava de pé, já com a pasta na mão.

O bispo não respondeu. Não gostava deste homem, nem das suas roupas caras, nem da forma como aparecera sem avisar primeiro. Ele era um bispo, por amor de Deus – onde estava o respeito? Pigarreou, para ganhar tempo, enquanto olhava para as lápides de todos os bispos maltratados que o tinham antecedido. Não podia deixar partir a Fundação Parker, com a sua promessa de fundos sem fim.

Virou-se para Wilson.

– Tenho más notícias – disse. – O Calvin Evans morreu.

*

– É verdade, se o chato do sacerdote voltar a ligar – continuou o velho bispo a dizer à secretária, enquanto esvaziava o resto do café –, diga-lhe que eu morri. Ou, espere, não... diga-lhe – disse, unindo as pontas dos dedos – que descobriu que havia um Calvin Evans noutra lar... num sítio qualquer como, sei lá... Poughkeepsie? Mas que o lar ardeu e os registos se perderam todos.

– Quer que invente uma história? – perguntou ela, preocupada.

– Não seria invenção – disse ele. – Tecnicamente. Há sempre edifícios a serem destruídos pelo fogo. Praticamente ninguém liga nenhuma às regras de construção.

– Mas...

– Faça o que lhe digo – ordenou o bispo. – Esse sacerdote está a fazer-nos perder tempo. Temos de nos concentrar na angariação de fundos, lembre-se? Dinheiro para as crianças *vivas* que aqui temos. Se receber um telefonema para oferecer dinheiro, chame-me logo. Mas este disparate do Calvin Evans... é um beco sem saída.

*

Wilson olhou para ele como se tivesse ouvido mal.

– O que... o que é que disse?

– O Calvin faleceu recentemente, com pneumonia – limitou-se o bispo a dizer. – Foi um choque terrível. Todos gostavam muito dele. – Enquanto tecia a história, falou sobre as boas maneiras de Calvin, o seu papel de destaque na catequese, como gostava de milho. Quanto mais pormenores dava, mais tenso Wilson ficava. Incentivado por ver como a história estava a correr bem, o bispo foi ao armário de arquivo buscar uma fotografia. – É esta foto que vamos usar para o fundo em memória dele – disse, apontando para um Calvin a preto-e-branco, com as mãos na cintura, o tronco inclinado para a frente, a boca aberta como se estivesse a ralar com alguém. – Adoro esta fotografia. É mesmo o Calvin.

Viu Wilson olhar para a fotografia em silêncio. O bispo esperou que ele lhe pedisse alguma prova do que dizia, mas não – o outro homem parecia estar em estado de choque, até mesmo pesaroso.

De súbito, ocorreu-lhe que talvez Mr. Wilson não fosse mesmo um parente perdido assim tão distante. Uma coisa batia certo: a altura. Talvez Calvin fosse sobrinho dele? Ou então – *seu filho*? Deus do céu. Se fosse esse o caso, o homem nem imaginava a quantidade de problemas a que o bispo o estava a poupar. Pigarreou e deixou-o digerir a notícia triste durante mais alguns minutos.

– Claro que queremos atribuir uma dotação ao fundo em memória dele – disse Wilson por fim, em voz trémula. – A Fundação Parker vai querer homenagear a memória deste jovem. – Suspirou, o que pareceu torná-lo mais pequeno, e pegou no livro de cheques.

– Com certeza – disse o bispo em tom compreensivo. – O Fundo em Memória de Calvin Evans. Um tributo especial a um rapaz especial.

– Voltarei a contactar para discutir os pormenores de como a nossa contribuição regular será estruturada, senhor bispo – disse Wilson, abatido. – Entretanto, queira por favor aceitar este cheque em nome da Fundação Parker. Estamos gratos por tudo o que... fizeram.

O bispo fez um esforço e aceitou o cheque sem olhar para ele, mas assim que Wilson saiu pousou a tira de papel em cima da secretária. Era uma maquia razoável. E podia esperar mais, graças à sua ideia de criar um fundo

em memória de alguém que ainda estava vivo. Recostou-se na cadeira e cruzou as mãos sobre o peito. Se alguém quisesse provas da existência de Deus, não era preciso procurar mais. Todos os Santos: o local onde Deus ajudava realmente aqueles que faziam por isso.

*

Depois de deixar Madeline no parque, Wakely regressara ao escritório e, com alguma relutância, pegara no telefone. O único motivo para estar a ligar de novo para Todos os Santos era provar a Mad que estava enganada. Nem toda a gente mentia. Mas – e a ironia era evidente – para isso ele próprio tinha de mentir.

– Boa tarde – disse, imitando um sotaque britânico ao ouvir a voz já familiar da secretária. – Gostaria de falar com alguém no departamento de doações. Estou a pensar fazer uma dádiva considerável para o lar.

– Oh! – exclamou a secretária alegremente. – Deixe-me passar a chamada diretamente para o nosso bispo.

*

– Disseram-me que estava interessado em fazer uma doação? – disse o velho bispo a Wakely instantes depois.

– Exato – mentiu Wakely. – A minha paróquia é dedicada a ajudar... ah... crianças – disse, visualizando o rosto sério de Mad. – Órfãos, mais precisamente.

Mas Calvin Evans seria órfão?, pensou Wakely com os seus botões. Quando eram amigos por correspondência, Calvin deixara bem claro que tinha, na verdade, pelo menos um pai vivo. *odeio o meu pai. espero que ele esteja morto.* Wakely ainda conseguia ver a frase em maiúsculas.

– Para ser ainda mais específico, estou à procura do lar onde cresceu um rapaz chamado Calvin Evans.

– Calvin Evans? Lamento, o nome não me diz nada.

Do outro lado da linha, Wakely fez uma breve pausa. O homem estava a mentir. Ele ouvia mentirosos todos os dias; sabia identificá-los. Mas quais seriam as probabilidades de dois homens da Igreja estarem a mentir um ao outro ao mesmo tempo?

– Bom, é uma pena – disse Wakely cautelosamente. – Porque a minha doação é destinada de facto ao lar onde Calvin Evans passou a juventude.

Acredito que façam um trabalho maravilhoso, mas já sabe como os dadores são às vezes. Obstinosos.

Do outro lado da linha, o bispo levou os dedos às pálpebras e fez pressão. Sim, sabia muito bem como os dadores eram. A Fundação Parker não fizera outra coisa senão infernizar-lhe a vida; primeiro com os livros de ciências e a parvoíce do remo, depois com a reação desproporcional ao descobrirem que a dotação homenageava a vida de alguém que, tecnicamente, não estava... bom, não estava morto. E como souberam disso? Porque o bom do Calvin conseguira erguer-se dos não-propriadamente-mortos e aparecera na capa de uma revista chamada *Chemistry Today*. Cerca de dois segundos depois, o bispo estava ao telefone com uma mulher chamada Avery Parker, que o ameaçou com uma centena de ações judiciais distintas.

E quem era Avery Parker? A Parker que dava nome à Fundação Parker.

O bispo nunca falara com ela antes – lidava sempre com Wilson, que, depreendeu, era o seu representante e advogado. Mas agora que pensava melhor, lembrava-se de outra assinatura ilegível ao lado da de Wilson em todos os documentos relacionados com a dotação nos últimos quinze anos.

– *Mentiu* à Fundação Parker? – gritara ela ao telefone. – Fingiu que o Calvin Evans tinha morrido de pneumonia aos dez anos de idade só para conseguir dinheiro?

E ele pensou: *Minha senhora, não faz ideia de como as coisas são más aqui no Iowa.*

– Mrs. Parker – disse, de modo apaziguador –, compreendo a sua perturbação. Mas juro-lhe que o Calvin Evans que aqui esteve está de facto morto. O homem na capa dessa revista tem apenas o mesmo nome, nada mais. É um nome bastante comum.

– Não – insistiu ela. – Era o Calvin. Reconheci-o imediatamente.

– Então já o tinha visto antes?

Ela hesitou.

– Bem... não.

– Compreendo – disse ele, num tom que transmitia de forma muito eficaz como ela estava a ser ridícula.

A dotação foi cancelada cinco segundos depois.

– É um trabalho duro, o nosso, não é, reverendo Wakely? – disse o bispo.
– Os dadores são como peixes escorregadios. Mas tenho de ser franco... esse dinheiro faz-nos muita falta. Mesmo que o Calvin Evans nunca aqui tenha estado, temos outros rapazes igualmente merecedores.

– Acredito que sim – concordou Wakely. – Mas não está nas minhas mãos. Só posso fazer esta doação... não sei se lhe disse que são cinquenta mil dólares?... ao lar onde...

– *Espere* – interrompeu o bispo, com o coração a bater mais depressa ao ouvir mencionar uma quantia tão generosa. – Por favor, tente compreender: é uma questão de privacidade. Não falamos sobre indivíduos. Mesmo que esse rapaz aqui tivesse estado, não poderíamos dizê-lo.

– Claro – respondeu Wakely. – Ainda assim...

O bispo ergueu os olhos para o relógio. Estava quase na hora do seu programa preferido, *Jantar às Seis*.

– Não, espere um pouco – gritou, ansioso por não perder a doação nem o seu programa. – Está a obrigar-me a ir contra as nossas regras, mas... Só entre nós, sim, foi *aqui* que o Calvin Evans cresceu.

– Sim? – disse Wakely, e endireitou-se na cadeira. – E tem provas disso?

– *Claro* que tenho provas – respondeu o bispo, ofendido, e tocou com as pontas dos dedos em todas as rugas que Calvin lhe causara ao longo dos anos. – Acha que teríamos um Fundo em Memória de Calvin Evans se ele não tivesse estado aqui?

Wakely abriu a boca, surpreendido.

– Desculpe?

– O Fundo em Memória de Calvin Evans. Foi criado há uns anos em homenagem a esse querido rapaz, que viria a tornar-se um químico tão espantoso. Qualquer biblioteca decente terá documentos fiscais que provam a sua existência. Mas a Fundação Parker... era deles a dotação para o fundo... insistiu para que nunca fizéssemos publicidade do mesmo, e calculo que compreenda porquê. Com certeza não poderiam oferecer o mesmo a todos os lares que perdessem uma criança.

– Uma criança? – disse Wakely. – Mas o Evans era adulto quando morreu.

– S-s-sim – gaguejou o bispo. – Certo. Mas nós referimo-nos sempre aos antigos residentes como crianças. Porque foi assim que os conhecemos...

como crianças. O Calvin Evans era um miúdo maravilhoso, sabe? Esperto como uma raposa. Muito alto. Agora, em relação a essa doação...

*

Alguns dias mais tarde, Wakely encontrou-se de novo com Madeline no parque.

– Tenho boas e más notícias – disse. – Tinhas razão. O teu pai esteve em Todos os Santos. – Contou-lhe a conversa com o bispo, e como ele lhe dissera que Calvin Evans era «um miúdo maravilhoso» e «esperto como uma raposa». – Até têm um Fundo em Memória de Calvin Evans – disse. – Confirmei-o na biblioteca. Durante cerca de quinze anos foi financiado por uma tal de Fundação Parker.

Ela franziu a testa.

– Foi?

– A fundação interrompeu o financiamento há algum tempo. Acontece, por vezes. As prioridades mudam.

– Mas, Wakely, o meu pai morreu há seis anos.

– E então?

– Então, por que razão a Fundação Parker financiaria um fundo em memória de uma pessoa durante quinze anos, quando – fez as contas pelos dedos – nos primeiros nove desses anos ele ainda estava vivo?

– Oh – disse Wakely, corado. Não se apercebera da discrepância nas datas. – Bem... na altura não devia ser um fundo em memória dele, Mad. Talvez fosse um fundo honorário... ele realmente disse que era em *homenagem* ao teu pai.

– E se têm esse fundo, porque é que não disseram logo na primeira vez que lhes ligou?

– Questões de privacidade – disse ele, repetindo o que o bispo lhe dissera. Isso, pelo menos, fazia algum sentido. – Bom, seja como for, a parte boa é esta: procurei informações sobre a Fundação Parker e descobri que é gerida por um tal Mr. Wilson, que vive em Boston. – Olhou para ela com ar expectante. – Wilson – repetiu. – Também conhecido como a fada madrinha da tua bolota. – Recostou-se no banco, à espera de uma reação positiva. Mas quando a menina não disse nada, acrescentou: – Este Wilson parece ser um homem muito nobre.

– Parece ser um homem muito mal informado – disse Mad, examinando um arranhão no joelho. – Como se nunca tivesse lido *Oliver Twist*.

Mad tinha uma certa razão. Ainda assim, Wakely dedicara muito tempo ao assunto e esperava que ela se mostrasse um pouco mais empolgada. Ou pelo menos grata. Não sabia porque esperara tal coisa, na verdade. Nunca ninguém mostrava gratidão pelo seu trabalho. Todos os dias estava nas trincheiras, a confortar as pessoas, a escutar todos os seus problemas e angústias, e tudo o que ouvia era sempre a mesma frase batida: «Porque é que Deus está a castigar-me?» Céus. Como queriam que ele soubesse?

– Bem – disse, tentando esconder o desânimo –, a história é esta.

Madeline cruzou os braços, desapontada.

– Wakely – disse –, mas essas eram as boas ou as más notícias?

– Estas eram as *boas* notícias – disse ele com frieza. Tinha muito pouca experiência com crianças e começava a achar que queria ter ainda menos. – A única má notícia é que a morada que encontrei de Mr. Wilson, da Fundação Parker, é apenas um apartado.

– Porque é que isso é mau?

– As pessoas ricas usam apartados para se protegerem de correspondência indesejada. É como um caixote de lixo para o correio. – Remexeu na sua sacola e tirou um papel. Entregou-o a Mad e disse: – Aqui tens o número do apartado. Mas, Mad, por favor, não tenhas muitas esperanças.

– Não tenho esperança nenhuma – explicou Mad, enquanto olhava para o papel. – Tenho fé.

Ele fitou-a, surpreendido.

– Bom, aí está uma palavra que não esperava ouvir da tua boca.

– Porquê?

– Porque – começou ele – bem... enfim. A religião baseia-se na fé.

– Mas sabe – disse ela com delicadeza, como se não quisesse envergonhá-lo mais – que a fé não se baseia na religião, certo?

CAPÍTULO 35

O cheiro do fracasso

Na segunda-feira, às quatro e meia da manhã, Elizabeth saiu de casa como costumava fazer, ainda de noite, vestida com roupas quentes, e dirigiu-se à casa dos barcos. Porém, quando entrou no parque de estacionamento normalmente vazio reparou que quase todos os lugares estavam ocupados. Reparou também noutra coisa. Mulheres. Muitas mulheres. A dirigirem-se ao edifício, às escuras.

– Oh, meu Deus – murmurou. Puxou o capuz para o rosto e esgueirou-se por entre a pequena multidão, na esperança de conseguir chegar junto do doutor Mason a tempo de explicar. Mas era tarde de mais. Ele estava sentado atrás de uma mesa comprida, a distribuir impressos de inscrição. Olhou para ela sem um sorriso.

– Zott.

– Se calhar está curioso em relação ao que se passa – disse ela baixinho.

– Nem por isso.

– Penso que o que aconteceu – disse Elizabeth – foi que uma das minhas espectadoras pediu uma ideia sobre dieta, e eu sugeri-lhe que comesse a fazer exercício. Talvez tenha mencionado a prática do remo.

– Talvez?

– Possivelmente.

Uma mulher na fila virou-se para a amiga.

– Há uma coisa de que já estou a gostar no remo – disse, apontando para uma fotografia de oito homens num barco. – Estamos sempre sentadas.

– Veja se isto a ajuda com a memória – disse Mason, estendendo uma caneta à próxima mulher na fila. – Primeiro, descreveu o remo como a pior forma de castigo, e depois sugeriu que todas as mulheres do país deviam experimentá-lo.

– Bom, não sei se foram essas as minhas palavras *exatas*...

– Foram. E sei disso porque estava a ver o seu programa enquanto esperava que uma paciente fizesse a dilatação. A minha mulher também estava a assistir. Ela nunca perde o programa.

– Lamento muito, Mason, a sério. Nunca esperei...

– Não? – interrompeu ele. – Porque, há duas semanas, uma das minhas pacientes recusou-se a fazer força enquanto você não acabasse de explicar a reação de Maillard.

Ela ergueu os olhos, surpreendida, mas depois reconsiderou.

– Bom, é uma reação complicada.

– Desde sexta-feira que estou a tentar falar consigo por causa disto.

Sobressaltada, Elizabeth apercebeu-se de que era verdade. Ele ligara-lhe para o estúdio e para casa e, no meio da habitual avalanche de afazeres, ela esquecera-se de retribuir as chamadas.

– Desculpe – disse. – Tenho andado tão atarefada.

– Tinha-me dado jeito a sua ajuda a organizar as coisas por aqui.

– Pois.

– Obviamente que *não* vamos entrar na água hoje.

– Mais uma vez, as minhas desculpas.

– Sabe o que mais me irrita? – disse, apontando para uma mulher que dava saltos para aquecer. – Há anos que ando a tentar convencer a minha mulher a experimentar o remo. Como sabe, acredito que as mulheres têm um limiar de resistência à dor superior aos homens. Mesmo assim, nunca a consegui convencer, por mais que tentasse. Mas uma palavra da Elizabeth Zott...

A mulher que estava a saltar parou e levantou o polegar na direção de Elizabeth.

– ...e ela dirigiu-se tão depressa ao clube que mal a consegui acompanhar.

– Oh, estou a ver – disse Elizabeth lentamente, com um pequeno aceno aprovador na direção da mulher de Mason. – Portanto, na realidade, está contente.

– Eu...

– O que está a tentar dizer é, na verdade, *obrigado, Elizabeth*.

– *Não*.

– *De nada*, doutor Mason.

– *Não*.

Ela olhou de novo para a mulher.

– A sua mulher está a sentar-se no ergómetro.

– Oh, céus – disse Mason. – Betsy, isso *não*!

*

Estava a acontecer mais ou menos o mesmo em outros clubes de remo por todo o país. As mulheres apareciam e alguns dos clubes encorajavam-nas a inscrever-se. Mas isso não quer dizer que todos o fizessem. Ou que todas as pessoas que viam o programa de Elizabeth gostassem do que ela tinha para dizer.

«PECADORA EMPIA» dizia um cartaz escrevinhado à pressa, com uma fotografia de Elizabeth, empunhado por uma mulher de ar agressivo à porta dos estúdios da KCTV.

Era o segundo parque de estacionamento desse dia para Elizabeth e, tal como o primeiro, estava mais cheio do que o habitual.

– Manifestantes – disse Walter, vindo ao encontro dela. – É por isso que não dizemos certas coisas na televisão, Elizabeth – recordou-lhe. – É por isso que guardamos as nossas opiniões *para nós*.

– Walter – disse Elizabeth –, os protestos pacíficos são uma forma de diálogo muito valiosa.

– Chama a isto diálogo? – perguntou ele, enquanto alguém gritava:

– VAIS ARDER NO INFERNO!

– Só querem atenção – disse ela, como se falasse por experiência própria.

– Acabarão por se cansar.

*

Ainda assim, ele estava preocupado. Elizabeth começara a receber ameaças de morte. Walter partilhara essa informação com a polícia e a segurança do estúdio; até telefonara a Harriet Sloane para a informar. Mas não dissera nada a Elizabeth porque sabia que ela ia querer fazer alguma coisa a esse respeito. Além do mais, a polícia fora muito tranquilizadora.

– Uma data de malucos inofensivos – tinham dito.

*

Do outro lado da cidade, horas mais tarde, na sala de estar de Zott, *Seis e Meia* deu por si também preocupado. No final do programa de Elizabeth, na

sexta-feira, tinha reparado que nem toda a gente estava a bater palmas. No programa de hoje, lá estava de novo. Uma espectadora que não aplaudia.

Esperou até a criatura e Harriet estarem ocupadas no laboratório e saiu discretamente pela porta das traseiras. Trotou quatro quarteirões para sul e depois dois quarteirões para oeste, até estar posicionado perto da rampa de acesso à autoestrada. Quando um camião de caixa aberta abrandou, na fila de carros que esperavam para entrar na autoestrada, saltou para a parte de trás do mesmo.

Obviamente que sabia como encontrar a KCTV. Qualquer pessoa que tivesse lido *The Incredible Journey* compreenderia que não era de modo algum incrível que os cães conseguissem encontrar praticamente qualquer coisa. Ele costumava ouvir, assombrado, a história sobre a agulha num palheiro que Elizabeth lhe lera em tempos – assombrado porque não percebia qual era a dificuldade de encontrar uma agulha num palheiro. O cheiro a arame de aço com elevado teor de carbono era inconfundível.

Em suma, chegar à KCTV não foi difícil. Entrar era outra história.

Enquanto vagueava pelo parque de estacionamento, por entre os carros, com os ornamentos de *capot* e os para-choques cromados a reluzir sob o sol demasiado quente, procurou uma entrada.

– Ei, cãozinho – disse um homem corpulento com um uniforme azul-escuro, parado em frente de uma porta de ar importante. – Aonde é que pensas que vais?

O que *Seis e Meia* queria dizer era *lá para dentro*. Queria dizer-lhe que, tal como este homem de uniforme azul, também ele trabalhava em segurança. Mas, uma vez que explicar tal coisa estava fora de questão, optou pela representação: a linguagem da televisão.

– Oh, meu Deus! – exclamou o homem, quando *Seis e Meia* caiu para o lado de forma muito convincente. – Espera aí, rapaz, vou buscar ajuda! – Bateu na porta até alguém abrir e depois pegou em *Seis e Meia* e entrou com ele nos braços no edifício fresco devido ao ar condicionado. Um minuto depois, *Seis e Meia* estava a beber água de uma das tigelas da cozinha de Elizabeth.

Podiam dizer o que quisessem da raça humana, mas a sua capacidade de bondade era – na opinião de *Seis e Meia* – aquilo que os colocava bem acima dos outros, em termos de espécies.

*

– *Seis e Meia?*

Elizabeth!

Correu para ela com uma energia que um cão realmente afetado pelo calor nunca teria.

– Mas que... – começou o homem do uniforme azul, ao ver a recuperação milagrosa.

– Como é que entraste aqui, *Seis e Meia*? – disse Elizabeth, abraçando o cão. – Como é que me encontraste? Este é o meu cão, Seymour – disse ao homem de uniforme azul. – *Seis e Meia*.

– Na verdade são cinco e meia, minha senhora, mas ainda está um calor insuportável lá fora. Seja como for, o cão desmaiou e eu trouxe-o para dentro.

– Obrigada, Seymour – disse ela. – Fico a dever-lhe uma. Ele deve ter vindo a correr o caminho todo – disse, incrédula. – São quase quinze quilómetros.

– Ou talvez tenha vindo com a sua filha – sugeriu Seymour. – E com a avó, no *Chrysler*? Como aqui há uns meses?

– Espere aí – disse Elizabeth, e ergueu abruptamente a cabeça. – *O quê?*

*

– Eu posso explicar – disse Walter, com as mãos no ar, como se quisesse defender-se de um possível ataque.

Elizabeth há muito que deixara bem claro que não queria Madeline no estúdio. Ele não percebia porquê; Amanda vinha imensas vezes. Mas sempre que Elizabeth tocava no assunto, ele acenava como se compreendesse e concordasse, apesar de não ter a mais pequena ideia e de lhe ser indiferente.

– Foi um projeto para a escola – mentiu. – Tinham de ver os pais no emprego. – Não sabia por que raio sentia uma necessidade súbita de arranjar uma desculpa para Harriet Sloane, mas parecia-lhe a coisa certa a fazer. – Estava muito ocupada, provavelmente esqueceu-se.

Elizabeth hesitou. Talvez se tivesse esquecido. Mason não lhe dissera a mesma coisa ainda essa manhã?

– É só porque não quero que a minha filha me veja como uma personalidade televisiva – explicou, enrolando uma manga. – Não quero que ela pense que estou... enfim... a representar. – Pensou no pai e a sua expressão endureceu.

– Não se preocupe – respondeu Walter secamente. – *Nunca* ninguém achará que aquilo que faz é representar.

Elizabeth inclinou-se para a frente, agradecida.

– Obrigada.

A secretária de Walter entrou, com uma grande pilha de cartas.

– Pus em cima as coisas que requerem atenção imediata, Mr. Pine – disse.

– E, não sei se sabe, mas está um grande cão no corredor.

– Um quê?

– É meu – apressou-se Elizabeth a dizer. – É o *Seis e Meia*. Foi por causa dele que soube que a Mad tinha cá estado. Foi o Seymour quem me disse que elas...

Ao ouvir o seu nome, *Seis e Meia* levantou-se e entrou no escritório, com o nariz no ar. *Walter Pine. Sofre de baixa autoestima.*

De olhos muito abertos, Walter encolheu-se na cadeira. O cão era enorme. Respirou fundo e virou a sua atenção para o monte de correspondência, mal ouvindo enquanto Elizabeth continuava a falar sobre o que o animal conseguia fazer – sentar, ficar, ir buscar, provavelmente, sabe-se lá. Os donos de cães estão sempre a vangloriar-se, com um orgulho ridículo das pequenas proezas dos seus animais. Mas o discurso interminável deu-lhe o tempo de que precisava para pensar em quando conseguiria ligar a Harriet Sloane para a pôr a par da nova mentira, de modo a que ela pudesse confirmar a história do seu lado.

– O que acha? Disse-me que queria experimentar algo novo – estava Elizabeth a dizer. – Será que resultaria?

– Porque não? – disse ele afavelmente, apesar de não saber com o que estava a concordar.

– Fantástico – disse ela. – Começamos amanhã?

– Parece-me ótimo! – disse ele.

*

– Olá – disse Elizabeth no dia seguinte. – Chamo-me Elizabeth Zott e o nosso programa é *Jantar às Seis*. Hoje, gostava de vos apresentar o meu

cão, *Seis e Meia*. Diz olá a toda a gente, *Seis e Meia*. – *Seis e Meia* inclinou a cabeça para o lado e o público riu-se e aplaudiu. Walter, que fora informado apenas dez minutos antes de que, não só estava outra vez um cão no edifício, como a cabeleireira lhe aparara o pelo na testa para o preparar para a sua estreia em televisão, afundou-se na cadeira de produtor e jurou a si próprio acabar com as mentiras.

*

Depois de *Seis e Meia* participar no programa um mês antes, parecia quase inconcebível que não tivesse lá estado desde o princípio. Toda a gente o adorava. Até já recebia também correio dos fãs.

A única pessoa que ainda não parecia muito contente com a presença dele era Walter. *Seis e Meia* partia do princípio de que isso era por Walter não ser «pessoa de cães» – um conceito que lhe custava muito compreender.

– Trinta segundos para a abertura das portas, Zott – disse o operador de câmara enquanto *Seis e Meia* se posicionava à direita do palco, a pensar em novas formas de conquistar Walter. A semana passada, deixara cair uma bola aos pés dele, convidando-o para brincar. Não gostava muito de brincar a ir buscar a bola sozinho, parecia-lhe não fazer sentido. Pelos vistos, Walter tinha a mesma opinião.

– Muito bem, deixem-nos entrar – disse alguém por fim. As portas abriram-se e os espectadores gratos, entre exclamações maravilhadas, entraram e procuraram os seus lugares. Alguns apontavam para o grande relógio, com os ponteiros permanentemente na posição das seis horas, como turistas a apontarem para as estátuas de Mount Rushmore.

– Ali está – diziam. – Ali está o relógio.

– E ali está o cão! – diziam quase todos. – Vejam... ali está o *Seis e Meia*!

Ele não compreendia por que razão Elizabeth não gostava de ser uma estrela. Ele adorava.

*

– A casca da batata – estava Elizabeth a dizer minutos depois – é composta por células suberizadas, que formam a camada exterior da periderme do tubérculo. Constituem a estratégia de proteção da batata...

Seis e Meia estava ao lado dela como um agente dos Serviços Secretos, a perscrutar o público.

– ...o que prova que até os tubérculos compreendem que a melhor defesa é uma boa ofensiva.

O público estava de olhos fixos nela, com muita atenção, o que fazia com que fosse fácil catalogar cada rosto.

– A casca da batata está carregada de glicoalcaloides – continuou ela –, toxinas tão indestrutíveis que conseguem facilmente sobreviver tanto à cozedura como à fritura. No entanto, eu uso a casca de qualquer maneira, não só porque tem um elevado teor de fibra, mas porque é um lembrete diário de que nas batatas, como na vida, o perigo está em todo o lado. A melhor estratégia é não temer o perigo, mas sim respeitá-lo. E depois – acrescentou, enquanto pegava numa faca –, lidar com ele. – A câmara aproximou-se das mãos dela enquanto Elizabeth tirava habilmente um olho à batata. – Eliminam sempre os olhos das batatas e quaisquer áreas verdes – instruiu, pegando noutra batata. – É aí que se escondem as maiores concentrações de glicoalcaloides.

Seis e Meia estudou o público, à procura de um rosto em particular. Ah, ali estava ela. A que não batia palmas. Elizabeth anunciou que estava na altura da identificação da estação e saiu do palco. Normalmente, *Seis e Meia* seguia-a, mas hoje aproximou-se do público, causando de imediato alguns aplausos excitados e gritos de «Aqui, rapaz!». Walter não queria que ele fizesse isto – podia haver pessoas alérgicas ou que tivessem medo –, mas *Seis e Meia* fazia-o na mesma porque sabia que era importante trabalhar o público, e também porque queria aproximar-se daquela pessoa que não batia palmas.

*

Ela estava sentada na ponta da quarta fila, com o rosto fixo numa expressão desaprovadora, os lábios finos apertados. Ele conhecia o tipo dela. Enquanto as outras pessoas da fila se curvavam para lhe fazer festas, estudou a mulher como uma máquina de raio X. Estava tensa, rígida. Na verdade, *Seis e Meia* tinha um pouco de pena dela. Ninguém se tornava tão mau sem ter sido também vítima de maldade.

A mulher dos lábios finos virou-se para olhar para ele, com expressão dura. Enfiou a mão com cuidado dentro da mala e tirou um cigarro, que bateu duas vezes na coxa.

Fumadora. Fazia sentido. Era um facto bem conhecido que os humanos se consideravam a espécie mais inteligente do mundo, e contudo eram os únicos animais que inalavam voluntariamente carcinogéneos. *Seis e Meia* começou a virar-se, mas depois parou, ao sentir um cheiro por trás da nicotina. Era vago, mas familiar. Farejou de novo, enquanto o quarteto de *Jantar às Seis* se lançava na melodia que indicava «Ela está de volta!». Olhou de novo para a mulher. Ela pousou a mala no chão, na ponta da fila. Tinha a mão a tremer quando levou o cigarro aos lábios.

Seis e Meia levantou o nariz. *Nitroglicerina? Não era possível.*

– Encham um tacho grande com H_2O – estava Elizabeth a dizer, no palco –, e depois peguem nas batatas...

Farejou de novo. *Nitroglicerina. Quando manuseada sem cuidado, faz um barulho aterrorizador, como um foguete ou – engoliu em seco, ao pensar em Calvin – um tubo de escape.*

– ...e coloquem-nas no tacho, em lume forte.

Ouviu a voz do seu treinador em Camp Pendleton a insistir:

– *Encontra-a, raios. Encontra o raio da bomba!*

– O amido da batata, um hidrato de carbono complexo, composto pelas moléculas amilose e amilopectina...

Nitroglicerina. O cheiro do fracasso.

– ...enquanto o amido começa a decompor-se...

Vem da mala da mulher que não batia palmas.

*

Em Camp Pendleton, o cão só tinha de localizar a bomba, não precisava de a mover – esse era trabalho do treinador. Mas, de vez em quando, alguns dos exibicionistas – os pastores-alemães – faziam também essa parte.

Apesar de o estúdio estar fresco, *Seis e Meia*, começou a arfar. Tentou avançar, mas as suas pernas pareciam água. Parou. Tudo o que tinha de fazer, disse a si próprio, era jogar o jogo de que menos gostava – ir buscar – e assim apanhar o cheiro que mais detestava – nitroglicerina. A ideia dava-lhe náuseas.

*

– Que diabo vem a ser isto? – disse Seymour Browne ao ver uma mala de senhora, com a pega ainda molhada, em cima da sua secretária à entrada da

porta. – Deve estar por aí alguma senhora aflita.

Abriu a mala para procurar alguma forma de identificação, mas, quando olhou lá para dentro, susteve a respiração e pegou no telefone.

*

– Agora uma de braços cruzados – sugeriu o repórter a Seymour enquanto punha um *flash* novo na câmara. – Com ar duro... como quem diz «meteram-se com o homem errado».

Inacreditavelmente, era o mesmo repórter – o do cemitério. Ainda a tentar melhorar as suas hipóteses jornalísticas, instalara recentemente um rádio da polícia ilegal no carro e, nesse dia, o aparelho dera finalmente frutos: alguém encontrara uma pequena bomba numa mala de senhora nos estúdios da KCTV.

Tirou apontamentos enquanto Seymour explicava que a mala simplesmente aparecera em cima da sua mesa; não fazia ideia de como lá fora parar. Abriu-a para procurar identificação e deparara-se, em vez disso, com uma data de panfletos a acusar Elizabeth Zott de ser uma comunista ímpia e dois paus de dinamite unidos por fios tão frágeis que tudo parecia mais um brinquedo partido do que outra coisa.

– Mas por que raio alguém havia de querer bombardear a KCTV? – perguntou o repórter. – Não lidam essencialmente com a programação da tarde? Telenovelas? Palhaços?

– Temos todo o tipo de programas – disse Seymour, passando a mão trémula pela cabeça. – Mas desde que uma das nossas apresentadoras disse que não acreditava em Deus, tem havido alguns problemas.

– O quê? – disse o repórter, incrédulo. – *Quem* é que não acredita em Deus? De que tipo de programa estamos a falar?

– Seymour... Seymour! – chamou Walter Pine, enquanto ele e um agente da polícia abriam caminho por entre uma pequena multidão de funcionários preocupados. – Seymour, felizmente está bem! Depois do que fez... arriscar a vida!

– Estou bem, Mr. Pine – disse Seymour. – E não fiz nada, na verdade.

– Por acaso, Mr. Browne – disse o polícia, consultando os seus apontamentos –, até fez. Temos esta mulher debaixo de olho há já algum tempo. É uma macarthista fanática, uma autêntica maluquinha. Disse-nos

que há meses que anda a enviar ameaças de morte. – Fechou o bloco. – Pelos vistos fartou-se de ser ignorada.

– *Ameaças de morte?* – O repórter espezitou. – Então isto é... o quê? Um programa noticioso? De opinião política? Debate?

– Culinária – disse Walter.

– Se não tivesse deitado a mão a essa mala, Mr. Browne, o dia podia ter acabado de forma muito diferente. Como é que o fez, afinal? – insistiu o polícia. – Como lhe tirou a mala sem ela dar por isso?

– Estou farto de explicar. *Não fui eu* – repetiu Seymour. – A mala apareceu em cima da minha mesa.

– Está a ser demasiado modesto – disse Walter, e deu-lhe uma palmada nas costas.

– Só mostra que é um verdadeiro herói – confirmou o polícia com um aceno.

– O meu editor vai adorar a história – disse o repórter.

À distância, *Seis e Meia*, observava os homens a um canto, exausto.

– Só mais umas fotografias e deve ser... – Pelo canto do olho, o repórter viu *Seis e Meia*,. – Ei! – exclamou. – Não conheço aquele cão? Eu conheço aquele cão!

– Toda a gente conhece aquele cão – disse Seymour. – Ele aparece no programa.

O repórter olhou para Seymour, confuso.

– Mas não me tinha dito que era um programa de culinária?

– E é.

– Um cão num programa de culinária? O que é que o cão *faz*, exatamente?

Walter hesitou.

– Nada – admitiu. Mas, enquanto as palavras ficavam suspensas no ar, sentiu-se subitamente horrível.

Do outro lado da sala, os olhos de *Seis e Meia*, cruzaram-se com os dele. Walter não era uma pessoa de cães, mas até ele conseguia perceber que o animal estava magoado.

CAPÍTULO 36

Vida e morte

— **G**randes notícias! – disse Walter uma semana mais tarde, a tremer de excitação, quando se juntou a Elizabeth, Harriet, Madeline e Amanda à mesa. O jantar de domingo no laboratório de Elizabeth tornara-se um evento regular. – A revista *Life* ligou hoje. Querem fazer uma reportagem de capa!

– Não estou interessada – disse Elizabeth.

– Mas é a *Life*!

– Vão querer detalhes pessoais... coisas que não são da conta de ninguém. Já sei como isto funciona.

– Oiça – disse Walter –, precisamos mesmo disto. As ameaças de morte pararam, mas dava jeito alguma publicidade positiva.

– Não.

– Recusou falar com todas as revistas, Elizabeth. Não pode continuar assim.

– Teria todo o gosto em falar com a *Chemistry Today*.

– Sim – disse ele, e revirou os olhos. – Fantástico. Não é propriamente o nosso público-alvo, mas estou tão desesperado que lhes liguei mesmo.

– E?... – quis saber Elizabeth, ansiosa.

– Disseram que não estavam interessados em entrevistar uma cozinheira da televisão.

Elizabeth levantou-se e saiu.

*

– Ajude-me, Harriet – implorou Walter, quando se sentaram no degrau das traseiras, depois de jantar.

– Não devia ter-lhe chamado cozinheira da televisão.

– Eu sei, eu sei. Mas ela não devia ter dito a toda a gente que não acredita em Deus. Nunca conseguiremos deixar isso para trás.

A porta de rede abriu-se.

– Harriet? – interrompeu Amanda. – Anda brincar.

– Já vou – disse Harriet, puxando a menina para si com um braço. – Porque não começam vocês as duas a construir um forte?

– A Amanda gosta muito de si, Harriet – disse Walter rapidamente enquanto a filha voltava a entrar.

Conseguiu conter-se para não acrescentar *E eu também*. Nos últimos meses, graças às visitas regulares à residência Zott, cada vez passava mais tempo com Harriet. De cada vez que a deixava, dava por si a pensar nela durante horas. Harriet era casada – e infeliz, segundo Elizabeth –, mas era indiferente, de qualquer modo. Ela nunca mostrara qualquer interesse nele, e não admirava. Walter tinha cinquenta e cinco anos, estava a ficar careca, não prestava no seu trabalho e tinha uma filha pequena que tecnicamente nem sequer era dele. Se houvesse um manual chamado *Traços Menos Desejáveis num Homem*, ele estaria na capa.

– Sim? – disse Harriet, e um rumor subiu-lhe pelo pescoço ao ouvir o elogio. Alisou o vestido e puxou-o mais para baixo. – Eu falo com a Elizabeth – prometeu. – Mas primeiro devia falar com o jornalista. Diga-lhe que evite perguntas pessoais. Principalmente tudo o que tenha a ver com o Calvin Evans. Ele que se concentre apenas em Elizabeth... naquilo que *ela* alcançou.

*

A entrevista foi marcada para a semana seguinte. O repórter, Franklin Roth, um jornalista galardoado, era bem conhecido pela sua capacidade de conquistar a confiança até das estrelas mais recalcitrantes. Quando se sentou no seu lugar entre o público de *Jantar às Seis*, Elizabeth já estava em palco, a picar um grande molho de vegetais.

– Muitas pessoas acreditam que a proteína vem da carne, dos ovos e do peixe – estava ela a dizer –, mas a proteína tem origem nas plantas, e os maiores e mais fortes animais do mundo só comem plantas.

Ergueu um exemplar da *National Geographic* aberta num artigo sobre elefantes e começou a explicar, com todo o pormenor, o processo

metabólico do maior animal terrestre, pedindo ao operador de câmara que mostrasse uma fotografia das fezes do elefante.

– Consegue-se mesmo ver as fibras – disse, apontando para a foto.

Roth vira o programa algumas vezes e achara-o curiosamente cativante, mas agora, no meio do público, percebeu que aqueles que o rodeavam – e noventa e oito por cento dos espectadores em estúdio eram mulheres – faziam também parte da história, tanto como Zott. Todos pareciam estar armados de bloco e lápis; algumas pessoas até tinham manuais de Química. Todos prestavam aquele tipo de atenção que seria de esperar durante uma aula ou na igreja, mas que raramente se vê.

Num dos intervalos publicitários, virou-se para a mulher sentada ao seu lado.

– Se não se importa que pergunte – disse em tom educado, identificando-se como jornalista –, o que é que lhe agrada mais no programa?

– Ser levada a sério.

– Não são as receitas?

A mulher olhou para ele, incrédula.

– Às vezes penso – disse, lentamente – que se um homem tivesse de passar um dia na pele de uma mulher, na América, não passaria do meio-dia.

A mulher do outro lado deu-lhe uma palmadinha no joelho.

– Prepare-se para uma revolta.

*

Depois do programa dirigiu-se aos bastidores, onde Zott lhe apertou a mão e o cão, *Seis e Meia*, o farejou como um polícia a revistá-lo. Depois de breves apresentações, ela convidou-o, e ao fotógrafo, a acompanhá-la até ao camarim, onde falou sobre o programa – ou melhor, sobre a química que abordara no programa. Ele ouviu-a educadamente e depois fez um comentário sobre as calças dela, considerando que eram uma escolha ousada. Elizabeth fitou-o, surpreendida, e deu-lhe os parabéns por ter feito ele próprio essa mesma escolha ousada nessa manhã. O seu tom de voz arrefeceu.

Enquanto o fotógrafo disparava, o repórter mudou de assunto e falou no penteado de Elizabeth, que lhe lançou um olhar gelado.

O fotógrafo olhou para Roth, preocupado. Fora-lhe pedido que tirasse pelo menos uma fotografia de Elizabeth Zott a sorrir. *Faça qualquer coisa, indicou-lhe, por gestos. Diga uma piada.*

– Pode falar-me sobre esse lápis que tem no cabelo? – tentou Roth de novo.

– Com certeza – disse ela. – É um lápis número dois. O «dois» refere-se à dureza do carvão, embora os lápis não sejam mesmo de carvão. Contêm grafite, que é um alótropo de carbono.

– Não, o que queria saber era porque...

– Porque prefiro um lápis a uma caneta? Porque, ao contrário da tinta, a grafite é delével. As pessoas enganam-se, Mr. Roth. Com um lápis, podemos apagar o erro e seguir em frente. Os cientistas esperam cometer erros e, por causa disso, aceitamos o fracasso. – Depois olhou para a caneta dele com ar desaprovador.

O fotógrafo revirou os olhos.

– Oiça – disse Roth, e fechou o bloco. – Fiquei com a ideia de que acedeu a dar esta entrevista, mas já percebi que está a ser forçada a fazê-lo. Nunca entrevisto ninguém contra a sua vontade. Peço sinceras desculpas pela nossa intromissão. – Depois virou-se para o fotógrafo e fez sinal na direção da porta. Estavam a meio do parque de estacionamento quando Seymour Browne os deteve.

– A Zott diz para esperarem aqui – transmitiu-lhes.

*

Cinco minutos depois, Roth estava sentado ao lado de Elizabeth no banco da frente do velho *Plymouth* azul que ela conduzia, com o cão e o fotógrafo relegados para o banco de trás.

– Ele não morde, pois não? – perguntou o fotógrafo, enquanto se encostava à janela.

– Todos os cães têm a capacidade de morder – disse ela por cima do ombro. – Tal como todos os humanos têm a capacidade de fazer mal. O truque é agir de forma razoável, para que tal seja desnecessário.

– Isso é um *sim*? – perguntou ele, mas estavam a entrar na autoestrada e a pergunta perdeu-se no barulho de aceleração do motor.

– Aonde vamos? – perguntou Roth.

– Ao meu laboratório.

Mas quando estacionaram em frente de uma pequena casinha castanha num bairro antigo mas bem cuidado, achou que tinha ouvido mal.

– Infelizmente, agora sou eu que tenho de pedir desculpa – disse ela a Roth, enquanto os convidava a entrar. – A minha centrifugadora está avariada. Mas ainda posso fazer um café.

Deitou mãos ao trabalho enquanto o fotógrafo disparava a câmara. Roth olhou, de boca aberta, para aquilo que, calculou, fora em tempos uma cozinha. Parecia um cruzamento entre uma sala de operações e um cenário de perigo biológico.

– A carga estava desequilibrada – explicou ela, adicionando qualquer coisa sobre a separação de fluidos com base na densidade enquanto apontava para uma grande coisa prateada. Seria a centrifugadora? Ele não fazia ideia. Abriu de novo o bloco. Ela pousou um prato de bolachas em frente dele.

– São de cinamaldeído – explicou.

Roth virou-se e viu o cão a olhar para ele.

– *Seis e Meia*, é um nome invulgar para um cão – disse. – O que significa?

– O que *significa*?

Virou-se para ele de testa franzida, enquanto acendia um bico de Bunsen, como se, mais uma vez, não compreendesse por que razão ele insistia em fazer perguntas tão básicas. Fez então uma descrição detalhada dos babilónios, que utilizavam um sistema sexagesimal – contavam de sessenta em sessenta, explicou – tanto em matemática como em astronomia.

– Espero ter sido esclarecedora – concluiu.

Entretanto, o fotógrafo – que ela convidara a dar uma vista de olhos pela casa – perguntou o que era o aparelho no meio do chão da sala.

– O ergómetro? É uma máquina de remo – explicou ela. – Eu pratico remo. Muitas mulheres o fazem.

Roth pousou o bloco na mesa do laboratório e seguiu-os até à divisão contígua, onde ela demonstrou como funcionava a máquina.

– Um *erg* é uma unidade de energia – explicou, enquanto se movia para trás e para a frente de forma repetitiva, com o fotógrafo a apanhá-la de vários ângulos. – São precisos muitos *ergs* para remar.

Depois levantou-se e o fotógrafo tirou várias fotos aos calos nas mãos dela, antes de regressarem ao laboratório, onde Roth encontrou o cão a

babar-se para cima dos seus apontamentos.

E foi assim que a entrevista correu: de um extremo do tédio ao extremo oposto. Ele continuou a fazer perguntas e ela respondeu a todas – educada, prestável e cientificamente. Por outras palavras, Roth não tinha nada.

Elizabeth pousou uma chávena de café na mesa à frente dele. Roth não era grande apreciador de café – demasiado amargo para o seu gosto –, mas ela dera-se a tanto trabalho para o fazer: frascos, tubos, pipetas, vapores. Para ser educado, bebeu um gole. E depois outro.

– Isto é mesmo café? – perguntou, assombrado.

– Talvez queira ver como o *Seis e Meia*, me ajuda no laboratório – sugeriu ela.

Pôs uns óculos de proteção no cão e explicou a sua área de pesquisa – a abiogénese, disse –, depois soletrou, a-b-i-o, e por fim pegou no bloco dele e escreveu a palavra em letras maiúsculas. Entretanto, o fotógrafo tirou uma série de fotografias a *Seis e Meia*, enquanto este pressionava um botão que levantava e baixava a capela de exaustão.

– Quis trazê-lo aqui – disse ela a Roth – porque quero que os seus leitores compreendam que eu não sou, na realidade, uma cozinheira de televisão. Sou uma química. Durante algum tempo, o meu trabalho foi tentar resolver um dos maiores mistérios químicos do nosso tempo.

Explicou então com entusiasmo evidente o que era a abiogénese, usando uma descrição precisa para pintar um quadro completo. Era muito boa a explicar as coisas, compreendeu Roth; conseguia fazer com que até os conceitos mais enfadonhos parecessem excitantes. Tirou apontamentos detalhados enquanto ela agitava as mãos e apontava para várias coisas no laboratório, partilhando de vez em quando com ele os resultados dos testes e a sua interpretação dos mesmos, pedia desculpa mais uma vez pela centrífugadora avariada, explicava que um ciclotrão doméstico estava fora de questão, e sugeria que as atuais leis municipais a tinham impedido de instalar uma espécie de aparelho radioativo.

– Os políticos não nos facilitam a vida, pois não? – disse ela. – Seja como for, a origem da vida. Era disso que eu estava à procura.

– E já não está?

– Não.

Roth virou-se no banco. Nunca tivera o mais leve interesse em ciência – as pessoas eram a sua área de especialização. Mas no que dizia respeito a

Elizabeth Zott, estava a revelar-se impossível passar por cima do que ela fazia para chegar àquilo que ela era. Desconfiava que só haveria uma maneira de o fazer, mas Walter Pine avisara-o explicitamente para não enveredar por esse caminho – e prevenira-o de que, se o fizesse, a entrevista acabaria mal. Ainda assim, Roth decidiu arriscar.

– Fale-me sobre Calvin Evans – pediu.

*

Ao ouvir o nome de Calvin, Elizabeth girou rapidamente sobre si própria com ar desapontado. Deitou a Roth um longo olhar – o tipo de olhar reservado a quem quebrou uma promessa.

– Então está mais interessado no trabalho do Calvin – disse em tom inexpressivo.

O fotógrafo abanou a cabeça e murmurou entre dentes «bem metida, espertinho». Tapou a lente da câmara, derrotado.

– Espero lá fora – disse, irritado.

– Não é no trabalho dele que estou interessado – disse Roth. – Queria saber mais sobre a sua relação com o Evans.

– E como é que isso lhe diz respeito?

Mais uma vez, sentiu o peso dos olhos do cão sobre ele. *Identifiquei e memorizei a localização da sua artéria carótida.*

– É só porque há muito falatório sobre o que se passava entre vocês.

– Falatório.

– Sei que ele tem antecedentes abastados... o remo, Cambridge... e que a Elizabeth... – consultou os seus apontamentos – ...se formou na UCLA. Mas vejo que não fez o mestrado lá. Para onde foi a seguir? E sei também que foi despedida do Instituto Hastings.

– Investigou as minhas credenciais.

– Faz parte do meu trabalho.

– Então verificou também as do Calvin.

– Bom, não, não foi necessário. Ele era tão famoso que...

Elizabeth inclinou a cabeça de uma forma que ele achou preocupante.

– Miss Zott – disse –, claro que também é bastante famosa...

– A fama não me interessa.

– Não deixe que seja o público a contar a sua história, Miss Zott – avisou Roth. – Eles costumam distorcer a verdade.

– O mesmo se pode dizer dos repórteres – ripostou ela, e sentou-se no banco ao lado dele. Por um momento, pareceu prestes a cooperar, depois reconsiderou e olhou para a parede.

Ficaram assim sentados muito tempo – o café há muito arrefecera e até o tiquetaque do *Timex* dela parecia ter perdido o entusiasmo. Lá fora, ouviu-se uma buzina e uma mulher gritou:

– Não te aviso mais vez nenhuma...

*

Se há um truísmo no jornalismo, é este: só quando o repórter para de perguntar é que o entrevistado começa a responder. Roth conhecia-o bem, mas não foi por esse motivo que ficou em silêncio. Na verdade, foi porque se odiava a si próprio. Tinham-no avisado para não ultrapassar esta linha e ele fizera-o de qualquer maneira. Conquistara a confiança dela e depois espezinhara-a. Queria pedir desculpa, mas como escritor já sabia que as palavras de nada serviriam. Num verdadeiro pedido de desculpa, as palavras nunca são suficientes.

De súbito, ouviu-se uma sirene lá fora e ela deu um salto como uma corça assustada.

Inclinou-se para a frente e abriu de novo o bloco de Roth.

– Quer saber mais sobre a minha relação com o Calvin? – perguntou em tom seco. E depois começou a contar-lhe a única coisa que nunca ninguém contava a um repórter: a verdade nua e crua. E ele não sabia o que fazer com ela.

CAPÍTULO 37

Esgotada

*E*lizabeth Zott é, sem qualquer dúvida, a pessoa mais influente e inteligente na televisão hoje em dia, escreveu ele no lugar 21C do avião que o levava de regresso a Nova Iorque. Fez uma pausa, pediu mais um *whisky* com água e olhou para o nada por baixo dele. Era um bom escritor e um bom repórter e essas competências combinadas, aliadas a uma dose generosa de álcool, significavam que conseguiria escrever alguma coisa – pelo menos assim esperava. A história dela não era alegre e, na área do jornalismo, isso costumava ser uma coisa boa. Mas neste caso, e com esta mulher...

Tamborilou com os dedos no tabuleiro da companhia aérea. Em regra, os repórteres nunca querem encontrar-se senão no centro: sem preconceitos e imunes à emoção. Mas aqui estava ele, um bocadinho para o lado; mais especificamente, para o lado *dela*, e recusava-se terminantemente a ver a história de qualquer outra forma. Roth agitou-se na cadeira e esvaziou o copo de um só trago.

Raios. Entrevistara muitas outras pessoas – Walter Pine, Harriet Sloane, algumas pessoas no Instituto Hastings, todos os membros da equipa do *Jantar às Seis*. Até lhe fora concedido acesso à miúda, Madeline, que entrara distraidamente no laboratório de olhos pregados ao livro que estava a ler – seria mesmo *O Som e a Fúria*? Mas não perguntou nada à criança, não só porque lhe pareceu errado, mas também porque o cão interviera fisicamente. Enquanto Elizabeth cuidava de um pequeno corte na perna de Madeline, *Seis e Meia*, virara-se para ele e arreganhara os dentes.

Porém, tudo o que os outros tinham dito não era nada. Aquilo que ficaria com ele para o resto da sua vida eram as palavras de Elizabeth Zott.

– O Calvin e eu éramos almas gémeas – começou ela.

Descreveu em seguida os seus sentimentos por aquele homem volátil e desajeitado, com uma intensidade que deixou Roth a sentir-se privado de algo.

– Não é preciso perceber de química ao nível mais avançado para compreender a raridade da nossa situação – disse ela. – O Calvin e eu não nos limitámos a encaixar; nós colidimos. Na verdade, de forma muito literal, no vestíbulo de um teatro. Ele vomitou em cima de mim. Está familiarizado com a teoria do Big Bang, certo?

Continuou a falar sobre o amor entre eles com palavras como «expansão», «densidade», «calor», e sublinhando que o que estava subjacente à paixão era um respeito mútuo pelas capacidades do outro.

– Faz ideia de como isso é extraordinário? – disse ela. – Um homem levar o trabalho da sua amante tão a sério como leva o seu?

Ele susteve a respiração.

– Obviamente que eu sou química, Mr. Roth – continuou Elizabeth –, o que, à primeira vista, explicaria por que razão o Calvin estava interessado na minha pesquisa. Mas já trabalhei com muitos químicos e nenhum acreditava que eu tinha lugar nesse mundo. Exceto Calvin e um outro. – A sua expressão era de pura fúria. – O outro foi o doutor Donatti, diretor do Departamento de Química no Instituto Hastings. Não só ele sabia que eu tinha lugar nesse mundo, como sabia também que o meu trabalho tinha potencial. A verdade é que roubou a minha pesquisa. Publicou-a como se fosse sua.

Roth arregalou os olhos.

– E eu despedi-me nesse mesmo dia.

– Porque não o denunciou à publicação? – perguntou. – Porque não exigiu o devido crédito?

Elizabeth olhou para ele como se Roth viesse de outro planeta.

– Presumo que está a brincar.

Roth corou, embaraçado. Claro. Quem é que aceitaria a palavra de uma mulher contra a de um homem, e ainda por cima chefe de todo um departamento? Para ser franco, ele próprio não podia garantir que reagisse de maneira diferente.

– Apaixonei-me pelo Calvin – estava ela a dizer – porque ele era inteligente e bondoso, mas também porque foi o primeiro homem que me

levou a sério. Imagine se todos os homens levassem as mulheres a sério. A educação mudaria. A força de trabalho passaria por uma revolução. Os terapeutas matrimoniais ficariam no desemprego. Está a compreender o que quero dizer?

Ele compreendia, mas na verdade não queria. A mulher deixara-o recentemente, acusando-o de não respeitar o trabalho dela como dona de casa e mãe. Mas ser dona de casa e mãe não era mesmo um trabalho, pois não? Era mais uma função. De qualquer maneira, ela deixara-o.

– Foi por isso que eu quis ensinar química no *Jantar às Seis*. Porque, quando as mulheres compreendem química, começam a compreender como as coisas funcionam.

Roth parecia confuso.

– Refiro-me a átomos e moléculas, Roth – explicou ela. – As verdadeiras regras que governam o mundo físico. Quando as mulheres compreendem estes conceitos básicos, podem começar a ver os limites falsos que lhes foram impostos.

– Pelos homens, é o que quer dizer.

– Por políticas artificiais, culturais e religiosas, que colocam os homens num papel forçado e não natural de liderança. Basta um entendimento básico de química para revelar os perigos de uma abordagem tão desequilibrada.

– Bem – disse ele, ao perceber que nunca tinha olhado para as coisas dessa maneira –, concordo que a sociedade deixa muito a desejar, mas no que diz respeito à religião, acredito que nos dá humildade... que nos ensina o nosso lugar no mundo.

– Não me diga? – disse ela, surpreendida. – Eu acho que nos salva das consequências. Acho que nos ensina que nada é culpa nossa, na realidade; que algo ou alguém está a puxar os cordelinhos; que, em última análise, não somos nós os responsáveis por as coisas serem como são; e que, para melhorar as coisas, devíamos rezar. Mas a verdade é que somos, de facto, responsáveis pelo mal que há no mundo. E temos o poder de o resolver.

– Mas com certeza não está a sugerir que os humanos podem corrigir o Universo.

– Estou a falar de nos corrigirmos a nós, Mr. Roth... aos nossos erros. A Natureza funciona num plano intelectual mais elevado. Podemos aprender mais, podemos ir mais longe, mas para isso temos de escancarar as portas.

Há demasiadas mentes brilhantes que são afastadas da pesquisa científica devido a preconceitos ignorantes como gênero e raça. Isto enfurece-me, e devia enfurecê-lo também. A ciência tem grandes problemas para resolver: fome, doença, extinção. E aqueles que fecham propositadamente a porta aos outros, através de ideias culturais desatualizadas e que só têm em conta os seus interesses próprios, não são apenas desonestos, são voluntariamente preguiçosos. O Instituto de Investigação Hastings está cheio de gente assim.

Roth parou de escrever. Isto dizia-lhe alguma coisa. Trabalhava para uma revista conceituada, mas o seu novo editor viera do *The Hollywood Reporter* – um pasquim – e ele, Roth, apesar de ter um Pulitzer, respondia agora perante alguém que se referia às notícias como «zumzuns» e que insistia que a «roupa suja» era parte essencial de todas as histórias. *O jornalismo é um empreendimento que busca o lucro!* estava o seu chefe sempre a recordar-lhe. *As pessoas querem sordidez!*

– Sou ateia, Mr. Roth – disse ela, com um profundo suspiro. – Na verdade, sou humanista. Mas tenho de admitir que há dias em que a raça humana me dá a volta ao estômago.

Levantou-se, recolheu as chávenas e pousou-as perto do sinal que indicava a estação de lavagem ocular. Roth teve a forte sensação de que a entrevista terminara, mas ela virou-se para ele.

– Em relação à minha licenciatura – disse –, não a tenho, nem nunca afirmei ter. Entrei no programa de Meyers com base unicamente em estudo autodidata. Por falar em Meyers – disse, com a voz dura, enquanto tirava o lápis do cabelo. – Há algo que tem de saber. – Contou-lhe então toda a história, explicando por que razão fora forçada a deixar a UCLA, porque quando os homens violam as mulheres, preferem que as mulheres não digam nada.

Roth engoliu em seco.

– Quanto ao meu passado, fui criada pelo meu irmão – continuou. – Ele ensinou-me a ler, mostrou-me as maravilhas de uma biblioteca e tentou proteger-me da devoção dos meus pais ao dinheiro. No dia em que encontrámos o John enforcado no telheiro, o meu pai nem sequer esperou que a polícia chegasse. Não podia chegar atrasado a uma atuação. – O pai, explicara ela, era um intrujão religioso que estava agora a cumprir vinte e cinco anos de cadeia por ter matado três pessoas enquanto executava um milagre, sendo que o verdadeiro milagre era não terem morrido mais.

Quanto à mãe, Elizabeth não a via há mais de doze anos. Desaparecera de vez no Brasil, com uma família nova em folha. Ao que parecia, fugir aos impostos era um compromisso para toda a vida.

– No entanto, acho que a infância do Calvin ganha o primeiro prêmio. – Falou-lhe então sobre a morte dos pais dele, depois da tia, o que o levava a um lar católico para rapazes onde fora vítima de abusos às mãos dos padres até ter crescido o suficiente para se defender. Elizabeth encontrara um velho diário escondido nas caixas que ela e Frask tinham roubado. Embora a caligrafia infantil de Calvin fosse, por vezes, quase impossível de decifrar, o sofrimento por trás das palavras era muito claro.

O que não contou a Roth foi que, nas páginas do diário de Calvin, encontrara também a origem do seu ressentimento permanente. *Estou aqui, quando não devia estar*, escrevera, sugerindo que houvera uma alternativa. *E nunca perdoarei àquele homem, nunca. Jamais. Enquanto for vivo.* Depois de ler a correspondência dele com Wakely, ela compreendia agora que Calvin estava a falar do pai que desejava ver morto. Aquele que prometera odiar enquanto fosse vivo. Uma promessa que cumprira.

Roth olhou para a mesa. Tivera uma educação normal – pai e mãe, sem suicídios, nem homicídios, nem sequer um toque isolado por parte do padre da sua paróquia. E mesmo assim arranjava sempre motivos de sobra para se queixar. Como era possível? Tal como as pessoas tinham o mau hábito de minimizar os problemas e tragédias dos outros, tinham também o mau hábito de não dar valor àquilo que têm. Ou tinham. Sentia falta da mulher.

– Quanto à morte do Calvin – disse ela –, a responsável sou eu, única e exclusivamente. – Ele empalideceu enquanto ela descrevia o acidente e a trela e as sirenes e como, por causa disso, ela nunca, nunca mais tentaria prender ninguém fosse de que maneira fosse. Aos olhos dela, a morte de Calvin fora o catalisador de uma série de outros fracassos: apanhada de surpresa pelo roubo de Donatti, ela abandonara a sua pesquisa; determinada a ajudar a filha a integrar-se, inscrevera-a numa escola onde ela não se integrava; pior ainda, tornara-se a pessoa que menos queria ser, alguém que atuava, como o pai. Oh, e ainda por cima causara um ataque cardíaco a Phil Lebensmal.

– Embora não considere este último ponto um fracasso – disse.

– De que estiveram a falar tanto tempo? – perguntou o fotógrafo no caminho para o aeroporto. – Perdi alguma coisa?

– Nada – mentiu Roth.

Antes de entrar no táxi, Roth já decidira que não revelaria aquilo que ficara a saber. Escreveria o seu artigo dentro do prazo exigido, de acordo com as especificações, e nem mais uma palavra. Escreveria muito para dizer pouco. Falaria sobre ela, mas não a denunciaria. Por outras palavras, cumpriria o prazo e, no jornalismo, isso era noventa e nove por cento da lei.

Apesar do que Elizabeth Zott pode dizer, Jantar às Seis não é apenas uma introdução à química, escreveu ele nesse dia, no avião. É uma lição de vida de trinta minutos, cinco dias por semana. E não uma lição sobre quem somos ou aquilo de que somos feitos, mas sim sobre aquilo que temos capacidade de vir a ser.

Em vez de informações pessoais, escreveu uma descrição da abiogénese em duas mil palavras, seguida de uma secção de quinhentas palavras sobre como o elefante metaboliza a comida.

– Isto não é uma história! – protestara o novo editor depois de ler o primeiro rascunho do artigo. – Onde é que está a roupa suja?

– Não havia nenhuma – disse Roth.

*

Dois meses depois, ali estava ela, na capa da revista *Life*, de braços cruzados sobre o peito, rosto sério, ladeada por um título que dizia «Porque Comemos Tudo o que Ela Serve». O artigo de seis páginas incluía quinze fotografias de Elizabeth em ação – no programa, no ergómetro, a ser maquilhada, a fazer festas a *Seis e Meia*, em reunião com Walter Pine, a ajeitar o cabelo. O artigo começava com a frase de Roth sobre ela ser a pessoa mais inteligente na televisão atual, só que o editor trocara a palavra «inteligente» por «atraente». Incluía depois uma breve descrição dos maiores sucessos do programa – o episódio do extintor, o episódio dos cogumelos venenosos, o episódio «eu não acredito em Deus» e tantos outros – e terminava com a observação dele sobre o programa ser uma lição de vida. Mas o resto?

*

– Ela é o anjo da morte – foi a citação que um repórter em início de carreira disposto a tudo conseguira do pai de Zott, na sala de visitas na prisão de Sing Sing. – Filha do diabo. E arrogante.

O repórter conseguira também uma citação do Dr. Meyers da UCLA, que caracterizara Zott como «uma estudante apagada, mais interessada em homens do que em moléculas», acrescentando ainda que ela não era nem de longe tão atraente em pessoa como parecia na televisão.

– Quem? – perguntara Donatti quando o repórter o contactara depois de ter acesso aos registos de trabalho de Zott. – Zott? Oh, espere... está a falar da Lizzie Deliciosa? «Deliciosa» era o que todos lhe chamávamos – disse –, e ela costumava protestar como as mulheres fazem quando não estão *mesmo* a protestar. – Sorriu e, para provar o que queria dizer, mostrou a antiga bata de laboratório dela, na qual ainda se viam as suas iniciais, E. Z. – A Deliciosa era uma excelente técnica de laboratório... é a posição que temos para as pessoas que querem trabalhar em ciência mas não têm cérebro para isso.

A última citação era de Mrs. Mudford.

– O lugar das mulheres é em casa, e o facto de a Elizabeth Zott não estar em casa revelou-se prejudicial para o bem-estar da filha. Ela costumava exagerar as capacidades da criança... um dos primeiros sinais de um progenitor preocupado com estatuto. Naturalmente que, enquanto a filha foi minha aluna, tentei contrariar esse efeito.

A citação de Mudford era acompanhada por, imagine-se, uma fotografia da árvore genealógica de Madeline. «Mentiras!», escrevera a professora em cima. «Temos de falar!»

De tudo o que constava no artigo, esta árvore genealógica foi o que causou mais danos. Porque, nela, Madeline não só incluía Walter como familiar – os leitores partiram de imediato do princípio de que isto significava que Elizabeth andava a dormir com o produtor – como incluía também um pequeno desenho de um avô com um fato de prisioneiro às riscas, uma avó a comer *tamales* no Brasil, um grande cão a ler *Old Yeller*, uma bolota com o rótulo «Fada Madrinha», uma mulher chamada Harriet a envenenar o marido, a lápide de um pai morto, um jovem enforcado e alguns elos de ligação ténues com Nefertiti, Sojourner Truth e Amelia Earhart.

A revista esgotou em menos de vinte e quatro horas.

CAPÍTULO 38

Brownies

JULHO DE 1961

Há quem diga que não existe má publicidade e, neste caso, estavam certos. A popularidade do *Jantar às Seis* disparou.

– Elizabeth – disse Walter a Elizabeth, que estava sentada em frente dele no seu gabinete, com expressão empedernida. – Sei que está aborrecida por causa do artigo... todos estamos. Mas veja as coisas pelo lado positivo. Temos os anunciantes a fazer fila. Vários fabricantes estão a implorar-nos para criar linhas novas de coisas com o seu nome. Panelas, facas, todo o tipo de artigos!

Ela franziu os lábios; Walter sabia que isso significava sarilhos.

– A Mattel até enviou um modelo de um conjunto de química para raparigas...

– Um conjunto de química? – interrompeu ela, ligeiramente mais animada.

– Claro que é apenas um esboço, uma ideia inicial, não se esqueça... – preveniu ele enquanto lhe mostrava uma proposta. – Estou certo de que algumas coisas podem ser...

– «Meninas!» – leu ela em voz alta. – «Criem o vosso próprio perfume... através da ciência!» Por amor de Deus, Walter. E a caixa é cor-de-rosa? Ligue imediatamente para esta gente... quero dizer-lhes onde é que podem enfiar o tubo de ensaio de plástico.

– Elizabeth – disse ele em tom apaziguador –, não temos de dizer que sim a tudo, mas há aqui potencial para garantirmos segurança financeira para o resto da vida. Não só para nós, mas para as nossas filhas. Temos de pensar para além de nós próprios.

– Isto não é pensar, Walter, isto é *marketing*.

– Mr. Pine – disse uma secretária –, tem Mr. Roth na linha dois.
– Não atenda essa chamada – avisou Elizabeth, com a mágoa de ter sido caluniada ainda bem estampada no rosto.

*

– Olá – disse Elizabeth Zott várias semanas depois –, chamo-me Elizabeth Zott e o nosso programa é *Jantar às Seis*.

Estava em pé por trás de uma tábua de corte, com um sortido de vegetais expostos à sua frente num quadro de cor deslumbrante.

– No jantar de hoje, vamos usar beringela – disse, pegando num grande vegetal roxo. – Ou *aubergine*, como se chama noutras partes do mundo. A beringela é muito nutritiva, mas pode ser amarga devido aos seus compostos fenólicos. Para eliminar este amargor... – interrompeu-se abruptamente e revirou o vegetal entre as mãos, como se não estivesse muito satisfeita. – Deixem-me reformular. Para nos proteger contra a *tendência* que a beringela tem de ser amarga... – Parou novamente e suspirou. Depois atirou a beringela para o lado.

– Esqueçam – disse. – A vida já é amarga o quanto baste. – Abriu um armário atrás de si e começou a tirar novos ingredientes. – Mudança de planos – declarou. – Vamos fazer *brownies*.

Madeline estava deitada de barriga para baixo em frente da televisão, com as pernas cruzadas no ar atrás de si.

– Parece que vamos comer *brownies* outra vez esta noite, Harriet. Já é o quinto dia seguido.

– Faço *brownies* nos meus dias maus – confessou Elizabeth. – Não vou fingir que a sucrose é um ingrediente essencial ao nosso bem-estar, mas, pessoalmente, sinto-me melhor quando a ingiro. Vamos começar.

*

– Mad – disse Harriet por cima da voz de Elizabeth, enquanto retocava o batom e ajeitava o cabelo. – Tenho de sair por um bocadinho, está bem? Não abras a porta, não atendas o telefone e não saias de casa. Eu volto antes de a tua mãe chegar. Entendido? Mad? Ouviste o que eu disse?

– O quê?

– Até já. – A porta fechou-se com um estalido atrás dela.

– Os *brownies* ficam melhores quando são feitos com cacau em pó de qualidade ou chocolate de culinária sem açúcar – continuou Elizabeth. – Eu prefiro cacau processado holandês. Contém um nível elevado de polifenóis, que, como já sabem, são agentes redutores que protegem o corpo contra os componentes oxidativos...

Madeline olhou atentamente para a televisão enquanto a mãe combinava o cacau em pó com a manteiga derretida e o açúcar, mexendo a colher de pau com tal vigor que parecia capaz de partir a taça. Quando a revista *Life* saiu, Madeline ficara tão orgulhosa. A mãe – na capa! Contudo, antes que conseguisse ler o artigo, a mãe enfiou todos os seus exemplares – e os de Harriet também – num saco de lixo e deixou-o no passeio.

– Não podes ler este chorrilho de mentiras – disse a Madeline. – Entendido? Em circunstância alguma.

Madeline assentiu com um aceno. Porém, no dia seguinte, foi direta à biblioteca e leu sem interrupções, com o dedo a guiar os olhos ao longo das colunas.

– Não – murmurou com voz embargada. – Não, não, não. – As lágrimas deslizaram-lhe pelo rosto e caíram sobre uma fotografia da mãe a arranjar o cabelo, como se fosse isso que fazia o dia inteiro. – A minha mãe é cientista. É química.

*

Prestou de novo atenção à televisão, onde a mãe estava a picar nozes.

– As nozes contêm um teor invulgarmente elevado de vitamina E sob a forma de gama tocoferol – disse ela. – Está comprovado que protege o coração. – Embora, pela maneira como continuava a picá-las, parecesse claro que as nozes não iam fazer grande diferença aos estragos no coração dela.

De súbito, a campainha da porta tocou e Mad deu um salto. Harriet nunca a deixava abrir a porta, mas Harriet não estava em casa. Espreitou pela janela, à espera de ver um estranho, mas era Wakely.

– Mad – disse o reverendo Wakely quando ela abriu a porta. – Tenho estado tão preocupado.

Na televisão, Elizabeth Zott estava a explicar como o ar era transportado ao longo das superfícies irregulares dos cristais de açúcar e ficava depois preso numa película de gordura, o que criava uma espuma.

– Quando junto os ovos – estava ela a dizer –, a proteína impede que as bolhas de ar revestidas por gordura rebentem quando sujeitas ao calor. – Pousou a tigela. – Voltamos já a seguir a esta identificação da estação.

– Espero que não haja problema em ter passado por cá – disse Wakely. – Pensei que te conseguiria encontrar em casa durante o programa da tua mãe. Ela está mesmo a fazer *brownies* para o jantar?

– Teve um dia mau.

– Aquele artigo da *Life*... eu nem imagino. Onde está a senhora que costuma tomar conta de ti?

– A Harriet não demora. – Hesitou, pois sabia que aquilo que ia perguntar devia ser errado. – Wakely, quer ficar para jantar?

Ele fez uma pausa. Se os dias maus ditassem as ementas, ele comeria *brownies* a todas as refeições até ao fim da vida.

– Não quero incomodar, Mad. Só queria mesmo ver se estava tudo bem. Sinto-me mal por não ter conseguido ajudar-te mais com a tua árvore genealógica, embora esteja orgulhoso daquilo que fizeste. Definiste a tua família em traços largos e honestos. Família é muito mais do que biologia.

– Eu sei.

Ele olhou em volta na pequena sala atafalhada de livros, e os seus olhos caíram sobre o ergómetro.

– Ali está – disse, maravilhado. – A máquina de remo. Vi-a na revista. O teu pai era muito habilidoso.

– A minha mãe é muito habilidosa – afirmou ela. – A minha mãe transformou a cozinha num... – Mas antes que pudesse mostrar-lhe o laboratório, Elizabeth anunciou na televisão que estava de volta.

– Uma das coisas de que gosto na culinária – disse, enquanto adicionava farinha – é a sua utilidade inerente. Quando fazemos comida, não estamos a criar apenas algo que sabe bem... criamos algo que fornece energia às nossas células, algo que alimenta a vida. É muito diferente do que os outros criam. Por exemplo... – fez uma pausa e olhou diretamente para a câmara, com os olhos semicerrados – ...as revistas.

– A tua pobre mãe – disse Wakely, e abanou a cabeça.

A porta das traseiras abriu-se com estrondo.

– Harriet? – chamou Mad.

– Não, querida, sou eu – disse uma voz cansada. – Hoje saí mais cedo.

Wakely ficou paralisado.

– É a tua mãe?

Não estava preparado para conhecer Elizabeth Zott. Já bastava estar na casa onde Calvin Evans vivera em tempos, mas ver-se subitamente frente a frente com a mulher que não conseguira consolar no funeral de Evans? A famosa apresentadora televisiva ateia? A pessoa que adornara recentemente a capa da revista *Life*? Não. Tinha de sair imediatamente – já, antes que ela visse um homem adulto sozinho com a sua filha numa casa vazia. Meu Deus! O que lhe passara pela cabeça? Isto não podia ser pior.

– Adeus – sussurrou a Mad, e virou-se para a porta da frente. Porém, antes que conseguisse abri-la, *Seis e Meia*, apareceu ao lado dele.

Wakely!

– Mad? – chamou Elizabeth enquanto largava os sacos no laboratório e se dirigia à sala. – Onde... – Parou. – Oh! – Franziu a testa, surpreendida por ver um homem de colarinho de padre com a mão na maçaneta da porta.

– Olá, mamã – disse Madeline, tentando parecer descontraída. – Este é o Wakely. É um amigo meu.

– *Reverendo Wakely* – disse ele, e largou a maçaneta com relutância para lhe estender a mão. – Da Primeira Igreja Presbiterana. Peço muita desculpa por estar a incomodar, Mrs. Zott – disse, com as palavras a atropelarem-se. – Muita, muita desculpa. Com certeza está cansada depois de um longo dia. A Madeline e eu conhecemo-nos na biblioteca há algum tempo, e ela tem razão, somos amigos, somos... eu estava de saída.

– O Wakely ajudou-me com a árvore genealógica.

– Um trabalho horrível – disse ele. – Completamente disparatado. Oponho-me com veemência a trabalhos de casa que se imiscuam em assuntos privados das famílias... mas não, na verdade não ajudei nada. Quem me dera *poder* ter ajudado. O Calvin Evans foi uma grande influência na minha vida... o trabalho dele... bom, pode parecer estranho, tendo em conta a minha profissão, mas eu era admirador dele, pode mesmo dizer-se fã... Na verdade, o Evans e eu... – Parou. – Mais uma vez, lamento muito a sua perda... estou certo de que não tem sido...

Wakely conseguia ouvir a sua própria voz a correr como um rio desgovernado. Quanto mais falava, mais Elizabeth Zott o fitava de forma assustadora.

– Onde está a Harriet? – perguntou ela a Madeline.

– Saiu.

Na televisão, Elizabeth Zott disse:

– Tenho tempo para uma ou duas perguntas.

– É mesmo química? – perguntou alguém. – Porque a revista *Life* disse...

– *Sim*, sou – retorquiu ela. – Alguém tem uma pergunta a sério?

Na sala de estar, Elizabeth parecia em pânico.

– Desliga imediatamente a televisão – disse.

Porém, antes que conseguisse chegar ao botão, uma mulher no público em estúdio perguntou, intrometida:

– É verdade que a sua filha é ilegítima?

Wakely deu dois passos para a televisão e apagou-a.

– Ignora o que ela disse, Mad – disse. – O mundo está repleto de ignorância. – Depois olhou em volta como se quisesse certificar-se de que não deixava nada para trás, e disse: – Lamento muito ter vindo incomodar. – Porém, quando agarrou de novo na maçaneta, Elizabeth pousou a mão na manga dele.

– Reverendo Wakely – disse, na voz mais triste que ele alguma vez ouvira. – Já nos conhecemos, não já?

*

– Nunca me tinha dito isso – declarou Madeline enquanto estendia a mão para um segundo *brownie*. – Porque é que não me disse que estive no funeral do meu pai?

– Porque – respondeu Wakely – eu fui apenas um figurante. Admirava muito o teu pai, mas isso não significa que o conhecesse. Queria ajudar... queria encontrar as palavras certas para ajudar a tua mãe na sua perda, mas falhei. Nunca tinha conhecido o teu pai pessoalmente, percebes... mas sentia que o compreendia. Se calhar isto parece presunçoso – disse, virando-se para Elizabeth. – Lamento muito.

Ao longo do jantar, Elizabeth falara pouco, mas as confissões de Wakely pareciam tê-la tocado de alguma forma distante. Acenou com a cabeça.

– Mad – disse ela –, ilegítima significa que tu nasceste fora dos laços do matrimónio. Significa que o teu pai e eu não éramos casados.

– Eu sei o que significa – disse ela. – Só não percebo porque é que é tão grave.

– Só é grave para as pessoas muito estúpidas – interveio Wakely. – Eu falo com estúpidos o dia inteiro. Conheço bem o território. Como sacerdote,

tinha esperança de poder reduzir um pouco esse tipo de estupidez... levar as pessoas a ver que as suas ações podem causar sofrimento desnecessário... mas, enfim, a tua mãe está absolutamente correta quando disse, naquele artigo, que a nossa sociedade se baseia maioritariamente em mitos, que a nossa cultura, religião e política têm tendência para distorcer a verdade. E a ilegitimidade dos filhos é apenas um desses mitos. Não dês importância a essa palavra nem a quem a usa.

Elizabeth ergueu os olhos, surpreendida.

– Isso não saiu no artigo da *Life*.

– O quê?

– Essa parte sobre os mitos. Sobre a distorção da verdade.

Era a vez de ele parecer surpreendido.

– Sim, não saiu na *Life*. Mas no novo artigo de Roth... – Olhou para Mad, como se só agora lhe tivesse ocorrido o motivo da sua visita. – Baixou-se e tirou um envelope castanho fechado da sacola, que colocou em frente de Elizabeth. Tinha três palavras escritas no exterior: *Elizabeth Zott. privado*.

– Mãe – disse Mad muito depressa. – Mr. Roth esteve cá há uns dias. Eu não abri a porta porque não devo abrir, mas também porque era o Roth, e a Harriet diz que ele é o Inimigo Público Número Um. – Fez uma pausa e baixou a cabeça. – Eu li o artigo da *Life* – confessou. – Sei que me disste para não o ler, mas li e era horrível. Além disso, não sei como o Roth conseguiu ver a minha árvore genealógica, mas viu e a culpa é minha e... – As lágrimas deslizaram-lhe pelas faces.

– Querida – disse Elizabeth em voz baixa, puxando a filha para o colo. – Claro que a culpa não é tua; nada disto é culpa tua. Não fizeste nada errado.

– Oh, fiz sim. – Mad soluçou enquanto a mãe lhe acariciava o cabelo. – Aquilo – disse, apontando para o envelope que Wakely colocara na mesa –, aquilo é do Roth. Ele deixou-o do lado de fora da porta, e eu abri-o. E apesar de dizer que era privado, li tudo. E depois levei-o ao Wakely.

– Mas Mad, porque... – interrompeu-se e olhou para Wakely, alarmada. – Espere. O senhor também leu?

– Eu não estava quando a Mad passou por lá – explicou Wakely –, mas a minha datilógrafa disse-me que a Mad estava muito aflita. Por isso, confesso... também li o artigo. Na verdade, a minha datilógrafa também o leu... é muito...

– Meu Deus! – explodiu Elizabeth. – Mas está tudo doido? Ninguém sabe o que significa a palavra «privado»? – Pegou no envelope com gestos bruscos.

– Mas, Mad – disse Wakely, ignorando a ira de Elizabeth –, porque é que ficaste tão aflita com o artigo? Pelo menos Mr. Roth está a tentar corrigir um erro. Pelo menos, escreveu a verdade.

– Como assim, a *verdade*? – disse Elizabeth. – Aquele homem não faz ideia de como... – Mas quando retirou o conteúdo do envelope calou-se. O título do novo artigo era «Porque São Importantes as Mentes Delas».

Era um artigo ainda por publicar. Sob o cabeçalho, tinha uma fotografia de Elizabeth no laboratório de casa, com *Seis e Meia*, de óculos de proteção ao lado dela. À sua volta, uma moldura fotográfica de outras mulheres cientistas de todo o mundo, nos seus laboratórios. «O preconceito na ciência», dizia o subtítulo, «e o que estas mulheres estão a fazer quanto a isso».

Preso à folha de cima estava um bilhete.

Desculpe, Zott. Despedi-me da Life. Ainda estou a tentar publicar a verdade, apesar de ninguém a querer ver. Já fui rejeitado por dez publicações científicas até agora. Vou cobrir uma história em desenvolvimento num país chamado Vietname. Cumprimentos, FR.

Enquanto lia o novo artigo, Elizabeth susteve a respiração. Estava lá tudo: os seus objetivos, as suas experiências. E estas outras mulheres e o seu trabalho – sentiu-se fortificada pelas batalhas delas, inspirada pelo seu progresso.

Madeline, contudo, estava a chorar.

– Querida – disse Elizabeth –, não compreendo. Porque é que isto te afligiu tanto? Mr. Roth fez um bom trabalho. É um bom artigo. Não estou zangada contigo; ainda bem que o leste. Ele escreveu algo verdadeiro sobre mim e estas outras mulheres e tenho muita esperança de que seja publicado. Algures. – Olhou de novo para o bilhete. Rejeitado por dez revistas científicas, já? A sério?

– Eu sei – disse Madeline, limpando o nariz com as costas da mão. – Mas é por isso que estou triste, mãe. Porque devias estar num laboratório. Mas

em vez disso estás a fazer o jantar na televisão e... e... e é por *minha* causa.

– Não – disse Elizabeth com ternura. – Não é verdade. Todos os pais têm de ganhar a vida. Faz parte de ser adulto.

– Mas não estás no laboratório especificamente por *minha* causa...

– Volto a dizer que não é verdade...

– É, sim. Foi a datilógrafa do Wakely que me disse.

Elizabeth abriu a boca de espanto.

– Valha-me Deus – disse Wakely, e escondeu o rosto nas mãos.

– O quê? – disse Elizabeth. – Mas quem é essa sua datilógrafa?

– Acho que a conheceu em tempos – disse Wakely.

– Ouve bem, Mad – disse Elizabeth. – Ouve com muita atenção. Ainda sou uma química. Uma química na televisão.

– Não – disse Mad tristemente. – Não és.

CAPÍTULO 39

Caros senhores

Dois dias antes, Miss Frask estava lançada. Geralmente conseguia datilografar cerca de 145 palavras por minuto – o que já era rápido, por qualquer padrão – mas o recorde mundial era de 216 palavras por minuto, e nesse dia, Frask, que tomara três comprimidos de dieta com café, tinha a impressão de que seria capaz de o bater. Porém, mesmo quando estava a entrar na reta final, com os dedos a martelarem as teclas e um cronómetro a trabalhar ao seu lado, ouviu duas palavras inesperadas.

– Com licença.

– Céus! – gritou, afastando-se da secretária. Virou a cabeça para a esquerda e viu uma criança magra com um grande envelope castanho na mão.

– Olá – disse a criança.

– Mas que raio!... – exclamou Frask.

– A senhora é mesmo rápida.

Frask levou a mão ao peito como se quisesse impedir o coração de saltar para fora.

– O-obrigada – balbuciou.

– As suas pupilas estão dilatadas.

– Co-como?

– O Wakely está?

Frask recostou-se na cadeira, cheia de palpitações, e a menina inclinou-se e espreitou para o papel enfiado na máquina de escrever.

– *Então?!* – disse Frask.

– Estou a fazer as contas – explicou a menina. Depois endireitou-se com expressão assombrada. – Uau! Está muito perto dos domínios da Stella Pajunas.

– Co-como sabes quem é a Stella...

– A datilógrafa mais rápida do mundo. Duzentas e dezasseis palavras por minuto...

Frask arregalou os olhos.

– ...mas eu interrompi-a, portanto tem de levar isso em consideração...

– Quem és tu? – insistiu Frask.

– Não sei se sabe que está a transpirar.

Frask levou a mão à testa húmida.

– Neste momento está nas cento e oitenta palavras por minuto. Arredondando.

– Como te chamas?

– Mad – disse a criança.

Frask reparou nos lábios inchados e arroxeados da menina, nos membros compridos e desajeitados.

– Evans? – inquiriu, sem pensar.

Olharam uma para a outra igualmente estupefactas.

*

– Trabalhei com o teu pai e a tua mãe – explicou Frask a Mad enquanto servia um prato de bolachas de dieta. – No Instituto Hastings. Eu estava no Departamento de Pessoal e os teus pais trabalhavam ambos no Departamento de Química. O teu pai era muito famoso... calculo que saibas. E agora a tua mãe também é famosa.

– Por causa da *Life* – disse a criança, e baixou a cabeça.

– Não – respondeu Frask com firmeza. – Apesar da *Life*.

– Como era o meu pai? – perguntou Mad, mordiscando uma bolacha.

– Ele... – Frask hesitou. Apercebeu-se de que não fazia a mais pequena ideia de como ele era. – Estava perdidamente apaixonado pela tua mãe.

O rosto de Madeline iluminou-se.

– A sério?

– E a tua mãe – continuou ela, pela primeira vez sem vestígios de inveja – estava perdidamente apaixonada por ele.

– Que mais? – indagou Mad, avidamente.

– Eram muito felizes juntos. Tão felizes que, antes de o teu pai morrer, deixou um presente à tua mãe. Sabes que presente foi? – Inclinou a cabeça para Mad. – Foste tu.

Madeline revirou ligeiramente os olhos. Era o tipo de coisa que os adultos diziam quando estavam a tentar disfarçar algo mais dramático. Uma vez ouvira Wakely dizer a uma bibliotecária que apesar de a prima desta, Joyce, ter morrido – caíra para o lado no meio do supermercado com a mão no peito – Joyce não sofrera. A sério? Alguém tinha perguntado a Joyce?

– E depois o que aconteceu?

O que aconteceu?, pensou Frask. *Bem, eu espalhei rumores maliciosos sobre a tua mãe, o que culminou no despedimento dela, o que levou diretamente ao seu estado de penúria, o que acabou por a trazer de novo ao Hastings, o que levou a que a tua mãe gritasse comigo na casa de banho das senhoras, o que levou à descoberta de que ambas fomos vítimas de assédio sexual, o que nos impediu de concluir os nossos doutoramentos, o que nos conduziu a carreiras pouco satisfatórias numa companhia liderada por um punhado de imbecis incompetentes. Foi isso que aconteceu.*

Em vez disso, respondeu:

– Bem, a tua mãe decidiu que seria mais divertido ficar em casa e cuidar de ti.

Madeline pousou a bolacha. Lá estava, outra vez. Os adultos e a sua relação pouco séria com a verdade.

– Não vejo como isso seria divertido – disse Mad.

– Como assim?

– Ela não estava triste?

Frask afastou o olhar.

– Quando estou triste, não gosto de estar sozinha.

– Uma bolachinha? – ofereceu Frask de forma pouco convincente.

– Sozinha em casa – continuou Madeline. – Sem o meu pai. Sem emprego. Sem amigos.

De súbito, Frask parecia muito interessada numa publicação intitulada *O Pão Nosso de Cada Dia*.

– O que é que aconteceu, na verdade? – insistiu Mad.

– Ela foi *despedida* – disse Frask, sem pensar no impacto que as suas palavras poderiam ter. – Despedida por estar grávida de ti.

Madeline desabou, como se tivesse sido alvejada por trás.

– Mais uma vez, a culpa não foi tua – assegurou-lhe Frask. Madeline estava a chorar há dez minutos. – A sério. Não imaginas como eram mesquinhos aqueles tipos no Hastings. Uns autênticos idiotas. – Frask lembrou-se de que ela própria fora uma dessas idiotas e comeu o resto das bolachas, enquanto Mad, apesar da respiração trémula, lhe dizia que as bolachas continham tartrazina, um corante alimentar que estava relacionado com um mau desempenho hepático e renal.

– De qualquer maneira – continuou Frask –, estás a ver as coisas ao contrário. A tua mãe não deixou o Hastings por tua causa. Saiu de lá *graças* a ti. E depois tomou a péssima decisão de voltar, mas essa é outra história.

Madeline suspirou.

– Tenho de ir – disse, e assoou o nariz enquanto olhava para o relógio. – Desculpe ter estragado o seu teste de datilografia. Importa-se de dar isto ao Wakely? – Estendeu-lhe o envelope aberto, que dizia *Elizabeth Zott: privado*.

– Está bem – prometeu Frask, e abraçou-a. Contudo, assim que a porta se fechou atrás da criança, ignorou as suas instruções e abriu o envelope.

– Vejam bem! – exclamou, enquanto lia o mais recente artigo de Roth. – A Zott é mesmo digna de crédito.

*

«Caros senhores», escreveu a toda a velocidade, trinta segundos depois, numa missiva dirigida aos editores da revista *Life*. «Li o vosso artigo de capa ridículo sobre a Elizabeth Zott e acho que a pessoa que verifica a veracidade dos factos na vossa revista devia ser despedida. Eu conheço a Elizabeth Zott – já trabalhei com ela – e sei, sem qualquer margem para dúvidas, que tudo o que dizem neste artigo é mentira. Também trabalhei com o Dr. Donatti. Sei o que ele fez no Instituto Hastings e tenho os documentos que o comprovam.»

A carta listava em seguida os feitos de Elizabeth como química, a maioria dos quais Frask só descobrira depois de ler o novo artigo de Roth, e ao mesmo tempo realçava as injustiças de que Zott fora vítima no Instituto Hastings.

«O Donatti reapropriou-se do financiamento dela», escreveu, «e depois despediu-a sem justa causa. Eu sei disto», admitiu, «porque fui cúmplice da

situação – um pecado do qual estou neste momento a tentar redimir-me, ao datilografar sermões religiosos para ganhar a vida».

Explicou então como, mais tarde, não só Donatti roubara a pesquisa de Zott, como mentira a investidores importantes. Para terminar, afirmou que sabia que a *Life* nunca teria coragem de publicar a carta dela, mas que sentira que tinha de a escrever, ainda assim.

A carta saiu no número seguinte.

*

– Elizabeth, veja isto! – exclamou Harriet, empolgada, com a mais recente edição da *Life* nas mãos. – Mulheres de todo o país escreveram para a *Life* a protestar. É uma revolta... toda a gente está do seu lado. Até tem aqui uma carta de alguém que afirma ter trabalhado consigo no Hastings.

– Não estou interessada.

Elizabeth, depois de terminar de escrever os bilhetes diários para a lancheira de Madeline, fechou a tampa e fingiu atarefar-se com um bico de Bunsen. Nas últimas semanas, esforçara-se ao máximo por manter a cabeça levantada – ignora o artigo, dissera a si própria. Segue em frente. Era a estratégia que a ajudara a superar suicídio, violação, mentiras, roubo e uma perda catastrófica; resultaria de novo. Mas não estava a funcionar. Desta vez, por mais que levantasse a cabeça, a falsa representação que a *Life* publicara dela voltava a esmagá-la. Os danos pareciam ser permanentes, como uma marca a ferro e fogo. Nunca conseguiria escapar-lhes.

Harriet leu em voz alta.

– «Se não fosse a Elizabeth Zott»...

– Harriet, já disse que *não* estou interessada – interrompeu secamente. De que adiantava? A sua vida acabara.

– E o artigo do Roth que ainda não foi publicado? – recordou Harriet, ignorando o tom de Elizabeth. – Aquele todo científico. Eu não fazia ideia de que havia mais mulheres cientistas... além de si e da Curie, quero eu dizer. Li o artigo de ponta a ponta, duas vezes. Achei-o fascinante. E isso é dizer muito porque... enfim, ciência.

– Já foi rejeitado por dez publicações científicas – disse Elizabeth em tom inexpressivo. – As pessoas não se interessam pelas mulheres na ciência. – Pegou nas chaves do carro. – Vou dar um beijinho à Mad e tenho de ir andando.

- Faz-me um favor? Tente não a acordar, desta vez.
- Harriet – disse Elizabeth. – Alguma vez a acordo?

*

Depois de ouvir o *Plymouth* afastar-se, Harriet abriu a lancheira de Madeline, curiosa para ler as palavras de sabedoria que Elizabeth lhe deixara desta vez. *Não é imaginação tua*, dizia o bilhete de cima. *A maioria das pessoas é mesmo horrível*.

Harriet levou os dedos à testa, preocupada. Deu uma volta ao laboratório. Enquanto passava um pano pelas bancadas apercebeu-se do peso da depressão de Elizabeth, evidente de formas que lhe tinham passado despercebidas até então. O monte de cadernos em branco, os produtos químicos intactos, os lápis por afiar. Maldita fosse a revista *Life*, pensou. Apesar do nome, a revista roubara a vida de Elizabeth – acabara com ela – graças, em grande medida, às citações fraudulentas de pessoas como Donatti e Meyers.

– Oh, minha querida – disse Harriet quando Mad apareceu à porta. – A tua mãe acordou-te?

– É mais um dia como os outros.

Sentaram-se e comeram sem apetite os queques de pequeno-almoço que Elizabeth fizera nessa manhã.

– Estou muito preocupada, Harriet – disse Mad. – Com a minha mãe.

– Bom, ela está em baixo, Mad – disse Harriet. – Mas em breve voltará a arrebitar. Vais ver.

– Tens a certeza?

Harriet afastou o olhar. Não, não tinha a certeza. Nunca tivera menos certeza de nada em toda a sua vida. Todas as pessoas têm um limite; temia que Elizabeth tivesse finalmente alcançado o dela.

Centrou a sua atenção no número mais recente do *Ladies' Home Journal*. Um artigo questionava «Será que pode confiar na sua cabeleireira?». «O ano da blusa importante», informava outro. Com um suspiro, pegou em mais um queque. Fora ela quem persuadira Elizabeth a dar a entrevista à *Life*. Se alguém era culpada, era ela.

Ficaram sentadas em silêncio, Mad a tirar a forminha de papel do seu queque enquanto Harriet ouvia de novo as palavras de Elizabeth sobre a

falta de interesse das pessoas pelas mulheres na ciência. Parecia verdade. Mas seria?

Inclinou a cabeça para o lado.

– Espera aí, Mad – disse, lentamente, à medida que uma ideia se formava na sua mente. – Espera aí um bocadinho.

CAPÍTULO 40

Normal

— **P**enso muito na morte – confessou Elizabeth a Wakely, numa tarde fria de novembro.

– Também eu – disse ele.

Estavam sentados lado a lado no degrau do alpendre das traseiras, a falar em voz baixa. Madeline estava do outro lado da porta, a ver televisão.

– Acho que não é normal.

– Talvez não – admitiu ele. – Mas não tenho a certeza do que é ou não é normal. A ciência reconhece a normalidade? Como define normalidade?

– Bem – disse ela –, suponho que normal será mais ou menos a mesma coisa do que em média.

– Não tenho tanta certeza disso. A normalidade não é como o tempo; não podemos esperar normalidade. Nem sequer podemos criar normalidade. Tanto quanto sei, a normalidade pode nem sequer existir.

Ela olhou-o de lado.

– Palavras estranhas, vindas de quem acha a Bíblia normal.

– De modo algum – disse ele. – Posso afirmar com segurança que não há um único evento normal na Bíblia. Provavelmente é uma das razões para ser uma obra tão popular. Quem é que quer acreditar que a vida é exatamente aquilo que parece?

Elizabeth lançou-lhe um olhar curioso.

– Mas acredita nessas histórias. Prega sobre elas.

– Acredito em algumas coisas – corrigiu ele. – Principalmente em coisas sobre não perder a esperança, não ceder à escuridão. Quanto à palavra «pregar», prefiro «narrar». Seja como for, aquilo em que eu acredito é irrelevante. O que penso é que a Elizabeth se sente morta, por isso acredita que está morta. Mas não está morta. Está bem viva. Isso coloca-a numa posição complicada.

- O que está a dizer?
- Sabe muito bem o que estou a dizer.
- Você é um sacerdote muito estranho.
- Não, sou um sacerdote terrível – corrigiu ele.

Elizabeth hesitou.

– Tenho uma confissão a fazer, Wakely. Li as suas cartas. A correspondência entre si e o Calvin. Sei que eram cartas privadas, mas estavam entre as coisas dele e eu li-as. Há alguns anos.

Wakely virou-se para ela.

– O Evans *guardou-as*? – Sentiu uma súbita vaga de saudades do seu velho amigo.

– Não sei se sabe, mas foi por sua causa que ele aceitou o emprego no Hastings.

– O quê?

– Você disse-lhe que o tempo em Commons era maravilhoso.

– Disse?

– Sabe como era o Calvin em relação ao tempo. Podia ter ido para um milhão de sítios onde ganharia muito mais, mas veio para aqui, para Commons. «O melhor tempo do mundo», acho que foram essas as suas palavras.

Wakely sentiu o peso desse conselho irreverente. Por causa de algo que ele dissera, Evans viera para Commons e morrera em Commons.

– Mas o tempo só é bom depois do meio-dia – explicou, como se tivesse de o fazer. – Quando o nevoeiro matinal se dissipa. Não acredito que ele veio para cá com a ideia de remar ao sol. Não há sol à hora a que os remadores saem para a água.

– Eu que o diga.

– Sou o responsável – disse, horrorizado, reconhecendo o papel que tivera na morte prematura de Calvin. – A culpa é toda minha.

– Não, não – suspirou Elizabeth. – Eu é que comprei a trela.

Ficaram sentados em silêncio, a ouvir Madeline cantar com a televisão. *Um cavalo é um cavalo, está claro, está claro, e ninguém fala com um cavalo, está claro, a menos, claro está, que o cavalo seja o famoso Mister Ed!*⁴

Sobressaltado, Wakely lembrou-se do segredo que Madeline lhe murmurara ao ouvido naquele dia, na biblioteca. *O meu cão sabe* 981

palavras. Apanhara-o de surpresa. Por que razão uma criança como Madeline, obcecada com a verdade, decidiria partilhar uma mentira tão óbvia?

Quanto ao que ele lhe dissera, era o pior segredo de todos. *Não acredito em Deus*.

Elizabeth fechou os olhos por um instante e depois pigarreou.

– Tive um irmão, Wakely – disse, como quem confessa um pecado. – Ele também morreu.

Wakely franziu a testa.

– Um irmão? Lamento muito. Quando? O que é que aconteceu?

– Há muito tempo. Eu tinha apenas dez anos. Ele enforcou-se.

– Valha-me *Deus* – disse Wakely, com a voz a tremer. De súbito lembrou-se da árvore genealógica de Madeline. Mesmo no fundo, havia um rapaz com uma corda ao pescoço.

– Eu própria quase morri, uma vez – disse ela. – Saltei para uma pedreira alagada. E não sabia nadar. Ainda não sei.

– *O quê?*

– O meu irmão saltou atrás de mim. Lá conseguiu levar-me até à margem.

– Compreendo – disse Wakely, desenredando lentamente o sentimento de culpa dela. – O seu irmão salvou-a... por isso acha que devia ter conseguido salvá-lo. É isso?

Ela virou para ele o rosto magro.

– Mas, Elizabeth, você não sabia nadar... foi por isso que ele saltou. Tem de compreender que o suicídio não é a mesma coisa. O suicídio é muito mais complicado.

– Wakely – disse ela. – Ele também não sabia nadar.

*

Pararam de falar. Wakely, desesperado, porque não sabia o que dizer, e Elizabeth, deprimida, porque não sabia o que fazer. *Seis e Meia*, empurrou a porta de rede, saiu e encostou-se a Elizabeth.

– Nunca perdoou a si própria – disse Wakely, por fim. – Mas é a ele que tem de perdoar. O que precisa de fazer é aceitar.

Ela soltou um som triste, como um pneu a perder ar lentamente.

– É cientista – continuou ele. – O seu trabalho é questionar as coisas... procurar respostas. Mas às vezes... e olhe que eu tenho a certeza disto que

lhe digo... às vezes não há respostas. Sabe aquela oração que diz «Senhor, concede-me a serenidade para aceitar aquilo que não posso mudar»?

Ela franziu a testa.

– Decididamente não se aplica a si.

Elizabeth inclinou a cabeça.

– A química é mudança, e a mudança está no centro do seu sistema de crenças. O que é bom, porque é disso que precisamos... de pessoas que se recusam a aceitar o estado de coisas, que não têm medo de enfrentar o inaceitável. Mas às vezes o inaceitável... o suicídio do seu irmão, a morte do Calvin... é, na verdade, permanente, Elizabeth. As coisas acontecem. Não podemos fazer nada.

– Às vezes, compreendo porque é que o meu irmão partiu – admitiu ela baixinho. – Depois de tudo o que aconteceu, eu também gostava de ter uma saída.

– Eu compreendo – disse Wakely, pensando em como fora prejudicial aquele artigo da *Life*. – Acredite. Mas o seu problema não é esse, na verdade. Não é desejo de encontrar uma saída.

Ela virou-se para ele, confusa.

– O seu problema é que quer voltar a *entrar*.

4. Tradução livre do tema da série televisiva de comédia *Mister Ed*, que esteve no ar nos anos 60, e cujo protagonista era um cavalo chamado *Mister Ed* que falava com o seu dono. (N. da T.)

CAPÍTULO 41

Recomprometer

— Olá – disse Elizabeth. – Chamo-me Elizabeth Zott e o nosso programa é *Jantar às Seis*.

Na cadeira de produtor, Walter Pine fechou os olhos e pensou no dia em que se tinham conhecido.

Ela irrompera pelo estúdio e passara por duas secretárias sem se deixar deter, de bata branca, cabelo preso, voz clara. Walter lembrava-se de ter ficado deslumbrado por ela. Sim, era uma mulher atraente, mas só agora compreendia que tinha pouco a ver com a aparência dela. Não, era a confiança dela, a certeza de quem era. Elizabeth plantava-a, como uma semente, até criar raízes nos outros.

– Vou começar o programa de hoje com uma notícia importante – disse ela. – Vou deixar o *Jantar às Seis*, com efeitos imediatos.

Ouviram-se exclamações incrédulas entre o público.

– O quê? – perguntaram as pessoas umas às outras. – O que é que ela disse?

– Este será o meu último programa – confirmou ela.

Numa casa, num rancho em Riverside, uma mulher deixou cair uma embalagem de ovos no chão.

– Não pode estar a falar a sério! – gritou alguém na terceira fila.

– Estou sempre a falar a sério – respondeu ela.

Uma vaga de consternação espalhou-se pelo estúdio.

Surpreendida, Elizabeth olhou para Walter, que devolveu o olhar com um aceno encorajador. Era tudo o que conseguia fazer sem perder o controlo das emoções.

Elizabeth aparecera em sua casa na noite anterior, sem aviso prévio. Walter estivera quase para não ir à porta; tinha visitas. Mas quando espreitou pelo óculo da porta e a viu ali, com Mad a dormir no carro estacionado junto ao passeio, *Seis e Meia*, encaixado atrás do volante como o condutor do carro de fuga num assalto, abriu imediatamente, preocupado.

– Elizabeth – dissera, com o coração aos saltos. – O que se passa? O que aconteceu?

– É a Elizabeth? – disse uma voz preocupada atrás dele. – Valha-me Deus, o que foi? É a Mad? Está doente?

– *Harriet*? – disse Elizabeth, e recuou um passo, estupefacta.

*

Os três ficaram em silêncio durante um momento, como numa peça em que ninguém se lembra da próxima fala. Por fim, Walter conseguiu dizer:

– Estávamos a tentar guardar isto só para nós durante mais algum tempo...

E Harriet interrompeu:

– Até o meu divórcio estar concluído.

Walter pegou-lhe na mão e Elizabeth soltou um grito de surpresa que assustou *Seis e Meia*, que sem querer tocou a buzina – repetidamente – o que, por sua vez, acordou Madeline, e depois Amanda, e por fim qualquer outra pessoa na vizinhança que tivesse cometido o erro de se deitar cedo.

Elizabeth continuou onde estava, pregada ao chão.

– Não fazia ideia – repetiu, uma e outra vez. – Como é possível que não me tenha apercebido de nada? Serei mesmo assim tão cega?

Harriet e Walter olharam um para o outro como que para confirmar que... bem, sim.

– Já lhe contamos a história toda – prometeu Walter. – Mas porque está aqui? São nove da noite. – Elizabeth aparecera sem ser convidada, algo que nunca fizera antes. – O que se passa?

– Está tudo bem – disse Elizabeth. – Mas agora sinto-me mal pelo motivo que aqui me trouxe. A vossa novidade é tão positiva e a minha é...

– O quê? O *quê*?

– Na verdade – disse ela, como quem muda de ideias. – A minha novidade também é positiva.

Walter agitou as mãos com impaciência, como se quisesse pô-la a mexer-se mais depressa.

– Eu... eu decidi deixar o programa.

– *O quê?! – exclamou Walter.*

– Amanhã – acrescentou ela.

– Não! – disse Harriet.

– Vou despedir-me – reiterou Elizabeth.

O seu tom de voz deixava bem claro que, embora fosse uma decisão inesperada, não voltaria atrás. Era inútil tentar negociar; não valia a pena trazer à baila questões triviais como contratos ou fortunas por ganhar ou o que haviam de pôr a preencher aquele espaço se ela lá não estivesse. A decisão era final e, por conseguinte, Walter começou a chorar.

Harriet também reconheceu o tom e, orgulhosa como uma mãe finge estar quando uma filha anuncia que decidiu dedicar a vida a uma profissão onde se ganha muito mal, começou a chorar também. Com os dois braços, puxou Walter e Elizabeth para si.

*

– Gostei muito do tempo que passei como apresentadora do *Jantar às Seis* – continuou Elizabeth, de olhos postos na câmara –, mas decidi voltar ao mundo da pesquisa científica. Quero aproveitar esta oportunidade para vos agradecer, não só por terem assistido ao programa – disse, aumentando o volume da voz para se fazer ouvir sobre o burburinho –, mas também pela vossa amizade. Alcançámos muita coisa juntas nos últimos dois anos. Centenas de refeições, por incrível que pareça. Mas não foi só o jantar que fizemos, minhas senhoras. Também fizemos história.

Deu um passo atrás, espantada, quando o público se levantou e manifestou de forma ensurdecidora a sua concordância.

– ANTES DE IR – gritou ela –, PENSEI QUE GOSTARIAM DE SABER... – Levantou as mãos para sossegar o público. – Alguém se lembra de Mrs. George Fillis... a mulher que teve a audácia de nos dizer que queria ser cirurgia cardíaca? – Enfiou a mão no bolso do avental e tirou uma carta. – Tenho aqui uma atualização. Parece que Mrs. Fillis não só concluiu os estudos preliminares em tempo recorde, como já conseguiu entrar na faculdade de Medicina. Parabéns, Mrs. George... não, peço desculpa... *Marjorie* Fillis. Nunca duvidámos de que seria capaz.

Com esta notícia, o público recuperou instantaneamente o seu vigor e Elizabeth, apesar da postura normalmente séria, imaginou a doutora Fillis a preparar-se para uma cirurgia e não conseguiu conter um sorriso.

– Mas aposto que a Marjorie concordaria – disse Elizabeth, erguendo de novo a voz –, que a parte mais difícil não foi voltar à escola, mas sim ter a coragem de o fazer.

Aproximou-se do seu cavalete, com o marcador na mão. *química é mudança*, escreveu.

– Sempre que comecem a duvidar de vós – disse, virando-se de novo para o público –, sempre que tiverem medo, lembrem-se de uma coisa: a coragem é a raiz da mudança... e nós, seres humanos, estamos quimicamente preparados para mudar. Assim, quando acordar amanhã, comprometa-se com o seguinte. Chega de ficar estagnada. Chega de aceitar as opiniões dos outros sobre aquilo que consegue ou não consegue alcançar. E chega de permitir que a cataloguem em categorias inúteis de sexo, raça, estatuto económico e religião. Não deixem que os vossos talentos continuem adormecidos, minhas amigas. Criem o vosso próprio futuro. Quando chegarem a casa, hoje, perguntem a vós mesmas o que vão mudar. E depois comecem a trabalhar para isso.

Em todo o país, as mulheres saltaram dos sofás e bateram na mesa da cozinha, numa combinação de entusiasmo com as palavras de Elizabeth e desgosto pela partida dela.

– *Antes de ir* – gritou ela por cima do barulho –, *quero agradecer a uma amiga muito especial. O seu nome é harriet sloane.*

Na sala de estar de Elizabeth, Harriet abriu a boca de espanto.

– Harriet – murmurou Mad –, és famosa!

– Como sabem – continuou Elizabeth, acalmando novamente o público com gestos –, sempre terminei os meus programas pedindo aos vossos filhos que pusessem a mesa para que as mães pudessem ter um momento para si. «Tire um momento para si»... foi esse o conselho que Harriet Sloane me deu no dia em que a conheci, e foi esse conselho que levou à minha decisão de deixar o *Jantar às Seis*. Foi a Harriet quem me disse para usar esse momento para me ligar de novo às minhas necessidades, para identificar a minha verdadeira direção, para me recomprometer. E, graças à Harriet, foi o que fiz, finalmente.

– Valha-me Nossa Senhora – disse Harriet, empalidecendo.

– Oh, o Pine não vai ficar nada satisfeito – disse Mad.

– Obrigada, Harriet – disse Elizabeth. – Obrigada a *todos!* – disse, abrangendo o público com um gesto. – E assim, pela última vez, gostaria de pedir aos vossos filhos que pusessem a mesa. E depois vou pedir a cada uma de vós que tire um momento para se recomprometer. Desafiem-se, minhas amigas. Usem as leis da química e modifiquem o estado de coisas.

Mais uma vez, o público aplaudiu de pé e mais uma vez a ovação foi ensurdecadora. Porém, quando Elizabeth se virou, percebeu que o público não iria a lado nenhum sem uma última indicação. Sem saber bem como continuar, olhou para Walter. Ele gesticulou como se tivesse tido uma ideia, escreveu qualquer coisa num cartão de ponto e levantou-o para Elizabeth ver. Ela acenou afirmativamente e olhou de novo para a câmara.

– Assim concluímos as aulas de Introdução à Química – anunciou. – Podem sair.

CAPÍTULO 42

Departamento de Pessoal

JANEIRO DE 1962

Toda a gente partira do princípio – e por toda a gente entenda-se Harriet, Walter, Wakely, Mason e a própria Elizabeth – de que ela se veria a braços com inúmeras propostas de trabalho. Universidades, laboratórios de investigação, talvez até os Institutos Nacionais de Saúde. Apesar da forma como a revista *Life* ridicularizara a sua vida, ela era uma personalidade de relevo, uma celebridade televisiva.

Mas não foi o que aconteceu. Na verdade, não aconteceu nada. Não só não recebeu um único telefonema, como os currículos que enviou para instituições de investigação foram completamente ignorados. Apesar da sua popularidade junto dos espectadores televisivos do período da tarde, a comunidade científica continuava a albergar sérias dúvidas quando às suas credenciais académicas. O doutor Meyers, o doutor Donatti – que eram químicos muito importantes – tinham afirmado que ela não era realmente cientista, e as suas afirmações haviam sido citadas pela revista *Life*. Não era preciso mais nada.

E assim ela foi apresentada ao outro truísmo da fama: que era uma coisa fugaz. Agora, a única Elizabeth Zott em que as pessoas estavam interessadas era na que pusera o avental à cintura.

*

– Podia voltar ao programa – disse Harriet, quando Elizabeth entrou pela porta das traseiras, com *Seis e Meia*, carregada de livros da biblioteca. – Sabe que o Walter a poria no ar hoje mesmo, se o deixasse.

– Eu sei – disse ela, pousando os livros –, mas não posso. Pelo menos as reposições estão a sair-se bem nas audiências. Café? – perguntou,

acendendo o bico de Bunsen.

– Não tenho tempo. Vou encontrar-me com o meu advogado. Mas aqui tem – disse Harriet, tirando os recados do bolso do avental. – O doutor Mason quer falar sobre uniformes novos para a equipa feminina e... está preparada?... ligaram do Hastings. Quase que desliguei. Imagine! Do *Hastings*. É preciso terem descaramento para ligar para si.

– Quem era? – perguntou Elizabeth, tentando disfarçar a preocupação. Há dois anos e meio que estava à espera de que alguém no Instituto Hastings desse pela falta das caixas de Calvin.

– A responsável pelo Departamento de Pessoal. Mas não se preocupe. Eu mandei-a dar uma volta.

– Departamento de Pessoal?

Harriet procurou entre os papéis.

– Aqui está. Uma tal de Miss Frask.

– A Frask não trabalha no Hastings – disse Elizabeth, aliviada. – Foi despedida há anos. Agora datilografa os sermões do Wakely.

– Interessante – disse Harriet. – Bem, ela disse que era chefe do Departamento de Pessoal no Instituto Hastings.

Elizabeth franziu a testa.

– É uma brincalhona.

*

Depois de o carro de Harriet se afastar, Elizabeth serviu-se de um café e pegou no telefone.

– Gabinete de Miss Frask. Aqui fala Miss Finch – disse uma voz.

– *Gabinete* de Miss Frask? – repetiu Elizabeth em tom trocista.

– Desculpe? – respondeu a voz.

Elizabeth hesitou.

– Peço desculpa – disse –, mas quem fala?

– Quem fala, pergunto eu – ripostou a voz.

– Está bem, está bem – disse Elizabeth. – Eu entro na brincadeira. Daqui Elizabeth Zott, para falar com Miss Frask.

– Elizabeth Zott? – disse a pessoa do outro lado da linha. – Muito engraçada.

– Há algum problema? – perguntou Elizabeth.

Foi o tom da voz dela que resolveu o assunto. A outra mulher reconheceu-o de imediato.

– Oh! – exclamou. – É *mesmo* a senhora. Peço desculpa, Miss Zott. Sou uma grande fã. É uma honra ouvi-la. Por favor, queira aguardar.

– Zott – disse uma voz instantes depois. – Até que enfim!

– Olá, Frask – disse Elizabeth. – Com que então, chefe do Departamento de Pessoal no Hastings? O Wakely sabe que anda a pregar partidas às pessoas?

– Três coisas, Zott – disse Frask em tom despachado. – Primeira: adorei o artigo. Sempre soube que voltaria a vê-la na capa de alguma coisa, mas ali? Um golpe de génio. Se quer chegar às beatas, faz sentido ir à igreja delas.

– O quê?

– Segunda, adoro aquela sua governanta...

– A Harriet não é governanta...

– Assim que lhe disse que estava a ligar do Hastings, mandou-me para o inferno. Ganhei o dia.

– Frask...

– Terceira, preciso que passe por cá assim que puder... hoje mesmo... de preferência na próxima hora, se conseguir. Lembra-se do investidor rico? Voltou.

– Frask – suspirou Elizabeth –, sabe que eu tenho sentido de humor, mas francamente...

Frask riu-se.

– Você tem sentido de humor? Isso é alguma piada? Não, Zott, escute. Voltei para o Hastings... na verdade, voltei por cima. Aquele tal investidor viu a carta que eu escrevi para a *Life* e contactou-me. Explico-lhe os pormenores mais tarde, agora não tenho tempo. Estou a fazer uma limpeza por estes lados. Meu Deus, como adoro fazer limpezas destas! Pode vir ou não? Além disso, e nem acredito que vou dizer uma coisa destas, mas pode trazer o raio do cão? O investidor quer conhecê-lo.

*

Harriet entrou nos escritórios de Hanson e Hanson com as mãos a tremer. Nos últimos trinta anos, confessara ao padre que o marido bebia e praguejava e nunca ia à missa, que a tratava como a sua escrava pessoal e que lhe chamava nomes. E nos últimos trinta anos, o padre acenara com a

cabeça e depois explicara que, embora o divórcio estivesse fora de questão, ela tinha muitas outras opções. Por exemplo, podia rezar por formas de se tornar uma esposa melhor, podia analisar-se bem a si própria e tentar compreender como é que irritava o marido, podia preocupar-se mais com a aparência.

Era por isso que ela assinava todas aquelas revistas femininas – porque eram bíblias de automelhoramento e com certeza lhe mostrariam o que fazer. Contudo, por mais conselhos que seguisse, as coisas entre ela e Mr. Sloane não melhoraram. Pior ainda, às vezes os conselhos tinham o efeito contrário – como daquela vez em que ela fizera uma permanente, algo a que a revista chamava «forçá-lo a reparar em si», e que resultara apenas numa sucessão interminável de queixas sobre como ela cheirava mal. Mas depois Elizabeth Zott entrara na sua vida e ela compreendera, por fim, que talvez não fosse de roupas novas ou de um penteado diferente que precisava. Se calhar, aquilo de que ela precisava era de uma carreira. Em revistas.

Haveria alguém no mundo que soubesse mais de revistas do que ela? Impossível. E, para o provar, sabia exatamente por onde começar. Pelo artigo não publicado de Roth.

Na opinião de Harriet, Roth cometera o erro clássico de colocação de artigos – partira do princípio de que apenas as revistas científicas estariam interessadas num artigo sobre as mulheres na ciência. Harriet sabia que isso não era verdade. Ligou-lhe, preparada para defender o seu caso, mas o serviço de mensagens disse-lhe que Roth ainda estava no... como se chamava mesmo o local? Vietname. Assim, enviou o artigo sem autorização dele. Porque não? Se fosse aceite, ele agradecer-lhe-ia, e se não fosse, não ficaria pior do que estava.

Levou o pacote aos correios para o pesar, adicionou um envelope endereçado e selado para garantir uma resposta rápida e depois rezou três ave-marias, benzeu-se duas vezes, respirou fundo e deitou-o na ranhura do marco de correio.

Depois de duas semanas sem resposta, sentiu uma pontada de preocupação. Ao fim de quatro meses, o ardor da rejeição. Tentou enfrentar os factos. Talvez não conhecesse as revistas tão bem como pensava. Talvez ninguém quisesse Harriet e o seu artigo de Roth, tal como ninguém queria Elizabeth e a sua abiogénese.

Ou talvez Mr. Sloane, insatisfeito com a felicidade recém-descoberta de Harriet, tivesse decidido puni-la de novas formas. Talvez estivesse a deitar fora toda a correspondência que ela recebia.

*

– Miss Zott – disse a rececionista do Instituto Hastings, deslumbrada, quando Elizabeth entrou no vestíbulo. – Vou já avisar Miss Frask da sua presença. – Ligou um cabo no quadro telefónico. – *Ela está aqui!* – sussurrou a alguém do outro lado. – Posso pedir-lhe que... – Estendeu-lhe um exemplar de *A Viagem do Beagle*. – Comecei a estudar à noite.

– Com todo o prazer – disse Elizabeth, e assinou a capa. – Fico feliz por si.

– É graças a si, Miss Zott – disse a jovem, muito séria. – Além disso, se não for abuso, posso pedir-lhe que autografe também a minha revista?

– Não – disse Elizabeth. – *A Life* morreu para mim.

– Oh, desculpe – disse a jovem rececionista. – Não leio a *Life*. Estava a falar da mais recente. – Estendeu-lhe uma publicação grossa e reluzente.

Elizabeth olhou para a capa e, chocada, deparou-se com o seu próprio rosto.

«Porque São Importantes as Mentes Delas», dizia na capa da *Vogue*.

*

Enquanto percorriam o corredor, com os saltos dos sapatos a ecoar sobre o som abafado de geradores e ventoinhas proveniente dos outros laboratórios, Frask informou Elizabeth de que a reunião era no antigo laboratório de Calvin.

– Mas porquê *ai*? – perguntou Elizabeth.

– O investidor insistiu.

– É um prazer conhecê-la, Miss Zott – disse Wilson, descruzando as pernas compridas para se levantar do banco. Estendeu a mão enquanto Elizabeth o estudava: cabelo grisalho bem cortado, olhos esverdeados, fato de bom tecido, com riscas finas. *Seis e Meia*, também lhe deu uma boa farejadela antes de se virar para Elizabeth. *Tudo bem*.

– Há muito tempo que queria conhecê-la – estava Wilson a dizer. – Agradecemos a sua disponibilidade tão em cima da hora.

– *Agradecemos?* – perguntou Elizabeth, surpreendida.

– Ele refere-se a mim – disse uma mulher na casa dos cinquenta, que saía do armário de materiais do laboratório com uma pasta na mão. Tinha cabelo que se via ter sido loiro, em tempos, e que estava agora a render-se lentamente à idade. Tal como Wilson, vestia também um fato, mas o dela era azul-vivo e, apesar de ser de bom corte, parecia menos sério, graças a uma pregadeira barata, em forma de malmequer, presa na lapela. – Avery Parker – disse ela em tom nervoso, enquanto apertava a mão de Elizabeth. – É um prazer.

Seis e Meia, concluída a investigação a Wilson, passou à análise de Parker. Farejou-lhe a perna.

– Olá, *Seis e Meia*, – disse ela. Inclinou-se e encostou a cabeça do cão à perna. Ele deu uma fungadela exploratória e recuou, admirado. – Deve estar a sentir o cheiro do meu cão – disse ela, e puxou-o de novo para si. – O *Bingo* é um grande fã teu – disse, olhando para ele. – Adorou o teu trabalho no programa.

Que ser humano tão inteligente.

– Vamos precisar de um inventário completo de todos os laboratórios – disse ela, virando-se para Frask. – E temos também de saber do que precisará, Miss Zott – continuou, em tom algo deferente –, para a sua pesquisa. A sua pesquisa aqui no Hastings, quero eu dizer.

– Para continuar o seu trabalho na abiogénese – acrescentou Wilson. – No seu último programa, anunciou que tinha intenção de regressar à pesquisa. Que lugar poderia ser melhor do que este?

Elizabeth inclinou a cabeça para o lado.

– Ocorrem-me vários.

Da última vez que estivera neste laboratório, Frask também aqui estava, embora, na altura, estivesse a informá-la de que as coisas de Calvin tinham sido armazenadas, *Seis e Meia*, não podia voltar e Madeline vinha a caminho. Olhou para o quadro negro deprimente, coberto de coisas escritas por outra mão qualquer, e depois virou-se de novo para Mr. Wilson. Este estava sentado no antigo banco de Calvin, meio dobrado, como um rolo enorme de tecido.

– Não quero estar a fazê-los perder tempo – disse Elizabeth –, mas não estou a ver-me trabalhar de novo no Hastings. Por motivos pessoais.

– Compreendo – disse Avery Parker. – Depois de tudo o que aconteceu aqui, quem poderia censurá-la? Mesmo assim, gostava que me desse uma

oportunidade de a fazer mudar de ideias.

Elizabeth olhou em volta e o seu olhar pousou num dos antigos avisos de Calvin. NÃO ENTRAR, dizia.

– Desculpe, mas está a perder o seu tempo – disse.

Avery Parker olhou para Wilson, que por sua vez olhou para Frask.

– E se tomássemos um café? – disse Frask. Levantou-se de um salto. – Vou pôr a fazer uma cafeteira de café fresco. E, enquanto esperamos, a Fundação Parker pode pô-la a par de alguns dos seus planos.

Porém, antes que ela conseguisse atravessar o laboratório, a porta abriu-se de rompante.

– Wilson! – gritou Donatti, como se estivesse a cumprimentar um amigo há muito perdido. – Acabei de saber que estava por cá. – Apressou-se a cumprimentar o outro homem, dirigindo-se a ele de mão esticada como um vendedor demasiado entusiástico. – Larguei tudo e vim de imediato à sua procura. Na verdade, ainda estou de férias, mas... – Estacou abruptamente, confuso ao ver um rosto familiar. – Miss Frask? – disse. – O que é que está aqui a... – Depois virou a cabeça para uma mulher de ar sisudo, com uma pasta na mão. E logo atrás dela... *mas que raio?*... estava Elizabeth Zott.

– Olá, doutor Donatti – disse Avery, e estendeu a mão enquanto ele baixava a sua. – É um prazer dar finalmente um rosto ao nome.

– Desculpe, e a senhora é?... – perguntou ele em tom condescendente, enquanto tentava evitar olhar para Zott como quem evita olhar diretamente para um eclipse solar.

– Sou Avery Parker – disse ela, baixando a mão. E, quando viu que ele continuava confuso, acrescentou: – Parker. Da Fundação *Parker*?...

Os lábios dele entreabriram-se numa expressão assustada.

– Lamento muito ter interrompido as suas férias, doutor Donatti – disse Avery. – Mas a boa notícia é que em breve terá imenso tempo livre.

Donatti abanou a cabeça e olhou de novo para Wilson.

– Como já disse, se soubesse que vinham...

– Mas nós não queríamos que soubesse da nossa visita – explicou Wilson em tom bem-disposto. – Queríamos fazer-lhe uma surpresa. Ou melhor, tecnicamente acho que isto é mais um ataque furtivo.

– De-desculpe?

– Um ataque furtivo – repetiu Wilson. – Sabe a que me refiro. Como as suas ações furtivas, quando se apropriou indevidamente dos fundos da

Fundação Parker. Ou como atacou furtivamente Miss Zott... ou devo dizer Mr. Zott?... quando roubou o trabalho dela.

Do outro lado da sala, Elizabeth ergueu as sobrancelhas, estupefacta.

– Oiça lá – disse Donatti, apontando na direção aproximada de Zott. – Não sei o que aquela mulher lhe disse, mas posso garantir que... – Interrompeu-se a meio da frase. – E que diabo faz *você* aqui? – exigiu saber, apontando para Frask. – Depois daquelas mentiras ridículas que escreveu na sua cartinha petulante para a *Life*? O meu advogado acha que devemos processá-la. – Virou-se para Wilson. – Provavelmente não sabe disto, Wilson, mas a Frask foi despedida há anos. Está à procura de vingança.

– É verdade – concordou Wilson. – E com bons motivos.

– Desculpe? – disse Donatti.

– Eu sei disso porque sou o advogado dela.

Donatti arregalou os olhos.

– Donatti – disse Avery Parker, enquanto tirava uma folha de papel da sua pasta. – Não gosto de ser indelicada, mas temos pouco tempo. Preciso só aqui de uma assinatura rápida, e pode ir à sua vida. – Estendeu-lhe um documento cujo cabeçalho dizia apenas «Carta de Demissão».

Donatti, sem palavras, olhou para o papel enquanto Wilson explicava que a Fundação Parker adquirira recentemente uma quota maioritária do Instituto Hastings. Fora a carta de Frask na revista *Life*, continuou Wilson, que os incentivara a analisar melhor – blá blá blá – prevaricação – blá blá blá – decisão de pegar nas rédeas da instituição – Donatti mal o conseguia ouvir. *Este não era o antigo laboratório de Calvin Evans?* Algures, à distância, ouviu Wilson a falar sobre «gestão incompetente», «resultados falsificados», «plágio». Céus, precisava de uma bebida.

– Vamos fazer alguns cortes – disse Frask.

– Como assim, *vamos*? – disse Donatti, regressando ao momento.

– *Eu* vou fazer alguns cortes – corrigiu Frask.

– Você é uma *secretária* – disse Donatti com um suspiro, como se estivesse farto desta palhaçada. – Despedida, lembra-se?

– Miss Frask é a nova responsável pelo Departamento de Pessoal – informou Wilson. – Pedimos-lhe que encontrasse um novo diretor para o Departamento de Química.

– Mas *eu* sou o diretor de Química – recordou-lhe Donatti.

– Decidimos oferecer o cargo a outra pessoa – disse Avery Parker, e indicou Elizabeth com um aceno de cabeça.

Elizabeth, surpreendida, recuou um passo.

– Fora de *questão*! – explodiu Donatti.

– Não era uma pergunta – disse Avery Parker, com a carta de demissão ainda na mão. – Mas, se quiser, podemos deixar a sua posição nas mãos de quem realmente conhece o seu trabalho. – Pela segunda vez, inclinou a cabeça na direção de Elizabeth.

Todos os olhos se viraram para ela, mas Elizabeth pareceu nem dar por isso; estava fixa apenas em Donatti, que gaguejava, chocado. De mãos nas ancas, ela inclinou-se um pouco para a frente e semicerrou os olhos como se estivesse a espreitar por um microscópio. Após um compasso de espera, endireitou-se como se já tivesse visto o suficiente.

– Lamento, Donatti – disse, e estendeu-lhe uma caneta. – Mas não é inteligente o suficiente para isso.

CAPÍTULO 43

Nado-morto

— **M**uito poucas pessoas me conseguem surpreender, Mrs. Parker – disse Elizabeth, enquanto via Frask acompanhar Donatti à saída. – Mas a senhora surpreendeu-me.

Avery Parker acenou com a cabeça.

– Ótimo. A oferta é sincera. Esperamos que aceite. E, já agora, é Miss Parker. Não sou casada. Na verdade – acrescentou –, nunca fui casada.

– Nem eu – disse Elizabeth.

– Sim – disse Avery Parker, e a sua voz baixou uma oitava. – Eu sei.

Elizabeth notou a mudança de timbre e sentiu de imediato uma pontada de irritação. Graças à *Life*, o mundo inteiro sabia que Madeline nascera fora dos laços do matrimónio e, por causa disso, Elizabeth estava constantemente a ouvir aquele tom de voz.

– Não sei se conhece alguma coisa sobre a Fundação Parker – começou Wilson, enquanto deambulava pelo laboratório, parando por um instante a ler a descrição na capa de uma pasta.

– Sei que se dedicam essencialmente a investigação científica – disse Elizabeth, e virou-se para ele. – Mas que as vossas raízes começaram por obras de caridade católicas. Igrejas, coros, orfanatos... – Calou-se subitamente, ao perceber o significado desta última palavra. Olhou com mais atenção para Wilson.

– Sim, os nossos fundadores dedicavam-se às causas católicas; contudo, a nossa missão é totalmente secular. O que fazemos é tentar encontrar as melhores pessoas que estão a trabalhar nas questões mais relevantes da atualidade. – Pôs a pasta de lado, de uma forma que indicava claramente que não encaixava nessa descrição. – Há sete anos, quando começámos a financiar o seu trabalho, era disso que se tratava... a abiogénese. Pode não

ter consciência disso, Miss Zott, mas foi por sua causa que nos envolvemos com o Instituto Hastings. Bom, sua e do Calvin Evans.

Ao ouvir o nome de Calvin, sentiu um aperto no peito.

– Muito estranho, o que aconteceu com o Evans, não é? – continuou Wilson. – Parece que ninguém sabe o que foi feito do trabalho dele.

As palavras ditas em tom casual atingiram-na como um ciclone. Puxou um banco e sentou-se, enquanto Wilson continuava a mexer em tudo no laboratório; fazia lembrar um arqueólogo que examina um cantinho de qualquer coisa como se pudesse pertencer a algo muito maior ainda escondido.

– Sei que já deixou a sua posição bem clara – disse ele –, mas achei que estaria interessada em saber que planeamos atualizar uma boa parte do equipamento. – Apontou para uma prateleira, onde estava um aparelho de destilação desatualizado. Quando levantou o braço, um botão de punho reluzente espreitou sob a manga do casaco. – Como aquilo, por exemplo. Parece que ninguém toca naquela coisa há anos.

Mas Elizabeth ficou sem reação. Transformara-se em pedra.

*

Quando Calvin tinha dez anos, escrevera sobre um homem alto, aparentemente rico, com botões de punho brilhantes, que chegara ao lar de rapazes numa limusina elegante. Calvin parecia estar convencido de que fora graças a este homem que o lar recebera novos manuais de ciências. Porém, em vez de ficar contente por ter material de leitura, Calvin ficara arrasado. *Estou aqui, quando não devia estar*, escrevera. *E nunca perdoarei àquele homem, nunca. Jamais. Enquanto for vivo.*

– Mr. Wilson – disse ela, em tom seco. – Diz que a sua fundação só investe em projetos seculares. Isso inclui educação?

– Educação? Sim, claro – disse ele. – Apoiamos várias universidades...

– Não, o que quero saber é se alguma vez forneceram manuais a alguma escola...

– Possivelmente, mas...

– E a um orfanato?

Wilson parou e fitou-a, surpreso. Depois lançou um breve olhar a Parker.

Na sua mente, Elizabeth viu a carta de Calvin para Wakely. *odeio o meu pai. espero que ele esteja morto.*

– Um lar católico para rapazes, mais precisamente – esclareceu Elizabeth. Walter olhou de novo para Parker.

– Em Sioux City, no Iowa.

Um silêncio pesado abateu-se sobre o laboratório, cortado apenas pelo zumbido repentino da ventoinha de um exaustor.

*

Elizabeth olhou para Wilson com cara de poucos amigos.

De súbito, parecia-lhe evidente: o trabalho que lhe ofereciam era apenas um pretexto. Estavam aqui unicamente com um objetivo: reivindicar o trabalho de Calvin.

As caixas. Eles sabiam. Talvez Frask lhes tivesse contado; talvez tivessem feito um palpite informado. De qualquer maneira, Wilson e Parker tinham comprado o Instituto Hastings; legalmente, o trabalho de Calvin pertencia-lhes. Estavam a seduzi-la com elogios e promessas, na esperança de que isso bastasse para trazer as caixas de novo à luz do dia. Mas, caso não resultasse, ainda tinham um trunfo na manga.

Calvin Evans tinha um familiar de sangue.

*

– Wilson – disse Parker, com a voz a tremer. – Importa-se? Gostaria de falar com Miss Zott a sós.

– *Não* – disse Elizabeth em tom cortante. – Tenho perguntas para fazer; quero saber a verdade...

Parker olhou para Wilson, com expressão abatida.

– Não se preocupe, Wilson. Já vou ter consigo.

*

Quando a porta se fechou, Elizabeth virou-se para Avery Parker.

– Eu sei o que se passa – disse. – *Sei* por que razão me convidou a vir aqui.

– Convidámo-la para lhe oferecer um emprego – disse Parker. – Era o nosso único objetivo. Há muito tempo que admiramos o seu trabalho.

Elizabeth perscrutou o rosto da outra mulher em busca de indícios de falsidade.

– Oiça – disse, desta vez em tom mais calmo. – Não tenho qualquer problema consigo. É o Wilson. Há quanto tempo o conhece?

– Trabalhamos juntos há trinta anos, portanto eu diria que o conheço muito bem.

– Ele tem filhos?

Avery lançou um olhar curioso a Elizabeth.

– Não vejo como isso pode ser do seu interesse – disse. – Mas não.

– Tem a *certeza*?

– Claro que tenho. Ele é o meu advogado... esta fundação é *minha*, Miss Zott, mas ele é que tem sido o seu rosto.

– E porquê? – insistiu Elizabeth.

Avery Parker fitou-a diretamente, sem pestanejar.

– Admira-me que tenha de perguntar. Posso ter uma fortuna considerável, mas, tal como acontece com a maioria das mulheres neste mundo, as minhas mãos estão atadas. Nem sequer posso passar um cheque sem que o Wilson assine também.

– Como é possível? É a Fundação *Parker* – disse Elizabeth. – Não é a Fundação Wilson.

Parker soltou uma risada desdenhosa.

– Sim, uma fundação que herdei na condição de o meu *marido* tomar todas as decisões financeiras. Uma vez que eu era solteira, na altura, a direção nomeou o Wilson como mandatário. E como continuo a ser solteira, o Wilson continua a segurar as rédeas. Não é a única que teve de travar uma batalha vã, Miss Zott – disse. Levantou-se e puxou o casaco. – No entanto, eu tenho sorte: o Wilson é um homem decente.

*

Virou-se e afastou-se enquanto Elizabeth fazia outra pergunta, mas em vez de responder, Avery Parker ignorou-a. *O que lhe passara pela cabeça?* Elizabeth Zott não estava interessada em voltar para o Hastings e talvez, com base nas suas perguntas contundentes sobre Wilson – para não mencionar todas as *outras* questões – fosse melhor para todos que não voltasse mesmo. Distraída, Avery levou os dedos à pregadeira barata em forma de malmequer. Que mulherzinha tola que fora. Comprar o Instituto

Hastings, vir aqui, encontrar-se com Zott. Sim, sempre estivera fascinada por Zott e pela sua pesquisa – em tempos, ela própria sonhara em ser cientista. Mas, em vez disso, fora educada para ser uma coisa, e apenas uma: boa rapariga. Infelizmente, de acordo com os pais e a Igreja Católica, até nisso falhara.

– Miss *Parker*... – pressionou Elizabeth.

– Miss *Zott* – respondeu Avery no mesmo tom. – Cometi um erro. Vejo que não quer voltar para o Hastings; muito bem. Não tenciono implorar.

Elizabeth susteve a respiração.

– Passei a vida a implorar – continuou Parker. – Estou farta.

Elizabeth afastou alguns cabelos do rosto.

– Nem sequer é em mim que está verdadeiramente interessada – acusou, em tom acalorado. – Pois não? Tudo o que querem é as caixas.

Avery inclinou a cabeça, como se não tivesse ouvido bem.

– Caixas?

– Eu compreendo. Compraram o Hastings; as caixas pertencem-vos. Mas esta charada...

– *Que* charada?

– Quero saber tudo sobre Todos os Santos. Acho que tenho o direito de saber.

– Desculpe? – retorquiu Parker. – Tem o direito? Deixe-me partilhar consigo um segredo sobre direitos. Não existem.

– Existem para quem tem dinheiro, Miss Parker – insistiu Elizabeth. – Fale-me sobre o Wilson. O Wilson e o Calvin.

Avery Parker fitou-a, perplexa.

– O Wilson e o Calvin? Não, não...

– Mais uma vez, acho que tenho o direito de saber.

Avery apoiou as mãos com força na bancada.

– Não tinha planeado fazer isto hoje.

– Fazer o quê?

– Queria conhecê-la melhor, primeiro – continuou Avery. – Acho que esse é um direito *meu*. Saber quem *você* é.

Elizabeth cruzou os braços.

– *Desculpe?*

Avery pegou no apagador do quadro.

– Oiça, eu... eu tenho de lhe contar uma história.

– Não estou interessada em histórias.

– É sobre uma rapariga de dezassete anos – disse Avery Parker, como se não a tivesse ouvido –, que se apaixonou por um jovem. Uma história bastante vulgar – disse, em voz frágil –, em que a rapariga engravida e os seus pais, pessoas importantes, envergonhados pela promiscuidade da filha, a mandam para um lar católico para mães solteiras. – Virou costas a Elizabeth. – Talvez tenha ouvido falar destes lares, Miss Zott. São geridos como prisões. Cheios de pobres raparigas, todas com o mesmo problema. Elas têm os bebés e depois prescindem deles. Havia um impresso oficial para assinar, e a maioria delas assinava. As que recusavam eram ameaçadas: teriam de dar à luz sozinhas; podiam mesmo morrer. Apesar dos avisos, esta rapariga de dezassete anos recusou-se a assinar. Insistia que tinha os seus *direitos*.

Parker fez uma pausa e abanou a cabeça, como se não acreditasse em tamanha ingenuidade.

– Fiéis à sua palavra, quando o trabalho de parto começou, puseram-na num quarto vazio e trancaram a porta. Ela ficou lá dentro, sozinha, a gritar de dor, um dia inteiro. A dada altura, o médico, furioso com o barulho, decidiu finalmente que estava farto. Entrou e anestesiou-a. Quando ela recuperou os sentidos, horas mais tarde, deram-lhe a triste notícia. O bebé nascera morto. Chocada, ela pediu para ver o corpo, mas o médico disse que já tinha sido levado.

«Dez anos depois – continuou Avery Parker, virando-se para Elizabeth, com os maxilares contraídos –, uma enfermeira desse lar de mães solteiras contactou a jovem, que era agora uma mulher de vinte e sete anos. Queria dinheiro em troca da verdade. Contou-lhe então que o bebé não morreu; na verdade, tal como todos os outros bebés, tinha sido dado para adoção. A única coisa invulgar era que os pais adotivos desta criança tinham morrido num trágico acidente, e depois a tia da criança morrera também. A criança fora colocada num lar chamado Todos os Santos, no Iowa.»

Elizabeth estava paralisada.

– Foi nesse dia – disse Avery Parker, agora em tom triste – que essa mulher deu início à missão de encontrar o filho. – Fez uma pausa. – O meu filho.

Elizabeth susteve a respiração e o sangue fugiu-lhe do rosto.

– Eu sou a mãe biológica do Calvin Evans – disse Avery Parker lentamente, com os olhos cinzentos cheios de lágrimas. – E com a sua permissão, Miss Zott, gostaria muito de conhecer a minha neta.

CAPÍTULO 44

A bolota

Foi como se todo o ar tivesse sido sugado da sala. Elizabeth olhou para Avery Parker, sem saber bem como havia de reagir. Não podia ser verdade. O próprio diário de Calvin revelava que a sua mãe biológica morrera ao dar à luz.

– Miss Parker – disse Elizabeth cautelosamente, como quem caminha sobre brasas –, muitas pessoas tentaram aproveitar-se do Calvin ao longo dos anos. Algumas chegaram mesmo a fingir ser parentes há muito perdidos. A sua história é... – Interrompeu-se. Pensou em todas as cartas que Calvin guardara. A Mãe Triste escrevera-lhe várias vezes. – Se sabia que ele estava nesse lar, porque não o foi buscar?

– Fui – disse Avery. – Ou melhor, mandei o Wilson. Tenho vergonha de admitir que não tive coragem de ir pessoalmente. – Levantou-se e caminhou ao longo da bancada. – Tem de compreender que eu aceitara há muito tempo que o meu filho estava morto. E agora, descobrir de repente que estava vivo? Tive medo de ter esperança. Tal como o Calvin, também eu fui alvo de incontáveis tentativas de burla, incluindo dezenas de pessoas que afirmavam ser *meus* parentes há muito perdidos. Assim, mandei o Wilson – repetiu, e olhou para o chão como se estivesse a rever esta decisão pela quinquagésima vez. – Mande-o a Todos os Santos no dia seguinte.

A bomba de vácuo iniciou um novo ciclo e um som sibilante encheu o laboratório.

– E?... – insistiu Elizabeth.

– E – respondeu Avery – o bispo informou Wilson de que o Calvin tinha... – Hesitou.

– Tinha o quê? – quis saber Elizabeth. – *O quê?*

Uma expressão de desânimo invadiu o rosto da mulher mais velha.

– Morrido.

Elizabeth voltou a sentar-se, chocada. O lar precisava de dinheiro, o bispo vira uma oportunidade, criara um fundo em memória de Calvin. Avery debitou os factos em tom monótono e sem vida.

– Alguma vez perdeu alguém? – perguntou Avery de súbito, em voz inexpressiva.

– O meu irmão.

– Doença?

– Suicídio.

– Oh, céus – disse ela. – Então sabe como é sentir-se responsável pela morte de alguém.

Elizabeth ficou tensa. As palavras encaixavam na perfeição, como atacadores presos com dois nós.

– Mas a senhora não matou o Calvin – disse, com o coração pesado.

– Pois não – admitiu Parker, em voz carregada de remorsos. – Fiz algo muito pior. Enterrei-o.

*

Do lado oposto do laboratório, um temporizador começou a apitar e Elizabeth, trémula, foi desligá-lo. Virou-se e observou a mulher de pé junto ao quadro negro. Avery inclinou-se para a direita. *Seis e Meia*, levantou-se e aproximou-se dela. Encostou a cabeça à sua perna. *Eu sei como é falhar a alguém que amamos*.

– Os meus pais há muito que apoiavam lares para mães solteiras e orfanatos – continuou Avery, brincando com o apagador. – Pensavam que isso os tornava pessoas boas. Contudo, graças à sua lealdade cega à Igreja Católica, conseguiram fazer do meu filho um órfão. – Fez uma breve pausa. – Eu financiei o fundo em memória do meu filho antes de ele estar morto, Miss Zott – disse, com dificuldade em respirar. – Enterrei-o duas vezes.

Elizabeth combateu uma vaga de náusea.

– Depois de o Wilson voltar do lar para rapazes – continuou Avery –, mergulhei numa profunda depressão. Nunca tive oportunidade de ver o meu próprio filho, nunca lhe peguei, nunca ouvi a sua voz. Pior ainda, tinha de viver com o conhecimento de que ele tinha sofrido. Primeiro perdeu-me a mim, depois aos pais, e depois foi parar àquele lar horrível. Todas estas perdas assinadas e carimbadas em nome da Igreja. – Calou-se abruptamente, com o rosto corado. – Não acredita em Deus por razões

científicas, não é, Miss Zott? – explodiu, de súbito. – Pois eu não acredito em Deus por razões *pessoais*!

Elizabeth tentou falar, mas não lhe saía nada.

– A *única* decisão que consegui tomar – disse Avery Parker, e tentou recompor-se – foi garantir que todos os fundos para o lar eram gastos numa educação científica. Biologia. Química. Física. E exercício, também. O pai do Calvin... o seu pai biológico, quero eu dizer... era atleta. Remador. Foi por isso que os rapazes em Todos os Santos aprenderam a remar. Um gesto em honra dele.

Elizabeth viu Calvin. Estavam os dois no barco e ele tinha o rosto iluminado pelo sol da manhã. Sorria, com uma mão no remo, a outra estendida para ela.

– Foi assim que ele entrou em Cambridge – disse Elizabeth, enquanto a visão se desvanecia lentamente. – Com uma bolsa de estudos para praticar remo.

Avery largou o apagador.

– Não fazia ideia.

*

Os pormenores continuaram a encaixar lentamente nos seus lugares, mas havia ainda algo a incomodar Elizabeth.

– Mas... mas como é que descobriu por fim que o Calvin...

– Pela revista *Chemistry Today* – disse Parker, instalando-se num banco ao lado de Elizabeth. – Quando o Calvin apareceu na capa. Ainda me lembro desse dia... o Wilson entrou a correr no meu escritório, com a revista na mão. «Não vai acreditar», disse ele. Peguei imediatamente no telefone e liguei para o bispo. Claro que ele insistiu que não passava de uma coincidência... «Evans é um nome muito comum», disse. Eu sabia que ele estava a mentir, e tinha intenção de o processar... mas o Wilson acabou por me convencer de que a publicidade não só seria ruínosa para a fundação, mas também embaraçosa para o Calvin. – Respirou fundo antes de continuar. – Cortei de imediato o financiamento. Depois escrevi ao Calvin... várias vezes. Expliquei tudo o melhor que conseguia, pedi para nos encontrarmos, disse-lhe que queria financiar a pesquisa dele. Imagino o que ele terá pensado – disse, abatida. – Uma maluca qualquer a afirmar que era mãe dele. A verdade é que nunca tive resposta.

Sobressaltada, Elizabeth lembrou-se de novo das cartas da Mãe Triste e, com uma súbita clareza cruel, viu a assinatura ao fundo de cada uma. *Avery Parker*.

– Mas com certeza que se tivesse arranjado maneira de o ver... Podia ter vindo à Califórnia...

Avery empalideceu.

– Oiça, uma coisa é fazer tudo por tudo para encontrar uma criança. Porém, quando essa criança se torna um adulto, as coisas são diferentes. Decidi avançar com calma. Dar-lhe tempo para aceitar a possibilidade de eu ser real, para investigar a fundação, para perceber que eu não tinha razões para o enganar. Sabia que podia demorar anos. Fiz um esforço para ser paciente. Mas é evidente, tendo em conta o que aconteceu... – fixou o olhar num monte de cadernos – ...que fui paciente de mais.

– Oh, meu Deus – disse Elizabeth, escondendo o rosto nas mãos.

– No entanto – continuou Parker –, fui seguindo a carreira dele. Pensei que talvez surgisse uma oportunidade, alguma maneira de o ajudar. Mas não era ele quem precisava da minha ajuda. Era você.

– Mas como soube sequer que eu e o Calvin estávamos...

– Juntos? – Um sorriso melancólico levantou-lhe os cantos dos lábios. – Ninguém falava de outra coisa. Desde que o Wilson pôs os pés no Instituto Hastings pela primeira vez, tudo o que ouviu eram referências veladas à relação escandalosa do Calvin Evans. Foi um dos motivos pelos quais, quando o Wilson disse ao Donatti que queria apoiar o estudo da abiogénese, o Donatti fez tudo o que podia para o convencer a financiar outra coisa. A última coisa que queria era que o Calvin, ou alguém associado a ele, tivesse sucesso. E depois havia o pormenor de se tratar de uma mulher. O Donatti partiu do princípio, e com razão, de que a maioria dos dadores não patrocinaria uma mulher.

– Mas porque se sujeitou a uma coisa dessas?

– Quase tenho vergonha de admitir que parte de mim estava a gostar da posição em que ele se encontrava. Esforçou-se tanto para convencer o Wilson de que você era um homem. Mas o Wilson *tinha* um plano para se encontrar consigo à revelia do Donatti. Na verdade, já tinha passagens marcadas e tudo quando... – Não terminou a frase.

– O quê?

– Quando o Calvin morreu – disse ela. – E o seu trabalho parecia ter morrido com ele.

Elizabeth fitou-a, ofendida.

– Miss Parker, eu fui *despedida*.

Avery Parker suspirou.

– Sei disso agora, graças a Miss Frask. Mas, na altura, pensei que estivesse a tentar deixar o passado para trás. Nunca chegara a casar-se com o Calvin. Pensei que os sentimentos entre você e o meu filho não fossem mútuos. Toda a gente dizia que ele era um homem difícil... que guardava rancores. Claro que eu não fazia ideia de que a Elizabeth estava grávida. No obituário do *LA Times*, publicaram uma citação sua a dizer que mal o conhecera. – Respirou fundo. – Sabe, eu estava lá. No funeral.

Elizabeth arregalou os olhos.

– O Wilson e eu ficámos junto de outra campa, a alguma distância. Vim com intenção de o sepultar pela última vez e de falar consigo. Contudo, antes que conseguisse reunir a coragem para isso, a Elizabeth foi-se embora. A cerimónia ainda nem tinha terminado. – Baixou a cabeça, com as lágrimas a deslizarem-lhe pelas faces. – Por muito que eu quisesse acreditar que alguém amara o meu filho...

Com estas palavras, os ombros de Elizabeth curvaram-se sob o fardo implacável de tantos mal-entendidos.

– E eu *amava* o seu filho, Miss Parker! – gritou. – Com todo o meu coração. Ainda o amo. – Olhou em volta, para o laboratório onde se tinham conhecido, com o rosto distorcido pela dor. – O Calvin Evans foi a melhor coisa que alguma vez me aconteceu – disse, em voz embargada. – Era o homem mais brilhante e carinhoso... o mais querido, o mais interessante... – Parou. – Não sei outra maneira de explicar – disse, com um nó na garganta – senão esta: havia química entre nós. Química autêntica. E não foi nenhum acidente.

E talvez tenha sido o facto de usar finalmente a palavra «acidente», mas o peso esmagador daquilo que perdera dominou-a; encostou a cabeça ao ombro de Avery Parker e soluçou como nunca soluçara antes.

CAPÍTULO 45

Jantar às Seis

No laboratório, o tempo pareceu parar. *Seis e Meia*, levantou a cabeça e observou as duas mulheres. A mais velha tinha os braços à volta de Elizabeth, como um casulo protetor, e parecia conhecer de cor a dor da perda de Elizabeth. Embora nunca pudesse vir a ser um químico, ele era um cão. E, como cão, reconhecia um elo permanente quando o via.

– Passei a maior parte da minha vida sem saber o que tinha acontecido ao meu filho – disse Parker, apertando contra si o corpo trémulo de Elizabeth. – Não faço ideia de como era a família adotiva dele, se a história do bispo era completamente falsa ou apenas parcialmente verdade. Nem sequer soube o que o trouxe para o Hastings. A verdade é que ainda sei muito pouco – disse. – Ou melhor, sabia muito pouco, até abrir o apartado da Fundação e encontrar algo muito invulgar enterrado debaixo de meses de correio publicitário.

Enfiou a mão na mala e tirou uma carta.

Elizabeth reconheceu imediatamente a caligrafia. Madeline.

– A sua filha escreveu ao Wilson e mencionou o projeto da árvore genealógica... a que apareceu na *Life*. Insistiu que o pai tinha sido criado num lar para rapazes em Sioux City... e, de alguma forma, sabia que o Wilson tinha financiado a instituição. Queria agradecer-lhe pessoalmente e dizer-lhe que a Fundação Parker estava na sua árvore genealógica. Primeiro pensei que fosse alguma brincadeira, mas a carta tinha tantos pormenores. Normalmente, as adoções são fechadas, Miss Zott... uma prática insensível... mas, com a informação da Madeline, um investigador privado conseguiu finalmente desencantar a verdade. Tenho aqui tudo. – Voltou a enfiar a mão na mala e tirou uma grande pasta. – Olhe para isto – disse Parker, em tom de desafio, e mostrou-lhe uma certidão de óbito falsa no seu

próprio nome, a paga pela recusa em cooperar no lar para mães solteiras. – Foi assim que tudo começou.

Elizabeth tirou-lhe a certidão das mãos. Madeline dissera uma vez que Wakely achava que algumas coisas deviam ficar no passado, porque o passado era o único sítio onde faziam sentido. E, como acontecia tantas vezes com as coisas que Wakely dizia, Elizabeth viu a sabedoria contida nessas palavras. Mas havia uma última coisa que achava que Calvin gostaria que ela perguntasse.

– Miss Parker – disse, com delicadeza –, o que aconteceu ao pai biológico do Calvin?

Avery Parker abriu novamente a pasta e tirou outra certidão de óbito – esta, contudo, verdadeira.

– Morreu de tuberculose – disse. – Antes de o Calvin nascer. Tenho uma fotografia. – Abriu a carteira e tirou uma fotografia gasta.

– Mas ele... – Elizabeth susteve a respiração ao ver o jovem ao lado de uma Avery muito mais nova.

– É exatamente igual ao Calvin? Eu sei. – Pegou num exemplar antigo da *Chemistry Today* com a fotografia de Calvin e colocou-as lado a lado. As duas mulheres olharam para Calvin e o seu jovem pai, que as fitavam cada um da sua própria história.

– Como era ele?

– Um rebelde – disse Avery. – Era músico, ou queria ser. Conhecemo-nos por acaso. Ele atropelou-me com a bicicleta.

– Ficou ferida?

– Sim – disse ela. – Felizmente. Porque ele pegou em mim, sentou-me no guiador da bicicleta e levou-me ao médico mais próximo. Dez pontos depois – disse, apontando para uma cicatriz esbatida na testa –, estávamos apaixonados. Ele deu-me esta pregadeira – disse, e indicou o malmequer torto na lapela. – Ainda a uso todos os dias. Olhou em volta. – Peço desculpa por ter pedido para que nos encontrássemos aqui. Olhando para trás, vejo que talvez tenha sido difícil para si. Lamento. Só queria estar no mesmo sítio onde... – Não terminou a frase.

– Eu compreendo – disse Elizabeth. – A sério. E fico contente por estarmos aqui, juntas. Foi aqui que eu e o Calvin nos conhecemos. Mesmo ali – disse, e apontou. – Eu precisava de provetas, por isso roubei as dele.

– Parece-me uma atitude muito despachada – disse Avery. – Foi amor à primeira vista?

– Não propriamente – disse Elizabeth, e lembrou-se de como Calvin exigira que o chefe dela lhe ligasse. – Mas acabámos por ter também um acidente feliz. Um destes dias conto-lhe tudo.

– Adorava ouvir – disse ela. – Gostava tanto de o ter conhecido. Talvez consiga conhecê-lo, de certa forma, através de si. – Soltou um suspiro trémulo e pigarreou. – Gostaria muito de fazer parte da sua família, Miss Zott – disse. – Espero que não me considere demasiado ousada.

– Por favor, trate-me por Elizabeth. E já é da família, Avery. A Madeline compreendeu-o muito antes de mim. Não era o Wilson quem estava na árvore genealógica... era você.

– Não sei o que quer dizer.

– A Avery é a bolota.

Avery, com os olhos cinzentos molhados, fitou um ponto distante do outro lado da sala.

– A bolota da fada madrinha – disse para si própria. – *Eu*.

*

Ouviram passos lá fora e depois uma pancada rápida. A porta do laboratório abriu-se e Wilson entrou.

– Peço desculpa por interromper – disse cautelosamente –, mas queria só certificar-me de que está tudo...

– Está tudo bem – disse Avery Parker. – Finalmente.

– Graças a Deus – disse ele, e levou a mão ao peito. – Nesse caso, por mais que me custe estar a falar de negócios, há muita coisa que requer a sua atenção, Avery, antes de partirmos amanhã.

– Já vou ter consigo.

– Vai partir tão cedo? – perguntou Elizabeth, surpreendida, depois de Wilson fechar a porta.

– Infelizmente, tem de ser – confirmou Avery. – Tal como lhe disse, não estava a planear ter esta conversa consigo já... antes de termos oportunidade de nos conhecermos. – E depois acrescentou, em tom esperançoso: – Mas voltarei em breve, prometo.

– Assim sendo, que me diz de jantar às seis? – disse Elizabeth, que não queria que ela se fosse embora. – No laboratório lá de casa. Toda a gente...

você, o Wilson, a Mad, o *Seis e Meia*, eu, a Harriet, o Walter. Tem de conhecer também o Wakely e o Mason, assim que puder. A família toda.

Avery Parker, com o rosto subitamente iluminado pelo sorriso familiar de Calvin, virou-se e pegou nas mãos de Elizabeth.

– A família toda – disse.

*

Quando a porta se fechou atrás deles, Elizabeth baixou-se e segurou na cabeça de *Seis e Meia*, com as duas mãos.

– Diz-me. Quando é que percebeste?

Às duas e quarenta e um, queria ele dizer. *Que é precisamente como tenciono chamar-lhe.*

Porém, em vez disso, saltou para cima da bancada e pegou num caderno novo. Elizabeth tirou o lápis do cabelo, aceitou o caderno e abriu-o na primeira página.

– Abiogénese – disse. – Vamos começar.

AGRADECIMENTOS

Escrever é um trabalho solitário, mas é preciso um exército para que um livro chegue às estantes. Gostava de agradecer ao meu exército:

De Zurique, os meus amigos que leram os primeiros capítulos: Morgane Ghilardi, C. S. Wilde, Sherida Deeprose, Sarah Nickerson, Meredith Wadley-Suter, Alison Baillie e John Collette.

Os meus amigos de escrita *online* da Curtis Brown: Tracey Stewart, Anna Marie Ball, Morag Hastie, Al Wright, Debbie Richardson, Sarah Lothian, Denise Turner, Jane Lawrence, Erika Rawnsley, Garret Symth e Deborah Gasking.

Os romancistas inacreditavelmente solidários e talentosos da Three-Month Curtis Brown: Lizzie Mary Cullen, Kausar Turabi, Matthew Cunningham, Rosie Oram, Elliot Sweeney, Yasmina Hatem, Simon Hardman Lea, Malika Browne, Melanie Stacey, Neil Daws, Michelle Garrett, Ness Lyons, Ian Shaw, Mark Sapwell e a brilhante Charlotte Mendelson, que nos incentivou a sermos melhores.

Anna Davis da Curtis Brown, pela sua simpatia e orientação; os incansáveis Jack Hadley, Katie Smart e Jennifer Kerslake pelo seu apoio sempre bem-disposto; Lisa Babalis, que leu generosamente a minha introdução e me deu esperança; Sarah Harvey, Katie Harrison, Caoimhe White e Jodi Fabbri, a melhor equipa de gestão de direitos do universo; Rosie Pierce, que trata de todos os pormenores com aprumo; Jennifer Joel da ICM, uma voz tranquilizadora e confiante quando as coisas se complicavam; Tia Ikemoto pela mão amiga; agente dos direitos para cinema da CB; Luke Speed, que deve estar a participar nalguma experiência científica para ver quanto tempo uma pessoa aguenta sem dormir; e Anna Weguelin, que, tenho quase a certeza, também nunca dorme.

Na verdade, não sei se há alguém que durma da Curtis Brown ou ICM.

Um grande obrigada a Felicity Blunt, da Curtis Brown. Há alguns anos, antes de eu me mudar para Londres, quando estava a pesquisar agentes, vi uma entrevista que Felicity dera e lembro-me de pensar: *Se eu pudesse escolher qualquer agente...* E depois escolhi. Obrigada, Felicity, pela fé em mim, pelo olhar perspicaz, pela simpatia, a força e o apoio inabalável. Agora que o livro está concluído, por favor vai brincar com os teus filhos.

Do lado editorial da coisa, devo um agradecimento especial a Jane Lawson e Lee Boudreaux, os editores mais perspicazes, Thomas Tebbe *für seine begeisterte Unterstützung*, Beci Kelly e Emily Mahon pelas capas apelativas, Maria Carella pelo belíssimo miolo, Cara Reilly por estar sempre em cima do acontecimento, e Amy Ryan pela revisão talentosa. Agradeço também aos editores Larry Finlay e Bill Thomas; aos meus magníficos agentes publicitários, Alison Barrow, Elena Hershey e Michael Goldsmith; à fantástica liderança no *marketing* de Vicky Palmer, Lauren Weber e Lindsay Mandel, e às mentes criativas de Todd Doughty, Lilly Cox, Sophie MacVeigh, Kristin Fassler e Erin Merlo. Um enorme agradecimento à paciente e atenta especialista em produção Ellen Feldman, bem como Lorraine Hyland. Agradeço também a Tom Chicken, Laura Richetti, Emily Harvey, Laura Garrod, Hana Sparks, Sarah Adams e toda a equipa de vendas. Por fim, um agradecimento especial a Madeline McIntosh, cujo apoio foi inestimável.

Pesquisar química é uma coisa, fazer tudo bem feito é outra história. Nesse sentido, um agradecimento especial à Dra. Mary Koto, amiga de longa data, bióloga brilhante e conhecedora de Eskimo Pies, e à Dra. Beth Mubdy, fantástica leitora e química de Seattle, por terem ambas confirmado meticulosa e generosamente todos os detalhes.

Enorme gratidão e afeto para todas as minhas colegas da equipa de remo em Green Lake e Pocock, em Seattle, e um agradecimento muito especial à remadora Donya Burns, que insistiu uma vez para que a nossa tripulação exausta «se recomprometesse com cada remada». Este incentivo ficou permanentemente alojado no meu cérebro e acabou por se manifestar no conselho que Harriet dá a Elizabeth.

Aos escritores, que compreendem como é real a luta: Joannie Stangeland, poeta extraordinária; Diane Arieff, a pessoa mais hilariante à face da Terra; Sue Monshaw, por manter a fé; e Laura Kasischke, que provavelmente não se lembra de mim, mas cujos conselhos sobre escrita e cujo encorajamento

foram muito importantes. Finalmente, um obrigada muito especial a Susan Biskeborn, a voz mais reconfortante, calmante e compreensiva na selva do mundo da escrita. Obrigada, Susan, por saberes sempre o que dizer e quando o dizer.

A algumas pessoas com quem gostava muito de poder partilhar isto, mas não posso: os meus pais, leitores de toda a vida, e a Helen Martin, a minha amiga mais querida e mais antiga. Tenho saudades tuas, 86.

E para as três pessoas que estiveram comigo ao longo de todo o caminho: Sophie, obrigada por pões a bola em andamento quando me mandaste aquele *link* para a Curtis Brown – dizer que estou em dívida para contigo é dizer muito pouco. Obrigada também pelo apoio constante e pelo teu humor seco, pela compreensão e empatia quanto aos altos e baixos do processo criativo, pelas sugestões de edição e pela disponibilidade constante e imediata para largar tudo e fazer a eterna pergunta: Bolachas? Ou fadas?

Para Zoë, obrigada pelo teu carinho nos dias maus e pela tua alegria nos dias bons, e também por esse sexto sentido assustador para encontrar gralhas, por todas as fotos de Ellie que me fazem sempre rir, e pela cuidadosa seleção de *memes*, que provavelmente devia estar num museu. Apesar de tudo o que tinhas em mãos, nunca te faltou o tempo para dar um toque e conversar um bocadinho.

E a David, dizer obrigada não chega, nem de longe, portanto vou escrever em maiúsculas – OBRIGADA. Por estares sempre pronto para ler, por seres o melhor cozinheiro, por me incentivares a um debate constante, e especialmente por fingires não ficar alarmado depois de descobrires finalmente como eu falo comigo própria o dia inteiro. Nunca imaginei que pudesse existir tanta diversão (para não falar na invulgar habilidade de ir contando os números para trás, de sete em sete, do trezentos a números negativos em menos de um minuto) numa só pessoa. Sinto por ti o maior amor e admiração.

Finalmente, quero agradecer ao meu cão, *Sexta-feira*, que partiu mas nunca será esquecido, e ao sempre estoico 99. Peço desculpa por todas as vezes em que vos disse «Vou só acabar este parágrafo e já vamos à rua.»